

Leny Caselli Anzai

**Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso:
o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira**

Doutorado em História

Brasília, 2004.

Leny Caselli Anzai

**Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso:
o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Janaína Amado.

Brasília, 2004.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Janaína Amado (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Mary del Priore

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Costa

Prof^a. Dr^a. Diva do Couto Gontijo Muniz

Prof^a. Dr^a. Selma Alves Pantoja

Para Koiti, Mariana e Marina, com amor.

Agradecimentos

Agradecer é preciso. Não por mera formalidade, mas por puro afeto às pessoas que se envolveram nesse meu percurso de descobertas pessoais e intelectuais. Sou muito grata a Janaína Amado pela amizade, carinho e compreensão. Sua orientação segura nunca faltou, nem sua paciência e dedicação. A Maria Amélia Alencar agradeço os bons momentos compartilhados durante os meses nos quais vivemos como estudantes em “nossa república 5 estrelas”...

Agradeço a acolhida amiga de Bené e Imira Fontelles, Elias Biggio, Ernesto Cerveira de Sena, Neuma Brilhante, Isabella Braga Ferreira e Luís Correa Lima. Mesmo de longe, Rosa Helena Freire Girão colaborou muito com este estudo, com o envio constante de textos interessantes, e também Ronisi Cazeli Silva, por seu incentivo quase que cotidiano. A todos e todas, pelo apoio e amizade, o mesmo carinho.

Na Universidade de Coimbra, agradeço a acolhida simpática e fundamental da professora Maria Helena da Cruz Coelho, da Faculdade de Letras, e também a gentileza e interesse demonstrados pela professora Maria do Rosário Martins, do Museu e Laboratório Antropológico.

Em Lisboa, sem a hospitalidade e a amizade de Manoel Andrade e Enaile, tudo teria sido muito difícil. Princesa Peixoto e Tiago Brandão, amigos com os quais pude sempre contar, conferiram um toque especial à etapa portuguesa da pesquisa. Antonia Paredes Moreira foi a amiga de todas as horas, e Danilo Carvalho, que pesquisava algo tão distante de nós duas, como robôs submarinos, foi nosso divertido contraponto. Foi muito bom contar com a companhia e a amizade de Juciene Apolinário e de com ela compartilhar fórmulas de trabalhar e bem viver longe de casa.

O período passado em Portugal foi enriquecido com a amizade e a hospitalidade do casal Inácio e Maria da Graça Guerreiro. Deles recebemos, minha família e eu, gentilezas imensas, as quais agradecemos e esperamos um dia poder retribuir.

Em Cuiabá e Goiânia, velhos e queridos amigos de todas as horas. Sei que posso contar com Marlene e Ná Mendonça em todas as situações da vida. Ao Ná devo, desde a “assistência técnica” constante ao computador, até as observações argutas nas primeiras leituras deste trabalho, mesmo sendo de uma área “dura”, como a física. Luíza Volpato

e Sirlei Silveira, amigas de sempre, foram e continuam sendo presentes em todos os momentos, nos textos e na vida.

A Matilde Araki Crudo, Lylia Guedes Galetti (as duas outras “Marias”) e Oswaldo Machado Filho, só tenho a agradecer a alegria da amizade compartilhada, desfrutada em nossas imperdíveis reuniões para “análises de conjuntura”. E deixo registrada a falta que nos faz João Mariano de Oliveira (quantas saudades!).

Sou muito grata a Regina Beatriz Guimarães Neto, por nossa amizade forjada no trabalho, respeito e confiança mútuas. A Maria de Fátima Costa, amiga sempre presente, na vida e na academia, agradeço o companheirismo, que perdura desde que juntas chegamos à UFMT, nos idos de 1981. A Elizabeth Madureira Siqueira agradeço o belo trabalho que faz em benefício de nossos arquivos históricos, e a generosidade das indicações de documentos importantes.

Tenho motivos de sobra para agradecer a Joana Fernandes, pela amizade fraterna baseados no “comadrio” que estabelecemos, e a Anna Maria Ribeiro da Costa, a constância da amizade, as obras raras descobertas em sebos, o carinho explícito. A João Antônio Lucídio, velho amigo e colega de trabalho, agradeço o companheirismo, a alegria e o bom humor, tão necessários à vida. Agradeço a Maria Cristina Theobaldo pela leitura atenta e crítica de parte do texto, e a Carlos Alberto Rosa, pelas reiteradas ofertas de auxílio. Sou grata a Franceline Drummond, pela generosidade manifesta no material raro que me enviava de arquivos mineiros, a Cleusa Zamparoni, pelas explicações esclarecedoras sobre climatologia e cartografia da Amazônia, a Tereza Cristina Higa e Leodete Miranda, pelo auxílio prestado na confecção do mapa.

Presenças em situações diferenciadas, e sempre importantes, Maria Amélia Crivelent, Maria Aparecida Borges, Cláudio Quoos Conte e Israel Figueiredo contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

Minha grande família sempre participou de tudo. Pai, irmãs, irmãos, sobrinhos e sobrinhas estiveram sempre prontos a ajudar, participar, ler, discutir e rir. Um agradecimento especial a todos, e incluo aqui Virgínia Guimarães, pela amizade de tantos anos (quantos mesmo...?) e pelo incentivo constante.

Ao meu marido e filhas, pela presença e apoio em todos os momentos da pesquisa e elaboração deste estudo, um agradecimento especial.

À Capes, agradeço o financiamento da pesquisa, tanto no Brasil como em Portugal.

Resumo

Este é um estudo sobre as doenças endêmicas que atingiram os moradores da capitania de Mato Grosso, em fins do século XVIII, e seus respectivos modos de cura. A base documental principal é o manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, de autoria do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que chefiou a “Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá”, entre os anos de 1783 e 1792. Primeiro registro produzido sobre doenças da capitania, este manuscrito de Ferreira é considerado pioneiro na área de medicina tropical.

A expedição filosófica percorreu mais de 39 mil quilômetros através da Amazônia, e produziu registros escritos, iconográficos, botânicos, zoológicos, mineralógicos e etnográficos de grande valor científico, grande parte deles já explorados por estudiosos de diversas áreas do saber. Desta produção, aquelas que foram elaboradas durante a etapa mato-grossense da viagem (1789-1792) constituem as menos estudadas. Vários autores fizeram referência ao manuscrito sobre as enfermidades endêmicas, sem, no entanto, analisar seu conteúdo. O trabalho que ora apresentamos faz parte de um esforço para tornar mais conhecidos, tanto o manuscrito de Ferreira quanto a própria situação da capitania de Mato Grosso no final do período colonial, relativamente às doenças endêmicas que nela existiam.

Palavras-chave: *doença, expedição científica, naturalista, viagem filosófica.*

Abstract

This is a study about endemical illnesses that reached the inhabitants from the captaincy of Mato Grosso state at the end of the XVIII century, and their respective ways of recovery. The most important document is *Endemical illnesses of the captaincy of Mato Grosso*, written by Alexandre Rodrigues Ferreira, that led the “ Philosophical journey in the captaincy of Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso and Cuiabá”, between 1783 and 1792. As the first document about illnesses in the captaincy, this document is considered pioneer in the tropical medicine area.

The philosophical expedition ran 39 thousand kilometers through the Amazon and produced written, ichnographical, botanical, zoological, mineralogical and ethnographical registers of great scientific value, which greater part have been explored by studious people in different areas of knowledge. Among this production, the ones that have been developed during the stage in Mato Grosso (1789-1792) have been the ones less studied. Many authors have referred to this document about the endemical illnesses without, though analyzing its content. The work we are presenting is part of an effort to make well known, not only Ferreira’s the document but as well as the situation of the captaincy of Mato Grosso at the end of the colonial period concerning the endemical illnesses that were there.

Keywords: *illness, scientific expedition, naturalist, philosophical journey.*

Sumário

Apresentação	12
Considerações iniciais	19
1. A fonte principal: um manuscrito e seus fragmentos	19
2. O trabalho de análise e interpretação das fontes	28
Capítulo I	
Em busca do tempo perdido	41
1. A saúde da população em um contexto “iluminado”	50
2. A escolha de Alexandre	61
Capítulo II	
Jornadas ao centro da América do Sul	66
1. Rumo aos incultos sertões das minas	69
1.1. A preparação e o cotidiano da viagem ao Mato Grosso	77
2. A chega da expedição a Vila Bela	86
3. Viagem de Vila Bela a Vila Real	93
4. O triste fim de Alexandre, um naturalista	101
5. Mapa: roteiro da viagem filosófica na capitania de Mato Grosso	104
Capítulo III	
Os caminhos tortuosos da cura	105
1. Os manuais médicos setecentistas	108
2. Os humores	118
3. Sobre viagens e doenças	128
4. China, Rússia ou Vila Bela: sobre ares e lugares	133
Capítulo IV	
As doenças da capitania	147
1. As curas da “gente popular” da capitania	162
2. Sobre as doenças dos índios	169
3. Sobre as doenças dos escravos	175
Capítulo V	
Leitura paleográfica comentada	183

Considerações finais	270
Anexo	
1. Pesos e medidas	277
Fontes e bibliografia	
1. Fontes manuscritas	278
2. Fontes impressas	283

Abreviaturas

ACL	Academia das Ciências de Lisboa (Lisboa)
AHM	Arquivo Histórico Militar (Lisboa)
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)
ANTT	Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (Lisboa)
APEMT	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (Cuiabá)
BA	Biblioteca da Ajuda (Lisboa)
BMP	Biblioteca Municipal do Porto (Porto)
BNL	Biblioteca Nacional de Lisboa (Lisboa)
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)
CBM	Casa Barão de Melgaço (Cuiabá)
MB	Museu Bocage (Lisboa)

Apresentação

Este é um estudo sobre as doenças endêmicas que atingiram os moradores da capitania de Mato Grosso, em fins do século XVIII, e seus respectivos modos de cura. A base documental principal é o manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*¹, de autoria do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que chefiou a “Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá”, entre os anos de 1783 e 1792. Primeiro registro produzido sobre doenças da capitania, este manuscrito de Ferreira é considerado pioneiro na área de medicina tropical².

A expedição filosófica percorreu mais de 39 mil quilômetros através da Amazônia³ e produziu registros escritos, iconográficos, botânicos, zoológicos, mineralógicos e etnográficos de grande valor científico, grande parte deles já explorados por estudiosos de diversas áreas do saber. Desta produção, aquelas que foram elaboradas durante a etapa mato-grossense da viagem (1789-1792) constituem as menos estudadas. Vários autores fizeram referência ao manuscrito sobre as enfermidades endêmicas, sem, no entanto, analisar seu conteúdo. O trabalho que ora apresentamos faz parte de um esforço para tornar mais conhecidos, tanto o manuscrito de Ferreira quanto a própria situação da capitania de Mato Grosso no final do período colonial, relativamente às doenças endêmicas que nela existiam⁴.

¹ BNRJ – códice 21, 2, 5. Alexandre Rodrigues Ferreira - *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*. 144 p.

² Cf. MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 306-307.

³ CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso, com a de outros naturalistas posteriores*. Belém: PR / SIC / CNPq / Museu Paraense Emilio Goeldi, 1991. p. 22-23.

⁴ Maria de Fátima Costa vem trabalhando, nos últimos anos, com a “Viagem filosófica” de Alexandre Rodrigues Ferreira, privilegiando suas ligações com as expedições demarcadoras e a parte artística da expedição. Ver, a respeito: COSTA, Maria de Fátima. Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p. 993-1014, 2001; COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. Viaje filosófico al interior de la América Portuguesa: la expedición de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). *Anales Museo de America*. Madrid: Museo de America, tomo 8, p. 123-146, 2000.

O código que nos serve de guia não é inédito, porém é pouco conhecido e explorado. Há uma cópia manuscrita datada de 1831, feita por Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, um extrato incompleto de vinte páginas retirado da memória original de Ferreira⁵, na qual Leverger reproduziu apenas os aspectos que o interessavam. Leverger fez mesmo uma observação, ao fim da décima primeira página, seguida de sua assinatura: “Limitar-me-ei a extrair simplesmente o que dá o autor (...) dos prognósticos e o tratamento americano, pois o mais tudo não falta onde se achar”⁶.

Ainda no século XIX, em 1877, a revista “Progresso Médico” publicou partes de *Enfermidades endêmicas*, também apenas os trechos sobre as febres, cujo autor foi Domingos de Almeida Martins Costa⁷. Outras observações importantes sobre a obra de Ferreira relacionada às doenças endêmicas da capitania de Mato Grosso foram feitas por João Severiano da Fonseca⁸, primeiro cirurgião do exército brasileiro, médico da comissão demarcadora de limites do Brasil com a Bolívia, entre os anos de 1875 e 1878⁹. A viagem de João Severiano no Mato Grosso seguiu roteiros já trilhados por Ferreira, embora quase um século os separasse, e sobre os estudos do naturalista, relativos às doenças da capitania, Fonseca observou:

Sua memória ‘Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso’, escrita pelo correr da última década do século passado, conquanto não esteja na altura de sua ilustração e ciência, o que muito se atenua com o saber-se que seu autor não se dedicava ao exercício clínico, todavia traz alguma luz sobre a constituição médica do país. Nesse pequeno e imperfeito trabalho aparecem duas idéias que, todos, supunhamos desconhecidas naqueles tempos: o vômito preto e a termosscopia no estudo das febres.¹⁰

É importante destacar que essa memória de Ferreira sobre doenças não foi incluída em nenhuma das publicações mais conhecidas sobre a viagem filosófica¹¹.

⁵ BNRJ – 21, 2, 6 – n. 2. Augusto Leverger. *Extrato das enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso pelo doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*. Cuiabá, 1831.

⁶ *Idem*.

⁷ Cf. FONTES, Glória Marly. *Alexandre Rodrigues Ferreira (aspectos de sua vida e obra)*. Manaus: INPA, 1966. p. 41.

⁸ FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro & C., 1880.

⁹ Essa expedição demarcadora foi chefiada pelo coronel de engenheiros Rufino Enéas Galvão, Barão de Maracajú.

¹⁰ FONSECA, 1880, p. 183. O “vômito preto” é um dos sintomas da febre amarela, cuja origem era então desconhecida.

¹¹ Como, por exemplo: *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Iconografia, v. 1 – Geografia, Antropologia. Rio de Janeiro, 1971. SIMON, William. J. *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of*

Dentre os autores que consultamos, aquele que mais espaço ofereceu a *Enfermidades endêmicas* foi Virgílio Corrêa Filho, em “Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro”¹². Em estudo biográfico do naturalista, o historiador mato-grossense apresentou um resumo da “memória”, que denominou “estudo médico-sanitário da região”, e uma pequena discussão sobre as doenças registradas por Ferreira¹³.

Glória Marly Fontes¹⁴, pesquisadora do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia –, produziu estudo paleográfico de *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso* acompanhado de um texto elucidativo sobre Ferreira, embora sem a discussão de seu conteúdo. Inicialmente, nossa intenção era tomar como base esta publicação de Fontes. No entanto, no decorrer da pesquisa, passamos a necessitar de informações que apenas os originais oferecem, como o aspecto físico do manuscrito, vestígios indicadores de indecisões, correções e acréscimos no texto, que nos informam, muitas vezes, sobre os percalços pelos quais passa um autor na construção de sua obra. Decidimos, então, elaborar uma nova transcrição do manuscrito original, no caso, o códice 21, 2, 5, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁵, que passamos a denominar “manuscrito principal”. Posteriormente, foram incluídos três outros “fragmentos”, cuja incorporação e análise iremos tratar nas “Considerações iniciais”.

Para produzir uma narrativa que privilegiasse a dinâmica da obra, colocando em cena as ações narradas pelo naturalista, em um primeiro momento organizamos as informações contidas na obra sobre as doenças que grassaram pelo território mato-

Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1983; AREIA, M. L. Rodrigues de; MIRANDA, Maria Arminda; HARTMANN, Tekla. *Memória da Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1991.

¹² CORRÊA FILHO, Virgílio. *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

¹³ CORRÊA FILHO, 1939, p. 146. Corrêa Filho considerou que Ferreira “teria provavelmente ultimado o escrito acerca da ‘Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso’, para acudir ao sofrimento humano”, por volta de abril de 1792 (p. 147).

¹⁴ Cf. FONTES, *op. cit.*

¹⁵ Agradecemos ao professor José Pereira da Silva, filólogo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que nos despertou para a importância do manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*. O professor Silva nos repassou cópias das transcrições que então fazia, em meados da década de 1990, do manuscrito 21, 2, 5 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, destacando os aspectos filológicos da obra, para uma edição crítica. Embora já estivéssemos trabalhando com uma história da saúde e da doença, ainda não fazia parte de nossos objetivos de pesquisa uma análise circunstanciada do estudo de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre as doenças da capitania de Mato Grosso. Cf. ANZAI, Leny Caselli. Relatório de pesquisa apresentado à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 1994.

grossense e os modos de cura, levando em consideração que, à época, sintomas eram interpretados como doenças. Em seguida, configuramos os trajetos percorridos pela expedição na capitania do Mato Grosso, com o intuito de localizar endemias e eclosões de surtos epidêmicos, enfatizando também as ações do naturalista durante a viagem.

Norteamos a nossa narrativa a partir da análise de algumas dimensões do contexto social setecentista, tanto colonial como metropolitano. À procura de coerência, seguimos as seis “chaves” interpretativas propostas pelo historiador norte-americano Dominick LaCapra para a análise de documentos, discutindo as relações existentes entre: “intenções do autor-texto, vida do autor-texto, sociedade-texto, cultura-texto, um texto e o ‘corpus de um escritor’, modos de discurso e os textos”¹⁶. Esta perspectiva nos levou a observar determinados princípios na composição do trabalho em geral, e norteou a elaboração dos capítulos desta tese.

Para o estabelecimento da relação entre o texto sobre doenças e seu contexto, fomos em busca das propostas de modernização do reino levadas à frente por Pombal, para as quais o levantamento do potencial natural das colônias se colocava como fundamental. Foi nessa busca que se inseriu a missão destinada a Ferreira em território amazônico, e da qual o conhecimento das doenças fazia parte: conhecer era um meio de se proteger, de criar mecanismos para vencer as enfermidades e de melhor ocupar o território.

Estas análises fazem parte do capítulo I, “Em busca do tempo perdido”, que reflete sobre a situação de Portugal no cenário europeu do setecentos, assim como os esforços de seus governantes para colocar o país no nível das nações mais importantes à época. Averiguamos também, nesse primeiro capítulo, as providências tomadas pelas autoridades portuguesas para aparelhar os componentes da expedição rumo à colônia, e chamamos a atenção para dois personagens que tiveram importância na produção de Ferreira ora em discussão: o médico e filósofo estrangeirado Antonio Nunes Ribeiro Sanches, e o médico e naturalista italiano, Domingos Vandelli.

Em relação a Ribeiro Sanches, destacamos a obra “Tratado da conservação da saúde dos povos”¹⁷, que serviu de guia a Alexandre Rodrigues Ferreira e nos auxiliou

¹⁶ LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts contexts language*. Ithaca: Cornell University Press, 1985. p. 61. Esse assunto será exposto com maior profundidade nas “Considerações Iniciais”.

¹⁷ SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. *Tratado da conservação da saúde dos povos*: obra útil e igualmente necessária aos magistrados, capitães gerais, capitães de mar e guerra, prelados, abadesses, médicos e pais de famílias. Com um apêndice: “Considerações sobre os terremotos com a notícia dos mais consideráveis de que faz menção a história e deste último que se sentiu na Europa no

na compreensão do pensamento médico europeu à época. Quanto a Domingos Vandelli destacamos as instruções manuscritas que preparou para uso dos naturalistas durante suas viagens, “Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar”¹⁸, que nos possibilitou acompanhar o desenvolvimento das ações de Alexandre Rodrigues Ferreira enqua

nto naturalista funcionário da coroa, obediente às orientações do mestre.

No capítulo II, “Jornadas de um naturalista na Amazônia”, procuramos estabelecer as relações existentes entre a vida de Ferreira e o texto que produziu sobre doenças. Para isso, acompanhamos a trajetória do adolescente que saiu da colônia para estudar em Coimbra com apenas 14 anos, e que, ainda muito jovem, mesmo antes de seu doutoramento, foi indicado por Vandelli, que fora seu professor, para comandar a maior das expedições levadas a cabo pela Coroa lusa. Desde então, a vida profissional de Ferreira passou a girar em torno desse empreendimento; nos anos em que permaneceu no Brasil nem chegou a visitar os pais, ainda vivos na Bahia. Seu próprio casamento foi com uma moradora da capitania do Rio Negro, Germana, filha de seu colaborador naquela capitania, Luís Pereira da Cunha. Mesmo a vida que levou em Lisboa, após seu retorno, esteve ligada às frustrações adquiridas durante essa viagem.

Analizamos, também, as relações que Ferreira estabeleceu com administradores e trabalhadores, as cartas trocadas com superiores hierárquicos, tanto aquelas sobre a organização das viagens do Pará ao Mato Grosso como as de seu retorno ao Pará. A partir da compreensão dos motivos que levaram a Coroa portuguesa a criar as expedições filosóficas, investigamos as intenções do naturalista ao escrever o texto sobre doenças endêmicas da capitania de Mato Grosso, lançando algumas luzes sobre essa etapa da expedição e oferecendo dados e reflexões para futuros estudos de assuntos similares.

No capítulo III, “Os caminhos tortuosos da cura”, discutimos as relações existentes entre a sociedade na qual vivia o naturalista e o texto que produziu. Os diálogos que Ferreira estabeleceu com autores contemporâneos nos informam sobre seu grau de conhecimento sobre doenças, ao mesmo tempo que nos permitem acompanhar

1º de novembro de 1755”. Em Paris, vende-se em casa de Irmãos Ginioux Ao Poço Novo; em Coimbra, na dos mesmos, e no Porto, na de Bellon e Companhia, 1757.

¹⁸ VANDELLI, Domingos. *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*. Por D.V. 1779. Cópia de Frei Vicente Salgado, 1796. Academia de Ciências de Lisboa - Série vermelha - nº. 405.

as discussões científicas que movimentavam um privilegiado grupo metropolitano e de outras nações européias. Destacamos, neste capítulo, os principais manuais médicos citados pelo naturalista, com o objetivo de demonstrar a afinidade de Ferreira para com eles.

Tratamos também da teoria dos humores, fundamental para a compreensão do pensamento médico setecentista, e a influência que esta teoria exerceu sobre os contemporâneos, especialmente sobre as representações elaboradas pelo naturalista a respeito da realidade nosológica da capitania de Mato Grosso.

O capítulo IV, “As doenças endêmicas da capitania”, evidencia as relações existentes entre a cultura do naturalista e a dos moradores da capitania. Ao discutir essa relação, emergem os elementos transculturais nela contidos, concretizados nas trocas de medicamentos e na importância que Ferreira dedicou ao modo de curar americano, suas aceitações e estranhamentos. Procuramos, neste capítulo, analisar algumas informações contidas no manuscrito de Ferreira, como a classificação das doenças que utilizava e a explicação de cada uma das enfermidades que selecionou como endêmica, com destaque para aquelas que atingiam os escravos negros e os índios remeiros, assunto que mereceu atenção especial do naturalista.

O capítulo V é a transcrição comentada do códice 21, 2, 5 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, de autoria de Alexandre Rodrigues Ferreira. Além de se constituir na motivação principal da pesquisa, esta etapa do trabalho permite conhecer a relação entre a obra sobre as doenças da capitania de Mato Grosso e as influências mais diretas exercidas no pensamento médico de Ferreira por autores de manuais, estes podendo ser profissionais de medicina, cirurgiões ou meros curiosos.

A pesquisa teve início com a transcrição do manuscrito, dada a necessidade de “entrar” no texto do naturalista, com a intenção de “decifrar” seu autor e sua época. Foi então que se identificaram os interlocutores de Ferreira, que emergiram informações sobre as doenças endêmicas e suas curas, e também que se evidenciou a composição formal do manuscrito. Durante o trabalho de transcrição, a ortografia foi atualizada para facilitar sua leitura e compreensão pelos leitores de hoje, mas houve o cuidado de não alterar o sentido original.

Todo o aparato crítico consta em notas de rodapé, em corpo menor que as notas explicativas, com o intuito de não sobrecarregar o leitor com informações que, embora

importantes, nem sempre são de seu interesse¹⁹. Apresentamos também, em notas de rodapé, as informações necessárias à compreensão do texto de Ferreira. Esse cuidado foi tomado para evitar que o texto não fosse visto apenas como um amontoado de informações sobre doenças, mas sim como resultado das experiências e pesquisas do naturalista em obras relacionadas às doenças em geral.

Em linhas gerais, em um marco temporal bem delimitado, representado pelo período em que Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu a capitania de Mato Grosso e Cuiabá, e partindo de uma obra específica que o naturalista produziu durante esse período, *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, procuramos construir uma narrativa que evidenciasse o modo pelo qual um estudioso de história natural do setecentos percebeu as formas utilizadas por um determinado grupo social para enfrentar as doenças que o acometiam. O texto básico do estudo contém as representações elaboradas por seu autor, fruto, por sua vez, das representações das obras que lia e daquilo que pensava a respeito da capitania e de seus moradores. Por seu lado, o trabalho que apresentamos é uma das interpretações possíveis, à espera de novas contribuições.

¹⁹ ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Brasília: INL Instituto Nacional do Livro, 1986. p.267. Emanuel Araújo fez observações valiosas à transcrição do manuscrito sobre as doenças dos escravos (MB. ARF 21), durante o último curso que ministrou no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. Embora as falhas sejam de nossa inteira responsabilidade, seguimos suas instruções para todas as outras leituras paleográficas elaboradas durante o trabalho de pesquisa. Ficaram as lições de um mestre.

Considerações iniciais

1. A fonte principal: um manuscrito e seus fragmentos

O manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, de Alexandre Rodrigues Ferreira, foi redigido por um escrevente, hábito comum à época, embora apresente uma parte considerável de correções e acréscimos com a letra do naturalista. Essas intervenções de Ferreira estão marcadas em ambas as margens e ao pé das páginas, corrigindo ou acrescentando informações, muitas vezes com escrita apressada e mal cuidada, contrapondo-se à boa caligrafia do escrevente. Isso denota a intenção de passar o texto a limpo posteriormente, indicativo de rascunho, obra em gestação.

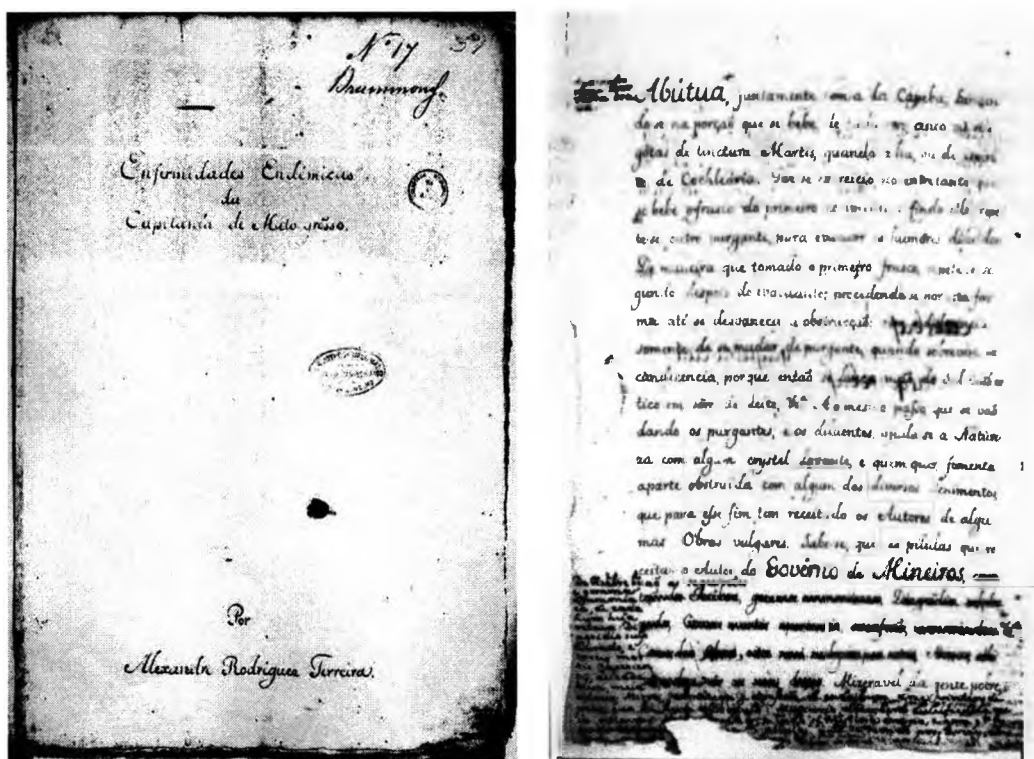
Após a transcrição total do códice, levantamos a hipótese de que o trabalho de Ferreira estava incompleto, não pela falta de páginas – o que seria plausível, levando-se em conta a dispersão da obra do naturalista em arquivos do Brasil e da Europa –, mas pelo fato de o autor não desenvolver determinados assuntos que havia anunciado logo no início, quando da apresentação de sua proposta. Por exemplo, apesar de Ferreira haver registrado que trataria da obstrução, hidropisia, escorbuto, catarral, pleuris, constipação, tenesmo, hemorróidas, disenteria, corrupção, sarna, impingem e bócio, não há, no manuscrito, qualquer discussão sobre as três últimas doenças²⁰.

Na apresentação do texto, Ferreira deixou claro que sua intenção era contribuir com aqueles que não tinham acesso a médicos, para que pudessem reconhecer suas doenças e delas tratar. Elaborou uma longa análise sobre ares, lugares e salubridade, assunto muito pertinente para quem se propunha a estudar as doenças da capitania, já que a influência determinante do clima sobre as doenças dominava o pensamento científico da época. Após um estudo geral, aplicou as teorias então vigentes ao caso específico da capitania de Mato Grosso.

²⁰ Essas doenças foram discutidas no capítulo IV desta tese.

Em seguida, Ferreira iniciou um item cuja epígrafe é “*nec temere, nec timide*. Enfermidades internas. I^a. Febres”²¹, que nos parece sintetizar os sentimentos que moviam o autor diante da empreitada que iniciava. Nesse item, identificamos vinte e nove tipos de “febres”, que Ferreira classificou e discutiu. Para cada uma das “febres” apresentou causas, sinais, prognósticos e os modos de cura “europeu” e “americano”. Identificamos essas “febres” ao longo de todo o texto, pois nem sempre encontramos todos os dados agrupados em um mesmo ponto. Muitas vezes as informações se repetiam utilizando sinônimos, o que levava a confusões. Foi, portanto, necessário retirar denominações de um emaranhado de informações registradas pelo naturalista, negando a aparente organização do texto²².

O subtítulo “Enfermidades internas” está riscado no original, o que nos levou a inferir que houve mudanças no plano inicial da obra; já não haveria mais uma segunda parte dedicada às “enfermidades externas”, a qual, efetivamente, não consta do códice.



A existência de um manuscrito autógrafo de Ferreira, no Museu Bocage, em Lisboa, relacionado às doenças dos negros escravos, *Escorbuto ou mal de Luanda*²³,

²¹ Tradução livre: *Nem temerariamente nem timidamente*.

²² Ver transcrição paleográfica ao final deste estudo.

²³ MB, Lisboa, ARF 21. *Escorbuto ou mal de Luanda*. Agradecemos a Maria de Fátima Costa e Pablo Diener por nos apresentarem com a cópia deste manuscrito sobre as doenças dos negros, que

reforçou a hipótese de obra incompleta. Por se tratar de uma doença que atingia os moradores da capitania de Mato Grosso, ao manuscrito de seis páginas passamos a denominar “fragmento 1”. O cotejo deste fragmento sobre doenças dos escravos com o “manuscrito principal” mostrou que não havia identificação total entre os textos, embora o “principal” também tratasse do escorbuto. Passamos, pois, a considerá-lo uma fonte importante, cujas informações complementavam o conteúdo do códice BNRJ - 21, 2, 5, e ao qual nos referimos neste trabalho.

Na busca por novas informações, dirigimo-nos aos arquivos portugueses²⁴. Iniciamos a pesquisa pelo Museu Bocage, da antiga Faculdade de Ciências de Lisboa, cujas instalações foram vítimas de um incêndio em 1978, quando é possível que os manuscritos mais importantes sobre a viagem de Ferreira, lá depositados, tenham sido destruídos²⁵. Mas, dentre os papéis que escaparam às chamas há um segundo manuscrito, de cinco páginas, autógrafa de Ferreira, que se constitui em uma dissertação sobre as doenças que incidiam sobre os índios remeiros, *Causas das doenças dos índios apresentadas em 7 artigos e conclusão*²⁶. Passamos a denominá-lo “fragmento 2”, e o mesmo procedimento de cotejo com o documento principal foi aplicado a este segundo fragmento.

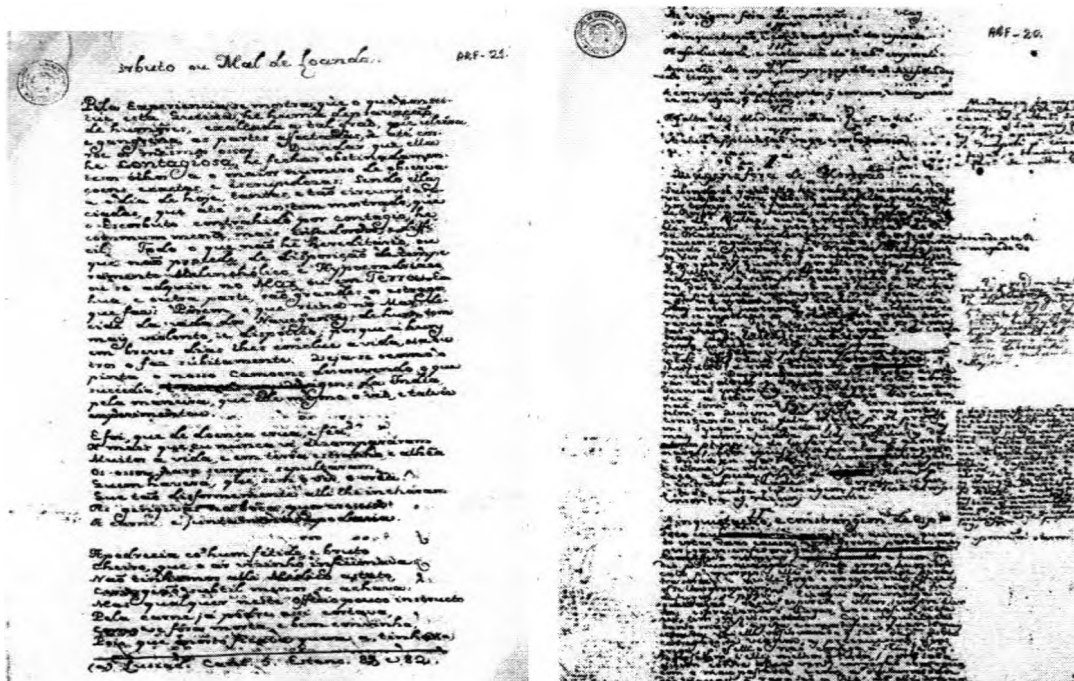
Concluimos que o texto do “fragmento 2” não conferia com o do “manuscrito principal”, embora o assunto, sim. Esgotadas, naquele momento, as possibilidades de encontrar novos fragmentos sobre doenças, o passo seguinte foi procurar por autores que tivessem trabalhado com viagens filosóficas, cujas pesquisas tivessem se realizado nos arquivos do Museu Bocage antes do incêndio.

encontraram quando de suas pesquisas no Museu Bocage, em Lisboa, relativas à produção dos artistas da “Viagem filosófica”.

²⁴ A pesquisa em arquivos portugueses foi possível graças a uma bolsa de Doutorado Sanduíche, que nos foi concedida pela CAPES, de agosto de 2002 a julho de 2003.

²⁵ É importante salientar que não foram destruídos pelas chamas dois magníficos volumes de aquarelas produzidos pelos desenhistas da expedição, os quais reproduzem desenhos das cachoeiras, animais e plantas observados no caminho do Pará ao Mato Grosso.

²⁶ MB – ARF 20.



Nossa intenção era colher informações sobre a existência de possíveis cópias da documentação perdida e, desse modo, chegamos a William Joel Simon²⁷. Um dos méritos do estudo deste autor, cuja obra foi publicada em 1983, é apresentar as fotografias de alguns manuscritos, desenhos e objetos de história natural que foram destruídos pelo fogo.

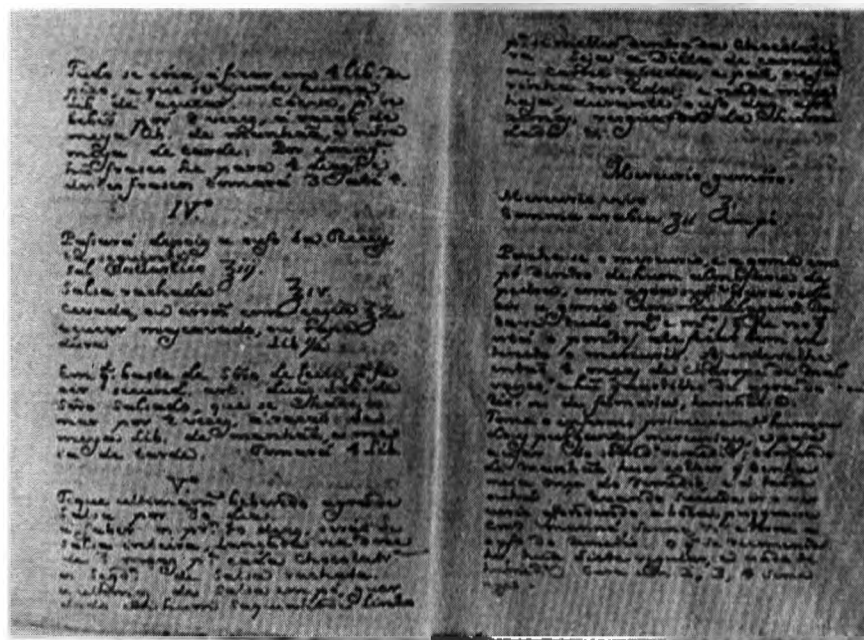
Dentre essas reproduções destacou-se uma representação fotográfica de duas páginas manuscritas, autógrafas de Ferreira, cuja qualidade técnica nos permitiu fazer a transcrição. Trata-se de receitas de medicamentos e instruções para seu uso²⁸. Embora fosse uma lista pequena, passamos a considerar o texto um terceiro fragmento, pelo fato de o assunto estar relacionado a doenças e curas.

Não há, no manuscrito principal, qualquer lista de medicamento nos moldes desta apresentada por Simon; seu conteúdo não foi encontrado nas publicações que pesquisamos e nem nos arquivos nos quais trabalhamos. Simon o publicou como “Farmacopeia Brasiliense”, possivelmente o modo como estava identificado no catálogo do Museu Bocage, e em cuja legenda consta: “Farmacopeia Brasiliense, a small list of

²⁷ SIMON, 1983. Segundo informações do próprio Museu Bocage, Simon foi o último pesquisador a ter acesso aos documentos antes que fossem destruídos no incêndio.

²⁸ “In treating wide variety of tropical fevers, ulcers, and infections utilizing mercury compounds, Brazilians herbs, quinine compounds and opium. There was a reliance on mercury compounds without regard to potential side effects” (SIMON, 1983, p. 28).

'home remedies' by dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. Museu Bocage, Ferreira papers, Maço 5, nr 10, destroyed in a fire at the Museu Bocage, 1978²⁹.



A partir de Simon, dirigimo-nos aos escritos de Américo Pires de Lima³⁰, médico que dedicou grande interesse aos aspectos históricos da medicina lusa. Dentre as diversas publicações de Lima, aquela que nos auxiliou sobremaneira foi “O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira”³¹, na qual o autor transcreveu cento e quarenta e quatro documentos referentes à viagem filosófica. Esse importante trabalho de compilação salvou do esquecimento muitos manuscritos que hoje já não existem, eliminados dos arquivos por diversos agentes destruidores. Embora Américo Pires de Lima não informe a localização de cada documento que transcreveu nem apresente ementa deles³², registrou a existência de “uma série de documentos” no Arquivo Ultramarino, de

²⁹ SIMON, 1983, p. 29.

³⁰ LIMA, Américo Pires de. Aspectos médicos da carreira das Índias no fim do século XVI e princípio do século XVII. Separata da revista *Clinica Contemporânea*, tomo I, n. 2, p. 106-116, fev. 1946. _____. As boticas do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do séc. XVIII). Separata dos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, Porto, v. X. 1949. _____. Nota sobre algumas epidemias na cidade da Bahia. Separata de *Brasília*, Coimbra, v. V, 1950. _____. *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira: documentos coligidos e prefaciados*. Lisboa: Agência Geral de Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1953. _____. As matrículas do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. Separata do *Boletim da Sociedade Broteriana*, Alcobaça, v. XXVIII (2ª série), 1954.

³¹ LIMA, 1953.

³² As ementas apresentadas neste estudo foram elaboradas por nós, pois Lima apenas as enumerou em romanos.

Lisboa³³. Os fragmentos aqui tratados não constam no rol dos documentos transcritos por Lima.

Após a transcrição, tanto do manuscrito “principal” como de seus três “fragmentos”, pareceu-nos evidente que Rodrigues Ferreira pretendia produzir uma obra sistematizada sobre as doenças endêmicas das regiões que havia percorrido na Amazônia, dentre as quais as de Mato Grosso. O naturalista já havia solicitado, em 15 de março de 1787 – quando ainda se encontrava na capitania do Rio Negro –, e recebido, do cirurgião Antonio José de Araújo Braga, um trabalho sobre as doenças da capitania do Rio Negro, “Brasília medica”, no qual se baseava para escrever sobre as doenças endêmicas da capitania de Mato Grosso³⁴.

Determinamos, deste modo, nossas fontes principais de pesquisa: um manuscrito principal (*Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*) e seus três fragmentos (*Escorbuto ou mal de Luanda*, *Causas das doenças dos índios* e *Farmacopéia Brasiliense*). Procuramos, através dessas fontes, estabelecer um diálogo com seu autor, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, esperando que isso nos fornecesse possíveis pistas para compreender seu manuscrito sobre doenças. Nesse “diálogo” procuramos não perder a referência fundamental de que o trato com os documentos constitui-se, sempre, em formulação de questões por alguém localizado no presente a alguém localizado em um tempo diferente, de quem se espera respostas que possam iluminar o contexto no qual os registros foram elaborados.

Nos questionamentos que levantamos há, evidentemente, uma tentativa de responder a problemáticas atuais. O estado de Mato Grosso enfrenta, nos dias de hoje, o retorno de doenças que se acreditava banidas, e é evidente o impacto disso na sociedade, mesmo em tempos de supremacia de uma ciência que supõe poder debelá-las. A região convive com as chamadas doenças “ressurgentes”, como cólera, tuberculose e lepra, além das doenças “emergentes”, ainda mal conhecidas, embora certamente não novas, que aparecem na forma de várias febres e viroses, circunscritas, até então, a determinadas áreas.

³³ LIMA, 1953, p. 8. Há, no Arquivo Ultramarino, na caixa “Reino 26”, diversos manuscritos referentes às viagens filosóficas. Embora não estejam catalogados, alguns deles foram transcritos por Lima.

³⁴ Cf. FERREIRA, Alexandre Rodrigues Ferreira. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi / CNPq / Fundação Roberto Marinho, 1983. Segundo Virgílio Corrêa Filho, “além de outras monografias que cita a miúdo, Ferreira consultava seguidamente a ‘Brasília medica’, monografia elaborada, a seu pedido, por Antonio José de Araújo Braga, cirurgião da comissão demarcadora, aluno benemérito do ‘Hospital Real de S. José de Lisboa’, e que já exercia a medicina por mais de oito anos na Amazônia, quando lhe atendeu a requisição” (CORRÊA FILHO, 1939, p. 216).

Todas essas enfermidades vêm atreladas a problemas sócio-ambientais, devidos, principalmente, ao processo migratório pelo qual o território tem passado desde a colônia. Essa intensa mobilização favorece a difusão de vírus e bactérias entre os contingentes populacionais em ação desde séculos, promovendo quebra no equilíbrio ambiental provocada pela ocupação desordenada e predatória dos espaços, acentuada nos últimos anos.

Assim, o processo de emergência e ressurgência de doenças no atual estado de Mato Grosso não pode ser suficientemente compreendido se for separado do conhecimento da ocupação de seu território e das práticas culturais de seus habitantes. Ao estudar esse processo desde períodos mais recuados, será possível elaborar subsídios para estudos epidemiológicos e produzir fontes para uma história dos costumes e da psicologia médica colonial. Essas problemáticas já fazem parte de discussões historiográficas atuais e evidenciam a expansão do campo de trabalho do historiador.

Estudar a história das doenças possibilita, também, a configuração de trajetos que localizem endemias e eclosões de surtos epidêmicos, importantes para os estudos de paleopatologia, que se preocupa em definir *patocenoses*, conceito criado por Mirko Grmek³⁵ para definir conjuntos de doenças existentes em determinado grupo humano, identificadas a partir de evidências históricas.

Ao realizar um rastreamento das enfermidades contidas no manuscrito de Ferreira, consideramos que as doenças não obedeciam, no passado, como não obedecem no presente, às fronteiras geopolíticas; elas possuíam e possuem uma lógica própria, são conduzidas por fatores biológicos e por fatores sociais historicamente determinados, e reguladas pelas condições do ambiente.

Nos últimos vinte e cinco anos a produção sobre história das doenças e práticas de cura passou a fazer parte das preocupações dos nossos historiadores e de outros cientistas sociais³⁶, indicando um aumento de interesse pelo tema; a produção brasileira

³⁵ GRMEK, Mirko D. *Les maladies a l' aube de la civilization occidentale*. Paris: Payot, 1983. Sobre a importância de se localizar cartograficamente a existência de determinadas doenças em um local específico, ver: ARAÚJO, Adauto; FERREIRA, Luiz Fernando. Infecções parasitárias na pré-história da América do Sul. In: VERAS, R.; BARRETO, M.; ALMEIDA FILHO, N.; BARATA, R. *Epidemiologia: contextos e pluralidade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ / ABRASCO, 1998. p. 51-60. COIMBRA JÚNIOR, Ricardo (Org.) *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

³⁶ Ver, dentre outros: SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. I. São Paulo: Hucitec, 1977; CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994; ROSAS, Roberta Jenner. *Do paraíso ao grande hospital: dois olhares da ciência sobre o sertão (Goiás 1892-1912)*. Brasília, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília; LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República*. Rio de Janeiro:

nesse campo, contudo, embora em crescimento, ainda é modesta, principalmente aquela relativa a períodos mais recuados, como o do nosso trabalho. Para Jacques Le Goff, o interesse recente e crescente dos historiadores pelo tema deve-se ao fato de as doenças não estarem ligadas apenas a uma história dos progressos científicos e tecnológicos, mas pertencerem “à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações”³⁷.

Também Rosen enfatizou que o aparecimento de doenças em uma população, em determinada época, é um fenômeno social “que deve ser estudado enquanto tal e enquanto fenômeno só completamente inteligível em um contexto biossocial, [...] já que a doença surge e afeta as condições ou relações sociais em que o ser humano vive”³⁸. Estaremos, pois, seguindo a interpretação de Rosen, para quem o aparecimento de doenças numa população em determinada época não representa obra do acaso. É “fenômeno específico que possui determinada etiologia, incidência, prevalência e mortalidade”, para cuja análise se devem considerar sexo, idade e modo de vida. Para este autor, se as condições de vida e as relações sociais do ser humano são afetadas com o surgimento de doenças, “então ela é um fenômeno social que deve ser estudado enquanto tal e enquanto fenômeno só completamente inteligível em um contexto biossocial”³⁹.

Seguindo essa linha de interpretação, tomamos como eixo norteador um fato incontestado: doenças sempre existiram, e sua eliminação sempre fez parte das preocupações de homens e mulheres, em todas as civilizações. Em seu desejo de manter

FIOCRUZ, 1996; CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997; COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999; MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999; WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense 1889-1928*. Santa Maria: EDUSC, 1999; FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira (org.). *Suúde e doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999; CARNEIRO, Henrique. *A igreja, a medicina e o amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000; MORAIS, Rosa Helena de Santana Girão de. *Medicina e sociedade no Brasil: a teoria microbiana em questão (1860-1890)*. Brasília, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília; JESUS, Nauk Maria de. *As artes de curar no centro da América do Sul: a capitania de Mato Grosso 1727-1808*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso; VILELA, Marlene. *Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: a ocasião da varíola em Cuiabá (1867)*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso; CAVALCANTE, Else Dias de Araújo. *Imagens de uma epidemia: saber médico, urbanização e varíola na província de Mato Grosso*. Cuiabá: Gráfica Print, 2002.

³⁷ LE GOFF, Jacques (org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1990. p. 8.

³⁸ ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. 47.

³⁹ *Ibidem*, p. 47.

a vida, indivíduos e grupos sociais mobilizaram seus esforços visando a extinção das enfermidades, quaisquer que fossem as representações produzidas sobre elas. Devido à grande carga emocional que sempre acompanha uma situação de doença, acreditamos que essa manifestação seja capaz de exprimir emoções que extrapolam o nível meramente local, abarcando a sociedade de um modo geral em seu contexto histórico-cultural, já que o doente expressa aquilo que o envolve.

Acreditamos, pois, que a aplicação da perspectiva histórica para o estudo das doenças possa auxiliar na compreensão das estruturas de poder e dos comportamentos humanos de uma determinada época. Seguimos, desse modo, Revel e Peter, que afirmaram ser na prática social cotidiana que os sujeitos sociais resistem, se acomodam, adotam ou descartam condutas, leis e costumes, e que em situações de doença é que tais movimentos de adequação se fazem sentir com mais nitidez:

A doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social; a esse respeito ela torna frequentemente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e as tensões que o traspassam. O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real de mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma.⁴⁰

Assim, pensamos que estudar as doenças que incidiam sobre a capitania de Mato Grosso, em fins do setecentos, nos auxilia a compreender tanto a sua realidade nosológica como – e a partir de uma perspectiva histórica ainda pouco explorada – o papel que coube à capitania no período, inserindo-a no jogo de disputas internacionais coloniais, como se torna claro pela própria organização e envio de uma grande expedição científica para um trabalho de reconhecimento de seu território.

2. O trabalho de análise e interpretação das fontes

Ao analisar criticamente o conteúdo do manuscrito principal, demo-nos conta da heterogeneidade do texto de Ferreira. A formação acadêmica do naturalista explicitava-se no próprio método de produção do texto, o qual seguiu o esquema classificatório,

⁴⁰ REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. p. 144.

então em uso pela ciência. Após a apresentação de seus objetivos, Ferreira discorreu sobre “as causas próximas e remotas de que procedem as enfermidades de toda esta capitania”. Desse ponto em diante, discutiu os paradigmas científicos do setecentos aplicados ao caso de Mato Grosso. Em seguida, listou todos os grandes rios, riachos e lagoas que atravessou, no trajeto de Vila Bela a Cuiabá, após o que apresentou suas conclusões a respeito das causas das doenças da capitania. Passou, então, a descrever as áreas de sal mineral, tema em que se estendeu por vinte páginas, talvez por ser um assunto que, além de economicamente muito importante, lhe agradasse mais. Esta parte sobre o sal e o salitre apresenta um número pequeno de correções e observações do naturalista.

Só após analisar as salinas Ferreira iniciou a exposição sobre as doenças, registradas em um item que denominou “Enfermidades internas”. Para cada uma das “doenças” apresentou causas, sintomas, prognósticos, e, em seguida, o “curativo médico”, que dividiu em “europeu” e “americano”. Nessa separação entre as práticas de cura reside uma das principais características e importância do manuscrito de Ferreira. Essa forma de organizar os dados, atribuindo, pelo registro, relevância aos modos de cura denominados “americanos”, resultado de conhecimentos empíricos, chamou nossa atenção por ser Ferreira um letrado, egresso da universidade reformada de Coimbra, e leitor de autores eruditos da época.

A cada passo dado em direção ao interior do texto, surgiam dificuldades maiores. Fazia-se necessário conferir sentidos ao conteúdo do manuscrito sobre doenças, para que deixasse de ser apenas um amontoado de dados sobre teorias médicas, dissertações sobre ares e lugares, patologias e medicamentos, como à primeira vista pode parecer, a leitores do início do século XXI. Verificamos que o resultado do conhecimento empírico que o naturalista adquiriu em seu contato com os habitantes da capitania (índios, negros, brancos e mestiços), através da comunicação informal, confrontado ao seu próprio conhecimento, e acrescentado das informações obtidas através da leitura que fazia de obras publicadas de autoridades médicas da época, foi transposto ao manuscrito principal, evidenciando, desse modo, a dinâmica das trocas culturais estabelecidas entre os diferentes segmentos da sociedade colonial mato-grossense.

O mundo complexo com o qual Ferreira se deparou transparece em seu texto, através do registro de observações colhidas durante os duros trajetos que enfrentou pelos sertões da capitania. Essas observações não diziam respeito apenas às doenças, mas a tudo o que considerou digno de nota. Os olhos do naturalista esquadriavam o

mundo que o rodeava, como homem inteligente e curioso que era, como funcionário colonial que se tornara, e como homem pertencente a uma cultura que de tudo desejava se apropriar⁴¹. À medida que escrevia, Ferreira passava para o papel suas impressões sobre as pessoas e as terras que procurava conhecer. Marcava também seus estranhamentos, quando então evidenciava sua posição de homem educado segundo uma visão européia, em um processo análogo àquele demonstrado por Edward Said, em “Orientalismo”: ao enfatizar a diferença cultural, reforçava sua própria identidade⁴².

Não se deve esquecer que Ferreira tinha obrigações bem determinadas, e que era profundamente ligado à sociedade portuguesa. Embora tivesse nascido na Bahia, Alexandre Rodrigues passou a maior parte de sua vida em Portugal, e mesmo tendo permanecido nove anos na colônia em trabalhos, durante a “Viagem Filosófica”, não voltou a rever sua cidade e nem seus pais. Portanto, não se pode afirmar que se identificasse com os colonos, mesmo que tenha convivido, em Coimbra, com colegas também naturais do Brasil⁴³.

Ferreira produziu o texto sobre doenças com a ajuda do escrevente, e corrigiu de próprio punho o resultado. É possível mesmo que a cópia que analisamos tenha sido produzida já no Pará, após seu retorno do Mato Grosso. Segundo S. Blake, citado por Virgílio Corrêa Filho, esse trabalho foi iniciado em Vila Bela e terminado em Belém⁴⁴.

Uma das primeiras questões que se colocaram para nossas análises foi referente ao estilo narrativo do autor: como categorizar um texto que não se apresentava apenas como um manual sobre doenças e medicamentos, e muito menos como um diário de viagem, como aqueles comuns ao setecentos? Esse seria, logo de início, um obstáculo a ser transposto para a elaboração de uma análise rigorosa⁴⁵. Obra não publicada durante a vida de seu autor, pouco conhecida, apesar de já haver passado por leituras paleográficas anteriores, gerais ou parciais, apenas citada em artigos sobre a temática

⁴¹ Cf. BOSI, Alfredo. A fenomenologia do olhar. In: *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.85.

⁴² SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁴³ A esse respeito ver: SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *História Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, v. I, n.2, nov. 1994 – fev. 1995; ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991; BELLUZZO, Ana M. de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Rio de Janeiro: Objetiva / São Paulo: Metalivros, 1999.

⁴⁴ Cf. CORRÊA FILHO, 1939, p. 214.

⁴⁵ Sobre o assunto ver: RAMINELLI, Ronald. Viagens e inventários: tipologia para o período colonial. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, n.º.32, p.27-46, jan/jun., 2000. Editora da UFPR.

das viagens, permanecia ainda cercada por muitos pontos obscuros. Isso nos levou a refletir sobre a necessidade de inserir o autor em seu universo, compreendendo sua obra à luz de sua época, até o ponto de nela descobrir pistas que, uma vez investigadas, esclarecessem acontecimentos e conferissem coerência à narrativa.

Mas, como nos chama a atenção White, um determinado conjunto de acontecimentos apenas será transformado em história através das escolhas feitas pelo historiador por meio da “supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante”⁴⁶.

Contudo, considerar a importância das figuras e os procedimentos da narração exige também, por outro lado, ter em conta a história como uma operação que estabelece as técnicas próprias do enfoque histórico⁴⁷. Longe de serem dados objetivos, os fatos são construídos a partir do tipo de pergunta que se faz acerca dos fenômenos apresentados ao pesquisador, o qual poderá levar em conta “um conjunto de regras que permitam ‘controlar’ operações destinadas à produção de objetos determinados”⁴⁸.

Desse modo, o texto histórico, a partir de regras próprias do fazer historiográfico, seria também resultado de uma operação literária, por sua forma narrativa, estratégias descritivas e técnicas utilizadas, semelhantes àquelas encontradas no enredo de um romance ou de uma peça.

Outras questões históricas foram se colocando diante de nós: de que maneira Ferreira se equipou, em plena Amazônia, para escrever uma obra sobre doenças e tratamentos, já que não era médico? Haveria alguma outra motivação para a elaboração da “memória”, além da solicitação oficial? Qual seria a concepção do naturalista acerca da origem das doenças, seus diagnósticos e suas curas?

Para responder a estes questionamentos procuramos encontrar um pouco do homem por trás do naturalista. Ferreira era um homem de ciência dividido entre suas obrigações de funcionário colonial, seus sentimentos humanitários e o desejo de produzir uma obra científica relevante. Era trabalho excessivo para alguém que labutava praticamente sozinho na produção de textos. Já havia avisado ao ministro Melo e Castro que não poderia, durante as viagens pelo Mato Grosso, produzir muitas memórias, por

⁴⁶ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

⁴⁷ Ver CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 29 (nota 5).

terem recaído sobre ele também os trabalhos que eram feitos pelo jardineiro botânico, morto logo que a expedição chegou a Vila Bela⁴⁹.

A partir de então, um outro ponto fundamental que se colocou foi o conhecimento dos objetivos da expedição e sua composição. Iniciamos a investigação pelo próprio naturalista chefe, procurando determinar os seus equipamentos culturais, o modo como interpretava as relações interétnicas, suas concepções sobre a emergência e o tratamento de doenças e a importância, para a comunidade científica do reino, dos estudos que elaborava. Eram dados fundamentais para a contextualização da viagem, e para obtê-los procuramos por análises interpretativas, tanto da história como de outros campos do saber, que nos possibilitassem o entendimento do universo cultural vasto e complexo do naturalista.

Sabemos que Ferreira interpretou as idéias de autores contemporâneos europeus sobre doenças, adaptando-as a objetivos imediatos e a outros mais duradouros. Esse trabalho de adaptação exigiu dele um esforço de síntese entre sua formação acadêmica, adquirida nos bancos da Universidade de Coimbra, o conhecimento médico adquirido nos livros aos quais teve acesso⁵⁰, e o conhecimento empírico apreendido com os grupos contatados durante suas viagens. Trata-se de um naturalista específico, de um território determinado e de um período demarcado, e através desses dados procuramos encontrar informações sobre a vida de pessoas e o que havia em seu entorno, mantendo, ao mesmo tempo, o interesse pelo detalhe e pelo contexto.

Esse exercício de reconstrução do passado através de um manuscrito maior e de três fragmentos menores (apenas quanto à extensão) exigia seguir um fio condutor que nos auxiliasse no processo de desvelamento da obra. Para isso, recorreremos ao

⁴⁹ “Não obstante o falecimento do jardineiro botânico Agostinho Joaquim do Cabo, que tanta falta me faz, por ter sobre os meus ombros, recaído o peso que ele trazia aos seus, pelo que, desde agora previno a vossa excelência que sendo eu o que daqui por diante devo carregar com o peso de duas distintas obrigações, que são, a do meu encargo, e a do referido defunto. Bem poucas ou quase nenhuma memória poderei ordenar, para as dirigir a vossa excelência, que eu delas haja de ser o portador quando for do real agrado de sua majestade a mandar retirar-me.” LXXVIII – Vila Bela, 16 de abril de 1790. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro dando conta do andamento de seus trabalhos na capitania de Mato Grosso. *In*: LIMA, 1953, p. 298.

⁵⁰ É possível que tenha tido acesso também à biblioteca do quarto capitão general da capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo e Cáceres, pois em carta ao cirurgião Braga, a quem solicitou um estudo sobre as doenças endêmicas da capitania do Rio Negro, escreveu: “Antecipo o penhor da minha sinceridade, participando a vossa mercê que até ao presente se me não tem oferecido ocasião de observar ou mais ou menos enfermidades do que as que andam descritas na Brasília medica de Guilherme Pison” (FERREIRA, 1983, p. 743).

historiador norte-americano Dominick LaCapra⁵¹, que propõe um trabalho de análise cooperativa no campo das humanidades, como aquele entre a literatura, a crítica literária e a história. Para este autor, como também para Hayden White⁵², a história, assim como a crítica literária e a literatura, partilha da necessidade de formular relações entre os textos e os seus contextos de escrita e leitura.

Para LaCapra, toda obra de história, mesmo as menos narrativas, é sempre construída a partir de procedimentos que governam a produção de relatos. Desse modo, o texto histórico é sempre ficcional, pois do modo como o historiador elabora sua narrativa irá depender a estrutura do enredo, fundamental para a construção dos sentidos. A forma narrativa utilizada irá sempre obedecer às necessidades criadas pelos objetivos propostos pelo autor, assim como aos recursos culturais que este tiver à sua disposição, em seu tempo e meio.

Ao assim proceder, o historiador, descrevendo os acontecimentos que emergem do registro histórico, informa ao leitor aquilo que considera importante, transformando-o em algo familiar a ele, leitor. Portanto, para LaCapra, a narrativa histórica é a mediadora entre os acontecimentos relatados e a estrutura do enredo, utilizada para oferecer sentido a acontecimentos e situações não-familiares⁵³.

Ao estabelecer relações flexíveis entre texto e contexto, sem valorar mais um que outro, LaCapra prega a necessidade de os historiadores se debruçarem sobre os textos enquanto tais, respeitando e entendendo suas regras discursivas, seus recursos estilísticos, suas imagens, mostrando a importância e a capacidade dos textos de falar e de fazer história. Afasta-se da análise ortodoxa do discurso – tão rica em possibilidades, mas tão pobre em resultados para os historiadores – justamente por esse método não considerar e não reconhecer a importância dos contextos históricos, fulcral para qualquer historiador e tão caro aos historiadores mais tradicionais. No entanto, apesar de oferecer interessantes ferramentas de trabalho para os cientistas sociais, LaCapra foi muito pouco utilizado no Brasil, ao contrário de Hayden White, seu companheiro de posições e discussões acadêmicas⁵⁴.

⁵¹ LACAPRA, 1985, p. 61. Ver também: _____. *History, politics and the novel*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

⁵² WHITE, 1994.

⁵³ Cf. LACAPRA, 1987.

⁵⁴ Os textos de Dominick LaCapra não foram publicados no Brasil, ao contrário dos de Hayden White. Cf. WHITE, 1994. Uma interpretação do trabalho de White e LaCapra foi feita por KRAMER, Lloyd

Ao seguirmos a direção metodológica proposta por LaCapra, baseamo-nos nas seis “chaves” interpretativas que propôs para estabelecer as relações existentes entre: “intenções do autor-texto, vida do autor-texto, sociedade-texto, cultura-texto, um texto e o corpus de um escritor, modos de discurso e os textos”⁵⁵. Essas “chaves” interpretativas nos auxiliaram a levantar indícios para a elaboração de uma interpretação do texto de Ferreira sobre doenças.

Um primeiro ponto foi estabelecer as relações existentes entre as “intenções do autor e o texto”, considerando que essas intenções são sempre motivadas por pressupostos morais, legais e científicos, próprios de cada época e cultura. Alexandre Rodrigues deixou muito claro quais eram suas intenções ao produzir *Enfermidades endêmicas*: ajudar aqueles que não tinham acesso ao tratamento médico, ou seja, escrever, por razões que serão explicadas em nosso trabalho, um texto sobre tema científico que, no entanto, fosse útil também àqueles que não eram médicos nem cientistas; claro está, conforme também analisado neste estudo, que tal objetivo conferiu ao texto de Ferreira um conteúdo político profundamente vinculado às preocupações do seu tempo e do seu rei.

Nas relações estabelecidas entre a “vida do autor e o texto”, observamos a importância que têm o conhecimento de alguns traços psicológicos e a biografia do autor no resultado daquilo que produziu, o que muitas vezes pode preencher lacunas interpretativas existentes na obra. Desse modo, seguimos a trajetória de Alexandre Rodrigues desde que saiu da Bahia, ainda muito jovem, acompanhamos sua formação acadêmica e sua vida profissional, seguimos seus passos através da Amazônia e seu posterior retorno ao reino, após o cumprimento de sua missão durante a viagem filosófica.

Nessa trajetória ficou evidente que nenhum texto é autônomo, que nele se cruza uma rede de relações que influenciam em sua elaboração – o contexto. No texto de Ferreira deparamo-nos com sua trajetória intelectual e profissional, com seus desejos e frustrações, partes de uma urdidura cujos fios nos esforçamos por seguir.

Ao rastrear a biografia de Ferreira, tornou-se evidente para nós que não é possível discutir a vida e a produção escrita de uma pessoa sem que se façam referências à sociedade e à cultura nas quais ela viveu. Assim, este trabalho – sempre a partir daquilo

S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁵⁵ LACAPRA, 1985, p. 64.

que o original de Ferreira nos apontava, e na medida das possibilidades e dos limites atuais desta pesquisa – procurou desvendar as conexões intelectuais do naturalista, sua posição dentro do mundo cultural, científico e cortesão do Portugal setecentista, os aparatos intelectuais e discursivos de que dispunha e dos quais se valeu, e os diálogos que seu texto manteve, não apenas com os cientistas, mas também na esfera entre o erudito e o popular. Dessa forma, procuramos aplicar ao nosso estudo as relações estabelecidas entre “sociedade e texto” e entre “cultura e texto” preconizadas por LaCapra.

Já a relação entre o “texto e o ‘corpus do escritor’” nos levou a procurar situar *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso* no conjunto da obra de Ferreira, estabelecendo sua especificidade e, também, seus pontos de contato com Antonio Nunes Ribeiro Sanches e Domingos Vandelli. Obra datada, produzida por Ferreira com objetivos muito específicos, bem determinados pelos organizadores metropolitanos das expedições, o manuscrito sobre doenças, no entanto, contém diversas “marcas” do naturalista, tais como o cuidado no registro das informações e de suas fontes, e o relacionamento com obras escritas por ele sobre outras realidades, como as que escreveu sobre a capitania do Rio Negro. Cuidamos, portanto, de não tratar o manuscrito em questão como uma produção autônoma. Embora retirado do *corpus* de Ferreira e analisado aqui em escala quase microscópica, tivemos sempre a preocupação de não afastá-lo em demasia das outras produções do autor.

Finalmente, as formulações de LaCapra sobre as relações existentes entre os “modos de discurso e os textos” nos levaram a considerar a produção sobre enfermidades endêmicas, parte de um gênero literário comum ao setecentos, como o foram os manuais médicos. Conforme analisado neste trabalho, Ferreira produziu um texto seguindo as técnicas discursivas preconizadas pelo meio em que viveu, um modo de discurso científico extremamente eficiente, cujas regras – como a forma de delimitação do tema, o modo de apresentação e classificação das doenças, as estratégias discursivas de convencimento do leitor – procuramos analisar ao longo de nosso trabalho.

Assim, por meio de constantes relações texto/sociedade, texto/cultura, texto/biografia, texto/*corpus* do escritor e texto/modos de discursos, procuramos, a partir de uma obra produzida em um tempo e em um espaço determinados, desvelar uma época, um lugar e um ser humano específicos. No cruzamento dessas diferentes dimensões – algumas delas nos conduzindo para dentro do texto em estudo, outras para

fora dele – situamos nossa análise. Com o auxílio das “chaves” interpretativas propostas por LaCapra foi possível fazer emergir das fontes, tanto do manuscrito principal como de seus fragmentos, informações sobre o naturalista e sua obra, tais como o desejo e a motivação que o moveram, o significado do trabalho que desenvolveu para sua vida pessoal, a importância dos textos sobre doenças no conjunto de sua obra, o processo de produção do manuscrito sobre doenças, as influências sofridas durante o processo de criação. Embora, devido a falhas de informação, nem todos os contextos pudessem ser tratados com a mesma ênfase, consideramos que a discussão sobre esses pontos possa contribuir para um estudo sobre as doenças da capitania de Mato Grosso em fins do século XVIII.

A valorização, no manuscrito principal, das práticas de cura americanas, citadas ao lado das práticas européias, remeteu-nos à noção de “circularidade cultural” que Carlo Ginzburg⁵⁶, inspirado em Bakhtin⁵⁷, defendeu para explicar as diferentes maneiras de enfrentamento entre cultura dominante e cultura subalterna. Para explicar a presença de termos grosseiros e até mesmo obscenos na obra de Rabelais, Bakhtin encontrou o literato e médico francês convivendo com o mundo da praça pública. Partindo do estudo que o lingüista russo fez da dinâmica cultural que levou Rabelais a assimilar aspectos da cultura popular, Ginzburg aprofundou a análise sobre o movimento contínuo que influencia os diferentes níveis culturais, desenvolvendo o conceito de “circularidade cultural”.

No caso específico de Ferreira, a ênfase nas práticas americanas pode ser explicada a partir da proposta do trabalho que elaborava, já que pretendia escrever uma obra capaz de ser compreendida por todos aqueles que não podiam ter acesso aos conhecimentos médicos da época, portanto, as pessoas comuns da capitania. Alexandre Rodrigues escreveu seguindo um formato que evidencia o desejo do autor de que o produto de suas observações se inserisse na rede cultural da época, obedecendo à forma na qual os livros de medicina mais conhecidos eram escritos.

A noção de “circularidade cultural” também se adequa às obras que o naturalista leu, e que foram suas fontes de informação durante a produção de *Enfermidades endêmicas*. Essas fontes “eruditas” de Ferreira constituíam-se em obras de médicos, cirurgiões e estudiosos europeus, mais e menos renomados, que faziam parte de uma

⁵⁶ Cf. GINZBURG, Carlo. *A microhistória e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

⁵⁷ BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

biblioteca colocada à sua disposição⁵⁸. Na medida da possibilidade de identificação, chegamos ao conjunto das obras utilizadas por ele como fontes de conhecimento, o que nos possibilitou também obter informação privilegiada sobre as publicações médicas e o andamento da medicina europeia de fins do setecentos. Procuramos estabelecer conexões entre as idéias-chave desses autores, de modo que se pudesse compreender a maneira pela qual o naturalista determinou, analisou, interpretou, adequou e incorporou as idéias médicas disseminadas na Europa ao seu próprio texto.

Em obras citadas por Ferreira já havia registros de doenças próprias do Brasil, como nas de Luis Gomes Ferreira⁵⁹ e José Antonio Mendes⁶⁰, que também apresentavam práticas curativas coloniais. Portanto, alguns medicamentos locais já haviam sido testados por pessoas consideradas competentes, à época, na arte de curar. No entanto, a peculiaridade da obra do naturalista residiu em colocar ambas as práticas lado a lado, a europeia, predominante, e as americanas, “subalternas”, “em um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”⁶¹. Se esse modo de registrar pode, em princípio, parecer dicotômico, tal impressão se desfaz ao observarmos que, ao colocá-las lado a lado, o naturalista jogou um foco de luz sobre as profundas trocas estabelecidas entre ambas, principalmente ao expor medicamentos que utilizavam os recursos naturais da capitania.

⁵⁸ Por exemplo: Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Domingos Vandelli, Luis Gomes Ferreira, Nuno Marques Pereira, entre outros. Além das obras que citou no manuscrito sobre as doenças da capitania do Mato Grosso, o naturalista também relacionou, em sua “Participação sétima”, ítem XXVIII, as obras que circulavam pelas capitanias do Pará e do Rio Negro, onde, segundo ele, havia grande número de charlatões, que retiravam receitas de livros em circulação: “Ainda a mais vasta e mais escolhida biblioteca cirúrgica que por aqui se tem espalhado, não compreendem mais do que as obras dos citados Ferreira, Mirandella, e Monravá, as de Curvo, Santusse, Castelos Fortes, Madeira da Qualidade Céltica, a Âncora Medicinal, de Pedro de Alvelos, o Diálogo Cirúrgico do Lima, do Porto, Receituário Lusitano, e já hoje com muita raridade, algum de Vilares, Tesouro Apolíneo, etc.” FERREIRA, 1983, p. 712.

⁵⁹ FERREIRA, Luis Gomes. *Erário mineral dividido em doze tratados*. Dedicado e oferecido à puríssima e sereníssima virgem Nossa Senhora da Conceição. Lisboa Ocidental: Na Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.

⁶⁰ MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa, os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais*. Oferecido ao senhor coronel Antonio Soares Brandão, cirurgião da câmara de sua majestade fidelíssima e fidalgo de sua casa, cirurgião mor dos reinos, seus domínios e exércitos. Autor José Antonio Mendes, cirurgião e anatômico aprovado, e seu comissário geral em toda a América. Lisboa: Na Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1770.

⁶¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 13.

A circulação de informações, aliada ao perfil demográfico múltiplo da capitania nos remeteu a Fernando Ortiz e ao conceito de “transculturização”, enquanto dinâmica do processo simbiótico entre culturas, “fases do processo de transição de uma cultura à outra, porque este processo não consiste somente em adquirir uma cultura diferente”⁶². “Transculturização”, para Ortiz, significa também a perda de uma cultura anterior – processo denominado por ele “desculturização” –, e implica ainda a criação de novos fenômenos culturais, a “neo-culturização”. Portanto, para Ortiz, “desculturização” e “neo-culturização” fazem parte do processo de transculturização a um novo ambiente cultural, o que nos parece adequado à situação da capitania do Mato Grosso de fins do século XVIII⁶³, cuja pluralidade demográfica, marcada pela necessidade de sobrevivência, levava a intensos intercâmbios culturais entre os vários segmentos sociais.

Essa dinâmica acontecia em “zona de contato”, no sentido que lhe foi conferido por Mary Louise Pratt, quem, a partir de Ortiz, discutiu o fenômeno da transculturização. Para esta autora, a figura do naturalista, “aquele que a tudo observava com ‘olhos imperiais’”, personificava de modo muito característico as “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia”. A esse processo Pratt denominou “anticonquista”, fenômeno próprio de “zona de contato”⁶⁴.

O conceito “zona de contato” foi utilizado pela autora como sinônimo de fronteira colonial, espaço da transculturização. No caso mato-grossense, essa “zona de contato” promoveu a convivência, pacífica ou não, de grupos até então separados, como brancos, índios e negros, em relações que envolviam “normalmente a coerção, a desigualdade racial e o conflito quase incontrolável”⁶⁵. No espaço transcultural da fronteira mato-grossense, grupos diversos, subordinados, não podendo controlar a intromissão em seu modo de vida, inventavam práticas, “a partir de materiais a eles transmitidos por uma

⁶² Cf. ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo del tabaco y del azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983. p. 90.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturização*. Bauru: EDUSC, 1999a. p. 31-33.

⁶⁵ PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum. *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999b. p. 31.

cultura dominante ou metropolitana”, e determinavam, em graus variáveis, o que e como iriam absorver as influências sofridas⁶⁶.

Nessa perspectiva, a idéia de “fronteira” adquire maior importância, pois se as fronteiras são criadas para separar e demarcar, com o tempo elas também se transformam em espaços de convívio, onde as diversas identidades das populações fronteiriças convivem, repelem, aceitam e descartam práticas. Isso transforma as fronteiras também em lugares instáveis, já que estão em constante mudança de configuração sócio-espacial. Desse modo, a capitania fronteiriça de Mato Grosso foi aqui interpretada como *locus* privilegiado de dinâmicas culturais singulares, praticadas por grupos diversificados, zona de apropriações, estranhamentos e compreensão do “outro”⁶⁷.

Essa “cultura de contato”, própria de um espaço transcultural e híbrido, desenvolvida através de relações desiguais, conflituosas, de coerção, implicava também alianças, cumplicidades e troca de saberes, necessários à sobrevivência comum. Tal perspectiva nos exigiu uma abordagem interdisciplinar, numa tentativa de síntese de diferentes esforços explicativos, necessários à compreensão das várias manifestações mórbidas em diferentes realidades e grupos sociais.

A presença das práticas populares na obra do naturalista é explicada a partir da própria proposta do trabalho que elaborou, já que pretendia escrever para aqueles que não podiam ter acesso aos conhecimentos médicos da época, portanto, o homem comum da capitania. Mas Ferreira também havia sido orientado, por Vandelli, a prestar atenção tanto nas doenças da terra como em seus medicamentos. Seu olhar havia sido treinado

⁶⁶ *Ibidem*, p. 30. Esse aspecto se evidencia na atitude dos índios remeiros que, diante da possibilidade de serem atingidos pela doença que mais temiam, a “corrupção”, não viajavam sem um suprimento de pimenta e de gengibre, medicamentos preventivos da doença que havia chegado com o colonizador, e cujo tratamento incorporou aos seus hábitos cotidianos.

⁶⁷ Sobre essa fronteira mato-grossense criaram-se mitos, como aquele de um passado colonial faustoso, e o do *isolamento*, acionado tanto pelo discurso oficial como pelo homem comum para justificar o descompasso existente entre o crescimento econômico de Mato Grosso em relação às outras regiões do país (cf. VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil 1719-1819*. São Paulo: Hucitec, 1987). Sobre fronteira e mito, ver: AMADO, Janaina. *Construindo mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos EUA*. In: PIMENTEL, Sidney Valadares (Org.). *Passando dos limites*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. Interpretando “fronteira” como área ainda não plenamente integrada ao espaço nacional, Lylia Galetti analisou um conjunto de representações sobre o Mato Grosso, de meados do século XIX às primeiras décadas do XX, tomando como referência as obras de viajantes estrangeiros, intelectuais, dirigentes brasileiros e mato-grossenses, articulando suas representações sobre a província com a problemática da construção de uma identidade regional [cf. GALETTI, Lylia da S. Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. Ver também: SENA, Ernesto Cerveira de. *Confrontos do progresso: idéias e ações dos presidentes de província em Mato Grosso (1870-1889)*. Brasília, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.

pelo professor, quem, inclusive, produziu as instruções a serem seguidas durante o trabalho⁶⁸. O naturalista deveria olhar “corretamente” aquilo que era considerado importante ser visto, fossem pessoas, plantas, animais, minerais ou acidentes geográficos.

O olhar de Ferreira, transposto para o texto, identifica-se com diversas visões européias sobre a América. Na elaboração de uma certa narrativa sobre a capitania de Mato Grosso e seus habitantes, o naturalista produziu um discurso sobre a salubridade da capitania que não era neutro nem inócuo, como demonstrou Said, por se constituir em prática dotada de poder, com capacidade de “modelar nossa visão sobre nós mesmos. Assim, não são reproduções do que acontece na realidade, mas são práticas discursivas, práticas sociais”⁶⁹.

O estabelecimento de um recorte de apenas um dos aspectos do social, que são as doenças e as práticas de cura, o trabalho com um único autor e apenas um dos seus relatos, a delimitação de uma região e época bem determinadas não significa que a investigação esteja apartada de marcos historiográficos maiores. A obra escolhida é única, mas em sua composição entraram colaboradores diversos, e em movimentos de aproximação e distanciamento procuramos inserir o leitor-autor e os autores-colaboradores em seus respectivos contextos, em situações históricas concretas, todas elas interpretadas como fragmentos de uma realidade mais ampla, evidenciando assim a já citada dinâmica de aproximação e distanciamento própria de um diálogo entre passado e presente⁷⁰.

⁶⁸ VANDELLI, 1779.

⁶⁹ Cf. SAID, 1990.

⁷⁰ Cf. GINZBURG, 1991; REVEL, Jacques. Micro-análise e construção do social. In: *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998; VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Capítulo I

Em busca do tempo perdido

O setecentos revelou-se um século no qual todos os setores da vida social européia foram esquadrihados, impulsionados pela organização do conhecimento científico e pelos interesses imperialistas em curso. Houve a criação e crescente influência de sociedades e associações científicas, e se configuraram diversos ramos do saber. A esse meio cultural em ebulição, no qual se moviam múltiplos e ainda pouco delimitados interesses, que atingiam tanto cientistas como pintores, escritores, comerciantes e turistas, Marcel Roncayolo denominou “nebulosa enciclopédica”, já vislumbrado desde fins do século XVII⁷¹.

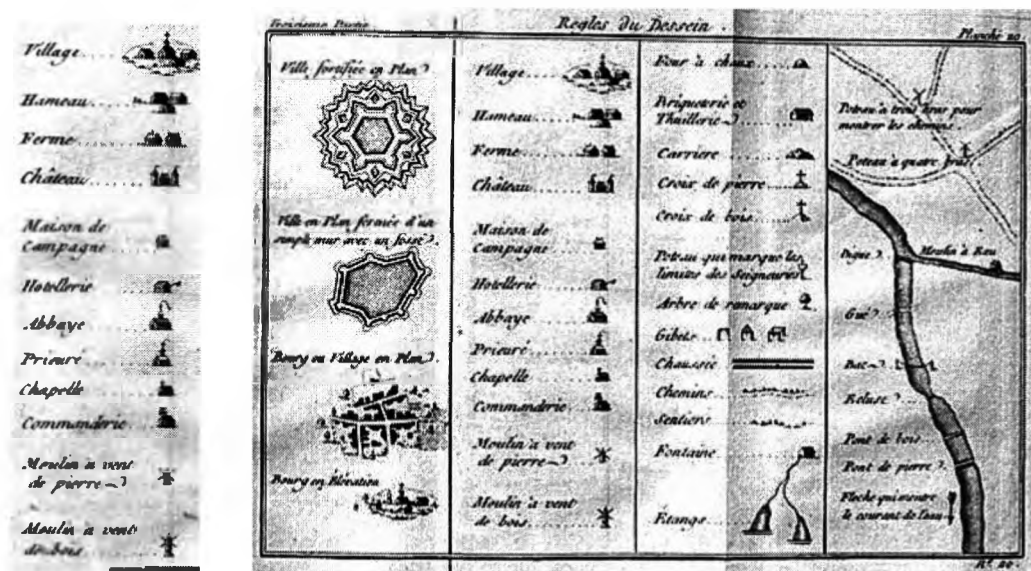
Comparativamente ao século XVII, as nações européias passaram a conferir maior importância ao conhecimento de povos e lugares, em especial os distantes. Juntavam-se nesse movimento a curiosidade e o respeito à cultura antiga, o desejo de conhecer lugares ainda não visitados, o gosto pela natureza e belas paisagens, aliado ao conhecimento científico, em um inventário sem fim e sem fronteiras de coisas a ver. Todos esses interesses geravam descrições pontuais, de acordo com os objetivos de cada pessoa ou instituição. Múltiplas doutrinas se entrecruzavam, combatendo entre si, e seu conjunto nos oferece um quadro sobre o modo pelo qual os ocidentais se relacionavam com uma realidade mundial que necessitavam compreender e administrar.

Dentre a multiplicidade de saberes colocados em evidência, alguns se destacaram, como os agrônômicos e os estatísticos, portadores de uma preocupação específica em “codificar” dados sobre a população e a produção. Também a topografia se especializava, dividindo-se em “física”, que faria conhecer os lugares, e “administrativa”, que descreveria as habitações; primeiro o conhecimento da região e da natureza, depois sua cobertura urbana e rural, gerando informações objetivas, voltadas aos interesses de engenheiros e cientistas⁷².

⁷¹ RONCAYOLO, Marcel. Les paysage du savant. In: NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire: la république, la nation, les France*. 7 v. Paris: Gallimard, 1984, p. 487-528.

⁷² *Ibidem*, p. 490-495.

A cartografia se destacou. Seu prestígio aumentou com a conquista de terras produtivas, e cartógrafos revisavam mapas antigos aplicando a eles técnicas novas.



BNL – Convenções apresentadas nos mapas a partir do século XVII.

As cartas geográficas passaram a marcar especificidades, como relevo, clima e reservas naturais, dentre outros dados. Havia grande preocupação com a demarcação das rotas percorridas, os principais e melhores caminhos, os obstáculos encontrados, os trajetos a serem seguidos.

As intensas mudanças em curso se estenderam a todas as áreas do saber, contribuindo para a diminuição do dogmatismo acadêmico então vigente. Todas as atividades humanas inseriram-se na busca de uma racionalidade que proporcionasse ao homem a conquista da liberdade e da felicidade, sintetizada por D'Alembert:

Essa fermentação intelectual agindo em todos os sentidos por sua própria natureza, propagou-se com uma espécie de violência a tudo o que lhe era oferecido, como um rio caudaloso que rompeu seus diques. [...] Uma nova luz sobre alguns assuntos, uma nova obscuridade sobre muitos outros foi o fruto ou a consequência dessa agitação geral dos espíritos, como o efeito do fluxo e refluxo do oceano consiste em trazer para a costa alguns objetos e dela afastar outros.⁷³

Nessa época de intensas mudanças, Portugal ocupava um lugar muito pouco expressivo no cenário europeu. Era visto como um país no qual vigoravam o atraso e a superstição, embora Maxwell tenha enfatizado o contraste entre o que acontecia

⁷³ D'ALEMBERT. *Éléments de philosophie I. Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie*. Amsterdã, 1758. *Apud* CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 77.

internamente no país e aquilo que se pensava a seu respeito⁷⁴. O terremoto de Lisboa de 1755 acrescentou elementos negativos a esse modo externo de ver, apesar dos esforços despendidos por Pombal para reconstruir a capital⁷⁵.

Os estragos provocados pelo terremoto e a crise do sistema colonial tornavam prementes mudanças de vulto, que colocassem o país em lugar visível no cenário das principais nações européias⁷⁶. As ações levadas a efeito por Pombal, nesse sentido, visavam a salvação do sistema colonial por meio da implementação de uma reforma que alterasse a situação de dificuldades, face ao declínio da mineração, ao aumento da demanda por matérias-primas e à crescente concorrência internacional. A produção colonial, em geral, e não apenas os metais preciosos, passou a despertar a atenção de países europeus, como França, Holanda e Inglaterra, e era urgente fazer frente a esses interesses.

Nessa tentativa de salvar o sistema colonial em crise, o Estado português passou a olhar com mais atenção para a produção de conhecimentos sobre outros bens coloniais ainda pouco pesquisados, cuja importância ainda era difícil avaliar. No elenco das reformas pombalinas, ocupava papel de destaque a proposta de modernização e reforma da Universidade de Coimbra (1772), na qual se envolveram estudiosos das várias áreas do saber que então se constituíam, além de funcionários e administradores. Também foi criado, à época, o Colégio Real dos Nobres (1761), cujo objetivo principal era o de preparar jovens nobres para as atividades administrativas, que lhes possibilitasse também o acesso à universidade⁷⁷.

⁷⁴ MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 17-32. Sobre o terremoto de Lisboa, ver um dos poucos trabalhos que exploram com profundidade aspectos importantes para a compreensão da sociedade portuguesa no século XVIII: DEL PRIORE, Mary. *O mal sobre a terra: uma história sobre o terremoto de Lisboa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

⁷⁵ MAXWELL, p. 17-32.

⁷⁶ Sobre a crise do sistema colonial, ver: NOVAES, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: Hucitec, 1979; ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império: questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*. Porto: Afrontamento, 1992; FALCON, Francisco Calazans. *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1993.

⁷⁷ Essa instituição surgiu após a expulsão da Companhia de Jesus do território do reino, em 1759. O marquês de Pombal utilizou-se das instalações e de todos os bens pertencentes ao espólio do Noviciado da Cotovia, instalando o Colégio Real dos Nobres, criado por carta régia de D. José, datada de 7 de março de 1761. Esperava-se com isso disciplinar os jovens da nobreza, preparando-os para a administração e as atividades produtivas, sendo-lhes oferecida, além da educação tradicional já ministrada à aristocracia, também formação científica e literária. As vagas eram em número de 100; cada candidato, para ser admitido, deveria ser fidalgo, sendo também indispensável saber ler e escrever, não ter menos de 7 nem mais de 13 anos. Os professores nomeados eram italianos, menos o de retórica, português, além dos de grego e latim, que eram irlandeses. No entanto, apesar dos

A presença do Estado luso fazia-se sentir em tudo aquilo que pudesse contribuir para a inserção do reino português no movimento europeu das “luzes”. Requisitaram-se em Bolonha, Gênova e Pádua professores de física, astronomia, química, matemática e história natural para ensinar em Portugal, e também houve a colaboração dos “estrangeirados” e suas propostas de modernização⁷⁸.

A universidade reformada de Coimbra, inspirada nas teorias fisiocráticas, passou a exigir o ensino de história natural na faculdade de filosofia, como meio de incentivar o desenvolvimento e a diversificação da agricultura. Essa cadeira teve como um de seus professores o médico e naturalista Domingos Vandelli. No século XVIII a história natural era considerada utilitária, algo que deveria servir para o conhecimento do mundo e para o crescimento da nação, e, como criador e professor do curso de história natural, Vandelli, que também era economista e conselheiro de finanças do rei, oferecia aos naturalistas que formava um curso de história natural de base econômica, adaptado ao que se pretendia obter de conhecimentos de territórios ainda pouco explorados. Nessa ótica, quanto melhor se conhecessem as riquezas naturais através da ciência, mais delas se poderia extrair riquezas.

Essa orientação influenciou não apenas os naturalistas formados em Coimbra, mas também muitos governantes, que foram membros de academias e escreveram memórias, cujos temas passavam pela agricultura, pesca, indústria, e utilidade de produtos naturais, sempre visando o bem-estar e a riqueza da nação. Havia coerência entre esse movimento científico e o pensamento político setecentista, que considerava os interesses do Estado coincidentes com os dos súditos, acreditava que a prosperidade dos povos advinha de uma economia sólida, e que uma administração eficiente promoveria a paz social. A legislação setecentista passou a se estruturar em torno de noções como “progresso”, “felicidade” e “bem-estar”, e os programas reformistas articulavam-se em torno de tais noções, que definiam o discurso político do Estado português à época⁷⁹.

A noção de que Portugal não poderia, para sua própria sobrevivência, ser sobrepujado no campo científico pelas principais nações européias, levou a que o

esforços despendidos com professores e laboratórios, o ensino científico no Colégio Real dos Nobres não vingou; devido ao desinteresse dos alunos, esse tipo de ensino foi abolido no Colégio em 1772 (cf. *PORTUGAL - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, v. VI. Lisboa: João Romano Torres – Editor, 1904-1915, p. 108-111).

⁷⁸ Cf. MAXWELL, 1997.

⁷⁹ DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde*, v. III, suplemento, 2001, p. 832.

Estado passasse a tomar providências a esse respeito. Era necessário acompanhar aqueles países europeus que promoviam viagens de exploração científica, mesmo com atraso⁸⁰. Rómulo de Carvalho considerou que as explorações feitas em Portugal por naturalistas estrangeiros como Tournefort, Antoine de Jussieu e Merveilleux chamaram a atenção dos portugueses para a necessidade de se praticar o mesmo em todo o território do reino, embora nada tenha sido feito antes da criação da Academia Real das Ciências de Lisboa⁸¹.

Passou a ser fundamental fazer um levantamento completo do patrimônio luso, cujo maior entrave, até então, residia na proibição de entrada de missões científicas estrangeiras em seus territórios coloniais, considerada “coisa desagradável aos interesses da Coroa”⁸². Ao contrário, a nova coroa espanhola, de origem francesa, autorizava ou subsidiava expedições de estudos na América⁸³. Incentivar o conhecimento científico através de viagens de exploração das possessões do reino passou a ser considerado um importante fator para a modernização do império português.

Com a “Viradeira”, que provocou a destituição de Pombal (1777), e a elevação ao poder da rainha Maria I, criou-se um novo gabinete, com a pasta dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos ocupada por Martinho de Melo e Castro⁸⁴, a quem passou a caber a responsabilidade de manter “a estabilidade e o progresso do mundo que os soldados, os mercadores, os religiosos, os servidores públicos, os colonos, haviam construído em três séculos ativos e produtivos na África, na Ásia e na América”⁸⁵.

⁸⁰ Cf. GUEDES, Maria Estela; ARRUDA, Luís M. João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde. In: *As Ilhas e o Brasil*. Região Autónoma da Madeira: sn, 2000, p. 512

⁸¹ CARVALHO, Rómulo de. *A história natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 20-21.

⁸² Cf. MELLO-LEITÃO, 1941, p. 224.

⁸³ Cf. PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996, p. 204. Rousseau considerava as viagens de estudos fundamentais para a obtenção de experiência científica e pessoal, fazendo parte da formação intelectual dos homens de ciências, letras e artes.

⁸⁴ Após a morte de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 15 de novembro de 1769, Martinho de Melo e Castro passou a ocupar o cargo de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. Ocupou o cargo até seu falecimento, “a 24 de março de 1795, pelas 10 horas e 40 minutos da noite, conforme declarou seu substituto interino, Luiz Pinto de Souza, em carta de 30 de março, ao capitão general de Mato Grosso” (CORRÊA FILHO, 1939, p. 219).

⁸⁵ REIS, Artur César Ferreira. A Amazônia vista pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, separata, jul./set., 1957, p. 325.

Melo e Castro projetou um empreendimento político cujo objetivo era resolver os problemas ultramarinos a partir da identificação de seus recursos naturais, e foi em sua administração que estudiosos bolsistas viajaram a países europeus com o objetivo de aprender e desenvolver novas técnicas que pudessem auxiliar na resolução de problemas do reino. Também para o progresso do reino deveriam ser aproveitados os alunos mais capazes dos cursos universitários, oferecendo-lhes cargos que exigissem qualificação acadêmica, como insistia o reitor da Universidade de Coimbra, Francisco de Lemos, logo após a implantação da reforma universitária⁸⁶.

Foi também durante a administração de Melo e Castro que se organizaram as já projetadas expedições científicas às colônias. A idéia, já antiga, foi favorecida pela criação, em 1779, da Real Academia das Ciências de Lisboa⁸⁷. Naturalistas, astrônomos, matemáticos e pensadores, em geral ligados à Universidade de Coimbra, passaram a se encontrar na sede da Academia, criando, assim, um núcleo de pessoas cujo pensamento econômico vinculava-se à escola fisiocrática francesa. Acreditava-se que seria com produtos considerados exóticos, vindos de várias partes do império português, que se faria o abastecimento interno e se incrementaria o comércio externo⁸⁸.

Na Academia, os assuntos tratados versavam tanto sobre o papel da ciência como sobre sua utilização concreta em diversos campos econômicos. Era, portanto, natural que concentrasse um movimento intelectual incentivador do conhecimento das condições naturais e econômicas das colônias, contando para isso com o apoio do Estado, que passou a se interessar pela produção científica e por formar expedições exploratórias, inicialmente mais voltadas às delimitações de fronteiras⁸⁹. Inseriu-se nesse movimento a criação de jardins botânicos, que deveriam cultivar plantas de todos os domínios portugueses que pudessem ser úteis para a medicina ou para a agricultura⁹⁰. O Jardim Botânico pertencia tanto à faculdade de filosofia como à de medicina, já que nele eram cultivadas plantas das quais se produziriam medicamentos⁹¹.

⁸⁶ BOSCHI, Caio C. A Universidade de Coimbra e a formação intelectual das elites mineiras coloniais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 108.

⁸⁷ Cf. THE ACADEMY of Sciences of Lisbon. Braga: Barbosa e Xavier, 1994.

⁸⁸ DOMINGUES, 2001, p. 830- 831.

⁸⁹ LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 30.

⁹⁰ Sobre os jardins botânicos, ver SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Estúdio Nobel / FAPESP, 1996.

⁹¹ CARVALHO, 1987, p. 58.

Essa política científica tinha objetivos bastante práticos: produtos coloniais deveriam ser coletados pelos naturalistas, estudados e catalogados segundo a sistemática de Lineu e aclimatados, para serem produzidos em quantidades adequadas que permitissem sua oferta ao mercado europeu.

Aos poucos, mais para o final do século XVIII, as expedições científicas passaram a se denominar “filosóficas”. A aplicação do adjetivo “filosófico” significava que os estudiosos que compunham a expedição deveriam manter uma atitude filosófica, como observar, analisar e interpretar, “fazendo por conhecer todos os produtos e riquezas que o onipotente espalhou na superfície do globo, a fim de se obter uma perfeita descrição dos três reinos da natureza”⁹². Tinha relação também com a formação dos naturalistas, egressos do curso de filosofia natural, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra⁹³.

Essa faculdade era a responsável pelo ensino das ciências naturais e das ciências físico-químicas, disciplinas que faziam parte da filosofia natural, a quem então cabia incentivar o conhecimento da natureza em seus variados aspectos. Foi criado um museu, o Gabinete de História Natural, onde seriam expostos espécimes dos três reinos da natureza, e também um jardim botânico, onde seriam cultivadas as plantas oriundas das colônias lusas⁹⁴. Cresciam os herbários, com plantas oriundas das áreas tropicais coloniais permitindo o estudo comparativo de espécimes secos vindos de diversas partes do mundo⁹⁵.

É interessante observar que também aqueles alunos destinados aos estudos teológicos deviam frequentar o curso filosófico completo, cuja duração era de quatro anos, acrescentados mais os cinco da formação específica em teologia. O curso de filosofia natural alegava-se, era necessário para fornecer aos padres os elementos necessários a uma boa interpretação da bíblia, cujos textos fazem muitas referências às

⁹² SÁ, José Antonio de. *Compêndio de observações que formam o plano da viagem politica e filosofica que se deve fazer dentro da pátria*. Lisboa: Na Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1783.

⁹³ O curso de filosofia natural compunha-se de física experimental, química teórica e prática, história natural (zoologia, botânica e mineralogia), lógica, ética e metafísica. Cf. CUNHA, 1991. Ver, também: GAUER, Ruth Maria Chittó. *A modernidade portuguesa e a reforma pombalina de 1772*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

⁹⁴ Foucault, em sua análise sobre o advento da história natural, considera a constituição dos jardins botânicos e das coleções zoológicas manifestações das transformações ocorridas no interior da própria história. Em relação à alegada nova curiosidade em relação às plantas e aos animais exóticos, afirmou que estes já despertavam interesse desde muito: “o que mudou foi o espaço onde eles podem ser vistos e onde se pode descrevê-los” (FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, s.d., p. 177).

⁹⁵ DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 5.

plantas⁹⁶. Uma aplicação desse conhecimento “científico” por um clérigo pode ser constatada na obra “Bosque místico e jardim divino dispostos e ordenados em considerações sobre os significados das principais plantas da terra e flores de que se trata na Sagrada Escritura, segundo descrevem os Santos Padres da Igreja e autores mais clássicos, nas quais acharão os pregadores sólidas doutrinas para os seus sermões, os curiosos vastas notícias para seu honesto divertimento, e os místicos copiosos pontos para contemplação, assim das coisas caducas como das verdades eternas”, de frei Antonio do Sacramento, citada por Rómulo de Carvalho:

Os cominhos significam pragas. Plutarco deixou escrito que se devia rogar pragas quando se semeassem cominhos, pois eles cresceriam tanto mais quanto mais pragas se rogassem. Os homens vis são semeadores de cominhos. O fetão (o mesmo que feto) e a cana odeiam-se. Quando os Antigos queriam indicar duas pessoas que se odiavam, pintavam um fetão ao lado de uma cana. Plínio afirmava que um fetão cortado com uma cana nunca mais nasce.⁹⁷

Em diferentes partes do império português, todos os naturalistas escolhidos deveriam produzir não apenas textos, contendo suas observações e impressões, mas também elaborar cartas geográficas e topográficas, coletar, preparar e desenhar aves, animais, vegetais, paisagens, tipos humanos e tudo o mais que considerassem fosse importante conhecer. O naturalista teria que oferecer, sobre cada produto, informações as mais completas possíveis para que o Estado pudesse utilizá-las do modo que considerasse mais conveniente⁹⁸.

O produto das coletas de história natural colonial seria avaliado em seu aspecto científico, mas também em sua utilidade prática: os naturalistas deveriam classificar plantas, animais e minerais segundo as teorias científicas mais aceitas à época, mas esses seriam também utilizados no embelezamento de jardins, nos experimentos em universidades e laboratórios, expostos em gabinetes geológicos; o fundamental era que houvesse uma aplicação para todos⁹⁹. Nesse esforço de organização da informação, os governadores capitães gerais das capitanias eram as maiores autoridades, representantes reais nas colônias, que recebiam os naturalistas e lhes repassavam as ordens recebidas de Lisboa.

⁹⁶ Cf. CARVALHO, 1987, p. 43.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 44.

⁹⁸ GUEDES e ARRUDA, 2000, p. 514.

⁹⁹ DOMINGUES, 2001, p. 827.

Nas fronteiras, os governadores eram os comissários gerais das demarcações, e a eles também prestavam contas os engenheiros – cartógrafos das expedições demarcadoras. Todas essas informações referentes às colônias seriam enviadas à Secretaria de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos, que então faria os encaminhamentos que considerasse necessários, podendo ser o Real Gabinete de História Natural, o Jardim Botânico, o Hospital Militar e o Hospital São José.

Dos recônditos da Amazônia e Goiás, das capitânias do Rio de Janeiro e da Bahia, das ilhas de Cabo Verde e dos sertões de Angola remetiam-se para o reino produções naturais e etnológicas, herbários, amostras de cascas de árvores, raízes e resinas, frascos com terra e sementes; enviavam-se caixotes com plantas e gaiolas com pássaros, répteis, macacos, zebras, tabuleiros com borboletas, peixes e animais embalsamados, peles, enxofre, ferro, salitre, antimônio e bismuto ou, simplesmente, pedras.¹⁰⁰

1. A saúde da população em um contexto “iluminado”

Na intensa movimentação que motivou os estudos científicos na Europa, no século XVIII, grupos profissionais mais específicos, como os médicos, passaram a conferir papel decisivo ao ambiente, dando origem a um novo gênero de conhecimento – a topografia médica –, que em poucas décadas se estendeu do estudo das províncias ao das cidades. Faziam-se descrições minuciosas de localidades, com todos os acidentes e objetos que se encontravam em sua superfície, e esse cuidado com o detalhe transferiu-se para a descrição anatômica e minuciosa de qualquer parte do organismo humano. Nesse meio foi que se desenvolveu a chamada “medicina científica”¹⁰¹.

As acusações de charlatanismo que os profissionais da medicina sofriam tornavam-nos conscientes da fragilidade de sua situação, levando-os a observar atentamente as marcas internas e externas das doenças, determinando semelhanças e

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 825.

¹⁰¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 99.

diferenças entre elas. As descobertas científicas incentivavam a procura de novas formas de tratamento, e colocou-se em prática a norma de que o caso clínico completo deveria ser comparado com outros anteriormente já observados. Recorria-se também à experiência de autores célebres, conferindo-se grande importância às coleções de casos clínicos publicadas ao longo de todo o período moderno, nos quais se juntavam observações pessoais do médico à cabeceira do enfermo, fazendo com que esses profissionais se vissem na obrigação de administrar sua prática com o maior rigor possível.

A visita e a observação sistemática e comparada de doentes permitia que os médicos discutissem casos, percebessem melhoras e pioras, questionassem tratamentos e atitudes. A medicina até então havia sido interpretada como um saber meramente empírico e conjectural, de modo algum realmente científica¹⁰², o que facilitou a formação de um movimento dos profissionais de medicina rumo à reconstrução de uma teoria médica. Isso promoveu também um aumento da produção de obras de medicina e similares.

Em fins do século XVIII as obras médicas obtiveram um considerável alcance, respondendo pela proporção maior de todo os livros científicos publicados. A história natural e a botânica vinham em segundo lugar, depois da medicina¹⁰³. O mais notável nesses textos era a sua intenção manifesta de fornecer tratados bem elaborados, que divulgassem não apenas as pesquisas médicas em andamento, mas também as novas teorias desenvolvidas pelos clínicos.

Havia, então, a esperança de que o avanço científico pudesse melhorar a qualidade de vida do ser humano, e se acreditava que, mais cedo ou mais tarde, todas as pessoas instruídas poderiam beneficiar-se de tratados que lhes dariam acesso aos mistérios das ciências. Isso resultou em inúmeras publicações, e esse movimento, embora rápido, ao

¹⁰² ENTRALGO, Pedro Lain. Prólogo. In: ARQUIOLA, Elvira; MONTIEL, Luis. *La corona de las ciencias naturales: la medicina en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993, p. XII.

¹⁰³ Cf. DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996. Luiz Carlos Villalta encontrou, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a lista dos títulos que em 1796 Manoel de Siqueira, padre secular, professor régio de filosofia racional, levou para Cuiabá. A lista consta de 98 títulos, e “nela, as ciências profanas imperavam, totalizando 77 livro (contra dezesseis de ciências sacras). Consoante o exercício da docência de filosofia (que abrangia as ciências), o padre tinha quinze obras de filosofia e vinte de ciências naturais (botânica, química, medicina e física), incluindo livros de ilustrados (Verney, Genovesi, Condillac e Theodor de Almeida) e de renomados cientistas (Musschenbroek, Lavoisier, Chaptal e Tissot)” [VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 367].

mesmo tempo em que a ciência se especializava, proporcionou também o surgimento de dois tipos de obras: uma de popularização científica (que alcançou seu apogeu no século XIX, embora sem conseguir se impor aos escritos científicos eruditos), e outro, a produção de manuais até o nível de admissão na universidade. Essa nova bibliografia surgiu por volta de fins do século XVIII, e era destinada tanto ao cientista quanto ao leigo, e até inícios do século XIX caracterizou-se pela tentativa de se levar os resultados da ciência até o público, principalmente naqueles aspectos relacionados à saúde e à higiene¹⁰⁴.

Os resultados disso foram tímidos, mas as pressões geradas pelo industrialismo em curso e pelas guerras prepararam o caminho para as transformações ocorridas entre 1750 e 1815, quando então se implantaram melhoramentos públicos como água, esgoto e calçamento das ruas em regiões de língua alemã, na França revolucionária e na Grã-Bretanha¹⁰⁵. Firmava-se a convicção de que os problemas de saúde e doença eram fenômenos sociais importantes para o indivíduo e para a comunidade, e o estado de saúde das populações passou a interessar mais aos governantes. Essa preocupação já vinha desde finais do século XVI e início do XVII, e era condizente com as exigências do mercantilismo, que, além de uma teoria econômica, era também uma prática política de controle da entrada e saída de mercadorias, controladora da atividade produtora da população. França, Inglaterra, Alemanha e Áustria já calculavam a força ativa de suas populações organizando estatísticas de nascimento e morte, contabilizando os habitantes de seus territórios.

A idéia de que a saúde da população de uma nação deveria ser de responsabilidade do Estado tomava corpo. No entanto, esses cuidados sanitários visando o poder estatal tinham pouca condição de alcançar o homem pobre, o que mais sofria com os efeitos devastadores de doenças provocadas pela miséria. Os desejos muitas vezes utópicos do espírito iluminista e humanitarista se alastravam, sem que, no entanto, houvesse uma intervenção efetiva ou organizada para elevar o nível de saúde da população.

Na França, essa tendência pode ser observada na composição da “Enciclopédia”, no número de artigos escritos sobre a duração da vida, construção e organização de hospitais e análises de população, que indicam claramente essa intenção no campo da saúde pública. Na Inglaterra, concomitantemente ao movimento dos enciclopedistas

¹⁰⁴ Cf. ROSEN, 1980.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 127.

franceses levantou-se uma nota de protesto humanitário relacionada à situação de saúde de grupos específicos, como a massa trabalhadora das indústrias, o que incentivou intensas discussões acerca da avaliação social da doença.

A Alemanha também se inseriu nesse movimento, visando o fortalecimento do Estado, e, em fins do século XVIII, após um período de intensas lutas políticas, firmou sua resistência em dois pontos: o exército e a escola¹⁰⁶. Passou a desenvolver uma medicina de Estado, o que se chamou, pela primeira vez, “política médica de um Estado”.

Em 1764 W. T. Rau criou a noção de “polícia médica”¹⁰⁷, algo diferente de uma mera contabilidade de mortalidade ou natalidade, que consistia na observação de quadros de morbidade, natalidade e mortalidade, elaborados por hospitais e médicos. Criou-se uma organização administrativa na qual se acumulavam as informações sobre a população e as doenças, a partir das quais se promovia um verdadeiro esquadramento da população.

A França estava bastante distante da medicina de Estado da Alemanha, pois desenvolvia uma medicina muito mais próxima das pequenas comunidades, das cidades, dos bairros, ainda não dotada de nenhum instrumento forte de poder, embora ganhasse da medicina alemã na qualidade e cientificidade da observação. Grande parte da medicina científica do século XIX tem origem na experiência da medicina urbana francesa, que se desenvolveu no final do século XVIII a partir do aprofundamento do debate entre as antigas concepções e os novos conhecimentos científicos, que se refletiam na prática clínica.

Nesse contexto de mudanças, Portugal, que até então havia considerado que o mais interessante era formar matemáticos e astrônomos, importantes para o cálculo de distâncias necessário às navegações e às conquistas, e também diplomar legistas e teólogos que assegurassem, com suas leis, territórios para sua majestade católica, passou a se preocupar com a saúde de seus súditos. Já não bastavam apenas homens com algum conhecimento de cirurgia que acompanhassem os exércitos nas terras conquistadas e estivessem nas caravelas para socorrer doentes e feridos nos assaltos às cidades da Índia. A acanhada medicina portuguesa não era condizente com os avanços lusitanos

¹⁰⁶ FOUCAULT, 1982.

¹⁰⁷ ROSEN, 1980.

pelo mundo, embora, na prática, de um modo geral, não se distanciasse muito de outras nações européias, praticando uma terapêutica baseada em sangrias, purgas e clisteres¹⁰⁸.

Por força da feroz Inquisição ibérica, as pesquisas e descobertas de importantes centros europeus não encontraram ressonâncias e nem seguidores em centros universitários como Salamanca e Coimbra, escolas onde estudaram os físicos e cirurgiões que até o século XVII exerceram a profissão no Brasil. O ensino médico se retraiu após D. João III, e a “aula de cirurgia” (1557) foi seu último ato na reforma universitária. Enquanto no restante da Europa Vesálio dirigia os estudos anatômicos, na universidade de Coimbra o ensino estava preso a Galeno. O professor de medicina que iniciou em Coimbra o ensino da anatomia em cadáver humano foi José Correia Picanço, nascido na Bahia, já em fins do século XVIII.

No entanto, alguns importantes pensadores portugueses se destacaram em países europeus e colaboraram para aproximar o reino das nações iluminadas da Europa, contribuindo com a reforma pombalina. Essa reforma acabou por exercer um papel importante relacionado aos aspectos ligados à saúde da população. Dentre os diversos pensadores que participaram desse movimento, dois deles foram considerados por nós como fundamentais: o médico, filósofo e pedagogo “estrangeirado” Antonio Nunes Ribeiro Sanches e o médico e naturalista italiano, naturalizado português, Domingos Vandelli.

Ribeiro Sanches (1699-1783), nascido em Penamacor, na Beira Alta, era filho de um comerciante de sapatos, sobrinho de um médico e de um jurisconsulto. Aluno de Boerhaave (1668-1738), que é hoje considerado um dos pioneiros da higiene pública moderna, Ribeiro Sanches escreveu uma obra amplamente divulgada nas colônias lusas, o *Tratado da conservação de saúde dos povos*¹⁰⁹, na qual discorria sobre a necessidade de cada nação possuir leis e regulamentos para se prevenir de doenças e conservar a saúde dos súditos. Seus escritos lançaram a base teórica para a reforma da Universidade de Coimbra, (1772)¹¹⁰ e para a instituição da Faculdade Real de Medicina. Sanches influenciou também na implementação da Faculdade de Filosofia, e na fundação da Academia de Ciências de Lisboa, em 1779.

¹⁰⁸ GOMES, Ordival Cassiano. *História da medicina no Brasil no século XVI*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de História da Medicina, 1974, p. 90-91.

¹⁰⁹ SANCHES, 1757.

¹¹⁰ Sobre a reforma da Universidade de Coimbra, ver GAUER, 1996.

Antes de se auto-exilar de Portugal, aos 27 anos de idade, Ribeiro Sanches frequentou, na Universidade de Coimbra, o Colégio das Artes e, em seguida o curso de Direito Civil. Não se adaptando nem aos cursos e nem ao ambiente acadêmico de Coimbra, dirigiu-se a Salamanca, onde se formou em medicina, em 1724. Exerceu a atividade médica em Benavente, nas proximidades de Lisboa. Seus receios do Tribunal da Inquisição o levaram a Pisa, onde frequentou a universidade, e de lá a Londres, onde também frequentou hospitais e cursos, como medicina, cirurgia, matemática, física, química, ciências naturais e farmácia. Após dois anos em Londres, Ribeiro Sanches seguiu para Montpellier, até que foi convidado para acompanhar os estudos de um jovem na universidade holandesa de Leide, para onde chegou.

Em Leide, Sanches conheceu e foi aluno de Herman Boerhaave. Quando o Colégio dos Médicos do Império Russo solicitou ao médico holandês que encaminhasse à Rússia três de seus discípulos, um dos escolhidos foi Ribeiro Sanches, que permaneceu em Moscou durante 16 anos, exercendo o cargo de examinador de cirurgiões, médico militar, médico do Colégio Imperial de Cadetes e assistente da imperatriz Ana Ivanovna. Foi sócio da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo e conselheiro de Estado¹¹¹.

Da Rússia, Sanches foi para Paris, onde foi membro correspondente da Academia de Ciências. Permaneceu na França até sua morte, redigindo seus trabalhos e emitindo pareceres, tanto para o governo português como para o russo, sem nunca haver retornado a Portugal. Charles Andry, colega e amigo de Ribeiro Sanches escreveu sua primeira biografia, e também herdou os manuscritos do médico português. No ano seguinte à sua morte, o professor Vicq-d'Azyr, que mais tarde foi médico pessoal de Napoleão, elaborou seu elogio acadêmico. Com a morte de Charles Andry, o espólio intelectual de Ribeiro Sanches dispersou-se por diversas bibliotecas da Europa.

A importância de Ribeiro Sanches prende-se não apenas a suas obras de caráter doutrinário, mas também pelo fato dele exercer influência direta sobre os estadistas, no tocante às reformas econômicas e sociais necessárias ao desenvolvimento do país.

¹¹¹ SÁ, Victor. Seleção, apresentação e notas. In: SANCHES, Ribeiro. *Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se* e outros textos. Lisboa: Livros Horizonte, 1980, p. 10. Para Victor Sá, Ribeiro Sanches “não foi ainda convenientemente reintegrado na consciência cultural portuguesa. “Estrangeirado” foi e, como estrangeirado, tem sido mantido em discreta penumbra, de modo a perturbar o menos possível os espíritos tranquilos. [...] Ainda em vida, o seu nome só veio a público em Portugal quando já atingia os 60 anos de idade. A segunda referência impressa de que há conhecimento, só aparecerá já no final da vida, em 1772, quando lhe é dedicada a edição portuguesa de uma obra médica” (p. 11).

Participava de um grupo que congregava Luis Carlos de Meneses, Alexandre de Gusmão e dom Luiz da Cunha, embaixador de D. João V na Inglaterra, e que no reinado de D. José I indicou Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, para ministro do reino.

Esse grupo pretendia modernizar a sociedade portuguesa, atacando os males que acreditava estar limitando as potencialidades do país; Ribeiro Sanches dele fez parte desde sua estada na Holanda (1730-1731), quando conheceu dom Luiz da Cunha, que lhe solicitou e recebeu um “Projeto para se estudar a medicina em Portugal”, muito antes da reforma da universidade de Coimbra. Foi, portanto, o precursor de reformas liberais que só vieram a se concretizar muito tempo após sua morte, e teve papel fundamental, ainda em vida, em reformas de caráter pedagógico, como a criação do Colégio dos Nobres (1761) e a reforma do ensino na Universidade de Coimbra (1772).

Sanches pregava a secularização do ensino, a separação entre o poder temporal e o poder espiritual, e o reforço do poder real na metrópole e nas colônias. Foi dele a recomendação de enviar bolsistas ao exterior, por conta do Estado, para estudar em centros prestigiados com o objetivo de formar quadros técnicos e intelectuais necessários ao desenvolvimento do país. Em seu “Tratado da conservação da saúde dos povos” chamava a atenção para a localização das cidades, para a qualidade do ar e das águas, para a importância da limpeza de ruas e espaços públicos, esclarecendo que sem tais cuidados de nada valeria toda a ciência da medicina. A essa ação do poder público chamou “medicina política”:

Nesta consideração é que me atrevi a escrever desta ordem política, desta medicina universal, tão atendida dos legisladores, fundada nas leis da natureza e nos incontestáveis conhecimentos que temos da boa física. Ajuntarei aqui todos aqueles que o meu estudo e experiência me sugeriu, tanto para poupar o trabalho dos que quiserem instruir, como para servirem de base às leis que devem decretar aqueles a quem está encarregada a conservação e o aumento dos povos. [...] Até agora parece que esta sorte de medicina política não entrou como devera na consideração dos tribunais da Europa, e ainda que vejamos nos reinos mais civilizados dela manterem-se algumas leis para a conservação da saúde dos povos, é certo serem defeituosas, o que mostrará todo este tratado.¹¹²

Sanches era seguidor de Boerhaave, médico holandês, por sua vez seguidor de Sydenham (1624-1689), médico inglês, que defendia o empirismo clínico. Criador da concepção de “espécie morbífica”, Sydenham norteou a nosologia moderna, para a qual

¹¹² SANCHES, 1757, p. 8.

a tipificação das doenças decorreria, por indução, da experiência clínica. Através de Boerhaave, pela primeira vez na medicina ocidental a doença passou a ser interpretada em sua dupla natureza: como problema político e como problema clínico.

Ribeiro Sanches fez parte de um grupo de cientistas que desejava popularizar um conhecimento até então restrito a uma elite. Esse grupo difundia grande parte do conhecimento produzido, ou aqueles considerados fundamentais, por meio de material manuscrito ou impresso, esperando com isso fornecer aos moradores dos domínios ultramarinos as “luzes” necessárias para o crescimento da produção agrícola das colônias. Esses estudiosos estavam afinados com as intenções do secretário de Estado, dom Rodrigo de Sousa Coutinho, que desejava difundir saberes e técnicas modernas seguidas pelos países “iluminados” para a ampliação dos conhecimentos dos agricultores do reino e das colônias ultramarinas¹¹³. Essa intenção foi claramente exposta por Ribeiro Sanches no prólogo de seu “Tratado”, ao explicar que seu estudo poderia ser útil aos prelados dos conventos, abadessas, inspetores de hospitais “e a cada pai de família”:

Estes motivos me obrigaram a compor este tratado em estilo tão claro que todos o pudessem entender para satisfazer o intento que me propus de ser útil a quem o quisesse ler. Se não adquirir por este trabalho os aplausos de erudito, bem premiado ficarei se aqueles a quem escrevo tirarem toda a utilidade que dele concebi.¹¹⁴

O segundo personagem, Domingos Vandelli (1730-1816), foi outro importante colaborador das reformas pombalinas. Italiano, radicado em Portugal desde 1765, foi responsável pela criação do curso de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra. Como criador e professor desse curso, Vandelli, que também era economista e conselheiro de finanças do rei, oferecia aos naturalistas que formava uma história natural de base econômica, adaptada ao que se pretendia obter de conhecimentos de territórios ainda pouco explorados. Nessa ótica, quanto melhor se conhecessem as riquezas naturais através da ciência, mais delas se poderia extrair riquezas. Essa orientação influenciou não apenas os naturalistas formados em Coimbra, mas também muitos governantes que foram membros de academias e escreveram memórias cujos temas passavam pela agricultura, pesca, indústria e utilidade de produtos naturais, sempre visando o bem-estar e a riqueza da nação.

¹¹³ DOMINGUES, 2001, p. 830.

¹¹⁴ SANCHES, 1757, p. 8.

Foi também Vandelli quem organizou viagens de reconhecimento às terras de ultramar, concretizadas nas viagens científicas ao Brasil, África e Ásia¹¹⁵. Por toda sua atuação à época, Vandelli é personagem importante para o conhecimento do naturalismo português no período¹¹⁶. Suas instruções aos naturalistas estavam contidas na obra *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*¹¹⁷, escrita em 1779. Dentre as regras preconizadas pelo professor estava aquela que dizia ser necessário ao naturalista

observar o calor e o frio da atmosfera, o seu aumento até ao mais alto grau e o seu decremento até o mais baixo, observando todos os dias por termômetros exatos a pureza do ar, ou se é infestado, averiguar a causa disto, como são pela maior parte charcos ou águas estagnadas, névoas e arvoredos cerrados, que não permitem livre acesso ao ar atmosférico mostrando os meios de se desempossarem estas águas, e indicar todos os remédios aplicáveis para respirarem um ar mais puro e sadio. As doenças mais raras, principalmente as idêmicas [*sic*], e os medicamentos domésticos que os naturais do país têm descoberto serem os mais específicos para estas ou aquelas doenças, constituem um dos objetos mais importantes da medicina.¹¹⁸

Observa-se em Vandelli muitos dos pressupostos já defendidos por Ribeiro Sanches. Explicava, nas instruções, o modo de se conhecer a salubridade de uma terra, indicando que para isso bastava observar a disposição de seus habitantes e as doenças endêmicas que vigoravam:

No Brasil, onde as erisipelas são tão freqüentes e outras doenças, se deve indagar as causas principalmente da mortéia ou mal de S. Lázaro, espécie de doenças que não parece ser própria daquele país, e talvez passasse da África com os pretos para aquele continente, da mesma sorte que para lá trouxeram o escorbuto, ou mal de Luanda. Além destas se devem observar as carneiradas, tão freqüentes em algumas terras do Brasil, principalmente nas que rega o rio S. Francisco, onde costumam fazer estragos terríveis todos os anos nas suas enchentes. Para remediar estes males, devem se averiguar os remédios mais específicos que se têm até aqui descoberto.¹¹⁹

Preocupavam Vandelli também as doenças epidêmicas que poderiam ser originadas de outros continentes, visão nova na medicina da época. Enfatizava a

¹¹⁵ DOMINGUES, 2001, p. 824.

¹¹⁶ GUEDES e ARRUDA, 2000, p. 509-524.

¹¹⁷ VANDELLI, 1779.

¹¹⁸ VANDELLI, 1779, parte 1ª.

¹¹⁹ *Ibidem*, parte 2ª.

necessidade de se observar como os colonos se tratavam, pois os medicamentos domésticos descobertos por eles seriam de grande importância para a medicina metropolitana¹²⁰.

Vandelli difundiu a corrente científica conhecida como “economia da natureza”, que estava sendo sistematizada pelo naturalista sueco Carl Lineu (1707-1778), com quem se correspondia. Essa economia da natureza pressupunha a existência de equilíbrios interdependentes entre as várias partes do mundo natural, de modo que cada elemento tinha uma função relevante para a dinâmica coletiva. Segundo Lineu, a destruição de uma única espécie animal provocaria um desastre ambiental.

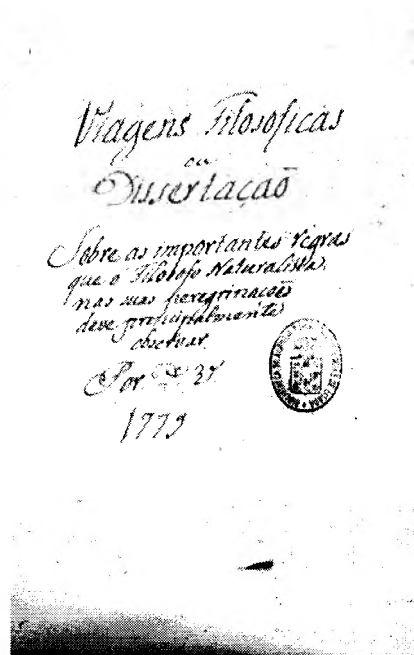
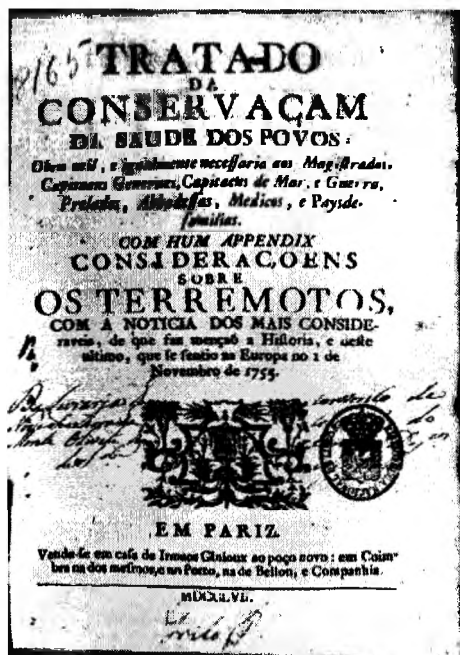
A partir de então surgiram análises sobre o impacto da ação humana sobre o sistema natural, e uma das mais importantes foi a “teoria do dessecamento”, desenvolvida a partir de estudos de naturalistas como o inglês Stephen Hales (1677-1761) e os franceses George-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), e Duhamel du Monceau (1700-1782).

Essa teoria configurou a primeira concepção científica moderna sobre o risco de mudanças climáticas causadas pela ação humana, pois relacionava a destruição de florestas e da vegetação nativa com a redução da umidade, das chuvas e dos mananciais de água. Com o apoio destas teorias Vandelli criticou, em sua “Memória sobre a agricultura de Portugal e de suas conquistas”, de 1789, a situação da agricultura no Brasil, que se espalhava

nas bordas dos rios no interior do país, mas isso com um método que com o tempo será muito prejudicial. Porque consiste em queimar antiqüíssimos bosques cujas madeiras, pela facilidade de transporte pelos rios, seriam muito úteis para a construção de navios, ou para a tinturaria, ou para os marceneiros. Queimados estes bosques, semeiam por dois ou três anos, enquanto dura a fertilidade produzida pelas cinzas, a qual diminuída deixam inculto este terreno e queimam outros bosques. E assim vão continuando na destruição dos bosques nas vizinhanças dos rios.¹²¹

¹²⁰ *Ibidem*, parte 1ª.

¹²¹ VANDELLI, Domingos. Memória sobre a agricultura de Portugal e de suas conquistas. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, tomo I, 1789.



O professor já sabia que com a continuidade das práticas depredadoras muitas espécies ainda desconhecidas dos botânicos poderiam desaparecer ou se tornar raras¹²². Embora nunca tivesse viajado ao Brasil, o naturalista italiano recebia informações enviadas por seus ex-alunos brasileiros e também de naturalistas amadores¹²³.

A idéia que norteava a todos esses ex-alunos de Vandelli era quase sempre antropocêntrica, cientificista e progressista. A conservação da natureza e da vida selvagem não era defendida com base no seu direito autônomo à existência e no seu valor intrínseco, fosse estético ou espiritual, mas sim em seu valor instrumental para o país. Não cabia isolar a natureza da sociedade. Ela devia ser plenamente estudada pela ciência e utilizada corretamente para o progresso econômico, que não era encarado como necessariamente degradador do meio ambiente.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ Ver DRUMMOND, J. A. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: Ed. UFF, 1997.



MB-RES.1. vol 1. Manoel Tavares da Fonseca - Atividades recomendadas aos naturalistas durante as viagens filosóficas.

3. A escolha de Alexandre

Seguindo um plano longamente gestado, em 1783 Martinho de Melo e Castro solicitou à Universidade de Coimbra nomes que pudessem coordenar as já programadas expedições científicas às colônias. Foram-lhes indicados por Domingos Vandelli alguns estudantes brasileiros que haviam sido seus alunos: Joaquim José da Silva (Angola,

1783-1808); João da Silva Feijó¹²⁴ (Cabo Verde, 1783-1797); Manuel Galvão da Silva (Bahia, Goa e Moçambique, 1783-1793) e Alexandre Rodrigues Ferreira (capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, no Brasil, 1783-1792)¹²⁵. Dentre todos estes naturalistas, Rómulo de Carvalho considerou Alexandre Rodrigues Ferreira “o mais notável de todos os observadores e pesquisadores da América portuguesa no domínio da história natural”¹²⁶.

A escolha do nome de Alexandre foi feita antes mesmo que se formalizasse seu doutoramento¹²⁷. Nascido na Bahia, em 1756, oriundo de uma família de comerciantes¹²⁸, era filho de Manuel Rodrigues Ferreira, que desejava destiná-lo à vida eclesiástica. Foi encaminhado aos primeiros estudos e tomou “ordens menores” em 20 de setembro de 1768, com apenas doze anos¹²⁹. Como não havia condição para continuar sua formação na colônia, o pai o enviou ao reino, em 1770, para que se preparasse para a vida eclesiástica. No entanto, já na Universidade de Coimbra, decidiu-se pela Faculdade de Filosofia, cursando em 1773 a Faculdade de Leis, em 1774 a Faculdade de Filosofia Natural, e em 1775 a Faculdade de Matemática.

O curso filosófico, cuja duração era de quatro anos, era composto de quatro disciplinas, uma em cada ano: filosofia racional e moral, história natural, física experimental e química. A idade mínima para se matricular era 14 anos, e deveriam entender e ler o latim e o grego. No segundo ano, as aulas de história natural eram

¹²⁴ FEIJÓ, João da Silva. *Itinerário filosófico que contém a relação das ilhas de Cabo Verde disposto pelo método epistolar dirigidas ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor Martinho de Melo e Castro pelo naturalista régio das mesmas João da Silva Feijó, 1783*. Biblioteca Nacional de Lisboa, seção de manuscritos.

¹²⁵ Cf. SIMON, 1983. Rómulo de Carvalho também fez referência a um grupo de naturalistas que já se encontrava no Brasil, cujos nomes retirou de uma carta enviada por Vandelli ao ministro Melo e Castro. Nessa carta listou, como “bacharéis de filosofia que assistem no Brasil”: Joaquim Veloso (Vila Rica); Francisco Vieira do Couto (Serro do Frio); Serafim Francisco de Macedo (Vila de São Francisco da cidade da Bahia); José da Silva Lisboa (Bahia); Estácio Gualarte (Rio de Janeiro). “Estes são todos bons e capazes de observar e recolher as produções naturais. Os seguintes podem ser bons correspondentes, como Antonio da Rocha Barbosa, no Rio de Janeiro, e Joaquim Barbosa de Almeida, na Bahia” (VANDELLI, Domingos. “Rol dos instrumentos, drogas e mais utensílios pertencentes à história natural, física e química que são indispensáveis a um naturalista que viaja”. *Apud* CARVALHO, 1987, p. 83).

¹²⁶ CARVALHO, 1987, p. 91.

¹²⁷ Alexandre Rodrigues Ferreira doutorou-se em Filosofia em 10 de janeiro de 1779 (cf. CORRÊA FILHO, 1939, p. 20).

¹²⁸ Cf. VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)* Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.27.

¹²⁹ LIMA, 1953, p. 8; CORRÊA FILHO, 1939, p. 13.

ministradas todas as tardes, durante uma hora e meia, e uma obra obrigatória era a “História natural de Plínio”¹³⁰.

Ainda estudante, foi nomeado “demonstrador de história natural” e, no último ano, classificou-se em primeiro lugar em seu curso. No doutoramento, foi apadrinhado por Domingos Vandelli¹³¹, e o recém-formado seria escolhido naturalista chefe da expedição que deveria percorrer a região menos conhecida do Brasil, que era então a Amazônia e parte da fronteira oeste com as possessões espanholas da então capitania de Mato Grosso.

Na colônia portuguesa da América, a Amazônia colocava-se como um território que exigia conhecimentos mais sistemáticos. Desde Pombal que se envidavam esforços para consolidar o domínio lusitano na região, o que já se fazia através das expedições demarcadoras. No entanto, em fins do século XVIII, o interesse pela Amazônia extrapolava àqueles mais imediatos de assegurar seu domínio a Portugal; consideravam-na um mundo que se devia preservar através do conhecimento de suas potencialidades e daquilo que isso lhes reverteria em benefícios¹³². Além do mais, no espaço amazônico havia se estruturado uma sociedade cuja mestiçagem havia sido incentivada pelo próprio Estado metropolitano, sociedade essa que, por suas raízes lusitanas, ajudava a torná-la um espaço português¹³³.

Aos cientistas caberia parte fundamental dessa missão, e Ferreira, como naturalista chefe de uma missão científica como a “Viagem Filosófica”, seria o responsável pela elaboração, nos mal conhecidos territórios amazônicos, de estudos etnográficos e de observações filosóficas e políticas que considerasse importante registrar, o que incluía a coleta, o preparo e o envio de produtos naturais para o Real Museu de Lisboa¹³⁴.

Do convite até a partida Ferreira esperou cinco anos, durante os quais trabalhou no Real Gabinete da Ajuda e fez estudos científicos na região de Setúbal e na mina de carvão de Buarcos¹³⁵. O aviso de sua nomeação saiu em agosto de 1783, e em 1 de

¹³⁰ CARVALHO, 1987, p. 40-43.

¹³¹ LIMA, 1939, p. 9.

¹³² Sobre esse assunto, ver FERREIRA, Isabella Fagundes Braga. *Territorialidades de um império: a Amazônia colonial (1751-1759)*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.

¹³³ REIS, 1957, p. 326.

¹³⁴ CUNHA, 1991, p. 17.

¹³⁵ Ferreira trabalhou na mina de carvão de pedra de Buarcos em colaboração com Silva Feijó, que foi o naturalista responsável pela viagem filosófica a Cabo Verde (cf. CORRÊA FILHO, 1939, p. 196).

setembro de 1783 partiu de Lisboa na embarcação “Águia Real e Coração de Jesus”¹³⁶. A comitiva viajou em companhia de Martinho de Souza Albuquerque, que ia para ocupar o cargo de capitão general governador do Grão-Pará, e de frei Caetano Brandão, que ia assumir o bispado¹³⁷. A equipe compunha-se de dois riscadores, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, e do jardineiro botânico Agostinho Joaquim do Cabo. Após 51 dias de viagem o navio ancorou na baía de Guajará, no dia 21 de outubro de 1783.

O grupo chefiado por Ferreira dirigiu-se ao seu destino com ordens muito precisas relacionadas às suas atividades, e produziu informações sobre a Amazônia lusitana, seguindo objetivos específicos e procedimentos metodológicos comuns que deram origem a um conjunto homogêneo de dados sobre o território, o ambiente e a população, em conformidade com o modelo de trabalho científico de cunho sistematizador indicado por Vandelli¹³⁸.

Durante o período em que permaneceu na Amazônia encontrou-se com outras equipes de estudiosos encarregados da fixação definitiva da fronteira luso-espanhola, como Ricardo Franco de Almeida Serra, Antonio Pires da Silva Pontes, Francisco José de Lacerda e Almeida, Antônio José Landi e Felipe Sturm, além de militares, professores e técnicos para os trabalhos de campo, todos envolvidos no projeto do reino de conhecer as particularidades da Amazônia e de delimitar suas fronteiras¹³⁹. Contou com a admiração e a proteção do general João Pereira Caldas¹⁴⁰, comissário plenipotenciário para a demarcação dos limites, e também com a colaboração do governador Manuel da Gama Lobo D’Almada e de José Monteiro de Noronha, vigário geral do Rio Negro. No entanto, seu mais destacado auxiliar foi o bolonhês Antonio

¹³⁶ A viagem de Lisboa a Belém foi registrada em diário pelo jardineiro botânico Agostinho José do Cabo, “Diário da viagem que fiz da cidade de Lisboa para a do Pará ao primeiro de setembro de 1783”. In: *Catálogo da exposição de história do Brasil*, suplemento, vol. IX. Rio de Janeiro, 1883. Apud REIS, 1957, p. 323.

¹³⁷ CORRÊA FILHO, 1939, p. 31.

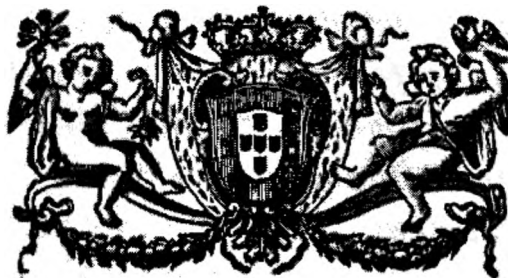
¹³⁸ VANDELLI, 1779.

¹³⁹ REIS, 1957, p. 324.

¹⁴⁰ Pereira Caldas governou o Piauí entre 1759 e 1769 e, a partir de 1772, governou o Pará e o Rio Negro. Teve importante participação na demarcação dos limites estabelecidos no Tratado de Santo Ildefonso (1777) e, embora governador nomeado da capitania de Mato Grosso e Cuiabá não chegou a tomar posse. Como comissário das demarcações influiu nas expedições realizadas na Amazônia, fossem científicas ou administrativas, providenciando roteiros, transportes, mantimentos e segurança militar aos grupos. Na expedição de Ferreira, Caldas funcionou como um intermediário entre o Ministério dos Negócios e Domínios Ultramarinos e o naturalista. (cf. VAINFAS, 2000, p. 332).

José Landi, arquiteto, desenhista e naturalista amador que, embora não fizesse parte oficial da expedição, teve trabalhos seus incorporados a ela.

Dos quase dez anos que Ferreira permaneceu na Amazônia, cerca de três deles passou em trabalhos pela capitania de Cuiabá e Mato Grosso (1789-1792), contando as demoras das viagens de vinda do Pará a Vila Bela e do retorno de Vila Bela ao Pará.



Capítulo II

Jornadas ao centro da América do Sul

Assim que chegou ao Pará, em outubro de 1783, o doutor Alexandre Rodrigues Ferreira escreveu à rainha, na qualidade de naturalista empregado da Expedição Filosófica dos Estados do Grão Pará, solicitando a mercê de ingressar em uma das três ordens militares, convencido de que isso era necessário “para honrar os seus trabalhos”¹⁴¹. A justificativa apresentada era a de que, durante dois anos havia servido como demonstrador de História Natural na Universidade de Coimbra, sem receber nada por isso. Além do mais, havia executado trabalhos, durante cinco anos, no “Real Gabinete da Ajuda”, “examinando as produções, e fazendo as experiências que lhe eram ordenadas, enquanto não foi mandado para o Pará, para onde foi chamado da Universidade”. Frisava, ainda, que o trabalho na América, “tão novo neste reino e tão laborioso”, implicava, além de enormes responsabilidades, “infinitos perigos por mar e por terra”, o que tornava ainda mais justa a sua reivindicação¹⁴².

Nos dias que se seguiram à chegada da comitiva Ferreira deu início às primeiras incursões pela região, e se encantou com a natureza exuberante que o cercava, “um paraíso”. As viagens feitas ao interior da ilha de Joanes¹⁴³, em canoa construída especialmente para o naturalista¹⁴⁴, apenas confirmaram suas primeiras impressões. Percorreu a região até 24 de dezembro, quando então a expedição retornou à cidade do Pará. A etapa seguinte foi uma viagem ao rio Tocantins, para a qual o grupo seguiu no

¹⁴¹ Ao retornar a Portugal, Ferreira recebeu o “Hábito de Cristo”, cuja tença era de 60 mil réis. Cf. LIMA, 1953, p. 17. Em fins do século XVIII, vários critérios eram exigidos dos candidatos a uma vaga em uma ordem militar, tal como “limpeza de sangue” e prestação de serviços à Coroa. (Sobre o assunto, ver: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 437).

¹⁴² AHU - 013 - cx. 90 – doc. 7325. [Post. 1783, agosto, 14]. Cidade do Pará. *Requerimento do naturalista empregado na Expedição Real Filosófica do Estado do Pará, Alexandre Rodrigues Ferreira, para a rainha D. Maria I, solicitando a mercê do hábito de uma das três ordens militares*. A solicitação de Ferreira foi acompanhada de um atestado do doutor Domingos Vandelli, datado do dia 14 de agosto de 1783, confirmando as atividades de demonstrador de história natural de Ferreira em Coimbra, nos anos de 1777 e 1778, “sem por isso perceber da Universidade emolumento algum”, até que em 15 de julho de 1778 foi mandado partir para Lisboa, como naturalista nomeado na viagem filosófica ao Brasil. Atestava Vandelli que Ferreira havia visitado a mina de carvão de pedra de Buarcos, e que o naturalista esteve sempre “pronto e aplicado em fazer experiências que lhe eram consignadas, examinar e reduzir os produtos do Real Gabinete, percebendo por isso de sua majestade a quantia de 200 réis de comedorias por ano e casas pagas”.

¹⁴³ Atual Marajó.

¹⁴⁴ LIMA, 1953, p. 10.

dia 15 de janeiro de 1784. Após 75 léguas de viagem de reconhecimento e de recolha de material, os expedicionários retornaram à cidade do Pará, em 29 de janeiro.

Dentre as obrigações de Ferreira, exigência do ministro Melo e Castro, estava a de encontrar local apropriado para a plantação de linho cânhamo, e nessa procura a expedição movimentou-se, durante quase todo o ano de 1784, em direção às várias ilhas da região. Após o plantio, voltou à cidade do Pará, onde permaneceu em pesquisas até que, no mês de outubro, navegou o rio Amazonas, entrou pelo rio Negro, seus braços e vilarejos, até alcançar o rio Branco, viagem que adentrou pelos anos de 1785 e 1786¹⁴⁵. Nesse período, produziu sete “participações”, dirigidas a João Pereira Caldas, nas quais tratava principalmente de questões agrícolas e administrativas, muito mais a obra de um inspetor do que a de um naturalista¹⁴⁶. Também enviou vários volumes de espécimes coletadas ao ministro Mello e Castro, além de quatro memórias, sendo uma delas sobre as enfermidades endêmicas do Rio Negro, que havia solicitado ao cirurgião Antônio Araújo Braga¹⁴⁷, e um tratado de agricultura.

Em seguida dirigiu-se a Barcelos, e o longo período que lá passou o desgostou. Desejava explorar o rio Japurá, mas o governador João Pereira Caldas não o permitiu, alegando falta de instruções de Lisboa naquele sentido. As ordens reais chegaram apenas em janeiro de 1788 e, ao contrário do que pretendia o naturalista, ordenava que a expedição seguisse em direção à capital da capitania do Cuiabá e Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, através do rio Madeira, etapa já prevista desde Lisboa:

... é sua majestade servida que, sem perda de tempo, passe vossa mercê ao rio da Madeira, acompanhado dos mesmos desenhadores e jardineiro botânico que pertencem à Expedição Filosófica a vossa mercê cometida, e que pelo dito rio acima haja todos de seguir até em Vila Bela, capital das capitanias de Mato Grosso, encontrarem o ilustríssimo e excelentíssimo capitão general Luiz de Albuquerque de Melo e Cáceres, para dali se continuarem os exames e diligências que a vossa mercê são presentes.¹⁴⁸

As cartas e ofícios trocados entre Ferreira e João Pereira Caldas demonstram a insatisfação do naturalista pelo fato das ordens recebidas pelo governador em 31 de

¹⁴⁵ FERREIRA, 1983. Alexandre Rodrigues chegou com seu grupo ao rio Branco em abril de 1786.

¹⁴⁶ LIMA, 1953, p. 11.

¹⁴⁷ Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira ao cirurgião Antonio Araújo Braga. Barcelos, 20 de fevereiro de 1786. *Apud* FERREIRA, 1983, p. 744.

¹⁴⁸ Doc. L – Pará, 30 de janeiro de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas a Alexandre Rodrigues Ferreira encaminhando ordens reais de seguir para o Mato Grosso com a expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 224.

outubro de 1787, só terem sido comunicadas a ele, o maior interessado, dez meses após a data de seu recebimento¹⁴⁹. As ordens eram claras: durante o trajeto para o Mato Grosso, os expedicionários deveriam fazer exames, explorações e coleta de “peixes, arbustos de água, conchas, pedras das diferentes cachoeiras e o mais que se puder descobrir da parte dos rios, e igualmente musgos, grama, arbustos, plantas, amostras de madeira”¹⁵⁰. Tudo deveria ser encaminhado ao Real Gabinete de História Natural.

Foi grande a decepção de quem, cansado e doente, já havia passado cinco anos na Amazônia em duros trabalhos. Ferreira desejava voltar a Lisboa para organizar todo o material que havia coletado, e sabia que quanto mais passasse o tempo, mais riscos corriam suas amostras tão duramente conseguidas. Em carta ao ministro Melo e Castro, em Barcelos, no ano de 1786, Ferreira se queixava das doenças que acometiam os expedicionários após a viagem ao Rio Branco, principalmente Joaquim Freire e Joaquim Codina, “que desde que chegou tem custado a restabelecer das febres, dores de estômago e de ventre que ali adquiriu”. Um outro motivo de preocupação, registrada na mesma carta, era sua incerteza em relação ao estado das produções que havia enviado a Portugal: “e esta é a mais pungente mortificação que passo, vacilando sempre, se ao penosíssimo trabalho que todas elas custam em observar, recolher e preparar sobreviverá à desgraça de chegarem mal acondicionadas”¹⁵¹.

Enquanto homem de ciência Ferreira manifestou seu desagrado com a próxima etapa da expedição à capitania de Cuiabá e Mato Grosso, mas, como funcionário colonial que era, e cioso de suas obrigações, deu início à preparação da viagem.

(...) abaixo para a terra a minha cabeça e, recebendo humilde e resignado a ordem que vossa excelência me dirige de passar para a capitania de Mato Grosso, fico-me dispondo a partir quando sua excelência me mandar, e parto do modo e como vossa excelência me ordenar que eu parta.¹⁵²

¹⁴⁹ O documento recebido por Caldas faz referência à presença de três naturalistas, o que inexistiu na expedição. Pela dimensão da empreitada houve mesmo essa intenção inicial, mas seguiram apenas dois “desenhadores”, Freire e Codina, e um jardineiro botânico, Joaquim José do Cabo.

¹⁵⁰ Doc. LXVII – Barcelos, 23 de agosto de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas a Alexandre Rodrigues Ferreira com instruções para a viagem ao Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 267-268.

¹⁵¹ Barcelos, novembro de 1786. Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro. *Apud* FERREIRA, 1983, p. 30.

¹⁵² LIMA, 1953, p. 244-246.

1. Rumo aos incultos sertões da América

A distante capitania de Mato Grosso e Cuiabá, criada em 1748 para além da linha fronteiriça acordada com a Espanha¹⁵³, cobria uma superfície de território de 65 mil léguas quadradas, limitando ao norte com o Grão-Pará, ao sul com a capitania de São Paulo e a capitania de Goiás, e a oeste com as possessões espanholas. A base de sua população era predominantemente indígena, formada por diversos grupos que poucos brancos procuravam dominar. Marcava também o perfil demográfico da capitania uma presença significativa do escravo negro trazido para as lavras de ouro. Desse modo, a mestiçagem foi uma de suas características principais¹⁵⁴.

¹⁵³ Carlos Alberto Rosa nos esclarece sobre a formação da capitania do Cuiabá e Mato Grosso. Segundo este autor, nas minas do Cuiabá a colonização propriamente dita teve início em fins de 1722. Em 1723 ordens reais mandavam “fundar vila” no Cuiabá, ato regulado pelo governador de São Paulo. Este, no entanto, seguiu para estas minas apenas em 1727. A partir de então, a Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá passou a sediar câmara e estendeu jurisdição a um “termo”, “que até 1751 ia do Guaporé ao Araguaia, do Arinos/Juruena ao Paraná”. Em 1734, quando se descobriram minas de ouro em território Pareci, passou-se a denominar a nova área mineratória “Mato Grosso”, que seria distrito do “termo” da Vila Real, que, por sua vez, era ligada à capitania de São Paulo. “Logo suas balizas foram ampliadas a noroeste, pelo sistema fluvial Guaporé/Madeira, novo elo entre os dois Estados da América portuguesa. [...] O distrito do Mato Grosso, parcela do ‘termo’ da Vila Real, passou a receber tratamento preferencial. Desde 1746 ficou definida uma ‘fronteira’ entre o Cuiabá e o Mato Grosso”. Com a criação da capitania, em 1748, foi incluído o nome “Mato Grosso” ao de Cuiabá, e no ano seguinte se ordenava que sua capital deveria se localizar no vale do Guaporé. Portanto, enfatiza Rosa, “a capitania de Mato Grosso foi territorializada sobre o ‘termo’ da vila do Cuiabá. A noroeste do ‘termo’ do Cuiabá projetou-se novo ‘termo’ para vila a ser fundada no distrito do Mato Grosso. Isso introduziu dupla espacialização, políticas de colonização diferenciadas para o Cuiabá e para o ‘Mato Grosso’. Desse modo, a capitania foi composta por dois ‘termos’, ou ‘repartições’: o Cuiabá e o ‘Mato Grosso’. Por vezes usava-se a expressão ‘capitanias’, para referir uma e outra parcela” (ROSA, Carlos Alberto. O urbano colonial na terra da conquista. In: ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de (orgs.). *A terra da conquista: história de Mato Grosso colonial*. Cuiabá: Adriana, 2003, p. 11-45). Ver, também, ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.

¹⁵⁴ Em 1771 a população branca da capitania perfazia 18,36%, enquanto que aquela de índios, mestiços, pardos, pretos forros, pardos e pretos cativos, representavam 81,64% do conjunto da população (cf. SILVA, Jovam Vilela. *Mistura de cores: política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso, século XVIII*. Cuiabá: Ed. UFMT, 1995, p. 21).

Zona de fronteira política em constante alerta¹⁵⁵, o território da capitania merecia atenção especial da coroa portuguesa evidenciado no cuidado com que eram escolhidos seus administradores; todos seguiam uma rígida política traçada para consolidar o poder lusitano na região da raia oeste, cujo objetivo principal era manter os castelhanos além Guaporé. Por conta disso, durante grande parte do século XVIII vigorou uma situação de constante tensão nas mais de quinhentas léguas fronteiriças entre os mal delimitados limites luso-castelhanos na América Meridional¹⁵⁶.

Às questões de política internacional juntavam-se aquelas resultantes das idiossincrasias próprias da necessidade de convivência entre as múltiplas etnias e diferentes culturas que habitavam a capitania¹⁵⁷. Em seu território conviviam grupos humanos transplantados à força, como os escravos negros, índios forçados a migrações que extrapolavam seus territórios tradicionais, brancos pobres que se lançavam por caminhos mal traçados e quase sempre pouco conhecidos em busca de fartura de terras e alimentos, empurrados pela penúria do reino ou pela falta de perspectivas em outras partes da colônia, administradores que tentavam se adaptar a uma vida rústica, e grupos de cientistas trabalhando na delimitação das fronteiras.

Todos, independentemente de seu lugar social estavam mais, ou menos expostos aos perigos das doenças, pois essa convivência, mesmo que se pretendesse pacífica era perigosa do ponto de vista da saúde, já que levava também às trocas de vírus e bactérias e todas as suas manifestações nos difíceis caminhos coloniais. Além dessas trocas naturais o próprio cotidiano nas minas, nas matas e nos rios mostrava-se extremamente perigoso, e o grande risco que acompanhava a todos era a morte prematura por acidente, por doença ou por ataques de animais¹⁵⁸.

¹⁵⁵ Sobre a ação política de Portugal na fronteira Oeste na primeira metade do século XVIII, ver CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.

¹⁵⁶ Sobre os tratados de limites, ver GUERREIRO, Inácio. As demarcações segundo o Tratado de Santo Ildefonso de 1777. In: CNCDP – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. *Cartografia e diplomacia no Brasil do século XVIII*. Lisboa, 1997; _____. *Os tratados de delimitação do Brasil e a cartografia da época*. Lisboa: Chaves Ferreira Publicações S.A., 1999.

¹⁵⁷ Sobre este assunto, ver: PRESOTTI, Thereza Martha. *O novo descobrimento das minas e sertões de Cuiabá: a mentalidade da conquista*. Brasília, 1996. Dissertação (Mestrado em História). – Universidade de Brasília; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

¹⁵⁸ Cf. SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus principios até os presentes tempos*. (1775) Cuiabá: UFMT / SEC-MT, 1975. Há, na Biblioteca Municipal do Porto, MS 235 – colocação D/5 – o manuscrito *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais escritos por José Barbosa de Sá nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Parte primeira. Ano de 1769*, com dedicatória a Luiz Pinto de Souza Coutinho, (capitão general da capitania de Mato Grosso)

Eram conhecidas as enfermidades da capitania. Quando um grupo se preparava para uma viagem longa pelo interior dos seus sertões, fosse por água ou por terra, gente anônima ou grandes autoridades, as primeiras observações feitas pelos mais experientes sertanistas nunca deixavam de enfatizar os perigos representados pelas moléstias que iriam enfrentar. Foi o que fez João Pereira Caldas, capitão general do Grão-Pará com Alexandre Rodrigues Ferreira, quando lhe repassou as ordens reais de seguir ao Mato Grosso. O governador demonstrou conhecimento e prudência nas observações que fez sobre as doenças, mortes e deserções que ocorriam sempre que se chegava à região das cachoeiras do Madeira, por serem notórias as doenças que atingiam os viajantes¹⁵⁹. Os índios remeiros do Pará, como bem enfatizou João Pereira Caldas, tinham verdadeiro horror àquela viagem¹⁶⁰, que para eles tinha o significado de uma sentença de morte, situação que foi bem discutida pelo próprio naturalista no manuscrito sobre as doenças dos índios¹⁶¹.

As dificuldades que atingiam aqueles que enfrentavam o viver na capitania – certamente comuns a outras regiões da colônia –, foram narradas por Barbosa de Sá, o cronista por excelência dessas conquistas que registrou os terríveis problemas que atingiam os que se atreviam àquela empreitada nas primeiras décadas do setecentos. Além da fome, frio e medo, as febres, as opilações, as hidropsias, as caquexias, os inchaços, as aparências de defuntos. Ainda segundo o cronista, muita gente morreu de fome, de peste, ou foi comida por onças; aqueles que conseguiam escapar a todos estes perigos corriam ainda o grande risco dos ataques indígenas, que podiam acontecer durante a viagem, ou mesmo após se arrancharem. Os que caíssem prisioneiros, caso conseguissem fugir, em geral se perdiam na mata que mal conheciam, vagando “nus e com as carnes ao rigor do tempo, sem instrumento algum de ferro, comendo frutas, cocos e gafanhotos, seguindo sempre a beira dos pantanais além do Paraguai”¹⁶². Sem experiência para enfrentar um meio ambiente que se afigurava extremamente hostil aos não iniciados, os recém chegados sofriam com o fato de não saber pescar, caçar, toldar

e assinatura de Barbosa de Sá. Do mesmo autor, há também um belo manuscrito, *Tradução dos salmos de Davi*, sob registro nº 495 (599) 1 vol. fol.

¹⁵⁹ Doc.LXVII, *apud* LIMA, 1953, p. 270-271.

¹⁶⁰ Doc. LIX. – Barcelos, 16 de maio de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas ao capitão general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres avisando sobre a viagem da expedição filosófica ao Mato Grosso e sobre cuidados com os índios”. *Apud* LIMA, 1953, p. 250-251.

¹⁶¹ MB - ARF.20. *Causas das doenças dos índios em sete artigos e conclusão*. Esse medo também se relacionava com a presença dos índios Munduruku, que atacavam os viajantes logo que se entrava em território da capitania de Mato Grosso.

¹⁶² *Idem*.

canoas ou usar mosquiteiros: “Muitos anos depois é que foi a experiência e necessidade ensinando estas coisas, pelo que padeceram os que escaparam da morte, misérias sobre misérias”¹⁶³.

Não eram, pois, desconhecidos os riscos que corriam os viajantes que se dirigiam aos “incultos sertões da América”. No entanto, embora distantes de qualquer núcleo urbano colonial de mais fácil acesso, as promessas contidas nas minas do Cuiabá e, posteriormente, do Mato Grosso atraíram pessoas das mais diversas condições¹⁶⁴. Toda aquela gente enfrentava uma viagem extremamente perigosa através de rios caudalosos e encachoeirados, procurando sobreviver aos ataques dos animais selvagens, répteis peçonhentos, insetos indesejáveis e, além de tudo o mais, o perigo mais temido, os ataques indígenas, dentre os quais aqueles desfechados pelos paiaguá e pelos guaicura, como tão bem já nos mostrou Sérgio Buarque de Holanda¹⁶⁵.

Mas, apesar das imensas dificuldades, todos queriam ir para as lavras, e grande número de colonos venceu o medo e as centenas de léguas difíceis e penosas que compunham os caminhos sertanejos para as minas. Alguns desses caminhos eram mais conhecidos e freqüentados, como aquele que seguia a “monção de povoado”, que chegava ao Cuiabá vindo de São Paulo, “nos meses de abril e maio, quando as águas estavam cheias e as chuvas começavam a escassear”¹⁶⁶. Esse trajeto, com as canoas carregadas demorava cerca de cinco meses, e o retorno, com as canoas vazias, cerca de dois meses.

Mas, com o passar dos anos, ainda na primeira metade do setecentos, surgiram variações de caminhos fluviais que levavam às minas, como a rota preferida pelos antigos sertanistas, que levava aos campos de Vacaria¹⁶⁷, a do rio Paranapanema e Ivinhema, afluentes do rio Paraná, ou ainda a do Tietê, Pardo, e o Anhanduí-Guaçu, que atingia o rio Paraguai. Havia também caminhos terrestres, como aquele que saía de São Paulo e seguia, pelo norte e nordeste, até chegar ao arraial de Meia Ponte, em Goiás. De Meia Ponte o caminho continuava até a capital, Vila Boa, e de lá seguia até a Vila do

¹⁶³ *Ibidem*, p. 13.

¹⁶⁴ Sobre o fascínio exercido pelo ouro, ver: SILVEIRA, Sirlei A. *Em busca do país do ouro: sonhos e itinerários*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –Pontificia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁶⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1989; _____. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁶⁶ FONSECA, José Gonçalves. *Notícia da situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001.

¹⁶⁷ Atual estado de Mato Grosso do Sul.

Cuiabá¹⁶⁸. Em seu primeiro trecho, de São Paulo a Goiás, era mais ou menos o mesmo percurso seguido por Bartolomeu Bueno da Silva.

Um relato vivo das dificuldades e dos perigos representados por essas viagens via “monção de povoado” nos foi oferecido por Rodrigo César de Menezes, governador da capitania de São Paulo, que de lá saiu rumo às minas do Cuiabá em 6 de julho de 1726, com uma comitiva de vinte e três canoas, de quarenta a sessenta arrobas cada uma, para carregar mantimentos e artilharia, e mais cerca de três mil pessoas, embarcadas em trezentas e oito canoas. O relato, embora longo, vale a pena ser lido, pelo número de informações que oferece sobre as viagens para as minas da fronteira oeste através dos rios:

Cheguei a este sertão com quatro meses de viagem, tropeçando a cada instante com um sem número de riscos, porque sendo vinte e tantos os rios, são vinte mil os perigos, assim por serem caudalosos, e muitos tão largos como o mar, e os mais com cachoeiras que intimidam ainda os ânimos mais fortes e assim se fazem juízos práticos para acertarem porque, se tão mais leve descuido, é infalível a ruína sem remédio. E logo no segundo dia de viagem morreu afogado um prático que vinha pilotando uma canoa, sem se poder valer, e sucessivamente uma mulher desse reino, [...] se foram seguindo àquele naufrágio muitos, que passaram de mais de vinte estas pessoas que morreram afogadas, não falando em canoas, porque foi sem número as que se emborcaram sem escapar delas coisa alguma. Eu também fui dos prejudicados, porque uma foi ao fundo, não sobrando dela coisa alguma, em que perdi mais deles (...). Também se perderam quarenta e tantas canoas e vinte e três pessoas da (...) donde estão brancos e negros, uma mulher desse reino e três pilotos, que de tão abrabezados rios pelas correntezas de rio, que são ondas como as do mar.¹⁶⁹

Além dos perigos dos rios, também os desconfortos em terra descontentaram Rodrigo César, como dormir em rede ao relento, os ataques de animais selvagens, do qual não escapou seu cozinheiro, “que foi tragado de uma onça”, o risco das picadas de cobra “e mais imundícies”, além daquilo que o governador considerou como a mais “perturbadora do sossego (...), a multidão dos mosquitos”. Reclamou também, o

¹⁶⁸ ADONIAS, Isa. Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores e descritos por Isa Adonias para as comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique. *I. Texto*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Serviço de Documentação, 1960, p. 585.

¹⁶⁹ AHU – Mato Grosso, cx. 01, doc. 08. 1727, março, 10, Vila de Cuiabá. *Carta do governador de São Paulo Rodrigo César de Menezes a Diogo de Mendonça Corte Real*. Taunay considerou esse relato de Rodrigo César a narrativa pormenorizada mais antiga sobre uma viagem monçoeira de porto Feliz a Cuiabá, antecedendo mesmo ao relato de Cabral Camelo (cf. TAUNAY, 1975, p. 26).

governador, do “péssimo passadio que não passa de alguma caça e frutas brabas”, e não deixou de registrar “a diversidade das águas, a que não menos prejudica os corpos”.

Rodrigo César informou que havia se preparado com mantimentos para nove meses de viagem, mas que, passados apenas dois meses, foi preciso ir comprando alimentos nas roças que encontrava pelo caminho, “milho e feijão, que é o único manjar que se consegue comprar”, tudo a preço de ouro, e que também havia sido necessário ir se “valendo de montaria” para suprir a carência de alimentos, apesar daquilo que a natureza oferecia: “no rio, sustentando-me, caminha família de jacarés, e no mato macacos, papagaios, araras e algumas cobras, que a passar sem mais sustento vários dias. Quando apareciam uns jacarés, era o maior banquete”. Conforme o relato do governador, houve dias nos quais a comitiva comia apenas milho cozido “de pela manhã até a noite”. Não sem motivo Rodrigo César de Menezes considerou a viagem ao Mato Grosso, dentre todas as que havia feito, “a mais arriscada, trabalhosa, enfadonha, e insensata”.

Também o primeiro capitão general da capitania do Cuiabá e Mato Grosso, Antonio Rolim de Moura viajou por monção, em esquema de comboio¹⁷⁰. Os preparativos para essa viagem foram demorados, segundo o próprio Rolim por conta da falta de experiência na preparação de uma comitiva de tal magnitude:

... .. como dali nunca se tinha feito uma semelhante expedição, e a experiência é que foi mostrando a necessidade de muitas coisas, as quais, pelas não haver ali, se mandavam vir do Rio de Janeiro, foi necessário esperar por elas, e também dar lugar a que crescesse o milho e feijão, e se fizessem as farinhas e toucinhos; uma e outra coisa me demorou até agosto. Grandes foram as contradições que desde o Rio de Janeiro experimentei a fazer a jornada por esta parte. E era tal sempre o horror com que todos falavam nela, tanto naquela cidade como em Santos, em São Paulo, e ainda no Ararituaba, que receei muito me fugissem os soldados todos por esta causa, o que foi uma das que me moveram a ela. Depois de tomada esta resolução, sempre em público me mostrei firme neste propósito, para que eles se animassem¹⁷¹

¹⁷⁰ Para evitar ataques indígenas de surpresa, ao chegar próximo ao Pantanal, o futuro conde de Azambuja organizou suas canoas em ordem militar, na qual aquelas mais rápidas e as vigias seguiam na frente, e na retaguarda ficaram dezoito homens, comandados pelo próprio general e mais um tenente. Ao centro, “uma pecinha de amiudar, em canoa dirigida pelo alferes”. A prudência do governador evitou ataques e criou o modelo de “monção por comboio”.

¹⁷¹ *Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim de Moura da cidade de São Paulo para a vila de Cuiabá em 1751. In: TAUNAY, 1975, p. 198.*

Rolim de Moura chegou às minas de Cuiabá em janeiro de 1751, em companhia dos soldados e do primeiro juiz de fora, o doutor Teotônio da Silva Gusmão, e partiu de Cuiabá no dia 30 de junho, “por respeito das águas e moléstias corporais”¹⁷². Rolim levava ordens reais para criar cabeça do governo na repartição de Mato Grosso, onde deveria escolher o local para a construção da sede da nova capitania.

Havia também caminhos terrestres que levavam às minas, como o trecho que ligava Vila Boa a Cuiabá, aberto em 1736 por Pinho de Azevedo que, “à custa de subscrição popular”, completou o segundo trecho do caminho que partia de São Paulo para Goiás¹⁷³. Essa rota terrestre procurava fugir dos freqüentes e quase sempre mortais ataques indígenas às monções. Também se podia, partindo de São Paulo, seguir navegando até os rios Paraguai e São Lourenço, e depois continuar por terra, atravessando os matagais.

Pelos caminhos do norte também se chegava às minas cuiabanas, como aquele que saindo de Belém, na capitania do Pará, seguia pelos rios Amazonas, Madeira, Mamoré e Guaporé, e alcançava o Mato Grosso. Rota perigosa, constituía a chamada “monção do norte”, descoberta em 1742 por Manuel Félix de Lima, que demorou nela três meses de navegação¹⁷⁴. Os viajantes desta rota saíam do Rio de Janeiro e dirigiam-se a Belém, e depois seguiam a rota Madeira - Mamoré – Guaporé até as minas mato-grossenses. Por esse caminho chegou a Vila Bela o segundo capitão general, João Pedro da Câmara, sobrinho de Rolim de Moura, em uma viagem que durou sete meses e dezessete dias, o primeiro governador da capitania de Mato Grosso a fazê-lo por esse caminho. A demora foi justificada pelo capitão general, por conta:

... da condução da artilharia, que nas cachoeiras deu infinito trabalho. Em umas foi preciso abrir novos e dilatados caminhos, rompendo montanhas altíssimas, e em outras, em que a passagem havia de ser forçosamente pelo rio, foi necessário alargar os canais para fazer lugar às canoas, quebrando penedos com ferro, e muitas vezes com fogo.¹⁷⁵

¹⁷² BNL – PBA – 642 (fl. 393 a 400). *Anais de Vila Bela desde o descobrimento deste sertão de Mato Grosso no ano de 1734 até 1754*.

¹⁷³ CORRÊA FILHO, Virgílio. *As raias de Mato Grosso*. v. II. São Paulo: sn. 1925, p. 13-14.

¹⁷⁴ BARROS, J. C. Freitas. *Um português no Brasil*: Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres – governador e capitão general do Mato Grosso e Cuiabá. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1948, p. 23.

¹⁷⁵ AHU – Mato Grosso, cx. 12, doc. 731. *Ofício do governador e capitão general da capitania de Mato Grosso João Pedro da Câmara Coutinho ao secretário de estado da Marinha e Ultramar Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em que relata sua viagem do Pará a Vila Bela*.

Após a chegada de seu sucessor, no dia 15 de fevereiro de 1765, Rolim de Moura despediu-se da vila que criara e seguiu rumo à Bahia, para cujo governo fora promovido, também viajando através das rotas fluviais da “monção do norte”. Por esta mesma via, o terceiro capitão general Luís Pinto de Sousa Coutinho chegou a Vila Bela, e em seu relato fez referência aos “terrores pânticos” que acompanhavam aqueles que seguiam para as minas do Cuiabá e Mato Grosso, por conta dos ataques dos índios mura¹⁷⁶.

Ao fim do governo de Luís Pinto, foi escolhido para sucedê-lo o capitão-general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o primeiro administrador a enfrentar caminhos terrestres para chegar até a sede de sua capitania. Saiu do Rio de Janeiro, atravessou as capitanias de Minas Gerais e Goiás, e chegou a Vila Bela após fazer um trajeto de 580 léguas, durante as quais fez importantes registros¹⁷⁷. Dezesete anos após sua vinda por terra, Luiz de Albuquerque seguiu a rota da monção do norte para retornar a Lisboa. Seu sucessor e irmão, João de Albuquerque, pelo Madeira seguiu, do Pará para Vila Bela, seu sucessor e irmão, João de Albuquerque – que lá ficou enterrado, vítima que foi das doenças que o acometeram –, seguiu também, do Pará a Vila Bela pelo rio Madeira. Foi entre a partida do primeiro, e a chegada do segundo, que Alexandre Rodrigues Ferreira, pela mesma rota da “monção do norte” chegaria a Vila Bela, vindo de Barcelos, capital do Grão – Pará, comandando a “expedição filosófica”.

1.1. A preparação e o cotidiano da viagem ao Mato Grosso

Não era fácil organizar uma viagem como aquela, e todas as providências tinham que ser tomadas para que nada faltasse¹⁷⁸. Os preparativos foram centrados em Barcelos,

¹⁷⁶ AHU – Mato Grosso, cx. 13, doc. 829. *Ofício do governador e capitão general da capitania de Mato Grosso Luis Pinto de Sousa ao secretário de estado da Marinha e Ultramar Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em que envia notícias da navegação do rio Madeira.*

¹⁷⁷ Cf. FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.

¹⁷⁸ Doc. L, *apud* LIMA, 1953, p. 224.

sob a coordenação do sargento Elias José Liz¹⁷⁹, e o naturalista chefe da expedição deveria encaminhar, por escrito, ao capitão general João Pereira Caldas, uma lista de todo o necessário para o bom andamento da expedição. As ordens deixavam bem claro que todo auxílio deveria ser prestado aos expedicionários, tanto no Pará como no Mato Grosso, e enfatizavam que as remessas feitas por Ferreira, como também os membros da expedição deveriam seguir sem problemas para o reino logo que houvessem concluído “os objetos da sua comissão”.

Nesse ínterim, o capitão general já iniciara os preparativos que eram de sua alçada, enviando ordens a todas as vilas da capitania do Pará, para que providenciassem contribuições para a montagem da expedição. As vilas de Silves, de Serpa e de Borba, seriam responsáveis por índios remeiros, alqueires de farinha e peixe seco quantos fossem necessários, além de “algumas dúzias de galinhas para irem destinadas ao sustento dos doentes, e para o delas, alguns alqueires de milho”¹⁸⁰.

Para orientar Ferreira, o governador lhe enviou uma cópia da relação que haviam feito, em 1781, os engenheiros e matemáticos a serviço das reais demarcações, e o diário de Lacerda e Almeida, que já havia feito aquele percurso¹⁸¹. Caldas demonstrou conhecimento da realidade e prudência nas observações que fez ao naturalista sobre os riscos da viagem. Recomendou que tomasse cuidado com doenças, mortes, e deserções de índios remeiros, fatos já costumeiros, que ocorriam sempre que se alcançava a região das cachoeiras. Aconselhou, o governador, que, caso ocorressem tais transtornos, a viagem fosse adiantada o mais que se pudesse, para se chegar logo ao forte Príncipe da Beira:... porque refazendo - se ali de novos remeiros e demais frescos mantimentos, lhe será fácil voltar ao distrito das cachoeiras e ultimar nele, com maior sossego e proveito, quanto sua majestade quer que no mesmo distrito se indague.¹⁸²

Ao enviar a lista ao governador, Ferreira anexou a ela uma carta, na qual argumentava sobre o prazo que haviam definido para sua missão; considerava

¹⁷⁹ Doc. LXVI – Barcelos, 22 de agosto de 1788. “Ofício do provedor interino da real fazenda colocando à disposição de Alexandre Rodrigues Ferreira o sargento Elias José Liz”. *Apud* LIMA, 1953, p. 266.

¹⁸⁰ Doc. LI – Barcelos, 1º de fevereiro de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas ao diretor da vila de Silves sobre providências a serem tomadas a respeito da expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 226.

¹⁸¹ Esse diário faz parte da relação de documentos que a viúva de Alexandre Rodrigues Ferreira entregou às autoridades do reino após a morte do naturalista. *Catálogo dos manuscritos do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pertencentes à sua viagem do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, os quais foram entregues por ordem superior pela viúva do dito dr. Alexandre, dona Germana Pereira de Queiroz Ferreira, em 5 de julho de 1815*. Cf. MB - ARF n. 23 – 1815.

¹⁸² Doc. LXVII, *apud* LIMA, 1953, p. 270-271.

necessário acrescentar as demoras que poderiam acontecer, e já organizava os envios de material colhido durante a viagem, quando as canoas de reabastecimento voltassem ao Pará¹⁸³.

Já acostumado às agruras das viagens pelo sertão, o experiente Ferreira, auxiliado pela relação da expedição demarcadora que Caldas havia lhe enviado, listou aquilo que considerava necessário para uma viagem do porte daquela para o Mato Grosso, e tudo foi organizando em dez itens:

1º. Homens; 2º. Mantimentos; 3º. Preparos para a pesca; 4º. Munições de guerra; 5º. Diversos outros fornecimentos; 6º. Preparos para o risco; 7º. Ditos para escrever; 8º. Para serviço dos doentes na enfermaria; 9º. Botica; 10º. Consertos de alguns preparos que existem.¹⁸⁴

Esta lista é suficientemente rica para permitir que recuperemos, em traços gerais, a organização de uma expedição aos sertões da América meridional portuguesa no século XVIII. Ao solicitar “homens”, os subdividiu em “guarnição militar” e “equipação das canoas”, com índios e soldados em número suficiente para compor cinco botes e seis montarias. Desse grupo, fariam parte um capelão e um ajudante de cirurgia, “ou pelo menos quem saiba sangrar”¹⁸⁵

Os militares eram importantes para a defesa do grupo, mas os índios eram imprescindíveis; sem eles as difíceis cachoeiras do Madeira não seriam vencidas, e nem se conseguiria manejar as canoas maiores e as “montarias”, canoas mais leves, que seguiam à frente para providenciar a alimentação e o pouso do grupo.

Os expedicionários já possuíam algum material de viagem, e Ferreira solicitou que se consertassem aqueles que necessitavam de reparos, como barracas de campanha, “a banca e os caixilhos da câmara escura”, machadinhas, facões, picaretas, marmitas, caixas metálicas e de madeira¹⁸⁶. Quanto às canoas, fez a indicação de que deveriam ser equipadas “com virador de linho de 6 polegadas de grosso para varar”, e também de uma “peça de cabo de linho de 3 polegadas de grosso para as sirgas”¹⁸⁷. Quanto aos dois

¹⁸³ Doc. LIII – Barcelos, 5 de fevereiro de 1788. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a João Pereira Caldas enviando relação do que se deve aprontar de homens, mantimentos e embarcações e outros fornecimentos precisos para o transporte do doutor naturalista e para os mais empregados na expedição filosófica, pela repartição do governo do Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 228.

¹⁸⁴ *Idem*, p. 230-239.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 230.

¹⁸⁶ Doc. LIII, *apud* LIMA, 1953, p. 239.

¹⁸⁷ *Idem*, p. 233.

botes maiores, “de meia coberta e toldas de palha”, deveriam ser novos e fortes, “com bastante chão de caverna e correspondente embono, de pouco pontal e de sete remos por banda”, pois eram os considerados mais adequados para os rios que iriam navegar¹⁸⁸.

Os mantimentos frescos não supririam a comitiva durante todo o trajeto; deveriam ser complementados com aquilo que a natureza oferecia, através da caça e da pesca, para as quais se solicitou o necessário¹⁸⁹. Listou também armas de fogo e munição, fundamentais para a caça e para a defesa, como espingardas, balas, perdigotos, pólvora e pedrneiras. Na categoria que denominou “diversos outros fornecimentos”, o naturalista incluiu tachos grandes e ferramentas, como serrotes, facões, machados, “grilhões com suas chavetas”, e “algemas com seus cadeados”, junto a peças de tecidos, fios diversos e tesouras¹⁹⁰.

Os perigos da viagem exigiam a presença de um capelão, por temor à “falta de remédios espirituais que possa acontecer no caso de não haver quem os subministre”. O padre nomeado para acompanhar a expedição, frei Antonio de Santa Catarina, da ordem de Nossa Senhora do Carmo¹⁹¹, deveria seguir munido “de altar portátil, de alguns cubos de bem examinadas e reparadas hóstias, de vinho, e de algumas libras de cera em velas, para tudo servir ao exercício de seu ministério”¹⁹².

Além do militares, dos remeiros, e dos práticos, Ferreira solicitou dois carpinteiros, para que, durante a viagem, preparassem os caixotes necessários para guardar os produtos coletados, providência importante, pois o material necessitava de acondicionamento adequado para seguir até Lisboa. Pediu também que fossem mantidos na expedição os dois índios preparadores que o acompanhavam, e que cada um dos empregados da expedição, no caso, os desenhistas e o jardineiro botânico, pudessem

¹⁸⁸ Doc. LV – Barcelos, 6 de fevereiro de 1788. “Relação do que pede o doutor naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e o que se pode aprontar na vila de Barcelos de homens, mantimentos e embarcações e outros fornecimentos precisos para o transporte do doutor naturalista e para os mais empregados na expedição filosófica, pela repartição do governo do Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 243.

¹⁸⁹ Doc. LIII, *apud* LIMA, 1953, p. 231. Nesse item arrolou “linhas 1ª e 2ª”, “fios de algodão”, “anzóis de piraiha”, arpões para peixe boi, para tambaqui e para tartarugas, mais “bicos de flecha” e “anzóis brancos”.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 232-233. Também listou uma “caixa de mão”, com enxós, fuzis, serras de mão com armações, serrotes, travadeiras, martelos, verrumas, tachas, goivos, formões, plainas, limas, pregos diversos, machos e fêmeas para lemes grandes e para igarités, breu, linhas, barbantes, canivetes para preparar os produtos naturais, miçangas, resmas de papel para a secagem de plantas, frascos de faia, aguardente de cana para conservação dos produtos coletados, barris para guardar os produtos preparados, barris para acondicionar peles de animais, cal e tábuas de louro.

¹⁹¹ Doc. LXIII – Barcelos, 1º de agosto de 1788. “Assento da nomeação do frei Antonio de Santa Catarina para servir como capelão na expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 263.

¹⁹² Doc. LV, *apud* LIMA, 1953, p. 242.

levar “um índio para o seu serviço pagando-lhe na forma das ordens”¹⁹³. Também foram indicados para seguir viagem, na categoria “companhias e ofícios”, sete homens, sendo um ferreiro, um marceneiro, e um carpinteiro de canoas, além de mais um amanuense, um sangrador, um sapateiro, e dois alfaiates¹⁹⁴.

Para alimentar a comitiva, além da farinha de mandioca e do peixe seco, tartarugas, potes de manteiga, arroz, feijão, milho, carimã, sal, farinha de trigo, açúcar, arroz, chá, pimenta, canela, erva doce, alfavaca, azeite, vinagre, vinho branco e tinto, aguardente de uva, aguardente de cana, tabaco de rolo, ou “maçaroca”¹⁹⁵. Necessário também uma caixa completa de ferramentas, “para ir à mão”, e no item “preparos para o risco”, material adequado ao trabalho dos desenhistas¹⁹⁶. O bote do naturalista seria uma canoa grande, na qual poderia escrever, desenhar e preparar o material de história natural coletado e, para isso, Ferreira solicitou resmas de papel de Holanda, de papel ordinário, penas de escrever, lacre e tinta¹⁹⁷.

Como já se sabia que a doença seria companheira de viagem, para o cuidado dos enfermos, durante tão longa e perigosa empreitada, o naturalista listou material para sangrias e clisteres, além de uma caixa de botica com uma longa lista de medicamentos, mais guardanapos de algodão fino e grosso, toalhas de mão de linho e de algodão grosso, facas, garfos e colheres de metal, púcaros de folha para água, pratos grossos e palanganas, almofariz, panelas e tachos de cobre, chocolateiras, trempes, espetos, colheres de pau, bacias de pés de arame, bacias de pé de cama, ou, na falta dessas, “bispos ordinários de louça, aparelho de prato e jarro de água para as mãos”.

Listou também cobertas de baeta e “pequenas caixas para arrecadação da roupa e mais miudezas pertencentes ao serviço dos doentes”. As ataduras, necessárias para a sangria e outros ferimentos, deveriam ter “6 varas de comprimento e meio palmo de largura”. A lista continha ainda bisturis, ventosas, lancetas e sarjadores, borrachas de couro com seus pipos prontos para os clistéis, pilão de madeira para socar quina, peneira de seda para a quina. A caixa de botica privilegiava os medicamentos usados em

¹⁹³ Doc. LXIII, *apud* LIMA, 1953, p. 263.

¹⁹⁴ Esses índios preparadores dos produtos coletados eram os alferes Cipriano de Souza e José da Silva. Cf. doc. LXIV. *Apud* LIMA, 1953, p. 263.

¹⁹⁵ Doc. LV, *apud* LIMA, 1953, p. 243-244.

¹⁹⁶ Esse material era composto por flor de anil, flor de anil fino, flor de jade, tinta nanquim, goma guta, goma arábica branca, pincéis variados, dentro de um vidro, canivetes ingleses, penas de lápis, borracha de seringa grossa. Cf. doc. LIII, *apud* LIMA, 1953, p. 235.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 236.

Portugal, mas contava também com vários deles já existentes na colônia¹⁹⁸. Seguiria na expedição um soldado que sabia sangrar¹⁹⁹, mas não iriam as garrafas de Água da Inglaterra, “por constar que a pouca que havia na cidade não era boa, e poder remediar-se esta falta com a excelente quina que vai, segundo assim o afirma o boticário, pela experiência que dela tem”²⁰⁰.

A data de saída da comitiva era uma das preocupações do governador. Caldas esperava que os viajantes partissem até o início do mês de julho, considerada a melhor época para se alcançar o rio da Madeira e escapar das “carneiradas”, sezões e outras doenças “que tão fatais têm sido para as povoações de índios destas capitâneas”²⁰¹. Demoras não eram boas, pois os alimentos iam sendo consumidos, e os índios começavam a fugir, principalmente ao saber o ponto de destino, “pelo horror que esta gente tem tomado às viagens do Mato Grosso”. Esse “horror”, não era infundado, pois conheciam os efeitos das doenças contraídas no percurso que faziam com que aqueles que escapassem durante o trajeto fossem morrer em suas povoações, pois a elas chegavam “infeccionados das costumadas moléstias”²⁰².

No entanto, apesar de todos os esforços, os preparativos não terminavam, e os índios desertavam, atrasando o empreendimento, embora as ordens de João Pereira Caldas aos diretores de índios fossem enérgicas::

¹⁹⁸ Essa caixa de botica era composta de medicamentos como a quina, tanto em casca como em pó, xaropes de limão, Água da Inglaterra, ipecacuanha em pó, xarope e vinho emético, tártaro, quintílio, jalapa, ruibarbo, sene, maná, *crocus martis aperientis*, aço sulfurado, calamulano, triaga, enxofre, vitriolo, láudano, sal de víboras, olhos de caranguejo, açafraão, canela, pimenta da Índia, erva doce, bálsamo católico, óleo de amêndoas doces, massa vesicatória, unguento branco, basilicão, pó de Joannes (óxido vermelho de mercúrio), pedra lipes (sulfato de cobre), pedra ume crua (alumem cristalizado), pedra ume queimada (alumem calcinado, anidro), massa de cinoglossa, sal de losna, água de melissa (antiespasmódica, estomáquica, carminativa), água da rainha da Hungria (alcoolato de flores de alecrim), orgiata (xarope feito com amêndoas, água, açúcar e flor de laranjeira), pimenta malagueta em pó, pimentas em conserva em vinagre, conservas de gengibre (“atenuante e estomáquico”). A massa de cinoglossa era composta por extrato de ópio, raiz de cinoglossa, sementes de meimendo, mirra, incenso, açafraão, castóreo e xarope de ópio. Cf. doc. LIII, *apud* LIMA, 1953, p. 238. Ver também: LIMA, 1949. Observe-se que já se fazia uso da borracha em instrumentos médicos.

¹⁹⁹ Doc. LX – Pará, 31 de maio de 1788. “Ofício de Martinho de Souza Albuquerque a João Pereira Caldas sobre providências tomadas para o encaminhamento da expedição filosófica ao Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 254.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 252.

²⁰¹ Doc. LIV – Barcelos, 6 de fevereiro de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas ao capitão general do Grão-Pará com providências sobre a expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 240. “Carneiradas” eram as febres palustres, todas as modalidades de sezões e febres intermitentes, malária, maleita.

²⁰² Doc. LIX – Barcelos, 16 de maio de 1788. “Ofício de João Pereira Caldas ao capitão general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres avisando sobre a viagem da expedição filosófica ao Mato Grosso e sobre cuidados com os índios”. *Apud* LIMA, 1953, p. 250-251.

... a ser preciso mandará apresentar aqueles diretores os quais em tudo e por tudo auxiliarão a diligência de que se trata até o ponto de ficarem sem um único ndio nas povoações, ainda mesmo daqueles que estiverem concedidos por pescadores ou por quaisquer outros motivos, pois que a tudo deve preferir o interesse do real serviço, como em caso de urgência o fará vossa mercê assim entender aos mesmos diretores e que por qualquer falta ou omissão com que se comportem serão sem dúvida muito severamente castigados.²⁰³

 possível vislumbrar as dificuldades desse empreendimento quando se considera o meio geográfico no qual tais providências foram tomadas. As comunicações eram dificultadas pela precariedade da locomoção, e os rios apresentavam muitos perigos. Um exemplo disso foi o que aconteceu com o cabo de esquadra Sebasto da Rocha, que havia saído de Santarém para levar até Barcelos, os mantimentos e índios solicitados para a expedição. Seu grupo enfrentou uma tempestade que fez naufragar, perto da vila de bidos, um barco no qual vinham cento e trinta e cinco alqueires de farinha, matando dois ndios. Por ter sido próximo à margem, fora possível ao cabo salvar setenta e cinco alqueires de farinha e o bote. Na vila, mandou “passar a fornos” a farinha molhada, trabalho no qual despendeu cinco dias, durante os quais providenciou reparos no casco de uma canoa²⁰⁴. Nesse espaço de tempo fugiram catorze índios, dentre aqueles que transportava e, na parada que fez em Serpa, fugiram mais catorze, computando vinte e oito, permanecendo apenas cinqüenta e seis. O cabo de esquadra procurava explicar ao governador o acontecido:

Vossa excelência sabe o que são índios, me desculpar, pois fiz todo o estudo possível de os agradar, a fim de poder conseguir o júbilo de completos eu e os meus camaradas comparecermos a vossa excelência, o que não pude conseguir.²⁰⁵

Finalmente, no dia 27 de agosto de 1788, por volta da uma hora da tarde, a expedição filosófica saiu de Barcelos, e alcançou a foz do rio Madeira, em 7 de setembro do mesmo ano. Essa etapa foi considerada pelo naturalista como a mais trabalhosa e perigosa da viagem, não apenas pelas cachoeiras temíveis que teve que transpor, mas também pela hostilidade dos índios que encontrou, pela deserção dos

²⁰³ Doc. LXII – Barcelos, 21 de julho de 1788. “Ofício enviado por João Pereira Caldas ao comandante do registro da vila de Borba sobre providências a serem tomadas para contribuir com a expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 261.

²⁰⁴ Doc. LXV – Em viagem, em 15 de agosto de 1788. “Ofício do cabo de esquadra Sebasto da Rocha a João Pereira Caldas dando conta de providências tomadas para auxiliar a expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 265.

²⁰⁵ Doc. LXV, *apud* LIMA, 1953, p. 265.

remeiros, e pelas “terríveis carneiradas”²⁰⁶. Todos esses problemas começaram a acontecer quatro dias após o início da viagem, quando, ao passar os índios em revista, o naturalista deu por falta de alguns. Ferreira, então, foi obrigado a solicitar mais oito remeiros ao diretor de Airão, de quem recebeu apenas quatro. Ao passar pela fortaleza da Barra, aconteceu mais uma deserção.

Os problemas referentes à administração da expedição avolumavam-se. Logo no início da segunda semana, os alimentos passaram a merecer atenção especial, e Ferreira teve que enviar o anseçada Vicente Ferreira até o administrador de um pesqueiro, para que lá conseguisse peixes secos e tartarugas. Não conseguiu tudo o que queria; as tartarugas foram adquiridas apenas na semana seguinte, em uma feitoria, onde encontrou índios mura. Essa etapa da viagem mereceu, do naturalista, observações importantes: arranchou em companhia dos índios “em boa harmonia”, trocou com eles farinha por tartarugas e, durante dois dias, tudo correu bem, até que na noite do dia 7 para 8 de setembro aconteceu algo que considerou grave:

O índio Diogo, um dos quatro que se me entregaram em Airão, e um dos que me serviam de língua para os muras, por ter sido entre eles educado, depois de ter feito más práticas aos muras que comigo estavam, não somente os persuadiu a deixarem-me, privando-me do benefício da pesca, que até então nos fizeram, mas coleado com eles se ausentou nas suas ubás, levando os mais índios que constam da segunda relação nº. 2. Eis aqui como os nossos índios vão dispendo a má fé dos gentios.²⁰⁷

Na foz do rio da Madeira, após quinze dias de viagem, sobrevieram as temidas “catarrais”²⁰⁸, que atacaram, principalmente, os índios. Os sintomas mais gerais eram febres e dores de cabeça, e Ferreira considerou que o mais adequado era que “se adietassem e abstivessem do uso do peixe salgado”. Como aos doentes se servia dieta especial, e já se sentia a falta de alimentos adequados, a situação era preocupante. No entanto, esta dificuldade foi contornada nos dias seguintes, quando a expedição encontrou uma canoa que conduzia tartarugas, cuja carne substituíra a de galinhas nas dietas dos enfermos²⁰⁹.

²⁰⁶ LIMA, 1953, p. 13.

²⁰⁷ Doc. LXX – Na foz do rio Madeira, 11 de setembro de 1788. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a João Pereira Caldas dando notícias sobre a viagem filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 276.

²⁰⁸ Todas as manifestações de resfriados e doenças pulmonares.

²⁰⁹ Doc. LXX, *apud* LIMA, 1953, p. 274. “Mandei tomar pela Fazenda Real ao anseçada Raimundo José Rabelo, doze tartarugas, de que passei recibo.”

Os índios continuavam a desertar e, em onze dias, fugiram mais dezoito deles, conforme listagem enviada por Ferreira a João Pereira Caldas. O naturalista viu-se forçado a solicitar quinze remeiros ao diretor da vila de Serpa, e mais quarenta ao da vila de Silves, além de um bote para ser utilizado como canoa enfermaria, pois nas canoas disponíveis seria “impossível acomodar as cargas, quanto mais os doentes”²¹⁰.

Logo que as embarcações entraram no rio Mamoré, foi a vez das sezões atacarem, e o primeiro a adoecer foi o riscador Joaquim José Codina. Em seguida, foi a vez de Ferreira e do riscador José Joaquim Freire caírem doentes: “chegamos aos termos de ficarmos ambos sepultados no barreiro do sítio dos Guarajus”²¹¹.

A expedição chegou em Vila Bela, capital de Mato Grosso, por volta das 9 horas da manhã do dia 3 de outubro de 1789, com 487 léguas de viagem desde a foz do rio Madeira, e 592 desde a vila de Barcelos, de onde saiu²¹². Foram mais de 14 meses de viagem, dos quais sete meses e meio Ferreira ocupou-se em coletas, e o restante deles, na viagem propriamente dita²¹³.

2. A chegada da expedição a Vila Bela

Em Vila Bela, já se esperava pelos expedicionários²¹⁴. O relato sobre a situação do grupo quando da chegada à vila nos oferece a imagem do quanto foi penosa a viagem, principalmente por conta das doenças que atingiram a todos:

²¹⁰ *Ibidem*, p. 276.

²¹¹ Esta afirmação de Ferreira levou William Simon a uma interpretação duplamente equivocada: considerou que o companheiro de enfermidade de Ferreira, que pensou fosse Codina houvesse ficado literalmente “sepultado” no barreiro do sítio de Guarajus (cf. SIMON, 1983). Maria de Fátima Costa considera que ficar “sepultado” em um barreiro era prática comum no tratamento de febres. Costa confirma que Codina não morreu durante a viagem (cf. COSTA, 2001). Miguel Faria discutiu, mas não resolveu esta questão (cf. FARIA, Miguel Figueira de. *A imagem útil. José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador topográfico e de história natural: arte, ciência e razão de Estado no final do antigo regime*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001). De nossa parte, a documentação levantada deixa muito claro que Codina voltou a Lisboa com o restante do grupo. Consideramos que a expressão utilizada por Ferreira – *chegamos aos termos de ficarmos ambos sepultados no barreiro do sítio dos Guarajus* –, refira-se à gravidade das doenças que contraíram no local do barreiro dos Guarajus, tão graves que *quase* morreram.

²¹² BA - cota 54-XI-27 (15). *Roteiro das viagens que fez...*

²¹³ Doc. LXXVI – Vila Bela, 16 de abril de 1790. “Ofício de Alexandre Rodrigues a Martinho de Melo e Castro dando conta de suas atividades na capitania de Mato Grosso e comunicando que enviaria, por Luiz de Albuquerque, produtos que havia recolhido”. *Apud* LIMA, 1953, p. 295.

²¹⁴ Uma rede de informações havia se formado em torno das atividades da viagem filosófica e dos capitães gerais, e a chegada próxima da comitiva serviu para que, no início de 1789, Luiz de Albuquerque escrevesse uma carta a Tristão da Cunha Menezes, governador da capitania de Goiás,

Do miserável estado em que toda esta expedição desembarcou nesta vila são testemunhas oculares todos os seus habitantes, os quais viram que para eu desembarcar me fez sua excelência a extraordinária honra de, na sua própria sege, me ir conduzir para o seu palácio, e a todos nós. Os desenhadores enfermaram, de sorte que eu já não contava com eles, principalmente com o Freire, a quem não houve moléstia que não sobreviesse, como foram sezões, corrupção, sarna, disenteria, e o jardineiro botânico, que foi o último em adoecer e, logo após ao sexto dia depois da nossa chegada, me expirou nos braços, acometido de uma tão forte corrupção, que a nenhum remédio da arte obedeceu, por mais bem assistido que fez sua excelência com que ele fosse de cirurgiões, medicamentos, alimentos, além das avultadas comedorias que foi servido consignar-nos.²¹⁵

Ferreira ficou responsável pelo inventário do jardineiro botânico, e encaminhou tudo a Júlio Mattiazzi²¹⁶. Nessa mesma época, também o novo governador, João de Albuquerque, que já havia chegado à capital muito doente, ficara de cama “por bons três meses, atacado de sarnas”. o que obrigou Luiz de Albuquerque, seu irmão, e até então capitão general da capitania, a protelar seu retorno ao reino.

No entanto, a chegada a Vila Bela não representou um alívio duradouro. Além da perda do companheiro e das doenças contraídas por cada um dos expedicionários, o grupo chegou à capital quando a atingia “horrorosas epidemias de catarrais, sarampos, garrotilhos, pontadas, e disenterias”²¹⁷. Segundo Ferreira, houve dias nos quais, no cemitério, eram sepultados de nove a dez pessoas, e nos cinco meses que se seguiram à sua chegada à vila, “faleceram nos dois pequenos arraiais de Santa Ana e Pilar 75 pessoas. Pelos mesmos matos morreram antas, porcos, veados, bestas muares e cavaleares, e até muitas aves, que se acharam mortas”.

No ano seguinte, 1789, João de Albuquerque já havia providenciado licença necessária para que o naturalista recolhesse amostras “de ouro, produções ou raridades, e demais curiosidades pertencentes às minas”. Desse modo, Ferreira estava liberado para viajar pelos arraiais, observando os “serviços de minerar ou outro qualquer gênero de lavras deste distrito do Mato Grosso”, não devendo sofrer “a menor réplica, dúvida ou obstáculo” em suas atividades²¹⁸.

cobrando o ouro que Goiás devia ao Mato Grosso, dinheiro necessário por conta das “dispendiosíssimas diligências a mim tão recomendadas por sua majestade”.

²¹⁵ Doc. LXXVI, p. 296.

²¹⁶ Júlio Matiazzi era, à época, jardineiro chefe do Real Jardim Botânico da Ajuda.

²¹⁷ Doc. LXXVI, *apud* LIMA, 1953, p. 296..

²¹⁸ Doc. LXXIV – Vila Bela, 5 de fevereiro de 1790. “Ordem de João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres para que fossem prestados a Alexandre Rodrigues Ferreira toda a ajuda que pudesse facilitar

Quando de seu retorno a Lisboa, Luiz de Albuquerque levou com ele produtos naturais colhidos pela expedição, além da “Memória sobre a classe dos mammaes, observados nos territórios dos três rios, das Amazonas, Negro e da Madeira”, material que havia sido coletado durante a viagem, desde Barcelos até Vila Bela²¹⁹.

Sobre o ex-governador, Ferreira escrevia ao ministro que a expedição, desde que havia entrado em sua jurisdição, até chegar ao seu destino, havia ficado “sucessivamente devedora dos extraordinários auxílios, honras e mercês, que sua excelência houve por bem lhe antecipar”.²²⁰ Luiz de Albuquerque tinha interesse pela história natural, registrado por seu irmão João, o novo governador da capitania:

... até porque além da sua prolongada residência neste governo e largos conhecimentos de tudo quanto lhe pertence, os reúne também hoje não pequenos no assunto da mesma história natural, particularmente destes países, a que se tem inclinado, e feito há já anos bastante aplicação, achando-se conseqüentemente informado de todas as principais produções e raridades deles mais dignas de serem adquiridas, com especialidade no dito gênero mineral.²²¹

O governador João de Albuquerque, em carta ao ministro Melo e Castro, avisou sobre a chegada dos expedicionários a Vila Bela, e escreveu que o cansaço físico da comitiva, além das “fadigas do espírito”, era devido aos “climas insalutíferos” da capitania. Registrou a morte do jardineiro botânico, e informou que, mesmo com todos os problemas, Ferreira já havia examinado todas as principais minas da região²²².

O naturalista e seus companheiros permaneceram em Vila Bela, fazendo explorações na região, até fins de fevereiro de 1790, quando então a expedição novamente se movimentou, indo por terra explorar a Serra de São Vicente, passando pelo sítio do Xavier, sítio do Buriti, Bocaina da Serra, Pé do Morro, entrando nos arraiais de São Francisco Xavier da Chapada, São Vicente, Boa Vista, Ouro Fino, Santa Ana, Pilar, Lavrinhas do Guaporé e Santa Bárbara²²³.

ao naturalista quaisquer exames e indagações ou experimentos que quisesse fazer na capitania de Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 286.

²¹⁹ Doc. LXXV – Vila Bela, 12 de abril de 1790. “Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando a chegada a Vila Bela dos membros da expedição filosófica e suas atividades na capitania”. *Apud* LIMA, 1953, p. 294.

²²⁰ Doc. LXXVI, *apud* LIMA, 1953, p. 294.

²²¹ Doc. LXXV, *apud* LIMA, 1953, p. 291.

²²² *Idem*, p. 289.

²²³ BA – cota 54-XI-27 (15). *Roteiro das viagens que fez...*

Logo em seguida,, Ferreira enviou a Lisboa os resultados de seus últimos trabalhos, com a observação de que os considerava dignos de serem lidos, não apenas pela importância das informações que continham, mas também para que o ministro tivesse certeza de que estava trabalhando muito, e tratando de assuntos que nem sempre eram próprios de sua formação, “como certamente não são as reflexões médicas, políticas e outras desta natureza que a seu tempo aparecerão debaixo dos auspícios de vossa excelência”. Nesse ponto da carta percebe-se uma certa mágoa do naturalista, que se sentia injustiçado pelas cobranças que chegavam de Lisboa. Justificava determinadas demoras não pelo fato da tarefa não haver sido executada, “como vossa excelência tem algumas vezes entendido, mas sim por não estarem ordenadas, digeridas e castigadas as matérias, de um modo que me pareçam dignas de se apresentarem a vossa excelência”. Relatou ao ministro as muitas viagens que fizera e as doenças que sofrera e sofria, desde que dera entrada na capitania de Mato Grosso, além da perda do jardineiro botânico, Agostinho Joaquim do Cabo, “que tanta falta me faz, por ter sobre os meus ombros, recaído o peso que ele trazia aos seus”. A morte do jardineiro botânico representou uma sobrecarga importante a Ferreira e, por conta disso, avisava ao ministro que não teria mais como elaborar memórias para enviar ao reino, pedindo licença para levá-las em mãos quando fosse “do real agrado de sua majestade a mandar retirar-me”²²⁴.

Como Melo e Castro havia elogiado seus trabalhos anteriores, classificando-os de “exatos e judiciosos”, escreveu que dependia das ordens reais para retornar ao Pará, mas que pretendia se demorar um pouco mais no Mato Grosso para fazer tudo com calma. Esclarecia, no entanto, que não havia na solicitação nenhum outro interesse, pois seus vencimentos não seriam mais vantajosos do que poderiam ser em outro local, “nem o país de per si me tem sido tão aprazível e benéfico que, ou pela sua amenidade ou pela sua beneficência me convide a demorar-me nele”²²⁵.

Ainda faltava muito caminho para percorrer, “quer de terra quer sobre os rios daquela parte”²²⁶. A próxima etapa seria a viagem a Cuiabá, que demoraria, no mínimo,

²²⁴ Doc. LXXVII – 16 de abril de 1790. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro comunicando envio de remessas a Lisboa”. *Apud* LIMA, 1953, p. 298-299. Por esta carta fica-se sabendo que o secretário do governo da capitania de Mato Grosso, o bacharel Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque Lins era amigo de Ferreira, e que haviam sido colegas na Universidade de Coimbra.

²²⁵ Doc. LXXVIII – Vila Bela, 16 de abril de 1790. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro prestando conta sobre o andamento de seus trabalhos na capitania de Mato Grosso”. *Apud* LIMA, 1953, p. 300-301.

²²⁶ Doc. LXXIX – Vila Bela, 15 de maio de 1790. “Carta de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira solicitando relação do necessário para a viagem a Cuiabá”. *Apud* LIMA, 1953, p. 302.

considerando ida e volta, um ano. O retorno ao Pará deveria acontecer em estações convenientes, com início entre 15 e 30 de junho. João de Albuquerque tinha mostrado a Ferreira, antes de enviar, a carta ao secretário de Estado, comunicando essas datas.

Portanto, com prazos já tão bem determinados, não se podia perder tempo, e os preparativos para a viagem a Cuiabá tiveram início. Essa nova etapa da viagem exigia “outros muitos diferentes aprestos”, e o governador consultou o naturalista sobre as providências a serem tomadas²²⁷. O capitão general enviou ordem aos seus oficiais para que prestassem todo e qualquer auxílio a Ferreira²²⁸, e elaborou uma “Memória dos lugares que parecem mais oportunos a fazer alguns exames de História Natural (principalmente quanto ao recomendado artigo da mineralogia) na viagem desta vila para o arraial de São Pedro de El Rei, vila do Cuiabá e mais paragens circunvizinhas, assim mesmo que pelas margens dos rios Cuiabá, São Lourenço (ou Porrudos), Paraguai e Jaurú”²²⁹.

As indicações do governador deixaram dúvidas no naturalista, que procurou esclarecimentos através de uma carta, na qual esperava poder se “desembaraçar de algumas dúvidas emergentes²³⁰, como aquela que dizia respeito às minas de diamantes, que não haviam sido listadas, e que Ferreira considerava lugares “dignos de também serem examinados, pelo que eu destas matérias devo entender ‘ex professo’”. Queria saber se as minas estavam ou não interditas, e houve mesmo um certo atrito entre ele e João de Albuquerque sobre isso.

A resposta de João de Albuquerque se fez também através de carta, na qual explicava que a proibição vinha desde o rei D.José, confirmada pela rainha Maria I, e que por isso não poderia permitir “a quem quer que seja, que passe aos referidos lugares tão rigorosamente vedados e proibidos, enquanto sua majestade nomeadamente me não der essa muito expressa faculdade”. Justificou-se ainda com a informação de que seu irmão e antecessor, Luiz de Albuquerque, também havia negado o mesmo acesso ao astrônomo Antonio Pires da Silva Pontes, que lá pretendia fazer observações astronômicas. O governador foi irredutível: só permitiria a ida do naturalista às minas de

²²⁷ *Idem*, p. 303.

²²⁸ Doc. LXXXI – Vila Bela, 17 de maio de 1790. “Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro solicitando auxílio financeiro para a expedição filosófica”. *Apud* LIMA, 1953, p. 305.

²²⁹ Doc. LXXXIV – Vila Bela, 18 de maio de 1790. “João de Albuquerque. Memória dos lugares que parecem mais oportunos a fazer alguns exames de história natural”. *Apud* LIMA, 1953, p. 308.

²³⁰ Doc. LXXXVI – Vila Bela, 21 de maio de 1790. “Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque sobre a visita às terras diamantinas”. *Apud* LIMA, 1953, p. 313.

diamantes se recebesse ordens expressas do reino²³¹. Ferreira ficou ofendido, mas, de fato, não pode ir às minas de diamantes²³².

O capitão general João de Albuquerque se esforçava para que Alexandre Rodrigues seguisse viagem para a vila de Cuiabá em meados de junho²³³. O naturalista pediu ao governador alguns esclarecimentos relativos ao tempo de duração da viagem, pois considerava serem incompatíveis as ordens recebidas de Lisboa de “viajar sem fadiga”, com aquela recebida do capitão general, de levar em conta também a economia²³⁴. Nessa carta ao governador, o naturalista nos ofereceu o ritmo e as necessidades de uma viagem científica:

Ora, por mais ligeiros e gerais que hajam de ser os exames desta viagem, eu me não devo contrair a menos que os das plantas e minerais. Recolher plantas acondicioná-las e desenhá-las, são tarefas que pedem suas intermissões de tempo, e que se não concluem sem muitos dias intercalados, porque tão somente estando a expedição substada aonde para isso se oferecer comodidade posso eu herborizar e escrever, os desenhadores desenhar, os índios enxugar plantas, o herbário, etc, pelo que desde esta vila até a do Cuiabá me não poderei demorar menos que três meses. Ali provavelmente nada se fará em mineralogia se não pelos meses de janeiro, fevereiro e março, que são os meses chuvosos, dos quais dependem os mineiros para os trabalhos das minas. Ultimamente com a minha volta e chegada a esta vila antes do próximo futuro mês de junho de 1791 nada concluo a respeito de minha pronta descida para a cidade do Pará e da obrigação que tenho de mandar desenhar as cachoeiras inferiores no estado de sua maior vazante, que tão somente se verifica nos meses de setembro e outubro.²³⁵

Todas estas etapas nos remetem às instruções que Vandelli havia escrito aos naturalistas, com especificação de todos os passos a serem seguidos durante os estudos. Em relação à botânica, Vandelli aconselhava que as plantas fossem

... recolhidas com a sua flor, folhas, tronco e raiz; das árvores basta que se recolha algum pequeno ramo com a frutificação e será melhor que tenham flor. Recolhidas assim as plantas devem ser prensadas pela imprensa portátil que o naturalista levará em sua companhia, para largarem a maior parte do suco que as pode fazer apodrecer. Depois de prensadas e mudados os papéis até estarem secos, metem-se nos papelões onde hão de ser enviadas com os números dos seus nomes,

²³¹ Doc. LXXXVIII – Vila Bela, 21 de maio de 1790. “Carta de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a visita às terras diamantinas”. *Apud* LIMA, 1953, p. 324.

²³² LIMA, 1953, p. 14.

²³³ Doc.LXXV, *apud* LIMA, 1953, p. 290.

²³⁴ Doc. LXXXVI, *apud* LIMA, 1953, p. 315.

²³⁵ *Idem*, p. 316.

qualidades, usos, etc. Recolherá também as sementes de qualquer planta para as pemeir na mesma ocasião, depois de preparadas com o método que se dará.²³⁶

Apesar das preocupações do governador com os significativos gastos que os cofres da capitania teria que arcar com a viagem, João de Albuquerque respondeu diplomaticamente que a demora da viagem ficaria a critério de Ferreira, “eu sempre cheio de vontade para tudo o que for de dar gosto a vossa mercê”²³⁷.

Segundo Virgílio Corrêa Filho, Ferreira havia estabelecido um ritmo de trabalho cujas atividades se iniciavam logo ao amanhecer. A comida já estaria preparada e a refeição deveria ser quente, para favorecer a digestão. Em seguida, cada expedicionário, com seu lápis e seu diário, deveria ir anotando, “separados uns dos outros”, todos os produtos que fosse encontrando:

Ervas, árvores, musgos, fungos, gramas, no reino vegetal; quadrúpedes, aves, peixes, anfíbios, insetos, vermes, no animal; pedras, minas, fósseis nas lápides, tudo há de ser recolhido, sem outra averiguação mais que a destes produtos, sem outro cuidado que de os recolher, exceto se houver ocasião de fazer sobre eles algumas reflexões.²³⁸

Nessas observações da natureza deveriam constar as cartas geográficas, os acidentes topográficos, os usos e costumes dos habitantes e as variações climáticas. Esse trabalho de observação e coleta durava até por volta das 10 horas, quando então se dava início ao trabalho de taxidermia e de risco, coincidindo com o horário do jantar, geralmente uma refeição fria. Por volta das 3 horas da tarde, “tomada então a sua vestia e calção de anta, depois de escorvadas as suas pistolas, é tempo de continuar a marcha”²³⁹, durante a qual foizeiros seguiriam à frente, abrindo caminho, os instrumentos científicos no meio, e os estudiosos por último: “Ao por do sol já iriam escolhendo sítio apropriado ao pouso, onde, armada a barraca, tratariam os sabedores de por em ordem os seus bichos e plantas, enquanto os índios cuidavam da bagagem, e o cozinheiro da derradeira refeição diária”.

No “abarracamento”, as camas tinham pés de ferro, para evitar a umidade, e o colchão era de cabelo, forrado de pele. As conversas noturnas, que perturbassem o

²³⁶ VANDELLI, 1779, p. 56.

²³⁷ Doc. LXXXVIII, *apud* LIMA, 1953, p. 325.

²³⁸ Alexandre Rodrigues Ferreira, *apud* CORRÊA FILHO, 1939, p. 27.

²³⁹ *Idem, ibidem*, p. 28.

sossego eram proibidas, e toda quinta- feira era dedicada a trabalhos no próprio acampamento, quando então eram preparadas as remessas que seriam enviadas ao reino, os desenhistas davam acabamento aos seus desenhos, e o naturalista registrava as atividades realizadas durante a semana²⁴⁰.



MB - ARF 32/33 – Canoa da “Viagem Filosófica”

3. Viagem de Vila Bela a Vila Real

Na lista que Ferreira enviou a João de Albuquerque, para preparar a viagem de Vila Bela a Cuiabá, o naturalista pedia que fosse mantido o único soldado que havia permanecido na expedição, dentre aqueles que tinham vindo com ele desde o Pará, mais sete pedestres para a guarnição militar, um arreador, os dois índios preparadores dos produtos, que também vinham com ele desde o Pará, além de 12 “pretos de serviço”, perfazendo o número de 23 homens. Para alimentar essa comitiva, solicitou provimentos de farinha, feijão, toucinho e sal, para um mês de viagem, até “alguma das

²⁴⁰ CORRÊA FILHO, 1939, p. 28-29.

povoações ou estabelecimentos em que se possam reintegrar das provisões consumidas”²⁴¹.

Para o cuidado dos doentes listou ataduras de sangria, bisturis, lancetas e borrachas, “com seus pipos para clistéis”, e para a botica fez as solicitações segundo categorias de medicamentos, a saber: estomáquicos e febrífugos (quina em pó, canela em pó, sal de losna²⁴²); eméticos (ipecacuanha, tártaro emético); purgantes (jalapa, ruiubarbo em pó, calamulanos²⁴³, sal catártico²⁴⁴); minorativos (sene, maná, polpa da tamarindo); aperientes (*crocus martis*, diagridio²⁴⁵); refrigerantes, adoçantes (nitro, flor de enxofre²⁴⁶, açúcar ordinário, rapadura); absorventes (onças de olhos de carangueijo); calmantes (láudano líquido²⁴⁷); consolidantes(bálsamo catártico); antídotos (triaga); espirituosos (vidros de água da rainha, frascos de aguardente de uva); unguentos (branco, basilicão); corretivos da podridão (frascos de sal e pimenta)²⁴⁸.

Esse modo de classificar os medicamentos não foi seguido quando fez a primeira solicitação a João Pereira Caldas, no Pará. Certamente o naturalista também levou para a viagem seus próprios livros, mas é possível ainda que tenha se utilizado, em Vila Bela, da biblioteca do capitão general Luiz de Albuquerque, cuja tendência para a história natural já era conhecida, conforme observação já feita por Gilberto Freyre nesse sentido²⁴⁹. Há, na listagem que apresentou, uma observação para que os medicamentos fossem entregues em seus vasos fechados para se não arruinarem, e os “vasos arrumados em algum caixote portátil, e coberto de couro cru”²⁵⁰.

²⁴¹ Doc. LXXXVII – 16 de abril de 1790. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro comunicando envio de remessas a Lisboa”. *Apud* LIMA, 1953, p. 319.

²⁴² *Arthemisia Absinthium*, Lin. O sal era formado das partes solúveis em água de suas cinzas. “Tal preparado não teria qualquer ação específica, tanto importando usar o sal de losna como o de alecrim, alfazema, sabugueiro, etc. Todos esses sais fixos teriam a virtude de *abrir ou tirar as obstruções, atenuar os humores crassos e incidir os viscosos*”. (LIMA, 1949, p. 17).

²⁴³ Calomelanos. Obtidos pela ação do mercúrio sobre o sublimado corrosivo. Utilizado como purgativo, vermífugo, antisséptico intestinal, colagogo, diurético, anti-infeccioso. Externamente utilizado como anti-sifilítico. (LIMA, 1949).

²⁴⁴ Sulfato de magnésio.

²⁴⁵ *Convolvulus scammonia*, Lin. “Escamonea cozida com marmelos, e, assim, atenuadas suas propriedades drásticas”. (LIMA, 1949, p. 19).

²⁴⁶ Enxofre sublimado, laxativo, estimulante, diaforético, expectorante. Utilizado para o tratamento de doenças pulmonares e respiratórias, dermatoses e tumores.

²⁴⁷ Láudano de Sydenham, medicamento à base de ópio.

²⁴⁸ *Idem*, p. 320-321.

²⁴⁹ Cf. FREYRE, 1978.

²⁵⁰ Doc. LXXXVII, *apud* LIMA, 1953, p. 321.

Sob o título “munições de guerra e de caça” listou armas de fogo, patronas, facões, pederneiras, pólvora “com seu chumbo” e perdigotos. Para escrever, pediu apenas uma resma de “papel ordinário” e uma “garrafa de tinta”, coerente com o que já havia avisado ao ministro sobre não ter mais tempo para elaborar textos. Sob a rubrica “outros diversos fornecimentos” listou toldas de arranchar, marmitas de cobre estanhadas, para a cozinha, machados, foices, alavancas, almocafres, marretas, facas, agulhas grossas para costurar fardos, meadas de linhas grossas, e “canivetes de abrir peles de pássaros”. etapa da viagem contava com escravos negros.

Para o transporte geral, pediu sete bestas de sela, “seladas e enfreadas, e 33 de carga”, vindo todas carregadas de cabrestos, cangalhas, embornais, peias, cobertas, e bruacas e, para o cuidado dos animais, pediu sabão, fumo e um postimão. No final da lista, uma observação: que “para se transportar a imprensa do herbário e a câmara escura se há de aqui fazer de ordem de vossa excelência duas caixas chatas e portáteis na forma que se explicará ao carpinteiro que for nomeado”²⁵¹.

A comitiva partiu no mês de junho de 1790, por terra, para a vila de Cuiabá, e no arraial das Lavrinhas, onde havia uma gruta “que era digna de observar-se”, pôs-se a caminho para ela no dia 14 de julho, “tendo marchado a pé, sempre entre matos e rochedos”. Nessa viagem, além dos dois riscadores, seguia também Manoel Joaquim Leite Penteado, “amigo meu, a quem devo nesta capitania uma não pequena parte das minhas coleções naturais”²⁵². A viagem foi difícil, e a aparência da gruta não o entusiasmou, “estilo que a ninguém encanta com seus ornatos”. E completou: “Bem aventuradas gentes, para as quais cada toca se lhe transforma em uma ermida, cada risco é uma cruz, cada penha um altar e, cada pedra, uma imagem”²⁵³. Trabalhou na inspeção à luz de archotes, mal alimentado e com os pés mergulhados na água fria do ribeirão. No caminho de volta grupo foi surpreendido por um grande aguaceiro, e o resultado disso, para Ferreira, foi uma “febre pernicioso”²⁵⁴, da qual começou a ser tratado em Lavrinhas pelo mor Veloso.

No entanto, apesar de todos os cuidados do mor, a doença não recuava, e o riscador José Joaquim Freire seguiu em busca de auxílio junto ao capitão general João de Albuquerque. Solícito, o governador lhe enviou “de sua própria botica os mais

²⁵¹ Doc. LXXXVII, *apud* LIMA, 1953, p. 323.

²⁵² *Apud* CORRÊA FILHO, 1939, p. 114.

²⁵³ *Ibidem*, p. 117.

²⁵⁴ BA – cota 54-XI-27 (15). *Roteiro das viagens que fez...*

vigorosos medicamentos”, além do cirurgião da câmara, o licenciado José Ferreira, amigo do naturalista. Após seu restabelecimento, Ferreira escreveu ao governador agradecendo o auxílio:

Não cabendo na esfera de meus conhecimentos o render a vossa excelência as devidas graças por um modo equivalente à grandeza dos benefícios, uso da liberdade que tenho para dispor de mim mesmo a meu arbítrio, pondo aos pés de vossa excelência para os seu serviço público e particular a minha inútil escravidão.²⁵⁵

Após convalescença de oito dias, preocupado com as despesas de alimentos e munição que a interrupção da viagem provocava, seguiu em direção a Cuiabá no dia 10 de agosto de 1790²⁵⁶. Ainda no registro do Jauru, solicitou, em carta, ao governador João de Albuquerque, que o liberasse de coletar e remeter ovos de ema para o Real Gabinete de História Natural, pois “andava sempre em viagem, oprimido com o enorme peso de milhares de observações diversas”, e não estava fácil encontrar e recolher as ninhadas solicitadas. Ferreira sugeriu ao governador que aquela atividade fosse feita pelos vaqueiros, enquanto pastorassem o gado, já que naquela altura do ano as aves estavam em época de por os ovos. Até esse ponto da viagem, o naturalista informava que corria tudo bem, com pouca perda de animais – apenas quatro –, “e bom desempenho de soldados, pedestres e pretos de serviço”. O que acontecia era que a partir do quinto dia ao registro do Jauru cotidianamente por uma sessão, “que principia pelas 8 horas da manhã e termina pelas 3 da tarde”, e terminava: “porém, este é o pó da estrada, e eu nenhum tempo tenho para estar doente”²⁵⁷.

A expedição chegou a Cuiabá no dia 26 de setembro de 1790, e pretendia lá permanecer até fins de fevereiro, época mais apropriada para fazer seus estudos mineralógicos e de produtos minerais²⁵⁸. No entanto, permaneceu na vila apenas até 10 de janeiro de 1791, quando partiu para explorar as minas do arraial de São Pedro de El Rei, ao sul de Cuiabá e, logo após, o arraial da Chapada, na Serra de São Jerônimo, de onde retornou a Cuiabá. Na Vila Real Ferreira conviveu com o juiz de fora, Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, seu contemporâneo na Universidade de Coimbra e pesquisador

²⁵⁵ Doc. XCI – Registro do Jauru, 21 de agosto de 1790. “Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque agradecendo o auxílio quando de sua doença, e comunicando suas viagens seguintes”. *Apud* LIMA, 1953, p. 333. Ver também CORRÊA FILHO, 1939, p. 118.

²⁵⁶ *Idem*, p. 334.

²⁵⁷ *Idem*, p. 336.

²⁵⁸ Doc. XCIV – Vila Bela, 30 de outubro de 1790. “Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando a viagem da expedição filosófica pelo Cuiabá”. *Apud* LIMA, 1953, p. 340.

de história natural. A caminho do forte de Coimbra, em início de abril, chegou à Gruta do Inferno, cujo aspecto o maravilhou:

Eis aqui onde a natureza me tinha preparado o maravilhoso espetáculo que recompensou dignamente tanto o perigo como o meu trabalho, porque olhando à primeira vista o todo se me oferecia depois de distribuídas as luzes em proporcionadas distâncias, representou-se-me uma mesquita subterrânea, que observada por partes de cada uma delas saltava aos olhos uma diferente perspectiva.²⁵⁹

Saindo da gruta, retomando o caminho, teve necessidade de animais de carga, apesar do poder de -los de particulares, Ferreira não o fez, pois,

depois de estar vendo com os meus olhos a sensível falta que fica fazendo ao pobre roceiro a sua besta, e da mesma forma ao mineiro e a todos sem os vulnerarem coisa alguma. Eu cá me tenho cosido com as minhas linhas, de maneira que a viagem vai se fazendo em paz e sem maior demora que a dos três meses que a vossa excelência pedi para concluir.²⁶⁰

No retorno, através dos rios Cuiabá e Paraguai, até o registro do Jauru, novas provisões. Em área de presença de guiacuru e paiaguá, pediu doze auxiliares, e

...além destes, o soldado Mateus Joaquim, que serve de almoxarife de viagem, o pedestre João de Almeida, que dirige as montarias de exploração, e também servem para a caça e para a pesca, e os dois índios alferes, que com emprego de preparadores dos produtos naturais acompanham a expedição.

Portanto, ao todo, 16 pessoas, para diversos trabalhos, e mais 20 índios remeiros, para 4 canoas grandes. Cada canoa grande contava com seis remos, incluído o piloto. Pediu também que as quatro canoas grandes fossem

bem reparadas contra a chuva, porque, aliás, seria impossível executar-se o que ordena sua majestade que se faça, que é acondicionar produtos, descrevê-los, desenhá-los, etc., e mais duas canoas pequenas para montarias, e pedem-se duas, porque são estas as que fornecem produtos, exploram, etc.²⁶¹

²⁵⁹ *Apud* CORRÊA FILHO, 1939, p. 124.

²⁶⁰ Doc. XCI, *apud* LIMA, 1953, p. 334.

²⁶¹ Doc. XCV – Cuiabá, 20 de fevereiro de 1791. “Relação enviada por Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque do que se faz preciso aprontar de homens, canoas, armas, mantimentos e outros preparativos necessários para o transporte do doutor naturalista e mais empregados na expedição filosófica em viagem pelos rios Cuiabá abaixo, Paraguai acima até o porto do registro do Jauru”. *Apud* LIMA, 1953, p. 341.

Para essa nova etapa da viagem tudo deveria ser repostado: armas de fogo, facões, pólvora, chumbo, pederneiras, anzóis, e linhas para pacus e dourados, foices, machados, marmitas de cobre estanhado, aguardente, prego, martelo, breu, azeite de mamona, linhagem, agulhas e linhas grossas, facas, medicamentos²⁶², sem esquecer que, “cada um dos quatro negros escravos de sua majestade necessita de camisa, calção de pano de algodão”. Referente aos medicamentos, a mesma observação sobre a necessidade de irem bem acondicionados, para não estragar.

Para o trabalho de escrita, “uma garrafa de tinta de escrever, um quarteirão de penas, cinco mãos de papel ordinário”. Desta feita, mais uma canoa grande, para servir de cozinha²⁶³, e “roupas de viagem para o trabalho dos rios” para um pedestre e dois índios alferes preparadores. Os dois índios receberam “onze varas de pano de algodão a cada um para camisas e calções de viagem”. Ferreira demonstrava interesse pela sorte dos índios remeiros, e chegou mesmo a escrever ao governador: “sobre esta gente, sabe vossa excelência, que é que recai o peso do serviço. Por isso, me não pareceu oportuno o negar-lhe esse limitado contentamento, que em nada encontra o interesse da fazenda real”²⁶⁴.

Nessa parte da viagem correu tudo conforme o previsto, a levar em conta que Ferreira escreveu a João de Albuquerque, agradecendo a atenção que o governador lhe endereçava, e que podia ser constatada pela “prontidão e o favor com que tanto o mestre de campo comandante como o doutor ouvidor geral se tem esmerado em desempenhar as ordens de vossa excelência”.

Em meados de setembro, de 1791, João de Albuquerque avisou Ferreira que, como o naturalista já havia terminado as investigações referentes à mineralogia e aos produtos naturais, e lhe restava ainda observar e desenhar as cachoeiras do rio Madeira, em época de maior vazante das águas, o que acontecia nos meses de setembro, outubro e novembro, já era tempo de retornar a Vila Bela,

... com a expedição do seu comando, e depois de a concluir, se recolherá à cidade do Pará e dali à corte de Lisboa a apresentar-se a

²⁶² Para prover a botica solicitou, nessa etapa, tártaro emético, ipecacuanha, jalapa em pó ruibarbo em pó, sal catártico, calamulanos turquescos, nitro purificado, láudano líquido, teriaga, água da rainha da Hungria, bálsamo católico, malagueta pisada, gengibre, rapadura, borrachas medicinais, e um almofariz com mão. Cf. doc. XCV, *apud* LIMA, 1953, p. 341.

²⁶³ *Ibidem*, p. 343.

²⁶⁴ Doc. XCVI – Cuiabá, 15 de março de 1791. “Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque avisando de sua partida próxima de Cuiabá rumo ao registro do Jauru”. *Apud* LIMA, 1953, p. 345.

sua excelência o senhor secretário de Estado Martinho de Melo e Castro, no caso de que na dita cidade do Pará não encontre algumas ordens em contrário do sobredito excelentíssimo senhor.²⁶⁵

Para a viagem de Vila Bela ao Pará, o governador já havia providenciado o necessário: três canoas grandes, uma menor, e uma montaria, “todas com as suas competentes e necessárias equipações, entre as quais se compreendem doze soldados pedestres, que também vão armados, para a sua escolta”. Comandaria os soldados, o cabo de esquadra de dragões, João da Costa Lima, que estaria sob o comando de Ferreira até que chegassem ao Pará, a partir de onde passaria a receber ordens de Francisco de Souza Coutinho, capitão general da capitania do Pará. Recomendava que, caso encontrasse pelo caminho o tenente de dragões Antonio Francisco de Aguiar, que retornava de Lisboa, trocasse com ele os soldados e os pedestres, pois já não haveria mais o perigo de ataques indígenas²⁶⁶. A previsão era de que os alimentos durassem até que se alcançasse o forte do Príncipe da Beira, onde se abasteceriam do necessário para o restante da viagem.

Tudo preparado, no dia 17 de março de 1791, a expedição saiu da vila de Cuiabá, e chegou a Vila Bela, em 26 de junho do mesmo ano. Os expedicionários haviam recolhido, nessa viagem, mais de 50 volumes de produtos naturais, fora os que já havia remetido a Lisboa²⁶⁷. Por tudo aquilo que representava em termos de custos e de responsabilidades, houve sempre, por parte do capitão general João de Albuquerque, pressa na conclusão dos trabalhos da expedição e seu retorno ao Pará. No entanto, para isso, eram necessárias ordens expressas de Lisboa, e mesmo Ferreira sabia que tais ordens “talvez poderiam tardar anos em chegarem a esta capitania”²⁶⁸.

Mas,, nem tanto tempo assim demoraram as ordens, pois no dia 3 de outubro de 1791, a expedição saiu de Vila Bela, em viagem de retorno ao Pará, seguindo pelos mesmos trajetos da vinda. Como deveria, durante a viagem, providenciar os desenhos das cachoeiras do rio Madeira, as demoras no caminho foram apenas as necessárias para que os riscadores executassem seu trabalho em época de vazante, e para a recolha de

²⁶⁵ Doc. XCVI, *apud* LIMA, 1953, p. 347.

²⁶⁶ Doc. XCVIII – Vila Bela, 17 de setembro de 1791. “Ofício de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira com ordens para retornar ao Pará”. *Apud* LIMA, 1953, p. 347-348.

²⁶⁷ Doc. C – Vila Bela, 1º de outubro de 1791. “Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando o retorno da expedição filosófica ao Pará”. *Apud* LIMA, 1953, p. 350.

²⁶⁸ Doc.LXXV, *apud* LIMA, 1953, p. 292.

produtos naturais, pois havia sido avisado,, por Francisco de Souza Coutinho,, que encontraria, na vila de Borba, o material para seu acondicionamento²⁶⁹.

Ferreira, em carta a João de Albuquerque, expressava seus agradecimentos ao governador pela boa vontade demonstrada nos preparativos de suas viagens, e os cuidados que havia tido com ele, em especial:

Nada mais me resta a fazer senão beijar a mão de vossa excelência, pelas muito prontas, repetidas, e sempre significantes demonstrações de favor, de proteção, e de amizade, com que, pelo espaço de dois anos, tanto a mim, como a ambos os desenhadores, tem vossa excelência constantemente favorecido e honrado, pelo que espero ter a satisfação de, algum dia, no frontispício da história natural e política desta capitania, dar a conhecer à Europa culta, pelo nome de vossa excelência, e de seu ilustríssimo protetor.²⁷⁰

A expedição filosófica chegou a Barcelos em 12 de janeiro de 1792, “com 762 léguas de marcha em retirada”²⁷¹, e o tempo passado distante do Grão Pará foi suficiente para que Alexandre Rodrigues percebesse mudanças importantes, como a melhoria na situação dos índios, que já podiam “livremente aplicar para utilidade própria as fadigas que até agora empregavam em proveito alheio”. Considerou como mais importante, o fato de haver acabado o poder que tinham os diretores das povoações dos índios:

Custar-me-ia crer, se o não visse, que as povoações do Pará já hoje não são feitorias suas []. Eu, que como já disse, me não farto de admirar esta nova face que vão levando as coisas, com estas e outras observações irei enchendo o meu tempo até chegar a charrua em que, não vindo ordem em contrário, devo regressar para essa corte ²⁷².

Em 26 de setembro de 1792, casou-se no Pará, com Germana, filha de seu colaborador, capitão Luís Pereira da Cunha, e foi seu padrinho de casamento o capitão general do Pará, Francisco de Sousa Coutinho. Durante o tempo em que esteve no Brasil, não teve oportunidade de ir ver seus pais, que ainda eram vivos na Bahia, devido à demora na licença que havia solicitado, e também pela distância a ser vencida.

Porque suposto que em carta de 16 de abril de 1790 supliquei a vossa excelência a necessária licença para beijar as mãos de meus pais, vejo

²⁶⁹ Doc. CI – Pará, 6 de fevereiro de 1792. “Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro comunicando a conclusão dos trabalhos da expedição no Mato Grosso e as mudanças que encontrou no Estado do Grão Pará”. *Apud* LIMA, 1953, p. 352.

²⁷⁰ Doc. XCIX – Vila Bela, 17 de setembro de 1791. “Carta de agradecimento escrita por Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque”. *Apud* LIMA, 1953, p. 349.

²⁷¹ BA – cota 54-XI-27 (15). *Roteiro das viagens que fez...*

²⁷² Doc. CI, *apud* LIMA, 1953, p. 353.

que, ainda no caso de se dignar vossa excelência deferir a ela, já agora me não acho nos termos de me aproveitar dessa graça, pois que a esta cidade não chegam sumacas da Bahia, senão de agosto por diante, e como nem eu cheguei a esse tempo, nem vossa excelência até então insinuou as suas ordens, mais fácil me fica sendo recolher-me a essa corte, do que esperar nesta cidade pelas sumacas da Bahia. Esta é a minha tenção, caso que vossa excelência, em serviço seu ou de sua majestade me não ordene o contrário.

4. O triste fim de Alexandre, um naturalista

O retorno a Portugal, já casado, levantou questões de ordem pessoal que considerou importante discutir com o ministro Martinho de Melo e Castro. Considerava-se prejudicado em sua carreira universitária ao viajar para o Brasil com a expedição filosófica, já que outro professor tomara o seu lugar. Sugeriu, então, ao ministro, que fosse alocado na “Real Junta de Comércio, Agricultura e Fábricas do Reino”: “sustentar-me e honrar-me, corre por conta de vossa excelência”.

Em fins de 1792, a expedição saiu do Pará, e chegou a Lisboa, em janeiro de 1793. Documentos levam a crer que sua esposa não o acompanhou, indo juntar-se a ele mais tarde.²⁷³ Ao chegar a Lisboa, Ferreira recebeu o Hábito de Cristo, “com 60 mil réis de tença, que ele tinha requerido antecipadamente, antes de partir para o Brasil”²⁷⁴.

No entanto, já não era mais o mesmo, voltara doente, e o desgosto de ver sua obra maltratada, fora da ordem que havia determinado, com etiquetas trocadas, aumentou sua depressão. Bettencourt Ferreira, um de seus biógrafos, considerou que a longa permanência nos sertões da Amazônia

... e noutras paragens do Brasil – não menos sujeitas a graves influências climáticas e doentias, infestando, pelas sezões, o organismo mais robusto, febre nesse tempo mal conhecida e sem tratamento específico –, a forte compleição do dr. A. Rodrigues Ferreira tivesse enfim dominada, como tantos colonialistas e expedicionários, pelo mal sazonal e pela prolongada fadiga. Não raro as psicoses se geram em semelhantes circunstâncias, não se

²⁷³ Doc. CII – Pará, 14 de outubro de 1792. “Ofício de Luís Pereira da Cunha a Martinho de Melo e Castro encaminhando material ao Real Gabinete e comunicando o casamento de Alexandre Rodrigues Ferreira com sua filha Germana”. *Apud* LIMA, 1953, p. 355.

²⁷⁴ LIMA, 1953, p. 17.

podendo considerar estranha ao quadro a perturbação a que sucumbiu este heróico e sábio sertanejo.²⁷⁵

Durante o tempo que lhe restou de vida em Portugal, ocupou o cargo de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos, de Inspetor e Administrador das Reais Quintas de Queluz, Caxias e Bemposta, vice-diretor e tesoureiro do Real Jardim Botânico e Museu de Sua Majestade e, após a morte de Júlio Mattiazzi (1794), ocupou o cargo de diretor interino do Real Gabinete de História Natural. Esses cargos lhe possibilitavam receber um salário de cerca de 700 mil réis por ano, considerado um bom dinheiro em fins do século XVIII, embora haja notícia de que morreu pobre.

Brotero, solicitar nomeação para inspetor do Real Jardim da Ajuda, em carta de 6 de dezembro de 1810, justificou sua pretensão, dizendo que Alexandre Rodrigues Ferreira,

... subalterno de Vandelli, e inspetor das Quintas do Infantado, achase, há três anos, convulso e entevado em uma cama, como é notório, sem esperanças de restabelecimento, conforme dizem os médicos, que apesar e todos os seus conselhos, não lhe puderam jamais persuadir a sobriedade, a qual hoje parece ser impossível, visto que o seu embotado estômago exige de cada vez maior quantidade de licores para o estimularem.²⁷⁶

Triste fim, para quem, após tanto trabalhar viu sua obra dilacerada e seus esforços frustrados. Nas linhas finais de seu resumido diário pessoal, Alexandre Rodrigues Ferreira anotou:

Não digo que as viagens que fiz foram coisa grande,
nem atendível.
Digo sim (falando agora com sua alteza),
que o que fiz,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida coisa tão pequena.²⁷⁷

²⁷⁵ FERREIRA, J. Bettencourt. Acerca da “Viagem Filosófica” do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e da colonização portuguesa no Brasil (1783-1793). In: *Separata do volume Actes, conférences et communications do III Congresso Internacional de História das Ciências, celebrado em Portugal em 1934*. Lisboa: Tipografia da Empresa de Publicidade Seara Nova, 1936, p. 8.

²⁷⁶ LIMA, Américo Pires; SANTOS JÚNIOR, J. R. dos. Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário da Sociedade Broteriana*, 1944.

²⁷⁷ BA – cota 54-XI-27 (15). *Roteiro das viagens que fez...*

Capítulo III

Os caminhos tortuosos da cura

Alexandre Rodrigues Ferreira, ao vivenciar os vastos sertões enquanto os percorria, atravessando rios e matas, explorando grutas, subindo e descendo montes, registrou em um manuscrito informações sobre as práticas que os mato-grossenses utilizavam na difícil tarefa de enfrentar as doenças. Nesse registro, que o naturalista intitulou *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*²⁷⁸, hoje considerado pioneiro na área de medicina tropical, relacionou e discutiu essas patologias e seus respectivos modos de cura, que separou em “modo de cura europeu” e “modo de cura americano”.

Como a capitania era demograficamente formada por uma multiplicidade de culturas, por conseqüência também as práticas curativas eram diferenciadas, mas a convivência entre os grupos, forçada ou não, promoveu intercâmbios que o manuscrito de Ferreira captou. Na luta cotidiana pela sobrevivência não cabiam ortodoxias. Nem sempre, na botica do europeu, havia o remédio adequado para as endemias mais comuns em Mato Grosso e nas outras regiões brasileiras por onde Ferreira passou. A distância dos locais de abastecimento e os modos inadequados de armazenamento tornavam o medicamento europeu matéria rara nos sertões. Além do mais, índios e negros eram grandes conhecedores da natureza tropical, e ambos cuidavam de suas doenças com as boticas contidas na natureza, como muito bem já nos mostrou Sérgio Buarque de Holanda²⁷⁹. Nisso eram seguidos pelos moradores brancos e mestiços da capitania, que também utilizavam aquilo que tinham à disposição.

O registro de Ferreira sobre os modos de cura utilizados pelos moradores da capitania chamou a atenção, inicialmente, por nos parecer uma deferência respeitosa a uma prática popular. No entanto, à medida que fomos avançando nas “Instruções” de Vandelli, observamos que já havia uma recomendação do mestre para que todos os naturalistas em viagem observassem tanto as doenças como os tratamentos aplicados, em todos os locais que visitassem, pois tudo era necessário para o desenvolvimento do

²⁷⁸ BNRJ – 21, 2, 5.

²⁷⁹ HOLANDA, 1995 e 1989.

reino ²⁸⁰. Não se pretende, com isso, diminuir o mérito e o esforço do naturalista, apenas historicizar seu relato, relativizando assim a questão de obra escrita somente obedecendo a apelos humanitários.

O que nos parece mais viável é que, aos poucos, à medida que se enfronhava nos problemas da capitania, a mera obrigação burocrática do funcionário passou a ser encarada como uma necessidade, pessoal e social. À exigência burocrática de descrever as doenças da capitania e seus respectivos modo de cura foi se juntando o desejo de minorar o sofrimento de seus moradores. O desenrolar do próprio texto foi nos indicando a ligação íntima que havia entre aquilo que vivia, suas impressões sobre as carências da capitania e o texto que produzia.

Não se pode afirmar que haja lances de originalidade na escrita de Ferreira sobre doenças, pois o naturalista, a quem faltavam conhecimentos médicos específicos, resumiu noções correntes à época, contidas em obras que circulavam, tanto no reino como nas colônias. Como ele mesmo afirmou, sua obra era resultado “do meu zelo, e não do meu instituto” ²⁸¹. É certo que sua formação acadêmica o habilitava a interpretar as principais teorias médicas em voga na Europa, embora de modo nem sempre muito claro; algumas vezes, principalmente na parte referente às febres, interpretadas, cada uma delas, como uma doença específica, os sintomas se confundem, as informações estão soltas no texto, ou acrescentadas às margens e rodapés.

Como o naturalista citou suas fontes de pesquisa, cuidamos de estabelecer, na medida do possível, um diálogo que nos indicasse os pontos de conexão entre as obras que utilizou e aquilo que desejava expor, o que foi de suma importância para conferir sentidos ao manuscrito sobre doenças. Os autores citados por Ferreira também nos auxiliaram na obtenção de informações sobre as publicações médicas em Portugal, e sobre o andamento da medicina européia como um todo.

Analisar um documento como *Enfermidades endêmicas* exigiu alguns cuidados, como aquele de apresentar interpretações das doenças citadas no texto do naturalista apenas quando houvesse fonte segura, pois mesmo os médicos que se dedicam a essa tarefa são cautelosos. É preciso ter em vista que nem sempre é possível encontrar correspondência entre as formas antigas de enfermidades e as atuais; muito freqüentemente, aquilo que era considerado doença no século XVIII, hoje é interpretado como mero sintoma. Lindemann nos ofereceu o exemplo da hidropisia, que no

²⁸⁰ Cf. VANDELI, 1779.

²⁸¹ BNRJ – 21, 2, 5.

setecentos era tida como uma doença específica, sendo atualmente entendida como um sintoma. O mesmo raciocínio vale para o caso das “bexigas”, termo que poderia aglutinar, naquela época, casos de sarampo, rubéola, escarlatina e varíola²⁸². Há muitos exemplos nesse sentido.

O fato de a ciência do setecentos considerar sintomas como doenças específicas dificultou sobremaneira a análise das chamadas “febres”. A elevação da temperatura do corpo, as “pirexias”, eram tidas como doenças individualizadas, descritas e nomeadas de acordo com as reações que provocavam. Havia aquelas produzidas pelas emanções dos pântanos, que gerariam as “febres palustres”, e aquelas originadas das emanções do corpo humano, que dariam origem às outras manifestações patológicas, e isso levava a que se obtivessem tantas denominações de febres quantos fossem os sintomas. Nesta variedade de denominações há também que se considerar que, algumas vezes, o autor poderia estar se referindo a uma mesma “febre” com nomes diferentes.

Ao oferecer uma lista de doenças próprias do Mato Grosso e suas formas de cura, considerando as diferenças culturais embutidas em suas práticas, o naturalista evidenciou a importância das trocas estabelecidas entre o seu próprio saber e os saberes dos moradores da capitania. Os resultados dessa interação se concretizavam no efetivo exercício de curar, que Ferreira realmente praticou, embora não fosse médico, nem cirurgião ou boticário. A situação exigia que praticasse o ofício.

Ao elaborar *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, Alexandre Rodrigues Ferreira produziu, além de um relatório oficial, também um manual, que pretendia viesse a ter utilidade prática no cotidiano dos moradores da capitania. Para alcançar este intento, pesquisou e interpretou noções e teorias médicas cujo sentido sintetizou, embora esteja evidente que as pessoas comuns da capitania, mesmo asalfabetizadas, encontrariam dificuldades para compreender seu “opúsculo”. Isto, apesar de Ferreira haver procurado informações em manuais, à época muito populares, como ““Governo de mineiros””, de José Antonio Mendes, ““Erário mineral””, de Luis Gomes Pereira, e ““Peregrino da América””, de Nuno Marques Pereira.

Interessante observar, que as três obras citadas não constavam da “Relação do que levou o dito naturalista deste Real Gabinete da Ajuda”²⁸³. Um dos autores bastante

²⁸² LINDEMANN, Mary. *Medicina e sociedade no início da Europa moderna*. Novas abordagens da história européia. Lisboa: Replicação, 2002, p. 22.

²⁸³ As obras retiradas foram as seguintes: *Histoire des plantes de la Guiane Française*, de Jean Baptiste Aublet (4 volumes); *Historia naturalis Brasiliae*, de Margrave e Piso; *Linneu systema naturae*; Valério; *Chymie expérimentale et raisonnée*, de Baumé; *Principia mineralogiae systematicae et*

citados por Ferreira, e que não constava da listagem das obras retiradas da Ajuda pelo naturalista, foi Antonio Nunes Ribeiro Sanches, cujas informações certamente interessariam ao capitão general. O pensamento de teóricos importantes, como Sydenham, Boerhaave e Halles, Ferreira retirou da obra de Ribeiro Sanches, que nos pareceu ser a mais estudada dentre todas aquelas que citou. Não fez, no manuscrito em questão, referência a Vandelli, mas as instruções do professor haviam sido básicas em sua formação, podendo, portanto, ser considerado o conhecimento incorporado.

1. Os manuais médicos setecentistas

Era comum encontrar, registrado nos manuais médicos do século XVIII, o desejo de seus autores de vulgarizar o conhecimento, informação quase sempre contida nos prólogos das obras. E isso não era prerrogativa apenas daqueles considerados “menos sérios”, pois esse mesmo desejo também expressou Antonio Nunes Ribeiro Sanches, que na abertura de uma de suas produções mais conhecidas, o “*Tratado da conservação da saúde dos povos*”, frisou que seu objetivo era o de informar “magistrados, capitães generais, capitães de mar e guerra, prelados, abadessas, médicos e pais de família”, auxiliando a quem necessitasse:

Estes motivos me obrigaram a compor este tratado com estilo tão claro que todos o pudessem entender, para satisfazer o intento que me propus de ser útil a quem o quisesse ler. Se, não adquirir por este

praticae, succincte exhibentia, de Giovanni Scopoli; *Histoire de poisson*; *Histoire des insectes*; *Diário da capitania de São José do Rio Negro*. (cf. SIMON, 1983, p. 144). Virgílio Corrêa Filho, por sua vez, apresenta uma outra relação de livros mencionados por Ferreira: “Berredo - *Anais*; Santa Rita Durão - *Caramuru*; Vasconcelos - *História do Brasil*; Brito Freire - *A nova lusitânia*; A. Galvão - *Descobrimto do mundo*; B. da Gama - *O Uruguai*; P. de Magalhães - *Tratado das coisas do Brasil*; Jesuíta Simão - *Brasília pontificia*; Nuno Pereira - *O peregrino da América*; Rocha Pitta - *América portuguesa*; Frei Rafael de Jesus - *Catrioto Lusitano*; Frei José Santa Tereza - *Istoria delle guerre del regno del Brasil*; Estacio da Silveira - *Relação sumária das coisas do Maranhão*; Simão Vasconcelos - *História do Brasil*; J. Seabra da Silva - *Dedução cronológica*; Frei Domingos Teixeira - *Vida de Gomes Freire*; P. J. Patrício - *História dos mamelucos paulistas e os manuscritos*; *Relação da jornada de Jerônimo de Albuquerque*; F. T. Moraes - *Relação dos tumultos do Maranhão*; *Relação brevíssima do Maranhão* - XXX; Pedro Taques - *Genealogia das famílias de São Paulo*; Padre José Monteiro de Noronha - *Roteiro de viagem pelo Pará*; Francisco Xavier Ribeiro Sampaio - *Diário de viagem*; Filipe José Nogueira Coelho - *Memórias cronológicas*; Luiz Gomes Ferreira - *História das enfermidades de Minas Gerais*; Padre Diogo Soares - *História natural do Brasil*” (CORRÊA FILHO, 1939, p. 219-210).

trabalho, os aplausos de erudito, bem premiado ficarei se, aqueles para quem escrevo, tirarem toda a utilidade que dele concebi ²⁸⁴.

Essa prática já vinha crescendo desde fins do século XVII, quando uma ordem de D. João V determinou que todos os tratados médicos do reino fossem escritos em português, por serem poucos os profissionais habilitados para as práticas de cura. A ordem visava atender àqueles que não sabiam latim, portanto, a maioria esmagadora da população do reino e suas colônias. Ainda não era comum, a profissionais ligados à cura, a escrita em vernáculo, e João Ferreira da Rosa aproveitou a oportunidade da exigência real para publicar seu livro, “*Tratado único da constituição pestilencial em Pernambuco*”²⁸⁵, no qual oferecia explicação para uma epidemia que atacou as capitanias de Pernambuco e Bahia, em fins do século XVIII, e que estudiosos já identificaram como febre amarela. Escrito em português, e por “não haver muitos de semelhante matéria em nosso idioma”, um dos objetivos manifestos do autor era

que a noticia de tamanho mal que a tantos tem derribado, com mais facilidade e cômodo venha e chegue a todos os que levados da curiosidade a quizerem saber. [...] Peço-te que advirtas o pouco tempo em que fiz este tratado, pois apenas bastou para escrever, e não para emendar. Os erros que leva, espero eu que emendes prudente, e não desprezes arrogante. Se reparares em que não sigo método totalmente escolástico, saberás que fui a obedecer mais do que confiado a compor. Se tão justas desculpas não forem bastante para que mereça o teu agrado, acautelar-me-ei para não ser de ti mais censurado, e se merecer a tua estimação neste pequeno volume com que brindo o teu gosto, obrigado ficarei a procurar servir-te com o que puder colher de meus estudos, não perdoando a nenhum trabalho. ²⁸⁶

Luis Gomes Ferreira, no “*Erário mineral*”, também explicitou sua intenção de oferecer socorro para as doenças que mais acometiam as pessoas nas minas do Brasil²⁸⁷,

²⁸⁴ SANCHES, 1757, p. 5.

²⁸⁵ ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*. Oferecido a el rei nosso senhor por ser servido ordenar por seu governador aos médicos da América que assistem aonde há este contágio que o compusessem para se conferirem pelos corifeus da medicina aos ditames com que é tratada esta pestilencial febre. Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal, 1694, p. 9.

²⁸⁶ ROSA, 1694, p. 9.

²⁸⁷ Carlos Alberto Rosa identificou um exemplar do *Erário mineral* em Cuiabá, do ano de 1761, na biblioteca do ouvidor geral, composta por cinquenta títulos. Este autor identificou, entre os anos de 1743 e 1808, tanto na biblioteca do ouvidor geral como na de advogados e religiosos da vila de Cuiabá, obras como *Combate espiritual*, *Europa portuguesa*, *Crisol de desenganos*, *Nova floresta*, além de obras de Baltazar Gracián, *Vida do venerável padre Belchior de Pontes*, de Manuel da Fonseca, um tratado de cirurgia e a *História do futuro*, do padre Antonio Vieira. Além deste, um “sacerdote/advogado tinha 119 volumes, ‘e alguns deles históricos’. Em 1797, religioso formado em Coimbra tinha 98 títulos, inclusive obras de ‘ilustrados’ (Verney, Genovesi, Condillac, Teodoro de Almeida) e ‘cientistas’ (Mussvhenbroek, Lavoisier, Captal, Tissot. O conjunto dessas ‘livrarias’, cujos

e como era praxe, fez na apresentação de sua obra algumas advertências, principiando por se desculpar por seu “fraco talento”, mas sem deixar de destacar que as informações oferecidas eram resultado de “experimentos práticos neste clima e região de vinte anos a esta parte”. Deixava claro que sabia qual era o seu público alvo, mas fazia uma advertência: aqueles que não soubessem identificar as doenças de forma correta poderiam utilizar as informações contidas em seu livro de modo errado, por não ser fácil a identificação das doenças, “difícil ainda aos mesmos professores, quanto mais a quem tem toda a desculpa por não ser profissão sua”. Enfatizava também que o manual era para ser utilizado apenas no início das doenças, só enquanto não se tivesse acesso aos médicos, e que ele, autor, havia entrado, desarmado, em uma empresa muito grande, munido apenas de sua experiência. Mas não deixava de dar um aviso aos leitores, no qual valorizava a própria obra: muitos professores escreveriam livros, mas tratariam “só das suas conveniências. Eu, ainda que mais indigno de todos, quero tratar também das alheias”²⁸⁸.

Na “Poliantéia medicinal”²⁸⁹ o médico João Curvo Semedo também defendeu a necessidade de se utilizar o português para divulgar conhecimentos médicos. Antes da edição de 1716 da obra de Curvo Semedo, que utilizamos, o médico já havia publicado 2150 exemplares, e suas obras eram muito conhecidas; referiam-se mesmo a elas como “o Curvo”, e seu caráter popular ficava evidenciado logo no prólogo:

Repito o propor-te que não debes culpar-me escrever em língua portuguesa, atendendo que o meu principal intento foi aproveitar aos meus próximos e acudir a alguns lugares e vilas deste reino aonde não há médico, e apenas algum barbeiro ou cirurgião tão falto de ciência

conteúdos não ficavam restritos à pequena camada letrada, pois circulavam oralizados entre iletrados, contribuía para a produção do imaginário urbano, a criação de textos poéticos, dramáticos, políticos, religiosos, científicos, peças de oratória, sermões, um certo modo de falar ‘urbano’. Gravuras dos livros estimulam desenhos, pinturas, ‘arquitetura efêmera’ - até mesmo posturas corporais” (ROSA, 2003, p. 30-31). Ver, também, ROSA, Carlos; BINI, Neuza M. *Do indivíduo ao grupo* – Para uma história do livro em Cuiabá. Cuiabá: Correio da Imprensa, 1975.

²⁸⁸ FERREIRA, 1735, p. 9.

²⁸⁹ SEMEDO, João Curvo. *Poliantéia medicinal*. Notícias galênicas e químicas repartidas em três tratados dedicadas às saudosas memórias e veneradas cinzas do eminentíssimo senhor cardeal de Sousa, arcebispo de Lisboa, capelão mor do sereníssimo senhor rei D. Pedro II, e seu conselheiro de Estado. Por mãos do excelentíssimo senhor D. Pedro Antonio de Noronha, marquês e senhor de Angeja, Bemposta, Pinheiro e suas dependências, comendador das comendas de Aljezur da Ordem de Santiago, São Salvador de Moicoz, Nossa Senhora da Ribeira de Pena e São Pedro de Cabide, Santa Maria de Alvarenga da Ordem de Cristo e cavaleiro da militar de Santiago, dos conselhos de Estado e Guerra de sua majestade, vedor de sua Fazenda, vice-rei que foi no Estado da Índia, mestre de campo general, a cujo cargo esteve o governo da cavalaria da província do Alentejo, e governador das armas e exército da mesma província e agora vice-rei do Estado do Brasil, e c. por João Curvo Semedo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, médico da Casa Real. Terceira vez impressa e aumentada. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1716.

que, na enfermidade mais comum, obra absurdos da maior marca. E como poderia eu acudir a estes defeitos senão imprimindo em língua portuguesa um tal livro?

Curvo Semedo citou outros autores que também haviam escrito assuntos médicos em vernáculo, como Duarte Madeira, Ambrósio Nunes, Aleixo de Abreu, Francisco Morato, Simão Pinheiro, João Ferreira Rosa, frei Manoel de Azevedo e Francisco da Fonseca Henriques. De sua parte, esclarecia Semedo, seguia as ordens de D.João V, escrevendo em português para que todos entendessem, “atendendo mais ao bem comum que ao capricho dos médicos, se escrevesse em língua latina”²⁹⁰. As ordens reais, segundo Curvo, estenderam-se também às obras estrangeiras, que deveriam ser traduzidas, como as de Madame Fouquet, “para que os portugueses se aproveitassem dos remédios”. Sobre as qualidades da própria obra, prevendo as críticas que viriam, escreveu:

Se achares algumas coisas boas, novas e singulares, entre outras comuns e ordinárias, perdoa o mal em satisfação do bom. Considera que nenhuma árvore é toda fruto; colhe as rosas, e não te escandalizes dos espinhos. E se julgares tudo mau, faze outra melhor, e dá graças a Deus, que repartiu contigo tanto, dando aos outros tão pouco. Deus te guarde.

Semedo foi um dos autores médicos mais lidos, tanto entre letrados, como entre pessoas comuns, e influenciou grande parte dos autores de tratados médicos do século XVIII, em Portugal e suas colônias, como Afonso da Costa (Goa) e Luís Gomes Ferreira (Brasil), que reproduziram suas receitas adequando-as às realidades locais. O conteúdo de suas obras apresentava a doença como um acontecimento natural, mas de modo a atingir o gosto e o entendimento daqueles seguidores de uma medicina “popular”, ainda bastante ligada às práticas mágicas. Curvo Semedo foi um dos maiores divulgadores da flora medicinal do Brasil no reino²⁹¹, e teve obras publicadas também em espanhol.

No entanto, ao lado de colocações equilibradas, como aquela contra os excessos de sangrias e purgas, Semedo alinhava conselhos baseados em um pensamento nada científico, que certamente agradavam às pessoas que acreditavam em simpatias, como uma indicação para a cura do garrotilho:

²⁹⁰ *Ibidem*, p. IV.

²⁹¹ RIBEIRO, 1997, p. 58-62.

El primero es atar al derredor de la garganta um escarpin o la palmilla de una media que este mui sudada y fedorenta. Es remédio infalible, y esta experimentado. El segundo es tirar y esfregar bien las orejas de el doliente hasta que se pongan muy incendidas.²⁹²

Em uma outra obra de sua autoria, “Atalaia da vida contra as hostilidades da morte”, recomendou, para a cura da melancolia, uma prática ligada ao poder dos aromas: “trazer sobre o coração uma almofadinha de tafetá cheia de açafraão de França”²⁹³.

Brás Luis de Abreu foi outro médico que escreveu em português uma obra cujo tema era muito variado, e que o autor considerou “para todos, igualmente útil, que suave”²⁹⁴. Nesse livro, cujo título completo exibia um indisfarçado desejo enciclopédico de seu autor, “Portugal médico ou monarquia médico-lusitana”, Abreu conferiu grande peso às doenças, curas e teorias médicas da primeira metade do setecentos. De modo curioso (como a maioria dos prólogos citados), na apresentação da obra, apontou os erros que o leitor poderia encontrar, mas justificou a ausência de uma errata “porque os eruditos e curiosos facilmente as poderão emendar onde as toparem, e os ignorantes e descuidados, ainda que lhas apontem não as emendarão”²⁹⁵. Como era

²⁹² SEMEDO, João Curvo. *Secretos medicos y chirurgicos traducidos de lengua vulgar portuguesa em castellana por el doctor D.Thomas Cortizo Herraiz, presbytero y medico em esta corte y villa de Madrid com um breve diccionario lusitanico castellano para los que tienen las obras de dicho autor.* Madrid: Em la Imprenta de Bernardo Peralta, [1730], p. 2.

²⁹³ SEMEDO, João Curvo. *Atalaia da vida contra as hostilidades da morte, fortificada e guarnecida com tantos defensores quantos são os remédios que no decurso de cinquenta e oito anos experimentou João Curvo Semedo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Officio e médico da casa real, oferecida a Cristo Jesus crucificado.* Lisboa Ocidental: Na Oficina Ferreirenciana, 1720, p. 424.

²⁹⁴ ABREU, Brás Luis de. *Portugal médico ou monarquia médico-lusitana, histórica, prática, simbólica, ética e política, fundada e compreendida no dilatado âmbito dos dois mundos criados, macrocosmo e microcosmo.* Repartida e demarcada em três amplísimos reinos, animal, vegetal e mineral, em que se descreve a natureza, diferenças, usos e propriedades dos mais célebres animais, peixes, aves, plantas, frutos, ervas, pedras preciosas e muitas outras substâncias mercuriais, salinas e sulfúreas, tudo disposto por várias fisiologias históricas, zoologias físicas e paronimias morais de que se extraem doutrina, hieroglíficos, onde se fundam utilíssimas reflexões simbólicas, escornadas com copiosa erudição e abundante silva de muitos autores, assim sagrados como profalos, em ordem a constituir o verdadeiro homem médico. Ampliada e subdividida em outras três famosas regiões, animal, vital, e natural, em que se expõem curiosíssimos sistemas éticos-políticos e neles vários hieroglíficos, histórias, emblemas, moralidades, provérbios, ritos, observações, fisiognomias e outras muitas ações e afetos das partes do corpo humano, como também doutrinais sintagmas médico-práticos em que se compreendem anatomias, achaques com suas essências, diferenças, causas, sinais, prognósticos, curas e observações dos mais famigerados médicos do nosso Portugal, tudo pertencente às mesmas partes enquanto enfermos e medicáveis. Obra para todo igualmente útil, que suave. Parte I, que dedica, consagra e oferece ao sereníssimo e sempre augusto príncipe do Brasil, o senhor D.José Francisco Antonio Inácio Norberto Agostinho. Brás Luis de Abreu, cis-tagano, médico portuense, familiar do Santo Officio. Coimbra: Oficina João Antunes, mercador de livros, 1726.

²⁹⁵ *Ibidem*, p.VI.

comum à época, no prólogo apresentou também uma espécie de defesa diante de possíveis críticos:

Se tudo te parecer bem, louva a Deus, que dele vem toda a medicina. Se tudo te parecer mal, faze outra obra melhor, que eu te louvarei a ti. E se na mordacidade do teu gênio para nada valem escusas, ambos temos a vontade livre. [...] E se ainda assim encontrases algumas coisas dignas de louvor, entre outras merecedoras de censura, não pelejaremos por isso; rói umas, e come outras, muito ao teu paladar, que eu também poderei fazer o mesmo, quando no fértil campo da tua ciência saírem à luz as tuas eruditas obras, com algumas entre fachadas túbaras, ou da ignorância, ou do desvanecimento.²⁹⁶

A discussão sobre a publicação de obras em vernáculo foi comum à Europa setecentista, e nisso se incluíam as traduções de obras estrangeiras que, no caso português, tiveram início com a ordem de D. João V. Um exemplo das reações provocadas por essa prática, que se tornava cada vez mais comum, nos é fornecida pela discussão que se seguiu à tradução para o francês das obras do inglês Thomas Sydenham, médico do seiscentos que, com sua teoria, influenciou profundamente a prática curativa européia no setecentos, e sua obra, conforme era comum à época, era escrita em latim.²⁹⁷ O que se observa, através das informações contidas na apresentação de “*Médecine Pratique de Sydenham*”²⁹⁸, elaborada por seu tradutor para o francês, Jault, é que traduções de obras estrangeiras não eram feitas sem que se vencessem resistências. No elogio que fez a Sydenham, Jault, também médico, enfatizou a importância de uma obra que em tudo era diferente daquelas que circulavam pela Europa, as quais ofereciam explicações engenhosas sobre as causas das doenças, “mais próprias a ocupar filósofos ociosos que instruir na arte de curar”²⁹⁹. O tradutor fez algumas ressalvas à obra³⁰⁰, mas enfatizou suas qualidades, defendendo sua tradução e publicação³⁰¹.

²⁹⁶ ABREU, 1726, p. VI.

²⁹⁷ ARQUIOLA, Elvira; MONTIEL, Luis. *La corona de las ciencias naturales: la medicina en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993, p. XIX.

²⁹⁸ SYDENHAM, Thomas. *Médecine pratique de Sydenham*, avec des notes; ouvrage traduit en Français sur la dernière édition angloise, par seu M. A.F. Jault, docteur en médecine & professeur au Collège Royal. Paris: Chez Théophile Barrois le Jeune, Librairie quai des Augustins, 1734.

²⁹⁹ JAULT, M. A. F. Avis au lecteur. In: SYDENHAM, 1734, p. 7.

³⁰⁰ O tradutor francês lembrava dois pontos que considerava polêmicos na obra de Sydenham: primeiro, que ele havia exercido a medicina na Inglaterra e, por isso, talvez seu método não fosse totalmente conveniente aos franceses, “já que o clima, os alimentos, o modo de viver e as doenças não são, totalmente, as mesmas da Inglaterra”; segundo, os remédios recomendados na obra deveriam ser empregados apenas sob recomendação de um médico, para evitar abusos e erros. Alertava que, embora as doenças fossem as mesmas, o que convinha a um país poderia não ser conveniente a um

A tradução e publicação de obras em línguas vernáculas não agradava aos médicos mais tradicionais, acostumados a manter distância da crítica através de seus escritos em latim. Traduzir uma obra médica para línguas vernáculas seria popularizar um conhecimento restrito até então a poucos privilegiados, “idéia absurda e extravagante que não pode partir a não ser de um espírito cego pelos preconceitos ridículos, ou ciumento de sua pretensa ciência”³⁰².

Uma outra questão que o apresentador e tradutor da obra de Sydenham deixou entrever foi a existência de um certo ciúme por parte dos médicos franceses com a tradução de uma obra de autor inglês, embora se mascarasse isso em nome da segurança do homem comum. O pretexto utilizado para a objeção eram as receitas de medicamentos que essas obras continham, que poderiam ser mal utilizadas. Jault também acreditava que, por via das publicações, o avanço científico pudesse ser melhor divulgado, e que isso ajudaria a vida das pessoas: “Tomara todo mundo fosse um pouco instruído na medicina! Os médicos praticariam com mais aprovação e sucesso”³⁰³. E essa observação foi feita por um médico francês, pertencente a uma realidade considerada mais crítica e racional, por força do Iluminismo.

O conceituado médico Antonio Nunes Ribeiro Sanches foi um incentivador de peso das leituras de obras de autores estrangeiros em Portugal. Em carta enviada de Paris ao Marquês de Angeja, Ribeiro Sanches relacionou alguns livros que considerava importantes, “que se devem comprar em Paris, para serem companheiros toda a vida”, e listou: “La chyrurgie de Boerhaave, avec commentaire de Mr Van Swieten”³⁰⁴, obra em 8 volumes; “Traité de fièvres”; *Maladies des armes*, de Pringle; *Chirurgie complete* de Mr. La Motte; *Abregé de la médecine pratique*, de Allen; *Observation de cirurgia* de M. Ledran, *Matéria medicale* de Mr. Geoffroy”³⁰⁵. No rol das obras “menos sérias”, “que no caso que os queira ler por curiosidade, não use deles para a cura”, Ribeiro Sanches destacou

outro, pois se “encontram grandes diferenças em relação aos alimentos, à maneira de viver, aos temperamentos, ao ar, às doenças, à virtude e efeitos dos remédios, e a várias outras circunstâncias”, mas que essas razões não tiravam o grande mérito da obra. Cf. JAULT, 1734, p. 6.

³⁰¹ JAULT, 1734, p. 5.

³⁰² *Ibidem*, p. 6.

³⁰³ *Ibidem*, p. 3.

³⁰⁴ Ribeiro Sanches havia sido aluno de Boerhaave, que, por sua vez, era fiel seguidor de Sydenham.

³⁰⁵ ACL - cota 107 – Série Azul. *Pecúlio de várias receitas para diversas queixas pelo doutor Antonio Ribeiro Sanches, mandadas de Paris a algumas pessoas desta corte de Lisboa, 1771*, p. 84.

todas as obras de Curvo Semedo, todas as de Henrique Mirandella, excetuando o seu Tratado do Mecúrio, com as cláusulas acima, todos os do médico Ribeira e de todos os autores cirurgiões, médicos castelhanos, todos os livrinhos franceses, como Madame Foucquet e que tratam de segredos de receitas e de embustes, escritos por imperitos médicos e cirurgiões, parteiras, frades e enfermeiros.³⁰⁶

As obras “curiosas”, citadas por Ribeiro Sanches eram aquelas que contavam com maior aceitação popular, nas quais se misturavam medicamentos eficazes às simpatias, como os manuais de Curvo Semedo. No entanto, ao longo do século, algumas diferenças foram surgindo no conteúdo desses manuais. As obras publicadas no início do século, ao explicar os fenômenos da doença e da cura, lançavam mão de grande número de explicações mágico-religiosas. Já aquelas publicadas no final do século estavam mais preocupadas em encontrar explicações racionais para esses mesmos fenômenos, embora não se possa afirmar que estivessem desligadas de explicações fantasiosas. Conviviam o pensamento mágico com o racionalismo científico, e isso acontecia à época nos mais diversos setores sócio-culturais. No entanto, no cotidiano essas práticas mescladas permaneceram ativas muito mais tempo que na literatura científica³⁰⁷.

Embora seja discutível a eficácia de manuais médicos para auxiliar pessoas iletradas em um lugar como a capitania do Mato Grosso no setecentos, é inegável que essas obras circularam por seu território. Há que se considerar que a capitania, por sua condição estratégica de fronteira era bastante visitada por tropas militares, das quais faziam parte cirurgiões, sem contar que os administradores traziam suas bibliotecas particulares, das quais faziam parte livros que os auxiliassem a enfrentar as dificuldades mais prementes.

Conhecedor de todas as dificuldades que existiam no campo da saúde, Ferreira, logo na abertura de seu estudo sobre as doenças endêmicas da capitania de Mato Grosso, também elaborou uma explicação, a modo de prólogo, na qual esclareceria que, durante dois anos, havia observado quais eram, e como poderiam ser debeladas as enfermidades endêmicas de Mato Grosso, chegando à conclusão de que, muitas delas só se resolveriam se fossem divulgados conhecimentos médicos, pois a falta de profissionais habilitados e de livros, era grande ali:

³⁰⁶ *Idem*, p. 85.

³⁰⁷ Cf. RIBEIRO, 1997.

Empreendi, pois, a execução deste plano, e depois de empregadas nele as minhas horas de descanso, saiu ultimamente este pequeno silal do meu zelo e não do meu instituto. Entendo que, a estes habitantes, nenhum outro presente posso eu fazer que mais digno seja da sua aceitação do que o de lhes dar a ler de um modo que entendam todos a arte de se conhecerem a si mesmos quando enfermos, e de se tratarem em algumas de suas enfermidades, segundo o que tenho lido ou sabido por experiência própria. Ou eles assim o entendam, ou não, fiquem certos que nenhuma paga lhes peço pelo meu trabalho. Assaz recompensado fico com a satisfação que tenho de trabalhar para ser-lhes útil.³⁰⁸

Sem negar as intenções humanitárias do naturalista, é importante recordar que Ferreira, ao escrever suas observações sobre doenças endêmicas, obedecia às instruções de Domingos Vandelli³⁰⁹, que já havia oferecido as coordenadas que deveriam ser seguidas por naturalistas em viagens filosóficas. O que nos parece, é que os motivos que o levaram a produzir o manuscrito foi uma mescla de obediência de funcionário e sentimento humanitário, além de seguir uma tendência, comum ao século, de divulgar conhecimentos científicos através da publicação de livros.

Ainda é pouco discutido no Brasil o papel desempenhado pelos manuais auto-instrutivos no cotidiano da população colonial, tão carente de profissionais habilitados no mister da cura. Através deles os moradores dos sertões entravam em contato com os saberes médicos institucionalizados, mesmo que antes passassem pelo filtro de outras leituras. Senhores de escravos, principalmente, cujo interesse era manter ativa sua força de trabalho, e alguns poucos letrados, eram aqueles que mais lançavam mão dessa literatura; a se apropriavam-se de conhecimentos que seriam reinterpretados acrescidos de, práticas já consolidadas pelos demais agentes de cura, resultavam em um amálgama entre elementos de medicina “popular” e medicina erudita.

Da conjugação das informações contidas em obras de autores mais e menos “eruditos”, e das impressões e experiências vividas no contato intercultural,, emergiu um texto sobre doenças que era um resumo do conteúdo de obras em circulação, e que

³⁰⁸ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁰⁹ Cf. VANDELLI, 1779.

expressava aquilo que o naturalista pensava acerca da capitania, de sua natureza e de seus moradores³¹⁰.

2. Os humores

Todos os autores citados por Alexandre Rodrigues interpretavam a doença conforme a teoria humoral hipocrática, sistematizada por Galeno, base do pensamento médico em Portugal no século XVIII. Para a ciência da época, o estado de saúde residia no equilíbrio dos líquidos contidos no organismo, os humores. Esses humores, “cardinais ou radicais”, seriam quatro: “sangue” –, que provinha do fígado, concentrado no coração, e responsável pela manutenção do calor natural do organismo –; “fleuma”, ou “pituita” – concentrada no cérebro (humor pituitoso), frio, branco e visguento, resultante do quilo (suco resultante dos alimentos digeridos no estômago), segregado principalmente pelas vias nasais e pelos brônquios, cujo papel era nutrir e umedecer todos os membros do corpo que se movessem, como a língua; “bile” – ferruginosa, acumulada no fel, humor seco, auxiliava na manutenção do corpo, nos sentidos, na excreção, em geral identificada no “vômito preto” ou cor de café da febre amarela –; “atrabile ou bile negra” – espessa, negra e acre, venenosa, concentrada no baço, humor úmido, também chamada “melancolia”, servia para diminuir a quentura do sangue e da cólera, alimentava os ossos, e também responsável por acessos de hipocondria³¹¹. Estes quatro humores seriam os elementos líquidos do corpo, parte da composição da “massa do sangue”.

³¹⁰ Estamos interpretando “representação” conforme o sentido que lhe confere Chartier, isso é, o processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação, sendo sempre determinadas pelos interesses de grupo que a forjam. Para Chartier tais percepções não se constituem em discursos neutros, são produtores de estratégias e práticas sociais, escolares, políticas, que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Chartier considera que não existem discursos sem interessados, pois as representações estão colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

³¹¹ ANDRADE, Gilberto Osório de. O tratado único das bexigas e sarampo: estudo crítico. In: *Morão, Rosa e Pimenta: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956, 16.

Por sua vez, o corpo seria anatomicamente constituído dos quatro elementos pitagóricos: fogo, ar, terra e água, e cada humor contaria, em sua própria constituição, com estes elementos. Desse modo, a bÍlis amarela, quente e seca, como o fogo; o sangue seria quente e úmido, como o ar; a bÍlis negra, ou atrabÍlis, seria fria e seca, como a terra; a fleuma, fria e úmida, como a água³¹².

No entanto, essas características se alterariam em cada pessoa, conforme a idade e o sexo. Como quatro eram as estações da natureza e da vida, e quatro também as qualidades elementares, o humor predominante dependeria não apenas da idade das pessoas, mas também das estações do ano: o sangue, na primavera e na infância; a bÍlis amarela, no verão e na juventude; a bÍlis negra, no outono e na idade adulta; a fleuma, no inverno e na velhice. A tendência dos jovens era a de serem mais quentes e úmidos que os velhos; os homens seriam quentes e secos, e as mulheres, mais frias e úmidas³¹³. Ressalte-se que o quente e seco era interpretado como padrão de harmonia e saúde³¹⁴.

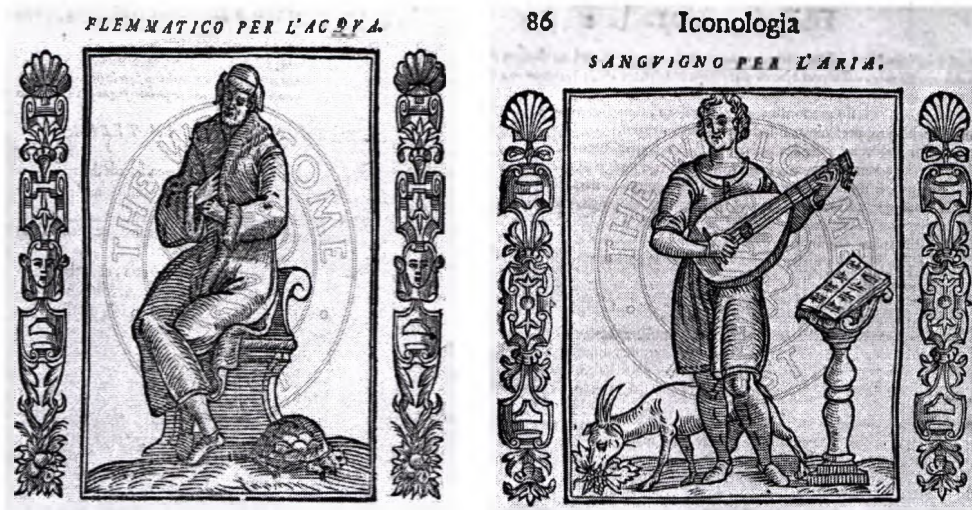
Como cada parte do corpo possuiria uma característica própria, como o coração, que seria quente, e o cérebro, frio, e, levando-se em conta a individualidade de cada organismo, as doenças seriam também diferentes em cada clima e região.



³¹² BARRADAS, Joaquim. *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 37.

³¹³ LINDEMANN, 2002, p. 9-14.

³¹⁴ Ver CARNEIRO, 1994, p. 74.



The Wellcome Trust – Os quatro humores

Os humores em estado puro só se misturariam no interior das veias³¹⁵, dando origem à então denominada “massa sanguínea”, na qual aquele a ocupar maior espaço era o sangue, seguido da fleuma, depois a bÍlis amarela e, por fim, em menor quantidade, a bÍlis negra³¹⁶. Não se sabia exatamente a quantidade dos humores circulando nas veias, mas Simão Pinheiro Morão explicou que, supondo conter o corpo humano quatro quartilhos de sangue, três seriam de fleuma, dois de cólera e um de melancolia. Das diferentes misturas desses humores resultariam os diversos temperamentos de “homens, bestas³¹⁷ e climas”:

‘Temperados’ eram os indivíduos de humores proporcionados, que se regiam pelas leis dos semelhantes. Os ‘intemperados’ pelas leis dos contrários. Em seu ‘Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco’, João Ferreira da Rosa advertia ser necessário aplicar os remédios ‘mais temperados e frios nas naturezas quentes, os mais quentes para naturezas frias, e misturados para os de medíocre temperamento’. E, ainda em função da lei dos contrários, os pituitosos ou fleumáticos, e os sanguíneos, com preponderância de humor úmido, passariam melhor na estação seca. Os biliosos ou coléricos e os melancólicos, porém, no tempo úmido.³¹⁸

Já Fernão Cardim havia dito que a terra era “algum tanto melancólica, regada de muitas águas, assim de rios caudais como do céu”, e Rocha Pita já havia atribuído ao

³¹⁵ BARRADAS, 1999, p. 34.

³¹⁶ MORÃO, Simão Pinheiro (1677). *Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitãncias se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 30.

³¹⁷ Brandônio considerou a preguiça (*Bradypus*) fleumática por, segundo ele, seu humor predominante ser a pituita, e Rocha Pita classificou do mesmo modo o camaleão. Cf. ANDRADE, 1956, p. 16.

³¹⁸ *Ibidem*, 1956, p. 16.

clima “o temperamento mais saudável” dos moradores da América portuguesa. Frei Vicente do Salvador já havia escrito que, apesar de ser a terra “cálida, muito úmida”, na zona tórrida as pessoas viviam

com mais saúde que em toda a zona temperada, principalmente no Brasil, onde nunca há peste nem outras enfermidades comuns, senão hexigas de tempos em tempos, de que adoecem os negros e os naturais da terra, e isto uma só vez, sem a secundar em os que já as tiveram e, se alguns adoecem, é mais por suas desordens que por malícia da terra.³¹⁹

Para Frei Vicente, a salubridade do clima do Brasil devia-se à ação dos ventos frescos que vinham do mar que, aliados à umidade da terra e à frescura do arvoredo, “de que toda está coberta”, moderavam o calor forte, “de tal sorte que os que a habitam vivem nela alegremente”. Dessa maneira, Frei Vicente conferia um “temperamento” ao clima do Brasil, e disso depende-se que

da maneira de pensar o homem ‘naturalmente’ em função dos ‘elementa’, decorria a recíproca de pensar ‘humanamente’ ou ‘humoralmente’ a natureza. Ao cosmomorfismo das teorias humorais segundo o princípio da harmonia correspondia, dessarte, o antropomorfismo na consideração do meio climático.³²⁰

Acreditava-se também na estreita ligação entre humor e temperamento³²¹, e a predominância de cada um deles na constituição dos indivíduos daria origem aos diferentes tipos fisiológicos: o sanguíneo, o fleumático, o bilioso ou colérico, e o melancólico. A “fleuma”, humor branco e límpido, conferia àqueles que a tivessem em excesso um temperamento monótono e “fleumático”. O excesso de “bílis amarela”, produzida pelo fígado e armazenada na vesícula biliar, produziria pessoas de natureza “biliosa e conflituosa”. Já a “bílis negra”, associada ao baço, levaria a pessoas cujo temperamento seria melancólico. O sangue, o humor principal, o mais nobre, mas ainda pouco conhecido, governaria os temperamentos “sanguíneos”, cuja cor vermelha da face indicaria a constituição³²².

³¹⁹ *Ibidem*, p. 17.

³²⁰ Cf. ANDRADE.

³²¹ Cf. MAZZOLINI, Renato G. Les lumières de la raison: des systèmes médicaux à l’organologie naturaliste. In: GRMEK, Mirko (Org.). *Histoire de la pensée médicale en Occident*. 2 De la Renaissance aux Lumières. Paris: Seuil, 1996, p. 94.

³²² LINDEMANN, 2002, p. 16.

A doença surgiria quando, por um desarranjo humoral interno ou uma agressão externa, física ou psíquica, um dos humores se alterasse, na qualidade ou na quantidade. A falta de um determinado humor era chamada “cacoquimia” (cacoquímicos), seu excesso, “pletora” (pletóricos)³²³, e ambos poderiam ser provocados por mudanças ambientais, alterações climáticas ou até mesmo por uma conjunção desfavorável de planetas. A alteração seria sinalizada através de dores no local onde se fixasse o humor em desequilíbrio. Caso houvesse um excesso de fleuma, por exemplo, que era um humor frio e úmido, sua redução deveria ser feita através da aplicação de um medicamento quente.

Mas, nem só de humores era formado o organismo; o era também de espíritos, um vapor sutil, e os havia “naturais”, “vitais” e “animais”. Os “espíritos naturais”, *pneuma physicon*, tinham sua origem no sangue e se concentrava no fígado, controlando o metabolismo e regendo a nutrição e o desenvolvimento corporal. Os “espíritos vitais”, *pneuma zoticon*, eram originários do coração, centro da circulação, e regulavam a temperatura do corpo; davam origem aos movimentos involuntários e às paixões. Já os “espíritos animais”, *pneuma psychicon*, originados no cérebro, centro da sensação e do movimento, eram os responsáveis pelas ações voluntárias e pela inteligência. Também os espíritos sofriam desequilíbrios, manifestos, por exemplo, através de síncope ou desmaios, e a isso chamavam “lipotimia”, mais grave que a “cacoquimia”³²⁴.

Mesmo pequenas manifestações de desarranjo exigiam pronto atendimento, de modo a normalizar o humor em causa. Primeiro, seria feita uma avaliação geral do organismo através da análise de todas as excreções corporais, todas elas interpretadas como resultantes da combinação humoral e, portanto, capazes de oferecer informações sobre suas proporções. Em seguida, se aplicava o “tratamento universal”, baseado na idéia de cura como resultado da limpeza do organismo feita através de sangrias, purgas e clisteres. Como coadjuvantes do tratamento, vigorava a recomendação galênica de seguir determinados “regimes”, regras de conduta segundo as quais todos os excessos deveriam ser evitados. Havia regimes adequados para crianças, idosos, doentes e convalescentes³²⁵.

³²³ MILLEPIERRRES, François. *A vida cotidiana dos médicos no tempo de Molière*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d., p. 61.

³²⁴ ANDRADE, 1956, p. 17.

³²⁵ LINDEMANN, 2002, p. 14.

Todas essas práticas eram influenciadas pelo cosmo; colher uma planta ou sangrar uma pessoa exigia a escolha do mês, dia, e até da hora, por se compreender o ser humano como um microcosmo em íntima associação com o macrocosmo, portanto, cada indivíduo resumiria em si o universo³²⁶. Da mesma maneira que a lua influenciava as marés, os líquidos do corpo humano seriam influenciados pelas fases da lua. Desse modo, respeitando as leis do universo, para as sangrias preventivas a melhor fase seria aquela na qual a lua se encontrasse sob o signo de aquário ou sagitário, prática que seria desaconselhada se estivesse em capricórnio³²⁷.

Sangrar e purgar para restituir o equilíbrio do organismo era a norma. O caminho da cura passava pelos intestinos, pele e veias. Acreditava-se que quando não havia a suficiente evacuação de excretos corporais, os excessos de humores poderiam entupir vias importantes do organismo.

A solução, para o caso, estaria na instauração do equilíbrio do organismo através da drenagem do humor corrompido, o que se poderia fazer através da sangria, da purga, dos vomitórios, ou ainda através de “saídas artificiais”, como provocar ferimentos que, uma vez inflamados, colocariam para o exterior os excessos de humor.

Seguindo essa lógica, o catarro não seria produzido apenas por gripes e resfriados, mas seria também uma conseqüência do engrossamento dos humores, que iriam obstruir os locais nos quais se encontravam, podendo ser o intestino, o pulmão ou as vias aéreas superiores³²⁸.

A aplicação de purgativos generalizou-se quando os médicos passaram a acreditar e a divulgar a idéia de que a emanação de vapores dos intestinos poderia provocar doenças graves³²⁹. A partir de então, passaram a indicar substâncias “evacuantes” que, ao lado das “vomitivas” e das “sudoríficas”, completavam as etapas a serem seguidas na maioria dos tratamentos. Isso provocou um verdadeiro culto ao clister,³³⁰ em cuja

³²⁶ Cf. RIBEIRO, 1997. Essa concepção explicaria determinados tratamentos apregoados em manuais de ampla circulação, como a indicação de se utilizar como medicamento partes de cadáveres ou de excretos humanos por se acreditar que conteriam fluidos vitais muito poderosos.

³²⁷ BARRADAS, 1999, p. 187.

³²⁸ Cf. RIBEIRO, 1997.

³²⁹ Cf. MARQUES, 1999; BARRADAS, 1999, p. 52.

³³⁰ Lavagens intestinais utilizando-se grandes seringas, que podiam ser feitas de porcelana, madreperla ou prata.

composição entravam diversas substâncias laxativas e aromáticas, freqüentemente fazendo parte dos “remédios de segredo”, tão comuns à época³³¹.

O exame das “dejeções” era um grande auxiliar na elaboração de diagnósticos³³². As fezes eram analisadas considerando seu aspecto, cor e cheiro, e na urina, colocada em frascos de vidro para poderem ser vistas à luz, se analisavam cor, cheiro, fluidez, limpidez, natureza e sedimentos: um líquido alaranjado indicava bom estado de saúde; cor de açafrão, excesso de bÍlis; vermelho, mau prognóstico; se fosse espessa, indicava lesão no fígado. As características variavam segundo o observador³³³. Uma outra prática diagnóstica muito importante era a de contar as pulsações, cujos batimentos indicariam doenças e temperamentos³³⁴, o que exigia grande experiência daquele que assistia ao doente.

Após o diagnóstico, já determinado o desequilíbrio do humor que causava a doença, a prática curativa mais utilizada pela medicina setecentista foi a da sangria. Praticada em diferentes partes do corpo, variava o lugar de aplicação de acordo com a origem da doença a ser combatida. Isso exigia coragem das pessoas, pois era uma intervenção dolorosa. Após fazer um pequeno corte longitudinal em uma veia periférica, superficial, e visível sob a pele, sem qualquer anestésico, o sangrador retirava uma certa quantidade de sangue. As veias eram escolhidas de acordo com a doença, e o volume de sangue a se extrair deveria ser prescrito por um médico (o que nem sempre acontecia), de acordo com a enfermidade, idade do doente, e suas condições físicas. No entanto, o médico não praticava a sangria, que era atividade de cirurgiões barbeiros, profissionais ligados às atividades mecânicas, ou mesmo de um curioso (o mais provável)³³⁵.

³³¹ Os remédios cujas fórmulas eram secretas tiveram muita aceitação em Portugal no século XVIII. Seus autores e fabricantes podiam ser médicos, cirurgiões, boticários ou ainda simples curiosos, que não revelavam as fórmulas utilizadas em suas composições. Dentre os mais famosos remédios de segredo encontrava-se a “água da Inglaterra”, cujo principal princípio ativo era a quinina, eficaz contra as maleitas e sezões. Outros medicamentos de segredo foram a “água da rainha da Hungria”, “bálsamo católico”, “triaga de Veneza” e “triaga brasÍlica”. Cf. MARQUES, 1999, p. 237-248.

³³² Ferreira classificou as fezes em fétidas, meteorizadas, serosas, biliosas, verminosas, denegridas, sanguinolentas, entre outras.

³³³ MILLEPIERRES, s.d., p. 49. Alexandre Rodrigues identificou mais algumas características nas urinas, como *incendidas, pretas, sanguinolentas, brancas, cruas, indigestas, ictericas, latericias, tênues, descoradas, biliosas, poucas, turvas, açafroadas, negras* (cf. BNRJ, 21, 2, 5).

³³⁴ Alexandre Rodrigues fez referência a alguns tipos de pulso, como *grande, veloz, freqüente, duro, remisso, frouxo, natural, moderado, contraído, cheio, desigual, febril, pequeno, veemente*, sem contar as variadas combinações entre cada uma das características.

³³⁵ Nauk Maria de Jesus constatou a existência de expressiva quantidade de bacias de sangrias, tesouras e ventosas em algumas casas de moradas, localizadas na vila do Cuiabá. Ver também MARQUES, 1999, p. 88.

O sangrador carregava uma maleta, ou caixa, com os instrumentos necessários à sua missão: “uma tesoura, uma pinça de dissecação, uma sonda-cânula, um estilete de botão para fazer dilatações, um bisturi e também uma lanceta com lâmina retrátil”³³⁶. Levava também um “porta pedra”, em cujo interior havia a “pedra infernal” (nitrato de prata em estado sólido), de alto poder abrasivo, e que, em breve contato com os tecidos da pele podia produzir queimaduras. Era utilizada para estancar pequenas hemorragias³³⁷.

A lanceta era o principal instrumento do sangrador. Sua lâmina era retrátil e de largura variável, conforme fosse a veia a ser cortada. A lâmina cortava dos dois lados, e havia, inclusive, lancetas próprias para sangrar crianças.

Logo acima do local escolhido para cortar amarrava-se uma faixa, que podia ser de tecido ou couro, chamada “ligadura” ou “fita”, que funcionava como um garrote, fazendo com que o sangue se acumulasse no interior da veia, deixando-a visível e palpável. Feito isso, a veia era aberta longitudinalmente com a lanceta, em uma extensão de alguns milímetros e, em seguida, o sangrador “basculava a mão direita de cima para baixo imprimindo movimento contrário à ponta da lanceta”, completando o corte da veia e da pele, numa extensão que se aproximava de um centímetro³³⁸. Uma vez feito o corte, o sangue era recolhido em bacias que possuíam um rebordo, como aba de chapéu, em ângulo reto, com um corte semicircular em um de seus pontos, para melhor adaptação à parte a ser sangrada, impedindo que o líquido se derramasse. Após a sangria aplicava-se o “aparelho”, espécie de curativo feito com tecidos dobrados, o “chumaço”, que se colocava sobre o corte, enfaixando-se tudo com uma longa faixa de tecido.

O sangue retirado era analisado em aspectos como fluidez, tempo de coagulação, cor, sedimentação, textura. Caso formasse um coágulo escuro no fundo da vasilha, a doença seria atribuída à bilis negra, ou atrabilis; se a superfície apresentasse um vermelho mais vivo, haveria a indicação da presença do humor sangue em estado puro. No amarelo líquido do soro, separado dos glóbulos vermelhos, estaria a bilis amarela, e a presença de fibrina, de cor branca, indicaria a presença da fleuma. A quantidade retirada de sangue variava muito, mas, em geral, oscilava entre 180-360 centímetros

³³⁶ Cf. BARRADAS, 1999.

³³⁷ A “pedra infernal” foi descoberta no século VIII por Geber, alquimista árabe, cujo nome verdadeiro era Abu Musa Jabir ibn Hayyan al Sufi. Cf. MILLEPIERRES, s.d., p. 12.

³³⁸ A explicação sobre os modos de sangrar foram colhidas em BARRADAS, 1999, p. 15-50.

cúbicos, embora haja registros de sangradores que retiravam de seus pacientes entre um e dois litros de sangue de cada vez.

Algumas doenças exigiam que se sangrasse o doente até duas vezes ao dia e, nessa situação o sangrador recolocava o garrote, retirava o curativo da ferida recém aberta, tentava remover, com os dedos, o coágulo, e se mesmo assim não conseguisse novo sangramento, fazia a remoção do coágulo utilizando um allinete. Em último caso, para provocar novo sangramento, aumentava o corte da veia com a ponta de uma tesoura.

Todas essas manipulações levavam a infecções³³⁹, que se manifestavam de dois modos: aquela que formava um pus amarelado, interpretado como parte do processo de cura, o *laudable pus*, e um outro, escuro e de mau cheiro, interpretado como um sinal ruim. Esses humores com maus odores eram chamados “pútridos”. Nas doenças mais complicadas, quando o médico não conseguia identificar a causa, os humores eram denominados de várias maneiras: “corrompidos, viciados, pecantes, furiosos, depravados”, entre outros.

Uma outra conseqüência indesejável da sangria era a hemorragia, que freqüentemente colocava em risco a vida do doente. Havia mais de quarenta áreas do corpo onde se podia sangrar, denominados “pontos de sangria”, mas a veia mais utilizada era a que fica na dobra interna do cotovelo, chamada “mediana basílica”, que tem ao seu lado a “mediana cefálica”. O local mais escolhido para sangrar era a dobra interna do cotovelo, e havia três tipos de sangria: a “derivativa”, que utilizava a veia mais próxima da parte doente, a “evacuativa”, para a qual não importava a localização da veia, levando-se em conta apenas a evacuação dos humores, e a “atrativa”, feita em uma veia distante da lesão, pois se acreditava que os humores seriam atraídos para esse local, de onde seriam expelidos. Nesse caso, os pés eram os locais preferidos. Um cuidado constante era evitar que os humores desequilibrados atingissem as proximidades do coração e do cérebro. Nesses casos, seria necessárias sangrias “revulsivas” ou “atrativas”, para desvir o humor de uma direção fatal.

³³⁹ O cirurgião Antonio José de Araújo Braga, em carta a Alexandre Rodrigues Ferreira, explicava que poderiam ocorrer “espasmos”, caso uma sangria não fosse feita de modo correto: “Apostemou gravemente a cisura da sangria que aqui se fez à índia Margarida Josefa. Examinada a causa, se conheceu que o estado da lanceta a tinha motivado, porque nem tinha sido apontada havia bastante tempo, nem ao menos limpa de ferrugem, que neste clima é quase inevitável. Por outra parte, como não há oficiais que apontem as lancetas, contentam-se os sangradores de as desgastar nas pedras deste uso, de onde resulta que a lanceta fica sendo um instrumento igualmente contundente”. (FERREIRA, 1983, p. 753). Provavelmente os “espasmos” eram provocados pelo tétano.

As veias do dorso das mãos eram muito utilizadas para sangrias, principalmente a veia salvatela da mão direita, que sai de entre os dedos anelar e mínimo, pois drenaria os humores do fígado, situado no lado direito do abdômem, e por isso chamada “veia hepática”. Sangrias na salvatela da mão esquerda seriam adequadas para problemas do baço, na veia chamada “veia do baço” ou “veia esplênica”. Na mão também havia uma outra veia importante, a “apoplética”, cuja sangria evitaria as hemorragias cerebrais. Também se sangrava para curar “melancolia”, e como se acreditava que fosse doença causada por um excesso de bÍlis negra, cuja fonte seria o baço, os doentes eram sangrados no dorso da mão esquerda.

Um outro meio bastante utilizado de se expelir humores era através da aplicação de “vesicatÓrios”; isso significava provocar ulcerações na pele através da aplicação de água quente, fricção com amonÍaco ou aplicação de alho, cebola ou pimenta. Alguns emplastros tinham a mesma função, e quando feitos de farinha de mostarda eram chamados “sinapismos”, em geral aplicados na planta dos pés³⁴⁰. Um cuidado constante dos médicos era indicar a sangria considerada apropriada

De um modo geral, foram estas as concepções e as práticas contidas nos manuais que circulavam no reino e em suas colônias, orientando aqueles que, por algum motivo, profissional ou não, necessitassem praticar atos de cura. É evidente que apenas uma pequena parcela dos habitantes da capitania de Mato Grosso era letrada, e mesmo esses teriam dificuldade em ter acesso a esses livros. No entanto, tais práticas e ensinamentos eram repassados por meio de um complexo jogo de trocas culturais que vão se evidenciar no manuscrito elaborado por Ferreira sobre as doenças da capitania.

3. Sobre viagens e doenças

No setecentos, quando um grupo de pessoas se preparava para uma viagem longa, como eram aquelas pelo interior dos sertões meridionais da colônia lusitana na América, fosse por água ou por terra, gente anônima ou grandes autoridades, uma das primeiras observações que lhes faziam os sertanistas mais experientes diziam respeito aos perigos

³⁴⁰ Ferreira indicava, na peste, a aplicação de “vesicatÓrios” “atrás das orelhas, nas espáduas e nas pernas”, para aliviar a dor de cabeça, e sinapismos nas solas dos pés, em casos de febre podre. Cf. BNRJ – 21, 2, 5.

representados pelas doenças. José Barbosa de Sá ³⁴¹, o cronista, já havia feito uma descrição pungente da situação de gente temerária que havia ousado viajar para as minas do Cuiabá e Mato Grosso sem o necessário traquejo. Talvez os administradores coloniais, sediados na metrópole, não conhecessem Barbosa de Sá e seus relatos, mas certamente tinham conhecimento do teor dos documentos oficiais enviados por seus emissários, importantes capitães gerais, que eram pródigos em descrições dos caminhos trilhados e seus perigos.

Nos relatos que enviaram a seus superiores hierárquicos, as condições locais de salubridade foram sempre enfatizadas pelos capitães gerais. Para exemplificar, destacamos excertos de relatos escritos por três desses viajantes, enviados às autoridades metropolitanas: Rodrigo César de Menezes (1726), Antonio Rolim de Moura (1750), e João Pedro da Câmara (1765). Nos relatos dessas autoridades, além da riqueza de informações variadas, podemos identificar a influência de idéias que vigoravam à época sobre salubridade e doença.

Rodrigo César de Menezes, governador da capitania de São Paulo, em carta oficial enviada a Lisboa, registrou suas impressões sobre a viagem que havia feito às minas de Cuiabá³⁴². Nessa carta, o governador enfatizou as inúmeras dificuldades pelas quais passou, como os naufrágios, por serem os rios que atravessou muito perigosos, “tão largos como o mar”. Fez também referência aos ares de Cuiabá, que chamou “pestíferos”, e enfatizou as violentas sezões que atacaram o grupo, febres que foram acompanhadas “de uma tal de sarna que se não pode explicar”, e da qual, ao se recuperar, foi “a convalescença uma maligna”. A temperatura foi o item que mereceu do governador menção especial: o calor era tão forte, escreveu, que deixava “as águas em chamas”³⁴³. Rodrigo César, sem esconder seu espanto, comparou o clima de Cuiabá com o de outros locais da colônia por onde havia passado:

O clima é ardentíssimo, sem que com ele possa ter comparação o do Rio de Janeiro, o da cidade da Bahia, e ainda o do Maranhão e Grão Pará, não obstante o estar este quase na linha, porque em sete anos que estive por estas partes e estes sertões de Pernambuco, não experimentei os excessivos calores que aqui tenho sofrido, e ouço

³⁴¹ Cf. SÁ, 1975.

³⁴² AHU – Mato Grosso, cx. 01, doc. 08. 1727, março, 10, Vila de Cuiabá. *Carta do governador de São Paulo Rodrigo César de Menezes a Diogo de Mendonça Corte Real, Secretário de Estado da Marinha e Ultramar*. Taunay considerou esse relato de Rodrigo César a narrativa pormenorizada mais antiga sobre uma viagem monçoeira de Porto Feliz, em São Paulo, a Cuiabá, antecedendo mesmo ao relato de Cabral Camelo. Cf. TAUNAY, 1975, p. 26.

³⁴³ *Idem, ibidem*.

dizer geralmente aos que aqui se acham vindos os anos passados, que estes não diminuem sem chover. E assim, ordinariamente os homens, em suas casas em ceroulas e camisas, sem poderem consentir mais roupa alguma. E o mais é que trazem ordinariamente más cores: as sezões e malignas são contínuas, e raros são os que não a padecem, principalmente brancos, porque os escravos são os mais livrados nesse país.³⁴⁴

O período de dezoito meses que o governador passou nas minas de Cuiabá gerou uma crise, resultante da cobrança de altos impostos, o que levou grande número de moradores a buscar alternativas de sobrevivência. Nessa procura, em 1736., mineradores encontraram novos veios auríferos no vale do Guaporé³⁴⁵, na região das campanhas dos Pareci, que à época ficou conhecida como "Mato Grosso do Rio Jauru"³⁴⁶. No local, encontraram uma floresta densa, e a denominaram "mato grosso"³⁴⁷.

Quando Antonio Rolim de Moura, em 1751, chegou à recém nomeada capitania para fundar sua capital, foi na região do distrito de Mato Grosso que escolheu o local, chamado Pouso Alegre, para erigir Vila Bela³⁴⁸, contra a opinião de muitos, que preferiam ver a nova povoação na chapada de São Francisco Xavier, ou em Santa Ana. No entanto, prevaleceram a teimosia e o poder de Rolim de Moura, e ali nasceu a capital, no ano de 1752, sob a invocação da Santíssima Trindade. Ao prestar contas a Lisboa sobre sua escolha, o governador assim se manifestou:

O clima da chapada de São Francisco Xavier é o mais destemperado que tenho visto. No pouco tempo que lá estive, cheguei a experimentar, em alguns dias, calma, e frio, chuva, vento, e névoa. Daqui procedem muitas queixas que padecem seus habitantes,

³⁴⁴ AHU – Mato Grosso, cx. 01, doc. 08. 1727, março, 10, Vila de Cuiabá. *Relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o exm^o. sr. Rodrigo César de Menezes governador e capitão-general da capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas*. (O fato de os negros escravos serem mais resistentes às sezões devia-se a que já haviam adquirido resistência a elas na África, onde era endêmica cf. ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 133).

³⁴⁵ CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, p. 50.

³⁴⁶ GOES FILHO, Synesio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 152.

³⁴⁷ "Toparam com mato virgem de arvoredos muito elevado e corpulento que entrando a penetrá-lo o foram apelidando Mato Grosso, e este é o nome que ainda hoje conserva todo aquele distrito" (FONSECA, 2001, p. 14).

³⁴⁸ A vila foi construída na margem esquerda do rio Guaporé, "de terras baixas e paludosas, com lençol freático aflorante, sujeitas a constantes inundações" (BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 85). Essa localização mereceu de Barbosa de Sá a observação de que o local escolhido para a construção da nova capital era "um charco, morada de jacarés e capivaras, afirmando todos os vizinhos que esse lugar se inundava todos os anos com as enchentes dos rios" (*apud* TAUNAY, 1975, p. 94).

principalmente de sezões, que são contínuas em muitos, e em quase todos os mais meses de todos os anos. Também se experimentam febres catarrais e pleurises pelo tempo das friagens, que são tão sucessivas, que obrigam a fechar portas e janelas, que chegam a matar principalmente os pretos, por menos enroupados, se os apanham no campo.³⁴⁹

Rolim de Moura aproveitou também para justificar, na mesma carta, o por que de não haver escolhido para erigir a capital o lugar do arraial de Santa Ana, apesar de seus “bons matos para lenha e madeiras e bons campos para gados”. O problema do arraial estava em suas fontes de água que, “sendo excelente para o gosto, faz papos, queixa sumamente descômoda e que desfigura quem a tem”³⁵⁰. Justificativas mais que plausíveis, considerando que o local escolhido apresentava, do ponto de vista estratégicos, vários outros aspectos considerados positivos³⁵¹. Embora toda a comitiva de Rolim de Moura tenha adoecido de sezão, sem exceção, o capitão general não considerou insalubre o local escolhido para a nova vila capital:

Estou persuadido ser este sítio mais sadio ou ao menos tão doentio como o resto de Mato Grosso, porque as doenças me não fazem admiração, havendo feito uma jornada tão trabalhosa como de Cuiabá aqui, bebendo água de charcos e de cacimbas e outras muitas, ainda que de córregos salobros e de mau cheiro e sabor, fazendo sempre as marchas pelo rigor do sol, que neste clima é sumamente pernicioso e se não pde evitar, porque os cavalos ficam de noite soltos a pasto, e quando pela manhã se recolhem são muitas vezes 9 e 10 horas³⁵²

Após permanecer 14 anos na capitania de Mato Grosso e Cuiabá, Rolim de Moura seguiu para a Bahia, e seu posto foi ocupado por seu sobrinho, João Pedro da Câmara. No documento que enviou a Lisboa contando sua viagem até Vila Bela, reclamava Câmara da distância que separava o reino da capitania que administrava, situada “nos últimos confins da nossa América”³⁵³. Ao expor as desventuras pelas quais passou durante a viagem de quase oito meses, do Pará a Vila Bela, como as dificuldades com o transporte de armamentos, passou a descrever as chuvas que havia enfrentado: “as

³⁴⁹ Rolim de Moura, *apud* TAUNAY, 1975, p. 96.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 95-96.

³⁵¹ O local apresentava facilidades de comunicação com o Amazonas e o Pará através dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, além de ficar na linha da fronteira com a Espanha (cf. TAUNAY, Alfredo d’Escagnole. *A cidade do ouro e das ruínas*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001, p. 39).

³⁵² *Apud* CORRÊA FILHO, 1994, p. 324.

³⁵³ AHM – Vila Bela, 15 de fevereiro de 1765. – 2ª divisão, 1ª seção, número 3, sala A, cx 1 C livro 1º. *Documento de João Pedro da Câmara para D. Luis da Cunha*.

tempestades e as trovoadas foram terríveis e contínuas, sendo raros os dias em que não houvesse uma, havendo muitos de duas, de três, e de mais”.

No entanto, escreveu o general, sua maior preocupação eram as doenças, pois em apenas um dia “caíram repentinamente 70 pessoas doentes, e sucessivamente foram caindo outras”. Das trezentas pessoas que compunham a comitiva, de acordo com o governador, morreram sete, embora praticamente todas tivessem adoecido, disso escapando o governador:

Eu, contudo, tive a felicidade de resistir aos trabalhos e incômodos padecidos na comprida navegação destes rios, e aos péssimos ares destes sertões, logrando sempre uma constante saúde. Agora não posso dizer o mesmo, porque tenho experimentado em umas sezões terríveis a qualidade da terra, que é a mais doentia de toda a América, e julgo que em África não haverá alguma que nesta parte lhe leve vantagem. As tais sezões são tantas, e tão tenazes, que ninguém escapa, nem se livra delas. Quando se não fazem contínuas, costumam repetir em todas as conjunções de lua, e o meu antecessor em todas usa da quina para que lhe não venham, e cuido que me será preciso praticar o mesmo, e, deste modo, custando tão caro este simples, tenho medo que para ele e para água de Inglaterra me não chegue o meu soldo.

Além das febres, João Pedro da Câmara fez referência a uma outra doença que já havia sido referida por Rolim de Moura, as “papadas”, “que até os animais, tanto terrestres como voláteis padecem este terrível e incurável achaque. Há algumas monstruosas, que tomam todo o pescoço com tal deformidade que metem medo” . Câmara estava aflito para deixar a capitania, e não escondia isso. Já fazia com antecedência o pedido de ser enviado para outro local assim que terminasse seu triênio, e mal havia chegado a Vila Bela:

e à vista do mau clima e carestia, veja vossa excelência como eu poderei sair, ou escapar daqui, se tiver tanta fortuna. Creio, certamente, que será do mesmo modo que meu tio, o sr. Conde de Azambuja, que vai surdo, com obstruções, vertigens, e papadas, e sobre todos estes achaques, sumamente pobre e empenhado. [...] As rendas são muito diminutas, por estarem pouco povoadas estas minas, e em razão de haver sua majestade perdoado os quintos aos habitantes delas, cujo favor é só o que os detém, e os obriga a residir nestes desertos intratáveis, e ainda assim é tudo uma suma pobreza, porque quanto adquirem e tiram da terra, é pouco para o sustento da vida e para a conservação da saúde.

João Pedro da Câmara, arrematando seu relatório, que tinha muito de desabafo, escreveu:

Fico reduzido a tomar quina todos os quartos de lua, para que me não tornem as sezões, que já me tem ameaçado algumas vezes, em cujo miserável estado me tem vossa excelência prontíssimo para tudo o que me ordenar, como sou obrigado.³⁵⁴

Nos relatos dos três capitães gerais, destacamos informações que nos permitem identificar determinadas características, relacionadas ao território do distrito de Cuiabá e do distrito de Mato Grosso, e que podem ser extensivas ao conjunto da capitania, todas elas relacionadas à idéia de salubridade que vigorara na Europa durante o século XVIII. Em Rodrigo César, os grandes rios, os maus ares, as doenças, o calor, as “más cores”. Em Rolim de Moura, as friagens de São Francisco Xavier, resultado de um clima “destemperado”, que provocava doenças, e as águas, de Santa Ana, que provocavam papo. No desabafo de João Pedro da Câmara, as chuvas, os “péssimos ares”, as doenças.

Nos três relatos, alguns pontos comuns: todos foram produzidos por pessoas oriundas de um mesmo espaço cultural, que visitaram os mesmos locais, embora em épocas diferenciadas. Os narradores foram também agentes oficiais da Coroa lusitana, e o resultado de suas observações, ao serem enviadas aos seus superiores hierárquicos, se transformavam em informações privilegiadas, norteadoras de ações administrativas e, muitas vezes, sigilosas. Portanto, esses relatos produziam imagens que reforçavam aquelas que os moradores da metrópole possuíam sobre a capitania de Mato Grosso.

Partindo das relações estabelecidas entre as idéias contidas nos relatos dos capitães gerais, procuramos compreender o modo pelo qual as concepções científicas, principalmente aquelas de cunho sanitário, circularam da metrópole para a colônia, e estabelecer a rota inversa, qual seja, a circulação de informações sobre práticas de saúde “americanas” levadas da colônia para Portugal, a partir de informações sobre o “modo de cura americano” contidas no manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, de Alexandre Rodrigues Ferreira.

³⁵⁴ A surdez de Rolim de Moura, alegada por João Pedro da Câmara, pode ter sido provocada pelo uso continuado da quina, o que fazia com que ocorressem perturbações visuais e auditivas. Muitas pessoas ficavam praticamente surdas. O uso da quina como prevenção era “razoavelmente eficaz na prevenção da malária se for tomada com regularidade, de forma a manter no sangue o nível necessário para matar o parasita. A droga é talvez o exemplo clássico de tratamento empírico eficaz” (CARTWRIGHT, Frederick F.; BIDISS, Michael. *As doenças e a história*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003, p. 174).

5. China, Rússia, ou Vila Bela: sobre ares e lugares

Dois outros elementos eram fundamentais para a elaboração de um diagnóstico sobre salubridade e doença, sem os quais não se completaria a tríade, na qual se sustentavam as concepções sanitárias da época: a importância dos “ares” e dos “lugares” na constituição das pessoas.

A qualidade do ar ocupava lugar de honra nos estudos científicos de fins do século XVIII; os estudiosos estavam convencidos de que era um dos elementos vitais para se avaliar a salubridade de um local, e o desenvolvimento de novos instrumentos de medição incentivavam cada vez mais as pesquisas³⁵⁵. Considerado parte da própria textura dos organismos vivos, a ação do ar se faria sentir desde o contato até a ingestão. Variável, segundo as regiões e estações do ano, desde que seu peso passou a ser considerada verdade científica, já se admitia que exercia pressão sobre os organismos³⁵⁶.

Também não havia mais dúvidas, à época, quanto à elasticidade do ar, cuja força seria igual à da gravidade, que permitia a respiração e mantinha os movimentos internos dos organismos; uma vez perdida aquela elasticidade, seria recuperada somente através de um movimento de agitação, o que instauraria o equilíbrio entre o ar interno e o externo, restaurando a atmosfera e a sobrevivência do ser vivo. A morte seria o resultado da falta de força do fluido para entrar no pulmão³⁵⁷.

Portanto, as qualidades do ar, tais como temperatura e umidade, influiriam sobre os corpos; a tendência do calor seria rarefazer o ar, e assim relaxar e alongar as fibras, levando ao inchaço das extremidades do corpo e à sensação de fraqueza. Quanto à umidade, a que fosse excessiva, relaxaria os sólidos, e alongaria as fibras, por auxiliar os fluidos a entrar pelos poros. Desse modo, ar quente e umidade alta comprometeriam o equilíbrio vital. Ao contrário, o ar frio contrairia os sólidos, retesaria as fibras e condensaria os fluidos, aumentando a força e a atividades das pessoas, embora o frio em excesso pudesse provocar o escorbuto.

³⁵⁵ Cf. BOURGUET, Marie-Noëlle; LICOPPE, Christian. *Voyages, mesures et instruments: une nouvelle expérience du monde au siècle des lumières. Annales histoire, science sociales*. Extrait du numéro 5, sept./oct. 1997.

³⁵⁶ CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato no imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 19.

³⁵⁷ *Ibidem*, p. 20.

Tão importantes eram os estudos sobre a qualidade do ar, que Alexandre Rodrigues Ferreira deixou Portugal, rumo ao Brasil, com ordens explícitas de Vandelli para que ficasse atento à sua qualidade e a todas as suas possíveis alterações, fenômenos que o naturalista deveria observar cotidianamente, com a ajuda de um termômetro. Caso o ar de um determinado local fosse considerado impuro, Ferreira deveria observar atentamente o motivo, se eram charcos, águas estagnadas ou florestas fechadas, cuja altura das árvores não permitissem a livre passagem do ar. Após esse levantamento inicial, Ferreira deveria “indicar todos os remédios aplicáveis para respirarem um ar mais puro e sadio”³⁵⁸.

Elemento importante na ciência setecentista, o ar deveria ser observado em todos os aspectos, com toda minúcia. Como estava intimamente ligado à ocorrência de doenças, seu estudo levaria, também, a que se chegasse até às enfermidades consideradas raras, principalmente as endêmicas. Com o conhecimento das doenças, o próximo passo seria descobrir os medicamentos específicos para sua cura, o que se faria através de contatos com os moradores locais. Para Vandelli, cidades, vilas e aldeias deveriam ser minuciosamente observadas, não apenas em seus aspectos físicos e geográficos, mas também quanto à sua população, economia, política e cultura, prestando-se atenção, tanto nos aspectos físicos de seus moradores quanto nos culturais, e a isso denominou “conhecimento físico e moral dos povos”. As preocupações com os lugares saudáveis estavam inseridas nesse item, incluindo especial observação dos habitantes de cada local visitado, procurando determinar as doenças endêmicas às quais estavam sujeitos:

No Brasil, onde as erisipelas são tão freqüentes, e outras doenças, se devem indagar as causas principalmente da morfêia ou mal de São Lázaro, espécie de doença que não parece ser própria daquele país, e talvez passasse da África, com os pretos, para aquele continente, da mesma sorte que para lá trouxeram o escorbuto, ou mal de Luanda. Além destas, se devem observar as carneiradas, tão freqüentes em algumas terras do Brasil, principalmente nas que rega o rio de São Francisco, onde costumam fazer estragos terríveis, todos os anos, nas suas enchentes.³⁵⁹

Uma outra instrução de Vandelli ajudava na realização de diagnósticos sobre a salubridade dos locais, informação importante para se poder avaliar a saúde das pessoas. Para ele, seria fácil saber se um local era saudável ou não, bastando para isso “olhar

³⁵⁸ VANDELLI, 1779, p. 9.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 10.

para os seus habitantes, observar sua disposição, e as doenças endêmicas a que estão sujeitos”. Aconselhava, o professor de Ferreira, que se prestasse atenção especial aos “naturais do país”, por serem considerados “os mais inteligentes práticos”, e também por serem eles os conhecedores das plantas, seus nomes, usos e efeitos, “principalmente das que se podem extrair cores, e das que servem nas doenças próprias daquela parte da América onde eles morarem”³⁶⁰

Assim como o ar, os ventos mereciam toda a atenção do naturalista, que deveria procurar as causas de sua agitação, seu sentido, direção, formação e os fenômenos que provocavam. Em terra, ao contrário do mar, os ventos seriam mais irregulares, pois encontrariam obstáculos em seu caminho, como montanhas, florestas e cidades, o que fazia com que mudasse sua direção e diferenciasses suas manifestações, dando origem a furacões, redemoinhos, raios e trovoadas³⁶¹.

Todas as orientações de Vandelli referentes à observação da qualidade do ar estão explícitas no manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*. O desenrolar do texto do naturalista obedeceu às ordens de seu superior, mas se informava na obra de Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Para este médico, o ar manteria em suspensão substâncias originadas das emanações telúricas, como transpirações animais e vegetais, e todos os miasmas contagiosos que se elevavam de corpos em decomposição, funcionando como um “armazém universal do nosso globo, onde se deposita tudo o que se exala dele”³⁶². Desse modo, sua composição regularia a saúde: vapores pútridos comprometeriam sua elasticidade, podendo mesmo asfixiar; o excesso de sais poderia coagular o sangue dos capilares, e os miasmas que o infectavam provocariam epidemias:

Os efeitos do grande calor do ar ou dos lugares tão quentes como o nosso corpo, vão causar enfermidades ou doenças; dissipam-se os humores mais sutis, saem pela transpiração, pelo suor e pela urina em abundância. Fica o sangue, seco, térreo e espesso, geram-se enfermidades melancólicas, lepra, vômitos pretos, câmaras de sangue e febres ardentes. Se este calor demasiado se juntar com sufocação do ar, então apodrecem todos os humores, e pode causar mesmo a peste.³⁶³

³⁶⁰ *Ibidem*, p. 56.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 10-11.

³⁶² SANCHES, 1757, p. 17.

³⁶³ *Ibidem*, p. 7.

Ribeiro Sanches reforçava sua posição com a exposição de uma carta que havia lido, recebida de Macau, escrita pelo padre André Pereira Mandarim (que a havia dirigido em 1743 ao bispo Policarpo de Sousa), na qual o padre relatava os calores excessivos que haviam atingido Macau, os quais provocaram a morte de muita gente. Em seguida à mortandade – continuou o padre André –, houve tal contaminação do ar, que o resultado foi uma epidemia, que matou mais gente ainda. Segundo o relato do padre, a situação começou a melhorar apenas quando teve início um vento muito forte e muito quente, feito um tufão, que, ao mover o ar, fez com que caísse alguma chuva, cujo efeito foi a diminuição da temperatura, “e começou a gente a respirar, e logo cessaram as mortes”. E o médico Sanches completou:

Preferi esta verídica e judiciosa relação a todas as que li nesta matéria, e confirma tudo o que disse Prospero Alpino das doenças do Egito, que cessam logo que aparecem as primeiras pingas de chuva. Desta observação se poderá considerar o bem que fará disparar peças de artilharia no tempo das calmarias debaixo da linha, e queimar muita pólvora, repicar os sinos quando o ar estiver inflamado em bochorno, e agitar o ar será então o mais saudável remédio.³⁶⁴

A prática de “agitar” a atmosfera, promover a ventilação através do toque dos sinos, ou pelos tiros de canhão, aumentava quando havia o perigo de doenças; a “varredura” do ar provocada pela explosão da pólvora teria o efeito de um desinfetante³⁶⁵. Como se acreditava que todo corpo, “vivente” ou “insensível”, possuía sua própria atmosfera particular, e que cada uma destas se juntaria aos vapores e exalações do globo, esse acúmulo de exalações e vapores acabariam por provocar chuvas, relâmpagos, trovões e raios, cujos resultados seriam benéficos, pois chuvas limpariam o ar, e os relâmpagos e os trovões o purificariam, através do movimento³⁶⁶.

No entanto, o movimento sozinho não preservaria o ar da podridão³⁶⁷; apenas tornaria mais fluidas as substâncias em suspensão, para que “evaporassem e exalassem”. Desse modo, o ar, agitado pelas forças atmosféricas provocadas pelas tempestades, e a

³⁶⁴ SANCHES, 1757, p. 8-9.

³⁶⁵ CORBIN, 1987, p. 129.

³⁶⁶ *Ibidem*, p. 22.

³⁶⁷ Segundo Ribeiro Sanches havia três graus conhecidos de destruição dos corpos: alteração, podridão, corrupção. “A alteração é o primeiro grau da destruição de qualquer corpo. [...] A podridão é o segundo; um corpo vivente ou vegetal podre perdeu a vitalidade, mas não está corrupto. A corrupção pressupõe a destruição da forma e a geração de outras. Dizemos que a água se corrompe quando nela observamos insetos novamente gerados; a podridão precedeu, continuou com vigor e corrompeu-se” (SANCHES, 1757, p. 22).

força dos ventos, “limpando aquela transpiração, e aquele ar embebido com ela, outro vem em seu lugar, e neste movimento contínuo e mudança da transpiração é que consiste a conservação dos corpos”³⁶⁸.

Mas não apenas o calor poderia ser nefasto. Eram sobejamente conhecidos os efeitos maléficos da alternância intempestiva de calor e umidade, e Sanches citou as colônias portuguesas dos trópicos, recortadas por “caudalosos rios, cobertos de altíssimos arvoredos, bordados, todos, pelo mar, às vezes separados por lagos”, e onde o calor era contínuo, como exemplo de insalubridade. Para reforçar esta idéia, o médico lançou mão de um trecho de Guilherme Piso e, por sua vez, Ferreira incorporou o mesmo texto ao manuscrito *Enfermidades endêmicas*, aplicando-a ao caso específico do Mato Grosso.

Piso nomeou os maiores rios do Brasil, como o Madeira, o Tocantins, o Amazonas, o Guanapu, o São Francisco, o Paraná, e o Prata, e também referiu-se aos inumeráveis rios menores que “entram por todos os lados nestes principais nomeados”. Após as chuvas constantes do mês de março, todos ultrapassavam seus leitos, inundando tudo ao redor, a uma distância de até três ou quatro léguas. As chuvas duravam até o mês de agosto, mas permaneciam inconstantes durante todo o ano. Essa inconstância não provocava apenas os transtornos mais comuns, que acompanhavam qualquer enchente; provocava também outros mais graves, pois a força das águas arrastava consigo árvores e animais mortos e, quando as águas novamente entravam em seu curso normal, os campos ficavam

cheios de charcos que, com o calor, apodrecem e morrem neles os peixes, com os corpos dos mais animais e vegetais. Geram-se, então, imensidade de insetos, que todos vêm a apodrecer, e como o calor é cotidiano, mais se sutilizam a cada dia, até que tudo convertido em vapores e exalações podres, se desvanece na atmosfera.³⁶⁹

Caso essas “exalações podres” não se espalhassem, o ar se corromperia, pois, além das qualidades de quente, frio, úmido ou seco, também tinha aquela de se corromper. Essa corrupção se daria em casos de lugares fechados, com umidade e calor excessivos, sem ventilação atmosférica. Isso poderia ocorrer em todos os climas, mas particularmente nos trópicos, e, como resultado de tais exalações pútridas, ocorreriam

³⁶⁸ Ibidem, p. 32.

³⁶⁹ A citação feita por Ribeiro Sanches foi retirada de Guilherme Piso (cf. SANCHES, 1757, p. 38-39). Alexandre Rodrigues Ferreira incorporou o mesmo trecho a *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*.

“febres pestilentes” “que chamam carneiradas nas minas do Mato Grosso, Cuiabá e Goiás. Da mesma origem vêm outros males tão comuns a todo o Brasil, como são os insetos mais nocivos à saúde e outras moléstias vulgares”³⁷⁰. Se não houvesse abundância de chuvas, com trovões, relâmpagos, raios e ventos fortes, a doença se instalaria permanentemente nesses locais, que ficariam inabitáveis; a ação dos ventos e das chuvas era necessária para a restituição da elasticidade do ar, que muitas vezes se perdia, devido às calmarias e aos grandes calores.

O equilíbrio deveria ser perfeito para que as forças da natureza pudessem manter a salubridade de um local. No entanto, como nem sempre a natureza sozinha conseguia promover a salubridade, havia a possibilidade de se colocar em atividade determinadas práticas, que garantissem, nesses locais, a sobrevivência do ser humano. Dentre essas práticas, estavam a escolha criteriosa dos lugares nos quais seriam edificadas as cidades, levando em consideração a direção dos ventos, a altitude do terreno, a localização das fontes de água, o modo de construir as casas, igrejas, quartéis e hospitais:

Nenhuma vila ou cidade poderá jamais ser sadia se nos arredores houver pauis, atoleiros e águas encharcadas, porque não somente a atmosfera daqueles lugares será sempre perniciosa, mas ainda dos lugares circunvizinhos os ventos trarão consigo aquelas exalações e as comunicarão a todos os lugares por onde passarem. E as vilas ou cidades serão tão molestadas por elas como se estivessem sitas junto dos pauis e charcos.³⁷¹

No entanto, em certos locais insalubres ou menos salubres mas cuja localização estratégica recomendasse a fundação de cidades, a solução seria abrir vias de acesso, corredores livres no meio da mata por onde o vento pudesse circular, evitando-se derrubadas indiscriminadas de árvores e solucionando um grave problema de ventilação. A preocupação com a estagnação das águas ocupou os principais sábios da época, que viam nos “pauis” fonte por excelência de doenças³⁷². Como se acreditava o corpo doente também desprendia emanações nocivas, odores morbíficos, a situação se agravava, pois todas as emanações se juntariam, tornando o ambiente corrompido.

Os estudiosos setecentistas acreditavam nos males provocados pelas emanações telúricas e pela impregnação de determinados locais com emanações nocivas. Por isso, naqueles pontos assim impregnados, a orientação era de que se dormisse em redes,

³⁷⁰ SANCHES, 1757, p. 39-40.

³⁷¹ SANCHES, 1757, p. 85.

³⁷² CORBIN, 1987, p. 48.

como os índios, sempre sobre uma fonte de fogo, para “dissipar a umidade da atmosfera” e preservar a saúde, ou sobre “fornos”, como se fazia na Rússia e na China³⁷³.

Embora se acreditasse que nos trópicos é que se concentravam os locais insalubres, Sanches apontou o paradoxo de, nesses lugares, nos quais eram gerados “cada dia e cada hora a podridão, pelo calor e umidade exorbitante”, nasciam também os mais variados e fragrantes aromas e especiarias: “com o calor que dispõem a apodrecer os vivos e os vegetais, com o mesmo faz transpirar as plantas e as árvores aromáticas”. Como as especiarias eram conhecidas e utilizadas como eficientes corretivos da podridão dos corpos, as exalações promovidas pelas árvores de canela, noz moscada, bálsamos, almecega “e outros infinitos” auxiliariam a corrigir a podridão da atmosfera³⁷⁴.

A função terapêutica dos aromas já era conhecida desde a Antiguidade, mas no século XVIII deu-se muita importância a ela. Farmacopéias dedicavam grandes espaços aos medicamentos que utilizavam os aromas em sua composição³⁷⁵. Esses medicamentos possuíam a virtude de, ao mesmo tempo em que combatiam os “vícios da atmosfera”, aumentarem a resistência do organismo, barrando a putrefação e destruindo o veneno da doença. As fumigações e aspersões com ervas aromáticas teriam o poder de destruir a pestilência escondida nas paredes, nos móveis e nas roupas dos doentes. O mesmo poder purificador não era conferido à água, cuja estagnação seria difícil impedir, e também pelo fato da umidade ser considerada mais perigosa do que o ressecamento. Acreditava-se que a água se infiltrava no corpo através dos poros, principalmente por meio de banhos quentes, que provocavam fissuras na pele e deixavam o corpo vulnerável aos ares malsãos. Também pelos poros abertos poderiam escapar os humores, levando ao desequilíbrio e à doença. Por volta de meados do século XVIII, banhos já eram aceitáveis, pois se pregava que os quentes faziam circular os humores, considerado fundamental. No entanto, ainda eram limitados e cercados de cuidados: purga antes da imersão, cama e repouso depois³⁷⁶. Os lunários, bastante divulgados no Brasil setecentista e estudados por Mary del Priore, advertiam contra os

³⁷³ SANCHES, 1757, p. 52.

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 43.

³⁷⁵ Cf. CARNEIRO, 1994.

³⁷⁶ Cf. VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 108.

excessos de banhos e da atividade sexual: ambos poderiam “danar a vista”, pois “aquentavam a umidade e fria natureza dos olhos”³⁷⁷.

Lugares insalubres eram considerados fáceis de identificar; Ribeiro Sanches recomendava que se observasse a tonalidade da voz dos moradores: se fosse “clara, sonora e agradável”, o local seria bom, ao contrário daquelas pessoas que viviam em “lugares úmidos, charcos, pauis e terras alagadas”, que teriam a voz “rouca, pesada e baixa”³⁷⁸. Em relação à capitania do Rio Negro, citando o cirurgião Braga, Ferreira registrou, no manuscrito sobre doenças, claramente seguindo Sanches:

a cor, em quase todos os filhos dos brancos, ou sejam tais ou mamelucos, é macilenta, as vozes débeis e desentoadas, e todos eles ociosos e negligentes, o que faz concluir que este nenhuma diferença tem para menos do que se experimenta nos climas das outras colônias portuguesas, que estando situadas entre os trópicos, são cortadas por caudalosos rios, cobertas de altíssimos arvoredos.³⁷⁹

A noção da insalubridade potencial das regiões cortadas por grandes rios, portanto, inundáveis, e cujo clima fosse inconstante, era aceita sem restrições. Nesses locais, os rios inundariam largas extensões de terra, e deixariam charcos em seu caminho, nos quais ficariam concentrados vegetais e animais mortos, que apodreceriam sob o efeito do calor. A concentração de vapores e exalações podres que saíam desses charcos corromperia a atmosfera³⁸⁰, e o resultado dessa ação seriam as “febres pestilentes”, “carneiradas”, além da proliferação de insetos nocivos à saúde “e outras moléstias vulgares”. Provocariam também doenças, como as diarréias e as disenterias, que se tornariam mais mortais à medida que o calor aumentasse, além das “febres intermitentes”, “mas de natureza tão maligna que se terminam ordinariamente por hidropsias, e estas com a morte. Muitas vezes se convertem em febres ardentes, com delírios, e morrem por parótides, pintas e carbúnculos”³⁸¹.

Essa situação se repetiria em todos os locais onde houvesse inundações, fosse em Portugal, nos locais que bordejavam o Tejo, em Angola, na Rússia, na China, ou na América. No caso americano, baseando-se no licenciado Antonio José de Araújo Braga,

³⁷⁷ DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 306.

³⁷⁸ SANCHES, 1757, p. 49.

³⁷⁹ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁸⁰ Cf. SANCHES, 1757.

³⁸¹ BNRJ – 21, 2, 5, citando Ribeiro Sanches.

cirurgião da Quarta Partida da Diligência da Demarcação de Limites, Ferreira exemplificou o assunto com as enxurradas que, ao descer as serras, vindas das cabeceiras dos rios, arrastavam consigo “substâncias térreas, salinas e metálicas”, que, carregadas pela correnteza, deixavam os rios com as águas turvas. Como era costume dos moradores da capitania beber dessas águas sem qualquer cuidado de filtração, haveria o risco desse hábito provocar “obstrução”, à qual se seguiriam outras doenças³⁸². Ferreira alertou também para o risco de envenenamento que acompanhava as pessoas e animais que se servissem daquelas águas, principalmente nos casos de lavagem de um determinado tipo de mandioca, sabidamente venenosa.

Ferreira, seguindo ainda Ribeiro Sanches, registrou que os efeitos produzidos pelo calor na qualidade do ar eram enfermidades como “as melancolias, as lepras, os vômitos pretos, as câmaras de sangue, as febres ardentes”³⁸³. Aplicando essa observação ao caso específico da capitania de Mato Grosso, concluiu que os aspectos físicos da região produziam as doenças que atacavam seus habitantes. As matérias podres, presas nos charcos, enquanto não se espalhassem pela atmosfera, provocavam a permanência de um ar “demasiadamente denso, privada da sua elasticidade e incapaz de entrar nos pulmões”, que só poderia levar a doenças³⁸⁴.

Portanto, embora conhecesse as necessidades políticas que levavam muitas vezes a que se fundassem povoações em margens de rios, Ferreira não considerava essa prática recomendável. No entanto, sempre se poderia emendar com a arte, os defeitos da natureza”, afirmou, seguindo Ribeiro Sanches, por ele denominado de “apaixonado da saúde dos povos”. Segundo aquilo que Alexandre Rodrigues incorporou de Ribeiro Sanches, os locais inundáveis, em tempos de chuvas ficavam cobertos de águas estagnadas e podres, e os ventos, raramente puros, traziam consigo, segundo o lugar, neve vindas das montanhas, ou vapores de lagos e áreas alagadas. No inverno, tais locais seriam frios e úmidos, e no verão, muito quentes, disso resultando “o ar sufocado, os bichornos, e outras doenças mortais”. Se, nesses locais, houvesse bosques espessos, de altas árvores, o frio e a umidade seriam maiores, e então ocorreriam, todos os anos, “febres intermitentes de pior sorte, com febres ardentes e pestilenciais”.

No entanto, também aquelas povoações situadas em amplas campinas, distantes de montes e arvoredos, possuiriam defeitos, pois o terreno, quanto mais úmido fosse,

³⁸² *Idem.*

³⁸³ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁸⁴ *Ibidem*

mais dificuldades teria em dissipar os vapores, pois faltariam os ventos regulares, que a ausência de bosques e montes provocava. Desse modo, as águas também seriam de má qualidade, pois em tais locais as fontes seriam raras. As águas da chuva, “não tendo corrente, ficarão encharcadas e apodrecerão, e não sendo ventilada pelos ventos, a atmosfera será sempre úmida e podre”³⁸⁵.

Continuando a citar Ribeiro Sanches, Ferreira utilizou o exemplo de Pequim, localizada em uma ampla campina, e onde as casas eram todas térreas, apesar do terreno úmido. O que preservava os chineses de doenças, segundo o naturalista, seria o fato de “dormirem sempre sobre o fogão ou chaminé onde cozinham”³⁸⁶. Um outro exemplo, o da Rússia, também serviu para explicar como os habitantes de um território que ficava coberto de neve durante oito meses, com muitos bosques e poucos montes, úmido por excelência, podiam se preservar de doenças, morando em casas térreas, ou muito baixas. A explicação era a de que dormiam “de verão e de inverno sobre as chaminés, feitas como os nossos fornos”

Essa discussão era muito apropriada ao caso específico da capitania do Mato Grosso. Coberta por densas matas, de grandes árvores, e cortada por muitos e caudalosos rios, a capitania concentrava em seu território as características que, em conjunto, tornavam-na um espaço potencialmente doentio. Os ventos purificadores, que poderiam resolver a questão dos ares corrompidos, provocados pela permanência de charcos, eram impedidos de circular por causa da altura das árvores.

Os exemplos colocados por Ferreira serviam para melhor explicar o caso de Vila Bela da Santíssima Trindade, localizada na margem oriental do rio Guaporé, situada entre duas serras, o morro do Grão-Pará e a serra de São Vicente, em terreno alagadiço e arenoso. A cidade foi considerada pelo naturalista como sendo regular, mas suas ruas, embora direitas, não eram calçadas, o que fazia com que, nas invernadas, ficassem encharcadas. Tal situação piorava com a ação dos porcos, soltos, que abriam fossos para se deitar. Quanto às casas, embora alinhadas, eram térreas e cobertas de telha vã, “e todas elas, ou simplesmente aterradas, ou ladrilhadas de tijolo”. Esse tipo de casa não foi considerado adequado para um local onde havia enchentes com freqüência e onde a temperatura era instável. Além do mais, as casas eram mal ventiladas, com janelas

³⁸⁵ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁸⁶ *Idem* Nota de rodapé do autor: “Põem a aquecer a água, o vinho, e geralmente todos os licores que usam. Não sei se hei de atribuir a este costume de beberem quente a saúde que têm; gota e pedra são moléstias que lá se não conhecem” (SANCHES, 1757, p. 52).

“pouco rasgadas, e comumente defendidas por gelosias ou empanadas, ou esses tecidos de esteira a que chamam gurupemas, que impediam o livre acesso do ar”.

Nessa apresentação negativa de Vila Bela, Ferreira sintetizou o pensamento científico que o norteava: ruas sem calçamento, que nas chuvas se encharcavam, porcos que fossavam o terreno, casas térreas, cobertas de telha vã, e ladrilhadas de tijolo, janelas pequenas, que não iluminavam e nem ventilavam, enfim, um ambiente úmido, no qual se encontrariam fontes onde se cavasse. Durante as chuvas de janeiro, fevereiro e março a vila ficava inundada, as ruas transformadas em braços de rios, por onde circulavam canoas. Por volta do final de março, quando principiava a vazante, começavam a aparecer as doenças, “febres intermitentes” e “catarrais”, “porém sem aquela malignidade que trazem as do estio”. De março a julho, vinham as “friagens”, súbitas variações da atmosfera que provocam alterações na saúde dos moradores da capitania, que nunca estavam preparados para ela, e o frio durava de 2 a 8 dias, com ou sem chuva. Como as casas não eram adequadas ao frio, no tempo das friagens ocorriam “constipações, as pontadas, as defluxões, catarrais”.

As friagens atingiam não apenas os moradores das vilas, mas também os navegantes dos rios, e disso o próprio Ferreira provou algumas vezes. Em uma dessas situações, em fins do mês de maio, em pleno rio Mamoré, o frio foi tão grande que os índios não conseguiam remar, passando aquele dia em terra, ao redor de fogueiras. Desse modo, considerando a localização da vila, sua organização espacial e estilo de construção, Ferreira aconselhava que se introduzisse na América os modos de dormir de russos e chineses, ou que se seguisse o exemplo dos índios, “de dormirem nas hamacas, sempre com fogo debaixo”.

Para enfatizar a umidade que havia na capitania, Ferreira elaborou um quadro de distâncias dos lugares por onde passou, registrando todos os cursos de água que atravessou durante sua viagem à vila do Cuiabá, todos eles “mais ou menos bordados de palmares, tabocais e diversos arvoredos, assim como as lagoas e as várzeas, semeadas de arroz vermelho e outras gramas”. Nessa viagem, atravessou 51 ribeiros, considerando os grandes e os pequenos, e 11 lagoas, sendo que “várzeas inundadas pelo inverno, são inumeráveis”.

Não havia dúvidas de que a capitania era composta por terrenos úmidos e que seu clima era muito quente, com investidas inconstantes das “friagens”. Dessa alternância entre o calor, a umidade e o frio é que o naturalista, baseado nas teorias da época, afirmava que tinham origem as doenças que atingiam seus habitantes, as mesmas

enfermidades que atingiriam pessoas em qualquer parte do mundo onde as mesmas circunstâncias fossem semelhantes: “as febres, a obstrução, a hidropsia, o escorbuto, a catarral, o pleuriz, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção, a sarna, a impingem, o bócio e outras”³⁸⁷. Portanto, as doenças mais comuns às regiões tropicais, seriam aquelas que advinham dos maus efeitos do “ar infectado”, fruto do desequilíbrio em sua constituição³⁸⁸.

A pior característica climática que um local poderia apresentar seria a mudança súbita de temperatura, de calor para frio excessivo, ou o contrário; era certo então que tais alterações provocavam “doenças inflamatórias, esquinências, pleurizes, catarros e reumatismos, e na Índia, a doença de Mordechim”³⁸⁹.

Desse modo, os ares e os lugares influenciariam o equilíbrio dos humores e, caso as características fossem negativas, promoveriam a disseminação de doenças. O território da capitania de Mato Grosso, por concentrar em si características naturais que não eram bem vistas pela ciência da época, como calor, umidade e clima inconstante, já era visto, de antemão, como um local insalubre, de “ares corruptos”.

Havia, portanto, estreita ligação entre aquilo que os capitães gerais afirmaram a respeito do território da capitania de Cuiabá e Mato Grosso e as noções de salubridade que a ciência da época pregava, como pudemos confirmar através do manuscrito sobre doenças de Ferreira. É preciso considerar, ainda, que Antonio Nunes Ribeiro Sanches foi um médico e pensador de grande expressão, cujas idéias influenciaram políticos, como Pombal, em questões relacionadas à saúde, tanto no reino como nas colônias, e que os enviados coloniais oficiais certamente conheciam suas idéias sobre a “conservação da saúde dos povos”, tema que merece maiores investigações.

³⁸⁷ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁸⁸ SANCHES, 1757, p. 59.

³⁸⁹ *Ibidem*, p. 11.

Capítulo IV

As doenças da capitania

O manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso* oferece destaque às “febres”, embora trate também de outras patologias. De um modo geral, os autores de manuais sobre doenças, ao discorrer sobre qualquer enfermidade apresentavam suas características, diferenças, causas, sinais e prognósticos, para, em seguida, apresentar os modos de cura³⁹⁰. O trabalho de Ferreira partiu desse mesmo princípio: apresentou alguns tipos de febres e, em seguida, seus modos de cura, mas com a peculiaridade de oferecer os dois modos praticados na capitania, o “europeu” e o “americano”.

Ferreira apresentou, dispersos em seu texto, uma diversidade de nomes de febres: “pestilente, intermitente, ardente, podre, maligna, sintomática, contínua, remitente, depuratória, miliar, petequial, maligna nervosa, castrense, hospitalícia, carcerária, náutica, cotidiana, terçã, quartã, doble, benigna, perniciosa, histérica, lenta, pestilente, epidêmica, hética, depuratória, errática”³⁹¹, e outras denominações apareceriam, caso fosse outro o local e outras as endemias. No entanto, observamos que alguns nomes conferidos a determinadas doenças eram sinônimos, o que nos levou à elaboração de um quadro contendo as “febres” que o naturalista destacou em seu estudo, a partir do esquema classificatório que o naturalista utilizou.

Para Alexandre Rodrigues, uma das maiores dificuldades que havia encontrado para a correta identificação e cura das febres foi o fato de, no Brasil, a maior parte das pessoas atingidas ser “índios, mulatos ou negros, os quais não sabem informar nem como nem quando lhes principiam as febres, e muito menos guardar os preceitos da arte”. A situação ficaria mais difícil se a pessoa que fosse aplicar os medicamentos não tivesse experiência suficiente para identificar corretamente a doença. Por isso, o naturalista considerava fundamental saber distinguir uma febre de outra, o que se poderia fazer através da observação do local, do tempo, e se era endêmica ou epidêmica.

³⁹⁰ MORÃO, 1965, p. 88.

³⁹¹ BNRJ – 21, 2, 5.

Determinando bem seu campo de estudo, Ferreira deixou claro que não trataria das febres “sintomáticas”, pois faria isso quando fosse tratar “das enfermidades a que elas servem de sintomas”. Ressaltou que trataria apenas das “essenciais”, que eram as “contínuas, intermitentes, remitentes”, assim como de seus desdobramentos. Como a orientação de Vandelli a Ferreira era a de que estudasse as doenças endêmicas³⁹² – e foi o que ele fez –, neste estudo vamos procurar nos ater apenas àquelas enfermidades que o naturalista citou como sendo “próprias do país”, as “que são destes rios e seus territórios”.

Algumas dessas doenças eram, até então, pouco conhecidas ou até mesmo totalmente desconhecidas para determinados grupos, e haviam eclodido em decorrência das intensas trocas de vírus e bactérias, incrementadas à medida que muita gente acorria às minas. Índios americanos não contavam com resistência imunológica à invasão de células patogênicas, tanto de europeus como de africanos, o mesmo acontecendo entre negros e brancos, e nesse campo foram travadas verdadeiras batalhas biológicas.

A ocupação de terras até então incultas gerou desequilíbrios que se manifestaram através da proliferação de doenças transmitidas por mosquitos, provocando febres palustres. Entre os índios, já eram comuns o bócio, as parasitoses, as disenterias e alguns tipos mais brandos de malária, como as “terças simples” e as “quartãs”. Os escravos negros traziam de algumas regiões da África o tracoma, a dracunculose, a ancilostomíase (amarelão) e a febre amarela, além de um tipo de malária mais letal, do gênero *Falciparum*, as “terças dobles”. Os brancos, por sua vez, carregavam consigo os vírus da varíola, da rubéola, da escarlatina, os bacilos da tuberculose, a lepra, as doenças venéreas e dermatoses, como a sarna. Nesse meio favorável à disseminação de doenças, a sífilis também fazia seus estragos, assim como a “bouba” ou “piã”, além da gonorréia, ou “corrimento do cano”³⁹³. Os brancos, por suas viagens através dos continentes, já haviam adquirido maior resistência imunológica, mas os índios morriam aos milhares.

As febres eram classificadas em “sintomáticas” e “essenciais”, mas Ferreira tratou apenas das “essenciais”: “Eu das essenciais é que particularmente trato neste artigo. Elas são contínuas, intermitentes, remitentes, etc”³⁹⁴.

Desse ponto em diante o naturalista passou a enumerar os tipos de febres, e supunha haver “tantas espécies de contínuas quantas há de enfermidades”. Para melhor

³⁹² Cf. VANDELLI, 1779.

³⁹³ SANTOS FILHO, 1991; ALENCASTRO, 2000, p. 118.

³⁹⁴ BNRJ – 21, 2, 5.

compreendê-las, afirmou, seguiria a indicação de alguns práticos, que diziam haver apenas quatro tipos: contínuas simples, podres, ardentes e malignas. E, mesmo assim, para ele, seguindo Boerhaave, talvez não houvesse diferença entre elas³⁹⁵, podendo ser todas graus diferentes de uma mesma enfermidade. No entanto, Ferreira trataria de cada uma como se fosse distinta. Dentre as “contínuas simples” (ou continentes), destacou as “cotidianas, terçãs, quartãs”, que eram aquelas que não tinham “mais que um período dentro nos termos de suas repetições”; quando esses sintomas se duplicavam, passavam a se chamar “dobles”.

A “cotidiana” era aquela que todos os dias atacava e declinava, voltando no dia seguinte. O importante seria distingui-la de alguma “cotidiana sintomática”, como a “catarral”, e da “febre histérica”. Ferreira admitiu que a muitas pessoas faltavam conhecimentos para essa identificação. Para uma boa interpretação seria necessário recorrer à observação de outros aspectos, como a análise dos sedimentos das urinas e o espaço de tempo entre os acessos³⁹⁶. O naturalista registrou que havia sofrido durante vinte e cinco dias de “uma rigorosa cotidiana”, e que o riscador José Joaquim Freire havia padecido da mesma enfermidade “pelo tempo de dois meses, e a terçã, pelo de seis, com poucos dias de falha”³⁹⁷.

As febres terçãs seriam aquelas cujas manifestações se apresentavam em dias alternados, e se acreditava que sua origem seriam as afecções do fígado. Os “tercenários” apresentavam cores ictéricas e dejeções biliosas. “Terçãs simples” e “quartãs” configuravam malárias benignas. Já as “terçãs dobles” seriam diferentes; provocavam sintomas graves, e por isso eram chamadas de “maleita”, *febris maledicta*³⁹⁸. Os espanhóis a denominavam “calentura”, os portugueses, “sezões, terçãs, quartãs e maleitas”, e todas seriam manifestações da malária³⁹⁹, cujo nome derivava das

³⁹⁵ Hermann Boerhaave (1668-1738). Para este médico holandês, o corpo humano seria composto por vasos e tubos membranosos. Ele comparava partes do corpo a estruturas mecânicas, como pilares, cunhas, alavancas, roldanas e foles. Propôs um modelo hidráulico do corpo humano, interpretando a saúde como o efeito do equilíbrio de uma pressão fluida adequada nos receptáculos humanos. Cf. LINDEMANN, 2002, p. 83.

³⁹⁶ BNRJ – 21, 2, 5.

³⁹⁷ *Ibidem*.

³⁹⁸ Originária da África Ocidental, essas terçãs dobres eram transmitidas pelo protozoário *Plasmodium falciparum*, causador da encefalopatia comatosa ou delirante, como também de febres que destroem os glóbulos vermelhos e levam à obstrução renal. Como os africanos já haviam adquirido resistência a ela, o parasita incidia com mais violência nos europeus e nos índios (cf. ALENCASTRO, 2000, p. 136).

³⁹⁹ Doença provocada por um protozoário *Plasmodium*, transmitido pela picada do mosquito fêmea *Anopheles*.

palavras italianas “mala” e “ária”, mau ar, ou “febre palustre”, originada nos miasmas dos charcos e pântanos⁴⁰⁰. Todas as febres intermitentes poderiam evoluir para “intermitentes malignas”. Eram tão comuns no Mato Grosso que Ferreira as considerou “um dos tributos que pagam as margens destes rios, e principalmente as do Guaporé, quase todas as idades, todas as constituições e todos os temperamentos”⁴⁰¹.

Já as febres “remitentes” seriam aquelas que desde o início até o fim de sua manifestação não apresentavam aumento nem diminuição, nunca abandonando o doente. Eram consideradas complicadas para tratar, por serem de difícil identificação. Ferreira listou também as febres “benignas”, que seriam aquelas que não apresentavam perigo, ao contrário das “perniciosas”. As febres poderiam também ser “erráticas”, quando “erravam a hora de seu acesso, repetindo nos dias costumados”, “vagas”, “quando nem dia têm nem hora certa de repetição”⁴⁰².

Ferreira classificava as febres em “remitentes”, “intermitentes” e “contínuas”, sendo que cada uma delas gerava outras classificações, como as contínuas, que se subdividiam em “simples, podre, ardente e maligna”. A “contínua simples”, ou “continente”, não apresentava sintomas graves e era de fácil identificação, caso não acompanhasse doenças muito evidentes, como a erisipela, erupções cutâneas e a disenteria, por exemplo. O primeiro cuidado a tomar era o de verificar se havia sintomas de corrupção⁴⁰³. Caso não fosse bem tratada, essa febre poderia se transformar em “febre inflamatória” ou em “febre podre”. Essa febre “podre” era perigosa, podendo ser confundida com a “maligna”, pela semelhança de sintomas.

A febre ardente⁴⁰⁴ era aquela que apresentava temperatura muito alta, e se acreditava provocada por insolação. Diferia da “podre” por apresentar sintomas mais graves, sendo também conhecida por “podre biliosa”. Da febre ardente morriam mais velhos do que jovens, e ela poderia se transformar em “febre maligna”.

⁴⁰⁰ ALENCASTRO, 2000, p. 136.

⁴⁰¹ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴⁰² *Ibidem*.

⁴⁰³ Na África, o “maculo”, “o bicho” ou a “corrupção do bicho” também era doença conhecida como “chuífa”, e atacava principalmente as crianças, cuja mortalidade era maior do que entre os adultos (cf. FREITAS, Octavio de. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 42).

⁴⁰⁴ Os sintomas da “febre ardente”, segundo Ferreira, eram calafrios, dores de cabeça violentas, delírios, convulsões, sede, boca amarga, lábios e língua secos e negros, vômito de bilis, “em alguns enfermos tão acre e urente que lhes estimula o esôfago e desbota os dentes” e dejeções “algumas vezes biliosas, como as dos ictericos”.

A “febre maligna” fazia parte das “contínuas”. Era de difícil identificação, o que exigia que se soubesse separá-la de outros tipos de febres. Prolongada, nunca terminando antes de vinte dias, era “comumente epidêmica e contagiosa como a peste”. Durante todo o tempo de sua manifestação apresentava afecções dos nervos e do cérebro⁴⁰⁵. Atingia mais os soldados, os presos, os índios remeiros e os escravos negros. A “maligna” era quase sempre mortal, e caso o doente apresentasse melhoras, seria necessário cuidado redobrado, pois as recaídas costumavam ser fáceis e perigosas, e, nesses casos, poderia haver uma mudança para “intermitente” ou “terçã”, simples ou doble.

As malignas eram de difícil identificação, de modo que “ordinariamente sucede que a morte dos primeiros é que ensina o curativo dos últimos”⁴⁰⁶. Na Europa essa febre tomou diversos nomes. Quando apresentava alguma hemorragia era denominada *sudor anglicus*, *plica polonica*, “febre miliar” ou ainda “petequial” se apresentasse manchas pelo corpo ou erupções cutâneas. Caso atacasse os nervos, na Europa chamava-se “maligna nervosa”, e se sobreviesse a gangrena, como era comum quando se disseminava em acampamentos, prisões, hospitais e embarcações, chamava-se “castrense, hospitalícia, carcerária, náutica”, dependendo do local atingido. De acordo com Ferreira, a “náutica” se manifestava nas viagens que se faziam pelos rios do Brasil, e a do tipo contagiosa, “precedida de erupções carbunculosas, bubões, antrazes e seguida de uma grande mortandade”, era chamada “peste”. Os sintomas apresentados pelos doentes da peste eram vômitos e fezes negras ou verdes. O hálito, segundo Ferreira, era insuportável, o doente apresentava muita sede e calor, e suava muito, suores “tão pestíferos, que na própria câmara do empestado se não pode entrar sem um grande ressentimento do olfato”⁴⁰⁷. Em relação ao tratamento dos atingidos pela peste, Ferreira anotou: “de muito boa vontade me conformo com o parecer de alguns práticos, que é mais fácil preservar dela do que corrigi-la”⁴⁰⁸.

⁴⁰⁵ Os sintomas da “maligna” eram “os letargos, os delírios, os esquecimentos e as vertigens, as quais, nas outras febres, quando as acompanham, são comumente transitórias e não permanentes, como na maligna”. Os doentes atingidos pela “maligna” apresentavam profundo abatimento, alteração fisionômica, alternância de frio e calor, dor e peso na cabeça e por todo o corpo, extremidades convulsas, alteração nos órgãos dos sentidos, língua saburra no início, e depois “árida como queimada, esgretada, e trêmula”, hálito, suores e dejeções fétidos (BNRJ – 21, 2, 5.).

⁴⁰⁶ *Ibidem*.

⁴⁰⁷ *Ibidem*.

⁴⁰⁸ *Ibidem*.

Havia ainda as “febres perniciosas”, que Ferreira colocou na categoria “sezões e maleitas”, consideradas muito perigosas caso não fossem cuidadas de imediato com a quina. Já as “febres pútridas” seriam aquelas originadas “de humores que adquiriram podridão nas primeiras vias”⁴⁰⁹. Das “carneiradas” fariam parte alguns tipos de febres que eram endêmicas em Angola, e que foram introduzidas no Brasil por escravos⁴¹⁰.

Uma febre podia ser chamada de “peste” quando fosse de caráter epidêmico, mesmo que não se conseguisse sua identificação; “peste” ou “pestilência” era a forma genérica de se referir a diversas manifestações agudas de caráter epidêmico⁴¹¹. Seus sintomas seriam diferenciados de acordo com os temperamentos e “disposição dos corpos que infesta”, mas os sintomas mais comuns eram “carbúnculos, ou antrazes”⁴¹². Seria contagiosa, muitas vezes mortal, e sua origem era explicada desde a podridão, produzida por exalações da terra, até influxos celestes malignos, que infeccionariam os ares e as águas. Acreditava-se que se comunicava através do contato corporal e de tudo aquilo que fosse tocado pela pessoa infectada. Para a cura desta doença, o padre Bluteau registrou que a medicina havia descoberto “infinitos remédios”, mas que “o mais certo de todos é, ao primeiro rumor da peste, fugir depressa, e voltar devagar e, podendo ser, escapar primeiro e tornar o último”, pois os malefícios da doença permaneceriam latentes nas paredes, madeiras e ferros dos locais onde houvesse atingido⁴¹³.

Algumas febres foram passíveis de interpretações elaboradas por estudiosos médicos, como a “febre biliosa”, que provocava derrame de bile e icterícia, e que pode ter sido febre amarela ou tifo⁴¹⁴. Uma manifestação febril também podia ser chamada “constituição pestilencial”, quando fosse de natureza desconhecida. Assim denominou o médico João Ferreira da Rosa a doença que atingiu Pernambuco e Bahia em fins do

⁴⁰⁹ Este era um dos sintomas da “corrupção”.

⁴¹⁰ SANTOS FILHO, 1991, p. 166.

⁴¹¹ Os sintomas principais que atingiam os doentes dessa “constituição pestilencial” eram dor de cabeça e de estômago, sede intensa, tremor nas mãos e na língua, delírio, icterícia, vômitos negros, os vômitos de “atrabílis”, evacuações negras e anúria.

⁴¹² BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português & latino, áulico, anatômico, arquetônico, bélico, botânico, brasílico, cômico, crítico, químico, dogmático, dialético, dendrológico, eclesiástico, etmológico, econômico, florífero, forense, frutífero, geográfico, geométrico, gnomônico, hidrográfico, homônimo, hierológico, ictiológico, indico, ifagógico, lacônico, litúrgico, litológico, médico, músico, meteorológico, náutico, numérico, neotérico, ortográfico, ótico, ornitológico, poético, filológico, farmacêutico, quiditativo, qualitativo, quantitativo, retórico, rústico, romano, simbólico, sinônimo, silábico, teológico, terapêutico, tecnológico, uranológico, xenofônico, zoológico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos, e oferecido a el rei de Portugal D. João V.* Lisboa: Na Oficina de Pascoal da Silva, 1720.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 469.

⁴¹⁴ SANTOS FILHO, 1991, p. 167.

século XVII⁴¹⁵. O médico Rosa foi o primeiro autor a publicar uma obra sobre a febre amarela no Brasil, na qual aponta o quadro evolutivo da doença. Esse episódio foi trágico na colônia, e os contemporâneos referiam-se também à peste por “males”, por entender que concentravam em si todos os achaques.

Para prevenir epidemias, na colônia foram tomadas medidas profiláticas, como acender fogueiras em todas as ruas, disparar tiros de canhão para purificar os ares, cair as casas, queimar roupas e móveis dos mortos pela doença, proibir o sepultamento em igrejas, queimar pau-brasil no interior das igrejas⁴¹⁶. Na mesma ocasião, também utilizaram como preventivo o vinagre, o suco de limão ou qualquer fruta azeda e madura naturalmente, junto com o azeite tomado como alimento, a aguardente, a pimenta, o gengibre e o açafrão, na esperança de se preservar o corpo da “podridão”⁴¹⁷.

Várias explicações foram aventadas pelos contemporâneos sobre a origem dessa “febre maligna e contagiosa” que atingiu Pernambuco e Bahia, porém as mais prováveis dão conta de que provavelmente foi trazida por um navio vindo da ilha de São Tomé. Miguel Dias Pimenta elaborou uma longa explanação sobre esse “contágio”, para ele provocado pela abertura, no porto de Recife, de umas barricas de carnes podres, cujo cheiro matou, em poucas horas, os que estavam ao redor. Segundo Pimenta, os vapores maléficos saídos da carne podre infeccionaram o ar, e a peste tomou conta de Pernambuco, passando à Bahia, alcançando depois toda a costa do Brasil, sem distinção de sexo, condição social ou idade⁴¹⁸.

As barricas de carne podre serviram como explicação imediata para um mal ainda desconhecido na colônia americana. No entanto, o mais plausível é que a epidemia tenha sido provocada por contágio de negros escravos infectados com a febre amarela, vindos no mesmo navio das carnes. Há também uma teoria da origem antilhana da doença, defendida por Eustáquio Duarte. Como o Recife, à época, era uma das bases abastecedoras que ligavam os portos atlânticos da América e das Antilhas, um dos navios que atracavam em seu porto poderia ter transportado o inseto vetor, o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor do vírus da febre amarela. A doença era endêmica nas

⁴¹⁵ ROSA, 1694.

⁴¹⁶ *Ibidem*.

⁴¹⁷ RIBEIRO, 1997, p. 317.

⁴¹⁸ PIMENTA, Miguel Dias. Notícias do que é o achaque do bicho. In: ANDRADE, Gilberto Osório de. *Morão, Rosa & Pimenta: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

Antilhas, e no Brasil matou milhares de brancos e índios, poupando mais negros e mestiços⁴¹⁹.

A epidemia durou dez anos, e os surtos coincidiam com a chegada da “frota do ano”, comboio que anualmente ligava Portugal ao Brasil. Para Eustáquio Duarte, o afluxo de novos mosquitos transmissores, somado aos homens brancos indenes e aos infectados, fazia com que a epidemia reavivasse⁴²⁰. Essa “constituição pestilencial” também ficou conhecida por “bicha”, e o fato tem a ver com o resultado de uma autópsia feita em um marinheiro morto pela doença; o cirurgião encontrou lombrigas no cadáver, então chamadas “bichas”, e a elas atribuiu a doença.

Voltando aos expedicionários da viagem filosófica, todos experimentaram os efeitos das carneiradas, das constipações, das pontadas, das catarrais, das corrupções, dos garrotilhos, das disenterias, das obstruções, das hidropsias, do escorbuto, dos pleurizes, dos tenesmos, das hemorróidas, das sarnas, das impingens, dos bócios e “outras moléstias”⁴²¹.

A “corrupção” mereceu uma atenção especial do naturalista, por ser doença sempre associada às febres; em qualquer manifestação febril, o primeiro cuidado a se tomar era verificar se havia sinal dela nas “primeiras vias”. Doença que apavorava a todos, também conhecida na colônia como “bicho”, atacava o reto e o relaxava, “a termos de se lhe poder introduzir a mão fechada”⁴²². Para Ferreira, a doença seria devida à ingestão de alimentos mal conservados, ao calor reinante na capitania, à umidade e à falta de asseio. Para a prevenção, recomendava um hábito comum aos índios, “de feitas que sejam as dejeções, lavar (...) sempre o ânus com água fria, em que se tenha espremido suco de limão”. Além dessa limpeza, uma prática comum aos índios era introduzir no ânus “limão em talhadas, cujo costume é o que logo há o cuidado de repetir ao primeiro acesso das dores de cabeça e sonolência, não menos que o de examinar, pela vista e pelo tato, o mesmo ânus”⁴²³.

Morão, como medida preventiva da corrupção, recomendava também àqueles que quisessem se “preservar do bicho” que se lavassem de vez em quando com águas frias,

⁴¹⁹ Cf. SANTOS FILHO, 1991.

⁴²⁰ Eustáquio Duarte, *apud* SANTOS FILHO, 1991, p. 173.

⁴²¹ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴²² *Idem*.

⁴²³ MB – ARF. 20. *Sobre as doenças dos índios...*

que considerava o melhor remédio⁴²⁴. Também Luis Gomes Ferreira creditou a corrupção ao calor tropical e à falta de higiene:

por haver pouca limpeza na tal parte, passando-se muitos dias ou semanas sem se tomarem banhos. Ou também porque, havendo alguma febre se não tomam, sendo então mais precisos, ou porque, havendo alguma pessoa que tenha cursos, não toma os ditos banhos, sendo muito necessários para lavar e refrescar aquela parte, pelas quais causas se relaxam os músculos daquela parte, e se abre umas vezes menos, e outras mais, de tal modo que, não havendo grande cuidado em se remediar a tal largueza, em breves dias tira a vida.⁴²⁵

Os primeiros sintomas da corrupção eram sonolência e fortes dores de cabeça, que podiam levar ao desmaio. O tratamento deveria ser rápido, abrindo-se mão da sangria e aplicando-se medicamentos conhecidos como “anti-pútridos”, como a quina, além da aplicação de clisteres, preparados com o cozimento de erva de bicho – medicamento por excelência da corrupção –, limões azedos, pimentas comaris, açúcar de rapadura⁴²⁶ em pó, sal moído (as “ajudas”) e uma pasta preparada com uma mistura de sal, pólvora, pimenta, gengibre, pó de verdete, e “outros corretivos da gangrena”⁴²⁷.

O tratamento da “corrupção” seguia algumas etapas. Primeiro, um banho, e em seguida o clister, fazendo o possível para que o doente permanecesse com ele o maior tempo possível. Após a expulsão do conteúdo, outro banho, para em seguida se introduzir, no reto do doente, certas pilulas, feitas com uma massa na qual entravam erva de bicho e caldo de limão. As pilulas seriam depois umedecidas “em água em que tenham desfeito algumas pimentas malaguetas, e se for em Portugal, desfarão na tal água um ou dois pimentões”⁴²⁸, e com elas se preencheria o espaço da “largueza”. Esse ritual se repetiria por três ou quatro vezes ao dia. Nos casos graves, deveria ser repetido de duas em duas horas e, se após duas ou três aplicações o doente ainda não sentisse dores, seriam aumentadas a quantidade dos ingredientes, principalmente a pimenta. Se necessário, que se colocasse o doente com a cabeça mais baixa e os pés mais altos, para reter o medicamento. Por fim, após a limpeza proporcionada pelos clisteres, pilulas e

⁴²⁴ MORÃO, 1695, p. 74.

⁴²⁵ FERREIRA, 1735, p. 419.

⁴²⁶ Curioso observar a ignorância de Américo Pires de Lima sobre a brasileiríssima rapadura: “Não pude averiguar ao certo de que se trata. Será o mesmo que *rasuras*, isto é, sarro de vinho ou cremor de tártaro? Este, ainda hoje considerado como diurético, catártico e refrescante”. (LIMA, 1949, p. 20).

⁴²⁷ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴²⁸ FERREIRA, 1735, p. 423.

banhos, caso o doente passasse a sentir dores seria um bom sinal, pois havia superado a gangrena. A medicação continuaria, embora mais branda, até a recuperação do enfermo.

Luis Gomes Ferreira atestava a eficácia deste tratamento com sua própria experiência. Afirmava haver ficado doente cinco vezes de sezões, “que se malignaram”, e que havia ficado “corrupto e largo por muitas vezes, curando-me de tal largueza pelo mesmo método”⁴²⁹. Interessante que Luis Gomes Ferreira considerou como “corrupção” a “constituição pestilencial”⁴³⁰ que atacou a Bahia e Pernambuco, pois morriam “todos largos e corruptos por baixo, sem que ninguém desse em tal causa senão depois”. Um outro dado que Luis Gomes nos fornece é que os moradores da Bahia, pensando que a doença que os atacava fosse uma peste, soltaram bois e vacas nas ruas da cidade, com a esperança de que atraíssem a doença. No entanto, para ele, o que deu certo foi que

deram em se lavarem por baixo e a tomarem ajudas de erva do bicho, que logo foi o mal cessando, e não morreria mais ninguém. E como viram que o lavar e tomar banhos era o seu remédio, daí lhe ficou o costume que hoje há em todos os habitadores da América, e muito principalmente nas mulheres, em o fazerem a miúdo ou todos os dias, como é certo. E quiçá que não haja outra razão para elas serem menos acometidas de tal doença, como sem dúvida o são.⁴³¹

Nesse trecho de Luis Gomes há algumas informações importantes sobre a doença. A primeira delas é a de que os doentes da “constituição pestilencial” que grassou em Pernambuco e na Bahia em fins do século XVII – e que já se sabe ter sido uma epidemia de febre amarela –, apresentavam sintomas de corrupção, comprovado pelo próprio médico Rosa⁴³². A segunda, é a de que as mulheres eram menos acometidas pela doença⁴³³. A terceira informação diz respeito à utilização da erva chamada “do bicho”, pois a doença que atingiu Pernambuco e Bahia ficou conhecida inicialmente com o nome de “bicha”, porque “se viu a largueza e corrupção da via, se denominou o nome em corrupção do bicho”, e deram o nome de “erva do bicho” ao seu remédio mais eficaz, “como geralmente se chamam a estas duas coisas”⁴³⁴.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 426.

⁴³⁰ Cf. ROSA, 1694.

⁴³¹ FERREIRA, 1735, p. 428.

⁴³² ROSA, 1694, p. 32.

⁴³³ Sobre a interpretação e tratamento das doenças femininas no período colonial, ver: DEL PRIORE, Mary, 1993.

⁴³⁴ FERREIRA, 1735, p. 428.

Outras doenças citadas no manuscrito de Ferreira como sendo endêmicas da capitania eram aquelas que atacavam durante o período de enchentes, entre os meses de janeiro e março, que eram, além das febres intermitentes, doenças respiratórias, como “constipações”, “pontadas”, “catarrais”, “garrotilhos”. Vila Bela se alagava, e as febres atacavam:

Eis que entra a toldar-se o céu, ventando sul, e por toda a parte se difunde o frio, que dura 2, 4, até 8 dias, ou com chuva ou sem ela. Como todas as casas são térreas, e cobertas de telha vã, maior é o desabrigo que se experimenta. Acodem logo as constipações, as pontadas, as defluxões, catarrais, etc. Das incursões destes frios participam não só os habitantes das povoações de água abaixo, dentro do rio Guaporé, mas também os navegantes do Mamoré e Madeira, até a cachoeira de Santo Antonio.⁴³⁵

Ferreira exemplificou tais friagens com a própria experiência, narrando passagens de uma ocasião em que a expedição não pôde continuar viagem por conta do frio, tendo de permanecer em terra porque os índios não podiam remar. Relatou haver experimentado frios intensos também quando passou pelo forte Príncipe da Beira, e uma outra vez, quando chegou ao porto dos Guarajus. Mas, considerou Ferreira que os maiores frios que já havia experimentado na capitania haviam ocorrido no arraial das Lavrinhas, em viagem para a vila do Cuiabá, entre fins de junho e início de agosto.

Com o avanço do verão, quando “o calor espalhava pela atmosfera os vapores podres das margens dos rios, dos lagos e das terras inundadas”, eram infalíveis os ataques das “carneiradas”. Os membros da expedição filosófica sofreram os efeitos das doenças que a compunham logo que saíram de Barcelos. Essas “carneiradas” englobavam manifestações identificadas com os piores tipos de “febres podres”, “malignas” e “intermitentes”, mais corrupções, garrotilhos, pontadas, disenterias “e outras moléstias que triunfam da disposição mais robusta e da vida mais regulada”⁴³⁶. A tudo isso ainda se incorporou o sarampo, que, segundo Ferreira, se espalhou por Mato Grosso pela primeira vez em 1789, fazendo parte da “peste do estio”.

O sarampo mereceu de Curvo Semedo uma explicação:

no discurso da prenhidão se gera nos corpos de muitas crianças algum humor crasso, acre e corrosivo, e que este se oculta e esconde em alguma parte do corpo da criaturinha, e que ali se deixa estar como brasa coberta de cinza, até que reina alguma qualidade oculta e

⁴³⁵ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴³⁶ *Ibidem*.

perversa do ar ambiente, ou de algum astro maligno, que fermentando ao tal humor e movendo-o o faz sair donde estava escondido, e este, alterado e levedado com a tal qualidade, altera, infecciona e enfurece o sangue e aos mais humores de tal sorte, que o faz sair por toda a superfície do corpo nas pústulas, bexigas e sarampões. Algumas vezes se leveda e fermenta o tal humor que está nos corpos são pelo bafo e companhia dos que estão com as bexigas, que talvez não as teriam se não houvessem recebido o bafo dos bexigosos. E daqui vem que sempre me pareceu bom conselho retirarem-se muito os que não tiveram bexigas daqueles que atualmente as têm. Agora acabo de entender a razão por que algumas pessoas têm bexigas e sarampão duas, três vezes: porque se não fermentou de uma vez todo o humor que estava escondido no corpo, e andando os tempos reinando outra vez a mesma má qualidade, se tornou a fermentar o restante humor, que da primeira vez ficou por fermentar, e causou segundas bexigas.⁴³⁷

A “peste do estio”, da qual o sarampo era uma das manifestações, teve seu início em fins de agosto de 1789, e até janeiro de 1790 avançou pelas vilas e arraiais da serra de São Vicente. Como se vê pela explicação de Semedo, era doença para a qual não se conhecia origem certa, ficando a meio caminho das elocubrações engenhosas e crença no poder dos astros. A doença matou muito na capitania: “faleceram, que se souberam dos livros dos assentos dos óbitos, homens 154, mulheres 47, todos 201”⁴³⁸. Além de pessoas, morreram também animais, “muitas bestas muares”, e nos matos apareceram mortos também porcos silvestres, antas e veados. Cavalos e vacas “deixaram o campo e procuraram os arraiais, algumas delas com as fauces prodigiosamente inchadas”.

Ferreira não fez maiores estudos sobre o sarampo; limitou-se a expor os estragos que fazia entre a população e não indicou medicamento para diminuir seus efeitos. Afinal, era a “peste do estio”, na qual se mesclavam doenças variadas, muitas vezes com sintomas semelhantes que acabavam por confundir aquele que as quisesse entender. Mas Curvo Semedo recomendava algumas providências:

O remédio mais eficaz para que as bexigas não acudam aos olhos é bafejá-los muitas vezes no dia com alhos mastigados, e por-lhe ao redor deles água destilada de pés de rosa, em que se deitam meia oitava de pó sutilíssimo de sumagre com umas feveras de açafraão e folhas de ouro. E para que não acudam ao rosto, é admirável experiência, antes que apreçam nem sombra delas, fomentar o rosto muitas vezes no dia com a nata sobre o leite de vacas ou de cabras ou de ovelhas mugido de uma hora. Ou extrato de mirra, tirado em

⁴³⁷ SEMEDO, 1716, p. 637.

⁴³⁸ Nauk Maria de Jesus chama a atenção para o número de habitantes nas duas repartições da capitania: Mato Grosso contava com 20.579 pessoas, e Cuiabá com 14.143. (cf. JESUS, 2001, p. 39). Ver, também, SILVA, 1995.

espírito de vinho e e fomentar as plantas dos pés com óleo de Matíolo, pondo em cima pombos escaldados.⁴³⁹

Houve ainda um outro ataque da “catarral”, em setembro e outubro de 1790, durante o qual “faleceram homens 113, mulheres 56, todos 169”. Ferreira observou que, para os animais, como vacas e cavalos, o remédio era dar sal, “da mesma sorte que em Friburgo na Suíça se pratica com o gado vacuum e lanígero para o preservar de moléstias contagiosas”.

O “garrotilho”, doença também conhecida como “angina maligna”, caracterizava-se por apresentar dor de garganta grave e fluxos de pus e sangue no nariz e na garganta. As vítimas freqüentemente morriam por sufocação lenta (daí a denominação, ligada a “garrote”), e é provável que tenha sido difteria⁴⁴⁰. Fazia parte das “esquinências”, que era um modo genérico de designar algumas afecções do trato respiratório, como faringites, laringites, amigdalites, edema da glote, abscessos locais, anginas, inclusive as ictéricas. O “apostema na garganta”, o “mal de agalhas”, ou amigdalite, eram esquinências⁴⁴¹. Todas essas doenças, apresentadas como “catarrais”, seriam provocadas, segundo o naturalista, pela falta de condição dos moradores de enfrentar as mudanças bruscas de temperatura.

Quanto às “obstruções”, Ferreira informou que os brancos a elas davam pouca importância, embora fossem manifestações muito sérias. Poderiam provocar morte súbita, além de apoplexia, hidropisia e asma. Era doença que provocava desânimo e dificuldade de locomoção, atacando também os índios. Aqueles remeiros que escapavam da morte durante a viagem pelos rios acabavam por morrer em suas povoações, caquéticos, das obstruções cirrosas ou hidrópicas.

Para o naturalista, a obstrução acontecia quando os fluidos corporais encontravam um obstáculo e se estagnavam no local, podendo ser “sanguíneas” ou “linfáticas”. José Antonio Mendes foi mais claro. Para ele, obstrução era um encalhe em qualquer parte do corpo, que acontecia em um vaso sanguíneo, fosse capilar ou maior. O sangue, “em seu contínuo giro”, ao encontrar entupido um canal por onde deveria passar, “se estagna, e assim se vai aumentando a obstrução, e estas se fazem em

⁴³⁹ SEMEDO, 1716, p. 637.

⁴⁴⁰ Cf. LINDEMANN, 2002, p. 61.

⁴⁴¹ SANTOS FILHO, 1991, p. 217.

qualquer parte do nosso corpo, embora mais freqüentemente no fígado, baço e útero, pela razão que estas partes são mais tecidas de vasos”⁴⁴².

Para Ferreira, as causas das obstruções eram o sedentarismo, as inquietações do espírito e a ingestão de alimentos grosseiros, como aqueles que se fazia uso em Mato Grosso: farinha, biscoito de milho feito com farinha azeda, canjica, feijão cozido com toucinho, carne de porco, batata, cará, inhame, aipim e outras “raízes flatulentas”, comidas puras ou acompanhadas de mel de engenho, chocolate e mocotó. Também contribuíam para a obstrução, na visão de Ferreira, as águas impuras e o excesso de umidade, além do fato comum de dormirem descobertos ao sereno⁴⁴³.

Quanto à hidropisia, a concepção era de que fosse uma doença formada “pela estagnação que faz a serosidade do sangue em alguma parte ou cavidade do corpo”. Caso a estagnação ocupasse a “membrana adiposa” e se difundisse “por todo o hábito do corpo”, recebia o nome de “anasarca”; a do ventre, “a qual ou é solta ou enquistada, recebia o nome de “ascites” ou “barriga d’água”. O tratamento era baseado em medicamentos diaforéticos e sudoríferos externos, capazes de promover a salivação natural.

Uma outra doença muito citada foram as hemorróidas ou “almoreimas”, “tão ordinária e tão geral nestas capitánias que muito poucas são as pessoas que as não padeçam”. Simão Pinheiro Morão explicou a origem da doença: o sangue contido nas “veias do corpo e do fígado”, “por quente e torrado, e incapaz de se manter a natureza dele o arroja àquelas partes”, dirige-se às “veias hemorroidais” em tal quantidade, que “umas vezes sai em fluxos, outras represando-se nelas, faz dores nas cadeiras, moimentos de corpo, tristezas e outras queixas semelhantes, as quais todos nestas capitánias chamam almoreimas”⁴⁴⁴.

Os “tenesmos”, registrados por Ferreira, estavam ligados às “câmaras de sangue”, que Simão Pinheiro Morão colocou como sendo doença muito comum nas capitánias do Brasil⁴⁴⁵. Ferreira apresentou no manuscrito um longo texto sobre “câmaras de sangue”, retirado da obra de José Antonio Mendes, “Governo de mineiros”, com citação de fonte,

⁴⁴² MENDES, 1770, p. 75.

⁴⁴³ Se a obstrução atingisse algum duto biliar, os doentes apresentavam face pálida, amarelo esverdeado, mas maçãs do rosto rosadas e, em geral, pés inchados, olhos “pálidos por dentro e inchados por fora, boca seca, língua saburrosa, sensação de peso na região do estômago e do fígado logo depois que se come, dor surda na parte obstruída” (BNRJ – 21, 2, 5.).

⁴⁴⁴ MORÃO, 1965, p. 40 e 73.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 39.

que o naturalista incluiu no fragmento sobre as doenças dos escravos, *Escorbuto ou mal de Luanda*. A doença seria conseqüência da má qualidade dos alimentos, principalmente aqueles fornecidos aos escravos. Para Mendes, haveria uma ulceração dos intestinos, os doentes apresentando “grande fastio, amargor de boca e, algumas vezes, náuseas”. Poderia também “passar a um fluxo hepático, e vir a matéria tão corrosiva que chegam a gangrenarem-se os mesmos intestinos”⁴⁴⁶. Os “tenesmos” eram puxos, “sem lançarem coisa alguma de consideração”⁴⁴⁷.

As “pleurises” eram as inflamações da pleura, cujos sintomas eram pontada e febre, “grande dor de ilharga, que impedindo a necessária extensão dos músculos dificulta muito a respiração. Depois de inflamada a pleura, logo se inflama o bofe pela mesma parte, e assim o pleuriz, propriamente falando, é inflamação da metade do bofe”. Já a pleuropneumonia seria “a inflamação dos dois lobos dos bofes, e pleuriz é inflamação de um só destes lobos”. Para Bluteau, “pleuropneumonia é o termo com que geralmente se significam todas as inflamações do peito”⁴⁴⁸.

As impigens, asperezas que deixavam a pele “cheia de bustilcinhas, e com grande comichão, principalmente nas aonhunções de luas”, eram de dois tipos: uma úmida e outra seca. No Brasil, a maioria das impigens tinha, segundo Morão, origem gálica, necessitando tratamento com azougue⁴⁴⁹. Outras doenças que certamente atacavam na capitania eram as denominadas “mulas”, “cavalos”, “esquentamentos”, todas significando doenças venéreas, e que Ferreira listou na última página do manuscrito sobre as doenças da capitania, possivelmente para desenvolver o assunto em outro momento.

1. As curas da “gente popular” da capitania

A especificidade da obra de Ferreira, aquilo que a distingue de outros textos do setecentos sobre doenças e tratamentos, é o registro que fez sobre práticas de cura na capitania, agrupados em um item que denominou “curativo médico”, e que subdividiu

⁴⁴⁶ MENDES, 1770, p. 71.

⁴⁴⁷ MORÃO, 1965, p. 39.

⁴⁴⁸ BLUTEAU, 1720, p. 550.

⁴⁴⁹ MORÃO, 1965, p. 64.

em “curativo americano” e “curativo europeu”, acrescentados logo após a explicação da doença, suas causas, seus sintomas e seus prognósticos. Ao expor as práticas de cura americanas, o autor colocou em foco medicamentos preparados com espécimes vegetais e animais muitos deles até então desconhecidas dos europeus. O texto reflete uma certa ambigüidade do autor em relação a algumas práticas de cura “americanas”, aquela da “gente popular”⁴⁵⁰, que considerou “extravagantes”:

Tais são os eméticos que tomam do sumo de dois até três limões azedos em uma chávena de aguardente da terra, a que se chama cachaça. Em outra pequena quantidade dela batem dois ovos, e tomada aquela beberagem, vomitam um dia inteiro. Os índios, para moderar os frios, ao princípio dos paroxismos, gritam que se lhes dê pimenta da Índia em aguardente de uva.⁴⁵¹

No entanto, o naturalista, ao se referir a esse mesmo tratamento utilizado pela “gente popular” não fez nenhum juízo de valor quanto ao emprego de um cálculo retirado “do ventrículo do lagarto senembi”, e que era ministrado “em pó, ou em água de cidra, ou em cozimento de caapiá”, isso para o tratamento da “febre ardente”. No caso, o cálculo era um bezoar, formação sólida encontrado no estômago de certos animais, como os carneiros, cuja utilização era bastante conhecida dos europeus já de longa data. A “pedra bezoar” era utilizada como antídoto para venenos⁴⁵². No caso citado por Ferreira, variou o tipo de animal que o produzia, já que não havia carneiros no Mato Grosso. Certamente essa prática, também comum à Ásia e à África, foi transferida para a colônia e aceita pela “gente popular” da capitania.

Em outras passagens do texto sobre doenças, Ferreira não elaborou juízos de valor relacionados aos medicamentos utilizados pelos colonos, e o fato de muitas de suas formulações misturarem ervas da flora do Brasil às européias indica que aceitava a incorporação dos recursos coloniais na práticas de cura que aplicava. Considerou, inclusive, que se os índios que vinham do Pará como remeiros, fossem tratados antes de seu retorno com os “recursos do país”, não morreriam em tão grande número de obstruções cirrosas quando chegassem ao seu local de origem.

⁴⁵⁰ Ferreira classificou os tipos físicos que encontrou na capitania de Mato Grosso de acordo com a dosagem dos componentes “raciais”: “caboclo – o resultado do cruzamento do índio com preta; mameluco – do europeu com tapuia; mulato – do europeu com preta; mazombo – filho de europeus; crioulo – o filho dos negros, mas nascido no Brasil” (*apud* CORRÊA FILHO, 1939, p. 210).

⁴⁵¹ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴⁵² Sobre a pedra bezoar, ver CARNEIRO, 1994; p. 84-89; MARQUES, 1999.

Para a febre contínua, o tratamento europeu prescrevia uma dieta constituída de caldos de miolo de pão adoçados com açúcar ou mel de abelhas, e tisanas nitradas, cremores e emulsões. Completavam o tratamento os pedilúvios, as sangrias, os cristéis laxantes. Para prevenir a podridão, algum ligeiro emético seguido de algum minorativo, anti-sépticos, amargos e os balsâmicos, especialmente a quina e o alcanfor.

No modo americano de curar a febre continua, o primeiro cuidado baseava-se em verificar se havia ou não sintomas de corrupção, “largueza da via”, para o qual se preparava e aplicava um cristel preparado do cozimento ou de erva de bicho, limões galegos, pimentas comaris, açúcar mascavado ou rapadura em pó e uma pitada de sal moído. Em seguida, um pedilúvio quente ou um banho de vapores do cozimento de folhas, que podiam ser de laranja, lima, mentrasto, salva da terra ou artemísia, seguido de algum chá que, se não fosse de violas ou da Índia, poderia ser substituído por outro, feito de folhas de horjevão, “por outro nome verbena, e por outro erva-sacra”, ou de vassourinha e congonha.

Os alimentos indicados eram caldos de tapioca, carimã, água de arroz ou de canjica sem sal. Para purgar, os locais usavam do tártaro emético, que vinha do reino, faziam uso da ipecacuanha ou poaia, ou ainda de purgantes de quintílio, de jalapa (batata de purga), de ruibarbo, além do maná, do sene e do tamarindo⁴⁵³. Para beber durante os acessos de febre, o cozimento das folhas dos bens brasileiros cuguaçuaiá, caapiá, raiz do fedegoso (pajamarioba do Pará), “e se é tempo de frutos refrigeram-se com os sucos do cacau, do maracujá, do caju, do acajã, etc.”⁴⁵⁴.

Para a febre podre, o modo europeu prescrevia um tratamento interno e um externo. Externamente, dieta líquida e vegetal, com oferta ao doente de líquidos refrigerantes de frutas, e mesmo as frutas cruas, cozidas ou assadas. Externamente, ventilar o ambiente no qual se encontrava o doente, queimar incenso, e não permitir que pessoas também doentes ficassem próximas ao enfermo. Trocar a roupa de cama todos os dias, animar o doente, lavá-lo e exercitá-lo para “abrir a secreção cutânea e renovar sua atmosfera podre por outra sã”. No mais, quina, sangrias, purgas, sinapismos e ventosas.

O tratamento americano para a febre podre, além do cuidado geral de observar a presença ou não de corrupção, baseava-se na purga com o maná, o tamarindo, a batata da terra e “outros minorativos”, na abstinência de carnes, e na oferta generosa de

⁴⁵³ *Tamarindus Indica*, Lin.; acídula, refrescante, laxativa.

⁴⁵⁴ BNRJ – 21, 2, 5.

líquidos refrigerantes e xaropes ácidos, feitos com maracujá, limão, laranja, cidra, água de coco, cacau, abacaxi, e outras frutas da estação.

Além dos sucos, as frutas inteiras, como romã, pitanga, mangaba, araçá, jamaracá, mamão, jaracatiá, genipapo, marmelo, araticum, fruta do conde, sorva, banana de São Tomé, abóbora, melão, melancia, além do coco mole. As frutas podiam ser comidas cruas ou cozidas, polvilhadas com açúcar, e a recomendação geral era a de que fossem colhidas bem maduras, e nunca quentes do sol. Recomendava-se que fossem comidas em jejum, com exceção daquelas que fossem adstringentes e que poderiam “suspender o fluxo”. Também as conservas de frutas eram recomendadas, como as de caju, limão, goiaba, marmelo, cacau e outras.

Na febre ardente, o tratamento europeu prescrevia sangria, purga com ipecacuanha ou maná ou polpa de tamarindo em soro de leite, além de refrescos e xaropes feitos com frutas ácidas, e laxantes feitos com óleo de amêndoas. O tratamento americano dessa febre era o mesmo recomendado para a podre, acrescentando-se o cálculo do lagarto senembi em água de cidra ou de caapiá.

Para o tratamento da febre maligna, o modo europeu prescrevia sangrias, escarificações, dietas líquidas, ventilação do aposento do enfermo, além de vomitórios de ipecacuanha, podendo também ser de ruibarbo, tamarindo ou cremor de tártaro. Recomendava-se também espírito de mendereri (acetato de amoníaco), o vinagre “Saccharo-camphoratum de Wan-Swieten”, limonada quinada e emulsões canforadas. Usavam também vesicatórios, pedilúvios, sinapismos e escarificações, sempre acompanhados por cristéis emolientes. Em caso de peste, além da “longanimidade e asseio, a sobriedade, o exercício, a purificação do ar pelos perfumes do enxofre⁴⁵⁵, da pólvora, do tabaco, o alcatrão, os frontiz molhados em vinagre aromático, a arruda, o rosmaninho, a salva, e o uso interno da quina do limão e da laranja”. O modo europeu prescrevia frutas como a laranja, o limão, a cidra, a romã, a pêra, a maçã, a uva, além do vinagre, o alho, a cebola, a pimenta, a canela, o cravo, o puxiri, o gengibre, o tabaco e outros estimulantes. Já o modo americano de curar a maligna era semelhante ao da cura da febre podre.

Nos casos de sezões e maleitas, o modo europeu prescrevia sangria apenas para alguns casos, apenas quando os sintomas fossem muito violentos, e o naturalista recomendava que se tivesse cuidado com as sangrias, pois no clima do Brasil poderiam

⁴⁵⁵ Utilizado “contra a sufocação da madre” e, queimado na forma de incenso, para expulsar demônios das casas. Aplicado também como laxativo, estimulante, diaforético e parasiticida. (LIMA, 1949).

debilitar os doentes, pelo fato “de os alimentos serem débeis, a transpiração assídua, e as dissipações com as mulheres excessivas, o que se segue é ser o sangue pouco balsâmico, e prodigalizado ele, abaterem-se as forças da vida”. Bastava, para ver a verdade dessa afirmação, observar “as cores dos colonos da maior parte das capitánias, que todas são de opilados, e ver-se-á a diferença que tem dos europeus”. Pedilúvios, diaforéticos, específicos, caldos leves de aves. Água aos enfermos, apenas se fosse morna durante o frio, e fria durante a febre. Aplicava-se óleo de canela ou alfazema na região do estômago, oferecendo também aos doentes as mesmas ervas quentes “dentro em almofadinhas que se lhes chegam às mãos e aos pés”. Ipecacuanha, quina, sal amoníaco, sal de losna, sal de centáurea, infusões em vinho branco de serpentária virginiana, de genciana, da pequena centáurea.

O modo americano de tratar das sezões e maleitas não abria mão da observação e da cautela com a corrupção: “de nenhuma outra coisa se receiam tanto quanto desta. Logo ao primeiro acesso de toda e qualquer febre, o de que primeiramente tratam é de reconhecer mediante algum cristel estimulante de pimentas cumaris ou malaguetas”. Por conta desse medo, os índios jamais embarcavam sem um suprimento de pimenta malagueta em pó, e gengibre. E Ferreira concordava com essa prática, pois afirmou que “o caso é que as mais das vezes não se enganam, porque com toda e qualquer febre se introduz a dita corrupção”. Seguiam-se os pedilúvios, as fricções quentes “e algum banho de vapores de plantas aromáticas, com uma copiosa bebida tépida de alguma tisana sudorífica”, após o que passam ao vomitório de tártaro ou de quintílio ou de ipecacuanha. Ferreira observou que:

a gente popular comumente recorre aos eméticos e purgantes indígenas, que alguns tomam ao mesmo tempo, bebendo tépida a emulsão de três pinhões descascados e pisados. Outros a bebem de nove sementes de mamona branca ou, se querem evitar o trabalho da manipulação lançam em uma chávena de água tépida uma colher daquele azeite e com ele se purgam. A batatinha do Paraguai é outro purgante que por aqui se toma na dose de uma até uma e meia oitava. A batata de purgar é uma raiz que trivialmente se encontra por estes matos e também se toma na dose de oitava e meia, e mais quando seca.

Como emético, ingeriam uma composição divulgada por Luiz Gomes Ferreira no “Erário mineral”, feita de tártaro emético, folhas de arruda e vinho, deixados em infusão sobre cinzas quentes. Complementavam o tratamento um cozimento preparado com a raiz de abútua, quina da terra, fedegoso e caapiá, que resultava em uma bebida muito

amarga. A dieta também se baseava em vegetais amargos, como a guariroba, comida assada ou cozida e o o frangão, a galinha, a carne de vaca moqueada. Preparavam os cristéis laxantes e refrescantes com o cozimento de limões, que podiam ser substituídos por folhas de mamona branca, malvaíscos, caamembeca, olhos de fedegoso e a tanchagem, acrescentado de uma colher de rapadura em pó e outra de azeite.

Outro medicamento utilizado pela “gente popular”, também retirado do “Erário”, “verdadeiramente dos bons”, segundo Alexandre Rodrigues, era “água febrífuga de Cardoso de Miranda⁴⁵⁶, em cuja composição entravam cevada, raiz de genciana, centáurea menor, sene, sementes frias, cremor de tártaro, quina em pó, sal de losna e cristal mineral.⁴⁵⁷

Para curar as terçãs, a prática européia aplicava purga, quina misturada com terra lemnia, pedra ume, vitríolo⁴⁵⁸, sangria, eméticos, limonadas e ponches, exercícios, mudanças de ares, ópio e aplicação de vesicatórios. O modo americano para curar as terçãs era o mesmo da cotidiana, tomando-se sempre cuidado com os ataques de corrupção, seguidos de pedilúvios, fricções quentes, banhos de vapores de plantas aromáticas, chás sudoríficos, vomitórios e eméticos, sempre recorrendo aos “purgantes indígenas”.

Mas, Ferreira acrescentou, que o emético no qual as pessoas mais confiavam era aquele retirado do “Erário mineral”, composto por tártaro emético e arruda, deixado em infusão em vinho, sobre cinzas quentes. Após as “evacuações universais”, se ainda permanecesse a febre, bebia-se um cozimento feito com raízes de abútua, quina da terra, fedegoso e caapiá, que resultava em uma bebida muito amarga, e amargos também eram os alimentos oferecidos aos doentes, como o palmito da guariroba, “que amarga como

⁴⁵⁶ A fórmula deste medicamento destinado à cura do escorbuto foi criada pelo cirurgião português João Cardoso de Miranda que, ao contrário de muitos, não fazia dela segredo. A composição da “água febrífuga” foi publicada por Luis Gomes Ferreira, no *Erário mineral*, mas Miranda afirmava que apresentava algumas incorreções. Para sanar essa falha, o cirurgião publicou, em 1748, sua *Relação cirúrgica e médica*. Como, segundo Cardoso de Miranda, a composição que Alexandre Rodrigues Ferreira copiou do *Erário mineral* era difícil de se preparar no mar, “que é onde esta afecção faz os maiores estragos”, o cirurgião preparou uma outra composição do remédio que era mais durável, conservando-se “por anos incorrupto, e pela bondade de Deus o consegui assim como o desejava, fabricando e compondo a confeição ou electuário que em tudo iguala ou excede em alguns casos ao do cozimento, de sorte que para a Costa da Mina, Angola, Índia e Minas se pedia às arrobas” (*Apologia contra o diálogo crítico que imprimiu o médico Antonio Antunes, do Rio de Janeiro, debaixo do nome de José de Aragão Espanha contra o remédio que para o escorbuto feito em cozimento traz o livro intitulado Relação cirúrgica e médica, que saiu à luz em 1748, seu autor o licenciado João Cardoso de Miranda*. Biblioteca da Ajuda – cota 54 – X – 11 – 6).

⁴⁵⁷ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴⁵⁸ Ácido sulfúrico diluído, obtido por destilação seca do sulfato de ferro anidro. Considerado diurético útil nas febres, na forma de solução diluída. (LIMA, 1949).

fel, e o do campo ainda mais que o do mato”, comido assado ou cozido juntamente com carne de frango, galinha ou vaca. Também faziam parte do tratamento “cristéis laxantes e refrescantes”, em cuja composição entravam limões ou, na falta destes, folhas de mamona branca, acrescentando-se malvaíscos, caamembeca, olhos de fedegoso, tanchagem, temperado com “uma colher de rapadura em pó outra de azeite”.

Para uma outra doença citada por Ferreira, a hidropsia, o tratamento americano prescrevia práticas semelhantes às européias, mas acrescentadas de elementos da flora da colônia. Inicialmente os doentes deveriam ingerir eméticos,

ou de tártaro ou de ipecacuanha, muda-se para algum purgante de Róm, de jalapa ou de ruibarbo com mel de cana pela mesma forma que o tomam os obstruídos. Bebe-se, no entretanto, o cozimento das raízes de sapé, de picão, e de capeba, que são as mais usuais. Porém também se cozem a salsaparrilha, o sassafráz, o jaborandi, as cascas de romã, de limão, de laranja e outros específicos. Para a gente vulgar é que se receita a garapa, de que manda usar o citado autor do ‘Governo de mineiros’. A todos os mais se dão as suas pílulas de azêbre, goma amoníaca, crocus martis aperientis, etc.⁴⁵⁹

Esta composição, segundo Ferreira, havia curado hidróticos “de 60 até 70 anos”, mas o naturalista recomendava também suadouros, por meio de banhos de vapores feitos com cozimento das folhas de pimenta longa, camará, vassourinha, poejos, salva da terra. Índios e escravos negros, “por terem a pele mais densa, tomam os vapores de aguardente da terra”.

Nas “boticas de embarque”⁴⁶⁰, quando das viagens, misturavam-se medicamentos europeus com americanos, como tártaro emético, quina em pó, jalapa, ruibarbo, quintílio, gengibre, pimenta malagueta em pó ou conservada inteira em sal, triaga e basilicão. Para o tratamento do escorbuto, água e polpa de coco verde, maracujá, vinho de cacau, abacaxi, laranja, limão, tamarindo, e muitas outras frutas comuns à região.

O “fragmento 3”, *Farmacopéia Brasiliense, uma pequena lista de remédios caseiros do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*, que consta da obra de William Simon⁴⁶¹, é uma fórmula medicamentosa anotada com a letra de Ferreira, e, aparentemente,

⁴⁵⁹ BNRJ – 21, 2, 5.

⁴⁶⁰ Kaori Kodama (PUC-Rio), e Ângela Porto (COC-Fiocruz), apresentaram, respectivamente, as comunicações “As artes da cura e a medicina no século XVIII vistas a partir da botica de viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira”, e “Emendar com a arte os defeitos da natureza: o pensamento médico de Alexandre Rodrigues Ferreira”, no 9º. Seminário Nacional de História da Ciência e da Técnica – RJ, 2003. Embora ambos os trabalhos não tenham sido ainda publicados, consideramos importante esse registro.

⁴⁶¹ SIMON, 1983.

tratava-se de remédio para a doenças venéreas, por conter mercúrio em sua composição: mercúrio gumoso, mercúrio vivo, goma arábica, malvaíscos⁴⁶².

O naturalista, embora utilizasse substâncias da farmacopéia européia – que, por sua vez, já havia incorporado muitos produtos americanos –, lançava mão também dos conhecimentos empíricos de negros e índios ao prescrever medicamentos. Nessa prática entrecruzavam-se conhecimentos de povos e culturas diferenciados, em um rico processo transcultural, que culminou em um modo de viver próprio, que permitiu aos habitantes da capitania compartilhar saberes e explorar os ecossistemas amazônicos.

2. Sobre as doenças dos índios

Ferreira fez uma longa explanação sobre as doenças dos índios⁴⁶³, e afirmou “que o pão que comem lhes custa pingos de sangue, com as picaduras do carapanã, de dia e de noite”. As picadas de mosquitos eram tantas, que todos pareciam bexigosos. Quando as picadas eram de borrachudo, a pele ficava empolada e vermelha, “como pintados de sarampo, conforme se está bem ou mal humorado, e conforme a paciência em deixar de coçar. E assim ficam, mãos e pés, cobertos de pústulas e inchados”⁴⁶⁴. Além das picadas de insetos, Ferreira registrou que as doenças que mais atingiam os índios remeiros eram obstrução, apoplexia, hidropisia, asma, febre terçã, quartã e a “corrupção”. A mais temida de todas era a corrupção, o que fazia com que os índios não aceitassem viajar sem um estoque de pimenta, um dos medicamentos preventivos da doença.

Para o naturalista, as enfermidades dos índios deviam-se ao modo como eram tratados pelos brancos. Ferreira discutiu essa questão com profundidade, criticando os funcionários coloniais que não aplicavam as instruções contidas no “Diretório dos índios”⁴⁶⁵. As más condições de vida impostas aos índios, a situação de penúria na qual

⁴⁶² *Ibidem*, p. 29.

⁴⁶³ MB – ARF 20. *Causas das doenças dos índios apresentadas em 7 artigos e conclusão*. Todas as referências seguintes às doenças dos índios foram retiradas deste manuscrito.

⁴⁶⁴ *Ibidem*.

⁴⁶⁵ Lei régia que vigorou entre 1757 a 1789, com o objetivo de instruir o colonizador em relação às populações indígenas envolvidas nos empreendimentos de definição de fronteiras e povoamento da Amazônia. A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão fazia o fornecimento de mão-de-obra escrava na região, já que detinha direitos exclusivos de importação de escravos nas rotas de Bissau, Cacheu, Angola, ilhas de Cabo Verde, São Luiz e Belém. Os índios, considerados “livres”, “vassallos” da Coroa, deveriam ficar concentrados em povoações – chamadas Diretórios –, sob o controle de um

viviam seriam as maiores causas de suas doenças, que Alexandre Rodrigues especificou em sete itens:

as viagens fora de monção; a inquietação e o constrangimento do espírito; a assiduidade, a violência do trabalho corporal; a nudez dos corpos sempre expostos às vicissitudes do tempo; a corrupção dos alimentos que comem e a impureza da água que bebem; a falta de medicamentos (e se os há); a sua aplicação vaga e arbitrária.

Viajar “fora de monção” representava um risco para qualquer viajante. As épocas eram bem marcadas: não se devia sair em viagem quando os rios estivessem ou muito cheios ou quando o nível das águas estivesse muito baixo. Se as águas estivessem baixas, havia o risco das “carneiradas”, as febres provocadas pelos miasmas pestíferos que acometiam os viajantes, além do risco dos canais não permitirem a passagem das canoas, o que aumentava, em muito, o esforço físico dos índios, que tinham que transportar canoas e cargas às costas.

Fora da época certa também não se encontrariam os frutos da região, que abundavam nas margens dos rios, e eram muito necessários à saúde dos viajantes. Também se estragariam as provisões secas e salgadas, e a falta de caça e pesca levaria ao uso de alimentos já meio ou inteiramente podres. Se a viagem acontecesse durante a enchente, haveria um esforço enorme para controlar as canoas, além do perigo que representavam as árvores e os troncos caídos.

Como segundo ponto, Ferreira apresentou “a inquietação e constrangimento do espírito” como fator que predisponha os índios às doenças. Forçados à viagem, os índios ficavam em constante inquietação, e Ferreira acreditava que o medo e a preocupação contribuíam para que adoecessem. No Pará, avisar um índio de que ele deveria ir ao Mato Grosso era o mesmo que “notificá-lo para morrer, ele o não entende de outra sorte”. A partir do aviso, o único objetivo desse índio seria o de encontrar um meio de

administrador que, em tese, zelaria por sua educação e interesses. Nessas aldeias impunha-se a língua portuguesa e se admitia a utilização do trabalho dos índios. No entanto, como os administradores eram remunerados com a sexta parte da produção indígena, houve excessos e exploração exagerada da mão-de-obra indígena, o que motivou muitas fugas. Para Denise Maldí, os índios, “além de cumprirem inúmeras tarefas eram também alugados a particulares, mediante diárias. Constituíam-se em mão-de-obra utilizável para expedições (remeiros), trabalho em obras públicas, fortificações e caça a índios arredios. Parte das aldeias assumiram a função de “destacamentos”, já que, via de regra, localizavam-se em lugares estratégicos. Ao longo do Madeira e do Guaporé, aldeias de índios passaram a ser pontos de apoio para a navegação da Companhia. Todo tipo de abuso era cometido, e em pouco tempo o sistema de diretórios falira, devido à ganância dos administradores, à diminuição constante das contribuições do Estado, além de constantes perdas de população pelas epidemias que assolavam as aldeias” (MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiães da fronteira: rio Guaporé, século XVIII*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 155. Ver também, FERREIRA, 2002.

fugir: “estar sempre alerta, espreitando o lugar e a ocasião de o fazer sem ser pressentido”, e essa “inquietação do espírito” cresceria na mesma proporção em que os organizadores da viagem aumentassem a vigilância sobre eles.

Segundo Ferreira, qualquer índio remeiro conhecia o destino daqueles companheiros que haviam feito viagem semelhante. Em uma delas seguiram 307 índios, dos quais retornaram apenas 50. Mesmo aqueles que voltavam às suas aldeias morriam logo em seguida, vítimas das doenças contraídas durante a viagem. Outro fato que Ferreira denunciou em seu manuscrito foi o não pagamento correto dos índios remeiros: “da viagem, nenhuma honra, o perigo certo, a paga incerta”.

Ao tratar do terceiro item, a “assiduidade e violência do trabalho corporal”, o naturalista nos ofereceu alguns detalhes sobre o ritmo de uma viagem de estudos, como aquela que fazia. Explicava que não podia viajar no mesmo ritmo de outras pessoas, por exemplo, os militares e os comerciantes, que aproveitavam a lua cheia e as águas calmas para viajar de madrugada. Um naturalista como ele necessitava de luz natural para suas observações e coletas, e isso tornava as viagens mais lentas, o que irritava os remeiros. Além do mais, as cargas eram muito pesadas, e os índios tinham que transportá-las às costas nas passagens das cachoeiras, assim como os barcos, cujos toldos Ferreira criticava pelo fato de serem cobertos de palhas, que, uma vez molhadas, tornava-os muito mais pesados.

Em relação ao quarto item, “nudez dos seus corpos”, o naturalista aumentou o tom de suas críticas. Disse que o índio embarcava assim que era notificado pelo diretor, não levando nada mais além de sua rede de dormir, uma camisa curta e um calção de pano de algodão, isso para cinco, seis ou mais meses de viagem, enfrentando chuva, sol ou frio, sem um único cobertor. O que os aquecia eram as fogueiras, acesas ao lado de suas redes. Ficou realmente penalizado com a situação dos remeiros e deixou registrada sua opinião: nenhum trabalhador podia viver daquele modo durante muito tempo, “em um estado de tão extrema pobreza e abjeção”.

No quinto item, tratou da “corrupção dos alimentos” e explicou como isso acontecia. Se os alimentos que eram acondicionados em casas se estragavam, devido ao calor e à umidade, muito mais se estragavam aqueles mal preparados, como as carnes e o peixe mal salgados, amontoados nos fundos dos porões das canoas, meio apodrecidos, o que já era suficiente para provocar doenças. Compravam-se as farinhas mais baratas, e o sal, o vinagre e o azeite, que deviam entrar no tempero cotidiano, muitas vezes eram distribuídos como remédio.

Quanto aos medicamentos, no item seis, escreveu que as boticas de viagem eram bem providas de purgativos e febrífugos, porém que o mais comum era haver apenas pós de pedra ume e basilicão, destinados ao tratamento de feridas e chagas. O item sete é uma complementação do anterior, e “a sua aplicação vaga e arbitrária” referia-se ao fato de que, mesmo se houvesse o medicamento, nem sempre haveria quem os aplicasse com critério, e muitas vezes causava-se mais mal do que bem, pois “os mais inocentes medicamentos, entre as mãos dos empíricos, se voltam nos mais refinados venenos”.

Após apresentar o que considerava serem as principais causas das doenças dos índios, Ferreira concluiu que, de todas elas, as três que mais devastavam os remeiros, eram a violência do trabalho corporal, a falta de agasalhos e a alimentação precária. Procurava confirmação de tal observação na evidência de que os brancos que faziam as mesmas viagens, como os soldados, os quais seguiam em melhores condições de abrigo e alimentação, não ficavam tão doentes como os índios, e nem morriam tanto das sezões. Demonstrando inconformismo com a situação, Ferreira afirmava não ser suficiente apenas lamentar a sorte dos índios, já que as providências de que eles necessitavam para o futuro eram “de obras, e não de palavras, sob pena de virem ficando despovoados os nossos estabelecimentos”.

Com a aplicação do Diretório, a Coroa portuguesa visava distribuir as populações indígenas pela Amazônia com o intuito de garantir a ocupação do território pelos novos “vassalos”, ao mesmo tempo em que assegurava uma fonte de mão-de-obra. Embora equiparado ao branco, legalmente o índio estava reduzido à condição de força de trabalho, submetido ao diretor da povoação, que exigia dele trabalho compulsório em atividades como remeiros, nas coletas das drogas do sertão, nas roças, nos serviços do Estado e em propriedades particulares.

No texto de Ferreira fálava o humanista e falava também o funcionário colonial, consoante com a política régia do momento. Todos os problemas indígenas ocorriam por culpa dos diretores de índios, que não cumpriam o diretório: “os senhores reis de Portugal em tempo algum beberam as lágrimas dos índios em copos de ouro”, escreveu. E advertia que, caso continuassem as atitudes depredadoras dos diretores, explorando o indígena ao último nível, a Coroa ficaria sem uma mão-de-obra fundamental à economia metropolitana. Que se atentasse, pois: se os escravos eram importantes nas minas, os índios eram fundamentais para a exploração dos rios e dos produtos do sertão.

Ferreira não concordava com o tratamento dado aos novos “vassalos” do rei de Portugal, e não poupava críticas aos diretores de aldeias, que não aplicavam as leis

como deviam⁴⁶⁶. O naturalista denunciava os efeitos maléficos dos “descimentos”, deslocamentos forçados dos índios de suas aldeias e seu assentamento em aldeamentos nas proximidades de enclaves europeus, nos quais se juntavam vários grupos de culturas diferentes. Essas “descidas” os mantinham expostos a um ambiente epidemiológico hostil, mal alimentados e obrigados a trabalhos físicos excessivos⁴⁶⁷.

Alexandre Rodrigues demonstrava compreensão com as fugas freqüentes dos remeiros, e afirmava que os negros não fugiam para a África por falta de vontade, “mas pela falta de meios para atravessarem tantos e tão distantes mares”. Considerava que conseguir a submissão dos índios era tarefa quase impossível, pois eles se rebelavam por tudo: se fossem advertidos pelo diretor, se os mandassem fazer casa para morar, se o padre os obrigasse a se batizarem, se não entendessem alguma coisa, e se adoecesse ou morresse algum companheiro, ficavam desconfiados do lugar, da comida, dos remédios.

Como as povoações ficavam às margens dos rios, os índios delas fugiam com mais facilidade. Nas palavras de Ferreira, a experiência lhe havia mostrado que “nem com tê-los mui mimosos, e ainda mais guardados do que bichos de seda, nem por isso mudam de conduta; quanto a mim, são galos do campo, que por mais milho que lhes deite, com dificuldade se habituam às capoeiras”⁴⁶⁸.

Mas Ferreira aprofundou a discussão. Mesmo que os índios tivessem vontade de plantar para conseguir excedentes, não conseguiriam fazê-lo nem para o seu sustento, pois não permaneciam o tempo necessário para isso nas povoações. Cada expedição durava cerca de 6 meses, e as portarias definiam que os índios deveriam ficar livres outros seis, para que trabalhassem em suas roças. No entanto, isso não acontecia, pois entre uma expedição e outra ficavam em suas casas apenas de oito a nove dias, quando eram chamados novamente, e reconduzidos para o serviço por outros seis meses, sem que sobrasse tempo para mais nada.

⁴⁶⁶ O diretório incentivava a distribuição dos índios por lavouras familiares, das quais deveriam retirar seu sustento e um excedente comerciável. Os produtos a serem privilegiados eram mandioca, feijão, milho, arroz, algodão e o tabaco. Incentivava também a exploração do *negocio do sertão*, que consistia na extração das drogas (raízes, folhagens, sementes, cascas etc.) e no preparo de manteigas de tartaruga, salgas de peixe, óleo de copaíba, azeite de andiroba, entre outros, o que devia ser feito próximo às povoações. Cada povoação contaria com um diretor, um pároco e um principal, e muitos deles utilizavam o trabalho dos índios em benefício próprio. Os índios respondiam a essa exploração com fugas constantes.

⁴⁶⁷ DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassallos: colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, 2000.

⁴⁶⁸ MB – ARF. 20.

A preocupação maior do naturalista era com a atitude dos funcionários coloniais responsáveis pelas povoações de índios. Acreditava que havia um desvio nos planos traçados pela metrópole para as populações indígenas, e denunciava isso. Comportava-se, pois, como funcionário do governo português, que denunciava o descumprimento de leis por aqueles que deveriam zelar por elas⁴⁶⁹.



Índios remeiros – detalhe.

3. Sobre as doenças dos escravos

Além da situação dos índios, a miséria e as doenças dos negros escravos mereceu registro por parte do naturalista. Ferreira centrou sua atenção no escorbuto, mas muitas outras doenças atacavam os negros⁴⁷⁰. O escorbuto, para o naturalista era a mais grave delas, e acreditava que fosse provocada pela “depravação de humores, exaltada a tal grau que ulcera e gangrena as partes afetadas, e até corrói os mesmos ossos”. Não duvidava que fosse doença contagiosa, e nem que essa modalidade de enfermidade

⁴⁶⁹ Ver, a respeito: COELHO, Mauro Cezar. A Civilização da Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira e o Diretório dos Índios: a educação de indígenas e luso-brasileiros pela ótica do trabalho. *Revista de História Regional*, v. 5, n. 2, inverno 2000.

⁴⁷⁰ Segundo Octavio de Freitas, eram doenças que já traziam da África, como “o escorbuto ou mal de Luanda, as disenterias, as diarreias, hidropsias, morfêia, caquexias, sarnas, oftalmias e inúmeras outras”. Ver FREITAS, 1935, p. 29. E certo que outras doenças os escravos adquiriram na Colônia.

fosse mais difícil de debelar, embora afirmasse que, aquele adquirido no mar era mais violento. Para reforçar a gravidade da doença, acrescentou ao texto versos de Camões:

E foi de doença crua, e feia,
a mais que nunca vi, desampararam
muitos a vida, e em terra estranha, e alheia
os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá, que, sem o ver o creia!
Que tão disformemente ali lhe incharam
as gengivas na boca, que cresciam
a carne e, juntamente apodrecia.
Apodrecia com um fétido e bruto
cheiro, que o ar vizinho infeccionava:
e não tínhamos ali médico astuto
e cirurgião sutil menos se achava:
mas qualquer neste ofício pouco instructo.
Pela carne já podre assim cortava
como se fora morta, e bem convinha.
Pois que morto ficava quem a tinha.⁴⁷¹

O escorbuto era considerado doença de marinheiros, soldados e escravos que vinham da costa de África, mas atacava também todos aqueles que ingeriam alimentos “grosseiros, salgados ou podres, bebem águas corruptas, respiram um ar impuro e, ainda que queiram, não podem ter os refrescos, o exercício, o asseio e outras comodidades”⁴⁷². Rodrigues Ferreira observou que, quando os doentes de escorbuto desembarcavam, melhoravam com facilidade, mas que, em terra, a doença também atingia “os meninos de todas as condições, os homens de letras, os que têm mesa delicada e outros a quem nada falta, nem para o sustento, nem para o regalo”⁴⁷³. No entanto, nos escravos, afirmou, a causa principal do escorbuto no Mato Grosso era a má qualidade da alimentação.

As informações sobre as doenças dos negros o naturalista retirou do livro de José Antonio Mendes, “Governo de mineiros”, e como Ferreira não fez qualquer observação sobre diferenças existentes entre o tratamento destinado aos escravos em Minas Gerais e no Mato Grosso, podemos considerar que eram semelhantes, por exemplo, a alimentação:

Fazem à noite os ditos negros uma massa a que chamam angu, que é feita de fubá, isto é, de farinha de milho muito mal feita no moinho. Feita a dita massa em água sem sal, nem mais tempero algum, e às

⁴⁷¹ Camões. *Os Lusíadas*.

⁴⁷² MB – ARF 21. *Escorbuto ou mal de Luanda*.

⁴⁷³ *Idem*.

vezes bem mal cozida, esta fica feita à noite com algum resto de feijão que sobejou da ceia, e assim tudo frio é o almoço de que atualmente usam. O jantar é sempre um pouco de milho cozido em um tacho de cobre, a que não falta zinabre, e quase sempre mal cozido. Este é o jantar, sem mais nada. Quando há ceia, é um pouco de feijão preto, com uma limitada porção de sal, e sem mais algum tempero. Este costuma ir acompanhado com o celebrado angu.⁴⁷⁴

Alexandre, citando Mendes, continuou a descrever os hábitos alimentares dos escravos. Após o angu, bebiam água suja dos rios nos quais mineravam, “muitas vezes por não irem, à distância de um tiro de espingarda, bebê-la clara e boa”. Além da água suja, os escravos faziam uso também de “uma tãõ depravada bebida, a que chamam cachaça, que é destilada de melaço e borra de açúcar que se faz nos engenhos, que só o cheiro faz vômitos a qualquer pessoa que não costuma usar dela”⁴⁷⁵.

O licenciado Mendes se espantava com a qualidade dos alimentos que os escravos ingeriam, e se presume que também o naturalista que o reproduziu partilhasse com ele a opinião. Além do mais, os escravos ficavam a maior parte do dia mergulhados em águas sujas, cheias de lodo, e, quando podiam, deitavam-se sob sol muito forte⁴⁷⁶. Outras vezes, enfrentavam, sem qualquer agasalho, frios muito intensos. A partir desse ponto, Ferreira tomou para si a descrição, aplicando-a ao caso de Vila Bela.

De um modo geral, escreveu Alexandre, não era muito diferente o passadio dos brancos da capitania. O peixe era raro em Vila Bela, não por falta deles nos rios, “mas porque também se lhe não faz maior diligência, praticando todos aqueles meios que em outras partes empregam a indústria dos pescadores”. Como havia pouco peixe, na quaresma os habitantes não seguiam o preceito da abstinência da carne, embora pouca gente pudesse comer carne fresca, já que se matavam apenas duas reses de dois em dois dias, por haver falta de gado. Desse modo, o alimento cotidiano ficava restrito ao arroz,

⁴⁷⁴ MENDES, 1770, p. 68-70. Preferimos reproduzir o texto de Mendes, já que o manuscrito de Ferreira apresenta algumas dificuldades de leitura.

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 69. Sobre a utilização da bebida como estratégia de dominação, ver principalmente o capítulo VIII de LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

⁴⁷⁶ Sobre a escravidão no Mato Grosso, ver: VOLPATO, 1987; _____. *Cativos dm sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: Marco Zero / Cuiabá: Ed. UFMT, 1993; ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. *Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre (1850-1888)*. Brasília: Ministério da Fazenda, 1984; CRIVELENT, Maria Amélia Assis Alves. *Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso: um estudo sobre Chapada dos Guimarães 1798-1830*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso; FIGUEIREDO, Israel de Faria. Rolim de Moura e a escravidão em Mato Grosso: preconceito e violência – 1751-1765. *Territórios e Fronteiras* – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2001, vol. 2, n.º 2 – jul./dez.

feijão, carne seca e toucinho. O sal era muito caro, o que resultava de se comer carne seca meio podre, “porque tão somente se lha mostra o sal, e não mais”.

Após todas essas considerações, Ferreira concluiu que da alimentação é que procediam, principalmente, a obstrução, o escorbuto e a disenteria. A “gente pobre”, principalmente os índios e negros escravos, contava com um tratamento cruel também quando doentes. De um modo geral, seus medicamentos consistiam em beber

duas partes de sua própria urina fresca com uma de mel de pau”, o que deviam fazer duas vezes ao dia. Quando muito, podiam ingerir garapa, um cozimento feito com raiz de capeba, e receber “alguns clistéis purgativos (...), e sem mais custo se dá por concluída a sua cura”.⁴⁷⁷

Mas, o licenciado Mendes apresentou um medicamento a ser ministrado aos “escorbutados” capaz de os curar, repassado a ele por João Cardoso de Miranda, e que Ferreira aprovava. Consistia em um cozimento de grama sapé, chicória e mastruço, adoçado com melado, ministrado ao doente após as purgas e vomitórios de praxe. Para uma cura “dos pobres”, “que tem sarado muitos negros”, Mendes recomendou que se esfregassem as gengivas com sal e limão, e se ingerisse o cozimento de sapé, chicória e mastruço⁴⁷⁸.

Havia uma relativa preocupação com a saúde dos escravos, pois era sobre o escravismo que se assentava a exploração colonial⁴⁷⁹. Manter o escravo em atividade era uma necessidade econômica. Por isso mesmo, o tratamento aos escravos merecia destaque nos manuais, os quais procuravam suprir os senhores com informações sobre a manutenção da saúde de seus plantéis. Dentre os manuais que circulavam, um dos mais conhecidos era o “Erário mineral”, de Luis Gomes Ferreira, leitor de Curvo Semedo. Como explicação para as doenças dos escravos, Gomes Ferreira acusava o clima das minas,

totalmente diferente de todos os mais, (...) por razão dos mantimentos e habitações em que assiste se exercitam assim os pretos como os brancos. Os pretos, porque uns habitam dentro da água, (como são os mineiros que mineram nas partes baixas da terra e veios dela), outros feitos toupeiras, minerando por baixo da terra, uns de altura de fundo de cinquenta, oitenta, e mais de cem palmos, outros pelo comprimento em estradas subterrâneas, muitos mais, que muitas vezes chegam a seiscentos e a setecentos, lá trabalham, lá comem, e lá dormem muitas vezes. E como estes quando trabalham andam banhados em suor com

⁴⁷⁷ MB – ARF. 21. *Escorbuto ou mal de Luanda*.

⁴⁷⁸ MENDES, 1770, p. 97.

⁴⁷⁹ Cf. LEITE, 1996.

os pés sempre em terra fria, pedras ou água, e quando descansam ou comem se lhes constipam os poros, e se resfriam de tal modo, que daí se lhes originam várias enfermidades perigosas, como são pleurizes, apertadíssimos estupores, parlesias, convulsões, peripneumonias, e outras muitas doenças para as quais os melhores remédios que se lhes devem aplicar são sudoríficos, diaforéticos e vulnerários, para que se abra os poros e se promova a circulação do sangue e mais líquidos.⁴⁸⁰

Gomes Ferreira considerava fundamental que se levasse em consideração o clima que vigorava nas minas, sem o qual não se conseguiria resultado na cura, por serem as doenças muito variadas, “e conseqüentemente pedem vários modos de cura fora da regra dos autores, por respeito do clima, habitação e sustento”. A morte dos escravos preocupava Gomes Ferreira pelos prejuízos que provocava, principalmente por ataques de escorbuto:

vendo que esta doença era muito comum, e que morriam tantos escravos, e se perdia tanto ouro em poucos dias, me fazia ter grande pena, assim pelos não poder remediar, como pelo pouco crédito que adquiria, e não menos vendo que um pobre trabalhava dois e três anos para lucrar um, e que o perdia em poucos dias ou em 24 horas.⁴⁸¹

No atendimento aos doentes, Luis Gomes recomendava que, em sendo “preto ou branco rude”, a informação solicitada pelo médico ou cirurgião deveria ser repetida de duas a três vezes, “porque como é gente agreste e variável, agora dizem uma coisa, e tornando a ser perguntados, respondem outra, como a mim me tem sucedido com todos”. Por isso, para evitar enganos, “sempre quando tomo informações a esta casta de gente, me ponho com toda a paciência”. Em relação à pulsação dos doentes, Luis Gomes observou que o pulso se apresentava um no início e, em seguida, se alterava. Conversava com o doente, e depois media novamente. Apesar dessa atitude inovadora, Gomes Ferreira recomendava a raiz de mil-homens, “para malefícios e dor de barriga”, e “orelha de onça”, contra os envenenamentos e os malefícios⁴⁸².

Luis Gomes advertia os compradores de escravos que não adquirissem aqueles que tivessem “os joelhos inclinados para dentro e as pernas para fora”, pois com o tempo iriam “entortando cada vez mais, até que não podem dar um passo topando um joelho no outro, por cuja causa se vêm a perder”. O motivo disso, seria

⁴⁸⁰ FERREIRA, 1735, p. 2.

⁴⁸¹ *Ibidem*, p. 20.

⁴⁸² *Ibidem*, p. 460.

o relaxarem-se os nervos por causa de humores frios e úmidos, que umedecendo os ligamentos das juntas os relaxam, e por essa causa se estendem, e querendo eu tentar fortuna em o que perdi, lhe endireitei as pernas e os joelhos, e lhe pus emplastros confortativos com suas talas compridas desde cima dos joelhos até os pés, renovando os emplastros por espaço de 40 dias, e mandando-o por em pé e dar alguns passeios, ficaram como estavam antes.⁴⁸³

Não se deve desconsiderar a informação que nos presta Eustáquio Duarte⁴⁸⁴ sobre a possibilidade de alguns dos escritores desses manuais de assuntos médicos terem sido também mercadores de escravos, embora em escala mais reduzida. Duarte nos coloca o caso do empírico e mascate Miguel Dias Pimenta, autor de “Notícias do que é o achaque do bicho”⁴⁸⁵, que viajava muito, o que o tornava grande conhecedor de ervas medicinais de diversos pontos da colônia:

Talvez comprando e vendendo mesmo negros, porque há sinais de que, graças à apregoada eficácia de seus métodos curativos do achaque do bicho, devia resultar-lhe vantajoso arrematar os rebotalhos do mercado de escravos da rua dos Judeus ou pretos imprestáveis das senzalas dos engenhos, para fazê-los sarar e passar adiante, curados e refeitos, por muito bom dinheiro. Sua manifesta familiaridade, não apenas com o “achaque do bicho”, mas com toda sorte de doenças reinantes na capitania, induz a desconfiar que não se devotasse a esses diagnósticos, toques, apalpadelas, farejamentos e curativos, tão numerosamente repetidos, por simples curiosidade ou pendor altruístico. Escapa-lhe, de resto, uma confirmação dessa suspeita, quando se escusa de não poder oferecer melhores luzes sobre o achaque chamado “impalalá” por “a experiência que dele tenho ser feita em muito poucos sujeitos, para o que os comprei doentes”.⁴⁸⁶

Ferreira não se manifestou em relação ao tratamento concedido aos escravos com a mesma veemência com a qual se manifestou em relação aos abusos praticados contra os índios. Demonstrou piedade pelo sofrimento e indignância dos negros, mas aqueles que mereceram sua indignação foram os índios, apesar de todos os problemas que enfrentou durante as viagens com as fugas dos remeiros.

Em relação às formas de trabalho aplicadas tanto aos índios quanto aos negros, embora as leituras de Ferreira possam ser consideradas atualizadas – principalmente considerando a distância que havia entre a colônia e a metrópole –, o naturalista, em

⁴⁸³ *Ibidem*, p. 207.

⁴⁸⁴ DUARTE, Eustáquio. Introduçãos históricas, interpretações e notas. In ANDRADE, Gilberto Osório. *Morão, Rosa & Pimenta*: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956. p. 376.

⁴⁸⁵ Cf. PIMENTA, 1707.

⁴⁸⁶ *Ibidem*, p. 380.

seus textos, não citou um autor importante do setecentos, que foi o médico italiano Bernardino Ramazzini⁴⁸⁷ (1633-1714), pioneiro nas discussões sobre questões ligadas às doenças provocadas nos trabalhadores de determinadas atividades profissionais. Ramazzini apresentou suas conclusões na obra “A doença dos trabalhadores”, na qual já se vislumbravam alguns dos elementos básicos da medicina social, como a necessidade de se estabelecer relações entre o estado de saúde do trabalhador e suas condições de vida, o que até então ainda não havia sido feito.

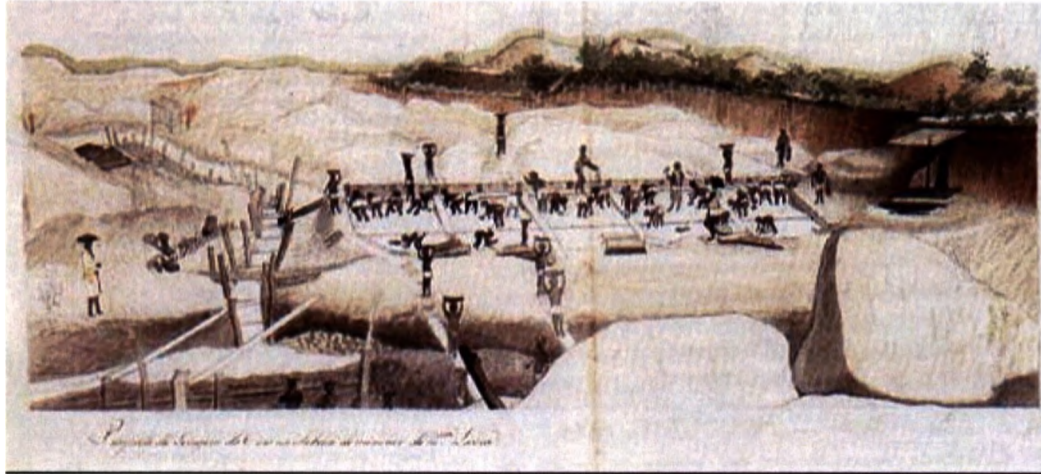
Não se pode dizer que Ramazzini fosse um autor desconhecido em Portugal, pois em 1753 foi publicada em Lisboa, por Luiz Paulino da Silva, a tradução de uma de suas obras, “A arte de conservar a saúde dos príncipes e das pessoas da primeira qualidade, como também das nossas religiosas”⁴⁸⁸. Nessa obra, Ramazzini já discutia pontos importantes sobre a natureza e propagação de doenças, e os meios adequados para sua prevenção.

No entanto, embora Ferreira não tenha citado Ramazzini, de certo modo também enxergou o problema, quando de suas discussões sobre as doenças dos índios e dos negros escravos.

O trabalho de movimentos repetitivos, como o eram o das minas e o dos remeiros, aliado a extremo esforço físico e miséria seria a origem dos males corporais, tanto dos índios – a quem acrescentou “a inquietação do espírito” –, como dos escravos, principalmente aqueles que labutavam nas minas, em contato direto com a água e com o sol forte.

⁴⁸⁷ ESTRELA, R. A propósito deste livro e de suas traduções. In: RAMAZZINI, Bernardino. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: FUNDACENTRO, 1999.

⁴⁸⁸ RAMAZINO, Bernardino. A arte de conservar a saúde dos príncipes e das pessoas da primeira qualidade. In: AZEVEDO, Luiz Paulino da Silva e. *A arte de conservar a saúde dos príncipes e das pessoas da primeira qualidade, como também das nossas religiosas, composta por Bernardino Ramazino, famoso médico de Modena, e Elogios da vida sóbria ou conselhos para viver largo tempo, pelo famoso Luiz Cornaro, nobre veneziano, tudo traduzido na lingua portuguesa e oferecido a el rei nosso senhor D. José, o I, por Luiz Paulino da Silva e Azevedo*. Lisboa: Na Oficina de Francisco da Silva, 1753.



MB – ARF n. 34, 1986 – n. 59 – Prospecto do desmonte de terra da lavra de ouro de Cuiabá.

Para Maria de Lourdes Bandeira, os escravos tiveram morte precoce em todas as áreas mineradoras da Colônia, mas “em Vila Bela essa realidade atingia seus limites”, e raros escravos alcançavam os trinta anos, apesar de serem considerados fisicamente mais resistentes que os brancos. Permeando essa situação, o discurso da superioridade física dos negros os colocava

como o contraponto da ideologia da superioridade social e cultural dos brancos. A raça branca – “superior” – é incompatível com o meio ambiente insalubre (inferior) de Vila Bela. A raça negra – “inferior” –, a ele se adequa e nele resiste.[...] As legiões de escravos que morreram aos magotes ou envelheceram precocemente no enfrentamento cotidiano do trabalho insalubre, da fome, da doença, da invalidez, jazem insepultas, desafiando a memória desse discurso, nos descampados das chapadas, no seio das matas e charcos do vale do Guaporé⁴⁸⁹.

⁴⁸⁹ BANDEIRA, 1988, p. 98.

Capítulo V

Leitura paleográfica comentada

Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato Grosso⁴⁹⁰

BNRJ – códice 21, 2 ,5.

De Vila Bela a Casalvasco 8 léguas

De Casalvasco à Missão de Santa Ana⁴⁹¹ 32,

e a Santo Inácio 36, indo por Santa Ana.

Está a missão de Santa Ana a sul da de Casalvasco; dista da de Santo Inácio, em travessia 6 léguas. Consta de 600 almas, e a de Santo Inácio, de 1000⁴⁹².

Depois de eu ter observado pelo espaço de dois⁴⁹³ anos, quais eram as **enfermidades endêmicas** da capitania de Mato Grosso⁴⁹⁴, e de ter, ao mesmo tempo reconhecido que a maior parte delas se não remediava como poderia ser, em se vulgarizando os necessários conhecimentos médicos para com eles se suprir a falta de professores, de livros⁴⁹⁵, assentei comigo de vulgarizar os que possuía, ou fossem⁴⁹⁶ próprios ou⁴⁹⁷ alheios, e concluído que fosse este opúsculo franqueá-lo aos que o quisessem ler, e tirar dele o proveito que se lhes pode seguir.

Empreendi, pois, a execução deste plano, e depois de empregadas nele as minhas horas de descanso, saiu ultimamente este pequeno sinal do meu zelo e não do meu

⁴⁹⁰ A ortografia e a pontuação foram atualizadas, e mantivemos também os negritos e os sublinhados do original. Este trabalho de leitura e interpretação foi beneficiário do excelente estudo com fontes escritas, manuscritas ou impressas – não muito comuns na historiografia brasileira –, que é o de Janaina Amado e Luiz Carlos Figueiredo, *Brasil 1500: quarenta documentos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. Outras obras importantes foram: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos históricos*. São Paulo, 1992. Dissertação, 2 v. (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, e COSTA, Maria de Fátima. *Percorrendo manuscritos: entre Langsdorff e D’Alincourt*. Cuiabá: UFMT Editora Universitária, 1993.

⁴⁹¹ *Santa Ana* está sobrescrita a *Santo Inácio*, que foi riscada.

⁴⁹² Este pequeno trecho sobre distâncias é autógrafo de Ferreira, e foi escrito no alto de uma página enumerada como “2”, cujo restante permaneceu em branco.

⁴⁹³ Esse foi o período durante o qual os expedicionários permaneceram na capitania de Mato Grosso (1789-1791).

⁴⁹⁴ Ferreira considerou “próprias do país” as seguintes “febres”: a obstrução, a hidropsia, o escorbuto, a catarral, o pleuriz, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção, a sarna, a impingem, e o bócio.

⁴⁹⁵ As palavras de livros estão anotadas à margem, com letra de Ferreira.

⁴⁹⁶ “Fossem” está escrita sobre a palavra “tanto”, que foi riscada.

⁴⁹⁷ “Ou” está escrito sobre “como”, que foi riscado mas permaneceu legível.

instituto. Entendo que a estes habitantes nenhum outro presente posso eu fazer que mais digno seja da sua aceitação do que o de lhes dar a ler de um modo que entendam todos a arte de se conhecerem a si mesmos quando enfermos, e de se tratarem em algumas de suas enfermidades⁴⁹⁸, segundo o que tenho lido ou sabido por experiência própria. Ou eles assim o entendam ou não, fiquem certos que nenhuma paga lhes peço pelo meu trabalho. Assaz recompensado fico com a satisfação que tenho de trabalhar para ser-lhes útil⁴⁹⁹.

Para melhor se entenderem as causas próximas e remotas de que procedem as **enfermidades** de toda esta capitania principiarei este opúsculo por uma breve **noção física** do país⁵⁰⁰, de maneira que à vista dela possam os seus habitantes ajuizar sobre as qualidades do **céu** e do **terreno** onde vivem. Em outra parte (a)⁵⁰¹ tenho mais circunstanciadamente dado as suas noções **políticas, geográficas, hidrográficas**. Conseqüentemente, o que pertencia a esta era o exame particular da natureza, da terra, do ar, das águas. Contudo, algumas noções daquelas repetirei quanto baste para inteligência destas.

Pelo caráter dos naturais, dizia eu a respeito dos habitantes da capitania do Rio Negro, em participação de 28 de outubro de 1787, dirigida ao governador e capitão general João Pereira Caldas, pela sua cor e fisionomia, pelas suas vozes e outros visíveis efeitos da influência do clima⁵⁰² pode-se logo ajuizar das qualidades do **céu** e do **terreno** em que vivem. A cor, em quase todos os filhos dos brancos, ou sejam tais ou **mamelucos** é macilenta, as vozes débeis e desentoadas, e todos eles ociosos e negligentes⁵⁰³, o que faz concluir que este nenhuma diferença tem para menos do que se experimenta nos climas das outras colônias portuguesas, que estando situadas entre os trópicos são cortadas por caudalosos rios cobertos de altíssimos arvoredos.

⁴⁹⁸ Os profissionais considerados habilitados para a cura eram poucos, mas havia muitos “curiosos”. O desejo de contribuir para o conhecimento das doenças foi comum ao setecentos.

⁴⁹⁹ Ferreira seguia os autores da época que, nos prólogos de suas obras, em geral, manifestavam o mesmo desejo de servir sem receber recompensa.

⁵⁰⁰ Quando tratou das noções físicas, políticas, geográficas e hidrográficas do país fica vistível a obediência às instruções de Vandelli, no parágrafo “Do conhecimento físico e moral dos povos” e seguintes. cf. VANDELLI, 1779.

⁵⁰¹ Na nota “a” consta: *Relação circunstanciada dos três rios da Madeira, Mamoré e Guaporé até a capital de Mato Grosso*.

⁵⁰² O sublinhado consta do original.

⁵⁰³ Essas características indicam doença provocada pelo parasito “ancilóstomo”, origem do amarelão. Essa doença também era conhecida por “frialdade”. Ver, a respeito: FREITAS, 1935. p. 100.

Entra⁵⁰⁴ nos domínios de Portugal na América, diz o autor do Tratado da Conservação da Saúde dos Povos⁵⁰⁵ citando a **Brasilia Medica** de Guilherme Pison (b)⁵⁰⁶, um dilatado e considerável ramo da Serra Cordilheira, na altura dos 22 graus latitude austral. Continua sudeste até quase a capitania do Espírito Santo. Nascem de uma e outra parte dilatadíssimos rios, dos quais os mais famosos conhecidos são o Rio da Madeira e dos Tocantins. O primeiro vai cair no dilatado rio das Amazonas, e o segundo no de Guanapu, nos estados do Maranhão. Os dois rios que nascem no Brasil de uma e outra parte desta serra, um é o de São Francisco, que corre quase do sul ao norte, e outro da parte oposta chamado Paraná, levando o curso do norte a sul, e entra no rio da Prata.

Mas infinidade de rios menores entram por todos os lados nestes principais nomeados. Com as continuadas chuvas depois do mês de março, todos saem do seu álveo, inundam muitas terras à roda, a distância muitas vezes de três e quatro léguas. Além destas continuadas chuvas, o clima é inconstante⁵⁰⁷. Por todo o ano chove, mesmo no dia mais sereno, o céu tempestuoso, com trovões, relâmpagos e raios. Mas estas inundações não são simplesmente de água; como todas, levam consigo imensidades de árvores ficam nos bordos juntamente com imensidade de peixes e animais terrestres. Quando as águas entram no álveo dos rios, os campos ficam cheios de charcos. Com o calor, apodrecem, morrem neles os peixes, com os corpos dos mais animais e vegetais. Gera-se, então, imensidade de insetos, que todos vêm a apodrecer, e como o calor é cotidiano, mais se sutilizam cada dia, até que tudo convertido em vapores e exalações podres, se desvanece na atmosfera. Desta podridão provêm aquelas febres pestilentes⁵⁰⁸,

⁵⁰⁴ Todo o parágrafo que se inicia em *Entra nos domínios de Portugal... até ...Rio da Prata* foi riscado, embora permaneça legível. A frase riscada foi substituída pelo seguinte texto, do próprio punho de Ferreira: *Em os principais rios nomeados da América diz o autor do Tratado da Conservação da saúde dos Povos, citando a Brasilia Medica de Guilherme Pison, entra por todos os lados infinidade de outros rios menores (b).*

⁵⁰⁵ SANCHES, 1757.

⁵⁰⁶ No original: (b) *Lib. 1º. Cap. 1º. De acre, aquis et locis Brasilia*. O médico Guilherme Pison, ou Pison, durante a ocupação holandesa no nordeste do Brasil descreveu as doenças endêmicas da região, na obra *Brasilia medica*. Ver tradução para o português: Pison, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental* (trad.). INL, 1957.

⁵⁰⁷ No original de Ribeiro Sanches consta: *além destas continuadas chuvas até o mês de agosto o clima é inconstante, por todo o ano chove ainda no dia mais sereno*. SANCHES, p.39.

⁵⁰⁸ “Febre epidêmica perniciosa em uma região ou cidade, no mesmo tempo com sua má qualidade destruidora de muitos por infecção do ar”. (In: ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*. Oferecido a el rei nosso senhor por ser servido ordenar por seu governador aos médicos da América que assistem aonde há este contágio que o compusessem para se conferirem pelos corifeus da medicina aos ditames com que é tratada esta pestilencial febre. Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal, 1694, p.2.) Rosa, citando Nicolau Massa, especificou a sintomatologia de alguns tipos de “febres pestilenciais”, dentre as quais o tifo exantemático, o sarampo, a varíola e a peste bubônica. p. 269.

que chamam **carneiradas** nas minas de Mato Grosso, Cuiabá e Goiás. Da mesma origem vêm outros males tão comuns a todo o Brasil, como são os insetos mais nocivos à saúde e outras moléstias vulgares⁵⁰⁹.

No tempo dos calores, as diarreias e as disenterias⁵¹⁰ aparecem e são mortais, e quanto mais a sezaõ dos calores estiver avançada, maiores estragos fazem aquelas doenças, porque os ardores do sol têm apodrecido já aquelas matérias das enxurradas, e estão já todas tão sutilizadas e espalhadas pela atmosfera que ninguém se pode preservar da sua violência. Reinam febres intermitentes, mas de natureza tão maligna, que se terminam ordinariamente por hidropsias, e estas, com a morte. Muitas vezes se convertem em febres ardentes, com delirios, e morrem por parótides, pintas e carbúnculos.

Tanto em Portugal, em todos os lugares que borda o Tejo, em Angola, aonde tantos rios inundam aquele reino como em toda a América, depois das inundações, logo que as matérias das enxurradas começam a apodrecer, o ar se infecta e produz semelhante podridão nos corpos, manifesta-se por toda a sorte de febres podres e, sobretudo, por disenterias, etc. (c)⁵¹¹.

As enxurradas das águas que escorrem das serras das cabeceiras dos rios⁵¹², diz o licenciado Antonio José de Araújo Braga, cirurgião da Quarta Partida da Diligência da Demarcação de Limites (e)⁵¹³, arrastam consigo diversas substâncias térreas, salinas⁵¹⁴ e metálicas, de que abundam as mesmas serras. Os rios, então, correm turvos⁵¹⁵, ainda mais turvos se fazem com as inumeráveis terras caídas que consigo levam as

⁵⁰⁹ Todo este longo trecho foi retirado do livro de Ribeiro Sanches, com citação da fonte. No entanto, Ferreira não acrescentou uma nota que há na obra de Sanches, a nota (l): *Guilherme Pesonis. De utrius que Indiae lib. IV. Amstelodami, fol. Lib I. De aere, aquis & locis brasiliae, cap. I.* SANCHES, p. 39.

⁵¹⁰ “Câmaras de sangue”.

⁵¹¹ Em nota, no original: *Cap. 7 pag. 30, 31, 45 e 46.* O assunto nos remete a Ribeiro Sanches e ao *Tratado da conservação...*, cujo capítulo VII tem o título *Dos efeitos da atmosfera alterada, ou podre, o corpo humano*, que inicia na página 44 da edição que utilizamos. Nessa mesma edição, o autor, na página 30, trata do ar e dos ventos tropicais; a página 31 trata dos efeitos dos ventos; a página 45, os efeitos da atmosfera no corpo humano; a página 46 sobre os efeitos da falta de ar puro no organismo humano. Na nota escrita por Ferreira faltou o número da página 59 do livro de Ribeiro Sanches, na qual Sanches analisou, no terceiro parágrafo, os efeitos das inundações em Portugal, na África e no Brasil. Cf. SANCHES, 1757.

⁵¹² Nesse ponto Ferreira inseriu sinal “/” que fechou em “limites”.

⁵¹³ Nota (e), no original: *Em resposta ao doutor Alexandre Rodrigues Ferreira de 15 de março de 1787.* Antonio José de Araújo Braga escreveu um tratado sobre as doenças da capitania do Rio Negro, que subsidiou Ferreira.

⁵¹⁴ Junto à palavra “salinas” há um sinal “+” e, à margem, a palavra “sulfúreas”, com a letra do autor.

⁵¹⁵ O início da frase, que foi riscada, era “as águas dos rios então são turvas”, substituída por correção por “os rios então correm turvos”.

correntezas, e os que por costume bebem daquelas águas logo que as tiram dos rios, sem esperarem que assentem nos potes de um para outro dia, depõem no ventrículo, de cada vez que as bebem um sedimento térreo, o qual, obstruindo os orifícios dos pequenos vasos, anuncia pela colorosis a obstrução, que todo o mundo sabe que é um seminário de outras queixas em que degenera, como são as palpitações do coração, as *cardialgias*⁵¹⁶, a icterícia, a hidropsia, a caquexia⁵¹⁷, etc.

Se ao que tenho dito se ajuntar que os moradores das povoações situadas sobre as margens dos rios, com as imundícies que nele despejam, e com as nenhuma cautelas que neles praticam relativamente às diversas preparações de seu uso, concorrem pela sua parte quanto podem por infeccionarem⁵¹⁸ cada vez mais a água que bebem, de nenhum modo se estranhará que tanto perigo corram as suas vidas. Sirva de exemplo o que aqui estamos vendo a respeito da **mandioca**. Vemos que cada morador a põe de molho no porto da sua roça. O suco cru daquela raiz é um mortal veneno para a maior parte dos animais que o bebem.

O ar, pela sua parte, com os efeitos do seu calor, causa diversas enfermidades. A porção mais espirituosa do sangue todos os dias se dissipa, sai pela transpiração, pelo suor e pela urina; o que fica no corpo é um sangue seco, térreo e espesso, de onde procedem as melancolias, as lepras⁵¹⁹, os vômitos pretos⁵²⁰, as câmaras de sangue, as febres ardentes, etc. Apliquem-se à capitania de Mato Grosso as observações que acima transcrevi⁵²¹, e ver-se-á como de sua constituição física naturalmente procedem as enfermidades de seus habitantes.

Subindo-se da capital do Grão Pará pelo grande rio das Amazonas, e deixando-se este para se entrar no da Madeira, que deságua naquele pela sua margem austral em 3° e 23' de latitude, ao sul e em 318° e 52' de longitude oriental à Ilha do Ferro vê-se que a capitania de Mato Grosso, pelo lado do norte, principia na latitude austral de 8° e 52',

⁵¹⁶ A “boca do estômago” é o “cárdia”, abertura que comunica o esôfago e a víscera. À dor aí localizada dá-se o nome de “cardialgia”. Cf. ROSA, 1694, p.350.

⁵¹⁷ “Mal hábito do corpo dizemos que têm as pessoas que estão opadas ou inchadas do rosto e do corpo, e que têm ruins cores, e lhe chamam balofos e por outro nome lhe chamamos caquéticos. Esta doença procede de opilação das veias e do mesentério. Devemos acudir-lhe com cuidado, aconselhando-lhes que façam exercício e bebam pouquíssima água”. Cf. BLUTEAU, 1727.

⁵¹⁸ O significado da palavra “infeção” no século XVIII era, segundo o dicionário Bluteau, o de “estado da coisa ou pessoa infecta, inficionada, atacada de doença – a infeção gálica – maligna, contágio”. Cf. BLUTEAU, 1720.

⁵¹⁹ Referentes a vários tipos de dermatoses.

⁵²⁰ Um dos sintomas da febre amarela.

⁵²¹ Em seguida a *observações* há quatro palavras riscadas, ilegíveis.

onde está situada a cachoeira grande do Salto, que é água acima, a segunda do rio da Madeira. Passadas mais dez cachoeiras, até meia légua acima da última, que está situada na distância de até 236 léguas acima da sua foz inferior, deixa-se o rio da Madeira para se entrar pelo do Mamoré, que com ele conflui em 10° 22' e 30" de latitude, e em 312° 15' e 27" de longitude. Também neste se passam cinco cachoeiras, e subidas 45 léguas de andamento do rio deixa-se, ao lado ocidental, a sua verdadeira foz e entra-se pela do Guaporé, que confluem ambas na latitude austral de 11° 54' e 46" sobre a longitude de 312° e 28' ½. Navega-se por ele acima o dilatado espaço de boas 250 léguas, que são as que se sobem desde a sua foz até as suas cabeceiras. Estão situadas no cume da alta serraria dos Parecis, em 14° e 35' de latitude, e em 318° e 43' de longitude. Por ambas as suas margens, até meia légua acima da capital de Vila Bela deságuam nele, segundo minha lembrança, vinte e dois rios, que são, pela margem **oriental**, o Cautários Grande, o Cautarinhos e o Cautários, São Miguel, São Simão, São José ou rio dos Mequéns, o Corumbiara, o Piolho, o Cabixi, o Quariteré, o Galera e o Sararé. Pela **ocidental**, o Itunamas, o Baures, São Martinho, São Simãozinho, o rio das Tanguinhas, o Caturiri, o Paragaú, Rio Verde, Capiuari e rio Alegre, sem falar de inumeráveis lagos e ribeiros que engrossam as águas do Guaporé.

É na sua margem oriental que estão situados os atuais estabelecimentos que temos neste rio, a saber, o Forte do **Príncipe da Beira**⁵²², do qual já em outra parte se disse que estava fundado na distância de 21 léguas acima da foz do rio, e na de quase meia, acima do lugar onde esteve a antiga Fortaleza da **Conceição**, em 12° e 26' de latitude e 312° e 57' ½ de longitude. Seguem-se os dois lugarejos de **Lamego** e **Leomil**, o Destacamento das Pedras, por outro nome **Palmela**, na latitude austral de 12° 52' 35" sobre a longitude de 314° 37' 30" e, ultimamente, a capital de Vila Bela, na situação que abaixo se dirá. No lado oposto, o que atualmente existe sobre a margem do rio, na latitude de 13° 29' 40", são umas pequenas relíquias do estabelecimento que em outro tempo tivemos na serra de Santo Antonio dos Guarujus.

Ora, sendo certo que umas e outras margens, tanto as do Guaporé como as dos seus colaterais, são pela maior parte baixas, necessariamente por todas elas se hão de derramar os rios quando cheios. Conseqüentemente é então que recebem inumeráveis cadáveres de quadrúpedes, aves, anfíbios⁵²³, insetos e vermes, os quais, misturados com as raízes, troncos, ramos, folhas e frutos das árvores que caem e apodrecem, ali ficam

⁵²² Sobre o Forte do Príncipe da Beira ver: FERNANDES, 2003.

⁵²³ Após a palavra *anfíbios* há um sinal + e, na margem esquerda ARF escreveu + *peixes*.

encarcerados em fossos e lagos, de onde os não levam as correntezas, até que o calor do sol lhes volatiliza as partes mais sutis e as espalha pela atmosfera. Enquanto se não espalham fica o ar demasiadamente denso, privado da sua elasticidade e incapaz de entrar nos pulmões, o que causa diversas enfermidades.

Mesmo no tempo da vazante, estão vendo os que viajam, que pelas suas margens ondeiam dilatados prados de diferentes plantas aquáticas, principalmente o aguapé, a canarana, o capim de água, a aninga e outras, que em algumas partes atravessam a largura total dos rios e embaraçam a sua navegação. Grandes lagoas se encontram nestes territórios, que não são mais que uns vastos arrozais.

As margens dos rios que tenho navegado, todas são bordadas de inumeráveis árvores e arbustos aquáticos, o morototó, o molongó, o mututi, o macucú, a ambaúba, a bicoiba, o nari-nari, a taxiúa, a sumaumeira e outras. Servem-lhes de guias, que as equilibram, infinitos cipós⁵²⁴, que se entrelaçam uns com os outros, parecendo todos, quando estão floridos, outros tantos festões pendentes, que aos olhos do expectador atento oferecem perspectivas mui pitorescas.

Há, nestes países, continua o licenciado Braga, a respeito do Rio Negro, algumas plantas e árvores tão venenosas, que instantaneamente morre quem usa delas. Tais são o assacú, a erva de rato e o timbó, com que os índios matam o peixe, além de outras muitas, ainda hoje pouco conhecidas pelos domésticos. Dos gentios, é certo, porque o estamos vendo, que dos sucos das plantas venenosas preparam as suas ervaduras. Nem as ditas plantas se criam somente pelo centro do mato, mas também pelas margens dos rios, como é o dito assacú, de que os mesmos índios até a sombra receiam.

Sei que, sem embargo disto, e que ainda sem serem as razões da comodidade econômica que oferecem as margens dos rios, outras muitas razões obrigam, algumas vezes, a fundar povoações em semelhantes sítios. Porém, o que delas sente a boa física, ao mesmo passo que trata de emendar com a arte os defeitos da natureza, é o que agora se lerá para se confrontar depois com o que se ler de Mato Grosso.

Raras vezes, diz o apaixonado da saúde dos povos⁵²⁵, se vêem vales dilatados sem que sejam regados e inundados por rios, que em certos tempos tudo alagam. Ficam as terras cobertas de águas turvas, podres, e que por último vêm a apodrecer ou nas adegas

⁵²⁴ Após a palavra *cipós* ARF colocou um sinal "+", e escreveu, na margem direita: *Cipó muçunão, cipó de rede (?), catingas, cipó de alho, cipó açu, cipó iaceti mutá mutá, cipó (...), paranã imbó, cipó titica e outros. Uns depois de cortados lançam leite, outros águas, outras mostram nas cicatrizes diversos gossus e resinas de diversas cores e servem para peneiras, cestos, atilhos e vincelhos, etc.*

⁵²⁵ Referência a Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

ou em todos os lugares desiguais que bordam aquelas torrentes. Raras vezes os ventos são puros; ordinariamente trazem consigo ou as partículas da neve do alto das serras ou os vapores dos lagos e terras alagadas. No inverno, estes sítios são frios e úmidos; no estio, ardentes pelo reflexo do sol que vier de uma e da outra parte dos montes. Daqui mesmo nascerá o ar sufocado, os bichornos, e outras doenças mortais. Se nestes sítios houver bosques espessos, arvoredos altos, a umidade e o frio será maior. Por experiência, sei que semelhantes lugares são infestados, cada ano, com febres intermitentes de pior sorte, com febres ardentes e pestilenciais.

As povoações plantadas nas vastas campinas, sem vizinhança nem de montes nem de arvoredos, têm também muitas incomodidades. Quanto mais úmido for o terreno, tanto mais dificilmente se dissiparão os vapores dele, porque faltando os montes e os bosques, os ventos regulares são raros, também as águas serão de má qualidade. Onde não há montes nem outeiros as fontes são raras, e se alguma existe, não é de propriedades louváveis, mas as águas da chuva, não tendo corrente, ficarão encharcadas e apodrecerão, e não sendo ventiladas pelos ventos, a atmosfera será sempre úmida e podre.

Está a populosíssima cidade de Pequim plantada em uma vastíssima campina⁵²⁶. Todas as casas são térreas, o terreno é úmido, e o que preserva esta nação de muitos males é dormirem sempre sobre o fogão ou chaminé onde cozinham (g)⁵²⁷. Em Rússia, o terreno coberto de neve por 8 meses e de dilatadíssimos bosques é sumamente úmido. Todos os seus habitantes vivem em casas térreas ou muito baixas, raríssimos são os montes, e contra a umidade exorbitante do terreno defendem-se somente dormindo de verão e de inverno sobre as chaminés, feitas como os nossos fornos. Poderia ser útil esta introdução na América, principalmente naquelas povoações situadas junto dos grandes rios e terras baixas, mostrando-lhes já os tapuias o exemplo de dormirem nas hamacas, sempre com fogo debaixo. Isto suposto examine cada qual se são tais os estabelecimentos desta capitania e, no entretanto, sirva de exemplo o da capital de Vila Bela.

⁵²⁶ Como fonte desta informação Ferreira registrou: *Reflexões de um viajante na China*. Ribeiro Sanches fez referência ao modo pelo qual dormiam os russos e os chineses, sobre uma fonte de calor: “por esta precaução se livram de muitas queixas, e, na China, da peste, como por carta do ilustríssimo bispo Policarpo de Sousa, fui instruído, porque naquele dilatado império nunca se observou este tremendo flagelo”. (Cf. SANCHES, 1757, p. 52). Não ficou claro se a fonte de informação foi o bispo Policarpo de Sousa, que Ferreira poderia conhecer.

⁵²⁷ Nota de rodapé do autor: “Põem a aquecer a água, o vinho, e geralmente todos os licores que usam. Não sei se hei de atribuir a este costume de beberem quente a saúde que têm; gota e pedra são moléstias que lá se não conhecem”.

Está esta vila situada, como já disse, sobre a margem oriental do rio Guaporé, na distância de boas 200 léguas acima da sua foz, em 15° 0' de latitude austral, e em 317° e 42' de longitude. Estende-se de poente para nascente por uma campanha de terreno alagadiço entre duas serras, que são, pelo poente, a **serra da vila** ou do **Morro do Grão Pará**, e fica da outra parte do Guaporé com distância de uma légua contada até a base de um pequeno morro redondo e mais avançado sobre a frente, ao qual, pela sua figura, se dá o nome de **Chapéu de Sol**. Porém, desde a borda do rio até ao cume da verdadeira serraria são duas léguas.

Pelo nascente corre norte sul a serra de **São Vicente**, que dista 7 léguas. Toda esta campanha a que se chama da vila é um terreno alagadiço, de estéreis areias finas⁵²⁸, e se alguma ligação têm é a que lhes comunica uma menor porção de argila misturada com terra humosa, e são as que o fazem produzir uma grama das menos favoráveis ao pasto dos animais, exceto nos primeiros meses da sua vegetação, quando, depois das ordinárias queimadas, por setembro e outubro, rebentam de novo. A inundação desta campanha pelas águas das chuvas e dos rios que se demoram nela a resfria e endurece. Pela mesma causa é o inseto **cupim** obrigado a levantar os planos de suas casas, que são feitas de terra, parecendo elas de inverno, outros tantos ilhotes de 5 e 6 palmos de diâmetro, onde nascem diferentes árvores e arbustos que povoam o campo.

A vila em si é regular, as ruas direitas, porém pouco largas e por calçar, de onde vem que com as invernadas se encharcam, e a todo o tempo facilmente as escavam os porcos que vagam por elas, fossando o terreno e abrindo nelas fossos e charcos para se deitarem. As casas, sim, estão alinhadas, porém são térreas⁵²⁹ cobertas de telha vã, e todas elas ou simplesmente aterradas ou ladrilhadas⁵³⁰ de tijolo. As janelas pouco rasgadas, e comumente defendidas por gelosias ou empanadas ou esses tecidos de esteira, a que chamam **gurupemas**, que fazem das casas outras tantas câmaras escuras e tristes, e impedem o livre acesso do ar.

Em qualquer parte que se cave a terra, no rigor mesmo do verão, se apresenta água para os lagos e poços artificiais⁵³¹, convida a gente a bebê-la por ser clara, fria e cristalina. Ela nem cheiro tem nem sabor mau. O abuso que dela se faz consiste em

⁵²⁸ O final da palavra *estéreis* e a palavra *areias* estão riscadas. Ferreira acrescentou, na margem direita: *finas (...)* *extremamente movediças quando secas, a que, por essa causa, dão os naturais o nome de areia manteiga.*

⁵²⁹ A palavra *térreas*, foi acrescentada com a letra de Ferreira sobre uma outra que foi riscada, ilegível.

⁵³⁰ A palavra *...drilhadas* foi acrescentada sobre outra, riscada, aproveitando apenas a sílaba "la".

⁵³¹ Nesse ponto Ferreira acrescentou o sinal "+" e riscou as seguintes palavras que, no entanto, permaneceram legíveis: "Porém desta ninguém bebe, porque a do rio, por aquele tempo (...)".

banhos intempestivos, que se tomam no rio ao pino do meio dia, e⁵³² quando se bebe fria⁵³³ ou se entra nele com o corpo fatigado e suado. Durante a enchente do rio, com as chuvas de janeiro, fevereiro e março, que engrossam não só o Guaporé, mas também o Sararé, o Galera, e com eles muitos ribeirões, fica a vila rodeada de água, e ela mesma, dentro em si, toda encharcada.

Lembra-me que, recolhendo-me eu da serra de São Vicente aos 16 de março de 1790, que não foi ano aquele de grande cheia, e passando pela campanha da vila, todas aquelas sete léguas andou a minha besta ordinariamente com água sobre os artelhos, porém algumas vezes até quase aos joelhos. De uns por outros anos se alaga a vila baixa. O templo de Santo Antonio, que em Vila Bela é o único que assim se pode chamar, e algumas moradas de casas que com ele estão situadas sobre a margem do rio, alguns anos ficam todo aquele tempo ilhadas, de maneira que, não havendo barco, interrompe-se a sua comunicação. Se não fossem os altos baldrames de pedra tapaiunacanga sobre que estão edificadas, há muito já que se teriam demolido, como sucedeu a outras, que estavam muito mais afastadas do rio. Quando são cheias extraordinárias, como foi a do ano de 1783, sobe a inundação até ao meio. Veja-se a relação daquela cheia segundo a vi escrita nos Anais Históricos da Câmara:

“Tendo o rio enchido e vazado nos meses de janeiro e fevereiro, no dia 3 de março encheu com grande corrente até as bocas das ruas, observando-se que no decurso de 24 horas enchia de 4 até 8 linhas. Continuando a enchente, no dia 7 entrou por algumas ruas e casas. No dia 10 principiaram a cair algumas casas da vila baixa, e no dia 11 foi grande a ruína de muitas, e a enchente crescendo de 8 até 15 linhas subiu a altura de 2 e 3 palmos sobre os alicerces das casas. No dia 12 parou a enchente, mas não os seus estragos pelas casas e paredes dos quintais, e só na rua de Santo Antonio caíram mais de 20 moradas. Julgou-se haver se arruinado quase uma terça parte das casas das mais ricas. Sua excelência, com os seus ajudantes de ordens e oficiais das demarcações, por muitas vezes andou embarcado, não só pelos campos, mas pelas ruas inundadas da vila baixa”.

Principia a chover pelos fins de novembro e continua até março, porém, são chuvas interpoladas, e os verdadeiros meses chuvosos são os de janeiro e fevereiro. Com as primeiras águas repontam os primeiros repiquetes da enchente, e já pelo meado de março se declaram os da vazante. Na margem onde está situada a capital a enchente

⁵³² “e” foi acrescentado por Ferreira.

⁵³³ “se bebe fria” foi acrescentado por Ferreira.

sobe ordinariamente 14 até 15 palmos⁵³⁴ sobre o nível da maior vazante. As enfermidades que então aparecem são, principalmente, muitas febres intermitentes e catarrais, porém sem aquela malignidade que trazem as do estio.

De⁵³⁵ por diante até os fins de julho, e algumas vezes até setembro, reinam de quando em quando as friagens que traz o sul, e são grandes os estragos que fazem. Com estas súbitas variações da atmosfera muito se altera a saúde dos habitantes. Por aquele tempo, o ordinário calor do clima a todos eles traz lânguidos, porque lhes promove mais copiosa transpiração. Conseqüentemente, nenhum anda apercebido contra estes frios irregulares. Eis que entra a toldar-se o céu, ventando sul, e por toda a parte se difunde o frio, que dura 2, 4, até 8 dias ou com chuva ou sem ela.

Como todas as casas são térreas⁵³⁶, cobertas de telha vã, maior é o desabrigo que se experimenta. Acodem logo as constipações, as pontadas, as defluxões, catarrais, etc. Das incursões destes frios participam não só os habitantes das povoações de água abaixo, dentro do rio Guaporé, mas também os navegantes do Mamoré e Madeira, até a cachoeira de Santo Antonio. Por ele subia eu, aos 10 de março de 1789, quando pela primeira vez experimentei semelhante friagem, que, aliás, foi pequena. Também o foi a segunda que me sobreveio na cachoeira do Ribeirão, se bem que esta durou de 6 até 11 de abril. Ao romper do dia 31 de maio foi ela tão grande no rio Mamoré, que me obrigou a aportar quase onde tinha pernoitado, e todo aquele dia passamos rodeados de fogueiras, porque os índios não podiam remar. A maior de todas foi, sem dúvida, a que se declarou no Forte do Príncipe, aos 28 de junho, sendo que o seu maior rigor principiou logo a declinar a 2 de julho. A que experimentei com a minha chegada ao porto dos Guarujus, onde desembarquei a 11 de agosto, não passou de um dia arrepiado. Dos que passei por todo o seguinte ano de 1790, a mais considerável foi a dos primeiros dias do mês de julho, achando-me eu no arraial das Lavrinhas, de viagem para a vila do Cuiabá, etc.

Em se avançando mais a sezão do estio, que com o calor do sol se [tem]⁵³⁷ exaltado espalhado pela atmosfera os vapores podres das margens dos rios, dos lagos e das terras inundadas, são infalíveis as **carneiradas**. Constam da pior sorte de febres podres, malignas e intermitentes, de corrupções, garrotilhos, pontadas, disenterias e outras moléstias, que triunfam da disposição mais robusta e da vida mais regulada. De

⁵³⁴ "até 15" foi acrescentado por Ferreira.

⁵³⁵ Após "de" Ferreira acrescentou um sinal "+" e, na margem direita, escreveu *março*.

⁵³⁶ Em *térreas* um sinal "+"; à margem esquerda, acrescentou: *com as paredes de adobes dobrados*.

⁵³⁷ Acrescentado pelo autor.

todas elas e, juntamente do contágio do sarampo, que então pela primeira vez se difundiu por Mato Grosso, constou a peste do estio de 1789. Desde os fins de agosto até aos princípios de janeiro de 1790, que ela grassou na vila e nos arraiais da serra de São Vicente, faleceram, que se souberam dos livros dos assentos dos óbitos, homens 154, mulheres 47, todos 201⁵³⁸. Por toda aquela campanha morreram muitas bestas muares. Nos mesmos matos apareceram mortos alguns porcos silvestres, antas e veados⁵³⁹. Da catarral, que grassou em setembro e outubro de 1790⁵⁴⁰, faleceram homens 113, mulheres 56, todos 169⁵⁴¹. As mesmas bestas muares se empestam, e o mais eficaz remédio que tem mostrado a experiência é o de se lhes dar sal a comer, da mesma sorte que em Friburgo, na Suíça, se pratica com o gado vacum e lanígero, para o preservar de moléstias contagiosas⁵⁴².

Comumente, o termômetro de Réaumur⁵⁴³ dentro em uma casa de telha vã, que pouca diferença faz do ar aberto⁵⁴⁴, anda por (...) do meio dia para a uma hora da tarde. O menor calor que se tem observado é de 9°. Ordinariamente, nos dias de friagem anda por 11° ½, 12 e 13°. A variação da magnete, em março de 1790, foi maior do que havia sido 6 anos atrás, porque então era de 9° e 55' e, em março, foi de 10° de nordeste.

As mesmas enfermidades acima declaradas perseguem os habitantes das povoações vizinhas. Na margem do rio dos Barbados, confluyente do rio Alegre, em distância de 8 léguas por terra⁵⁴⁵ ao sul de Vila Bela está situada a povoação de Casalvasco⁵⁴⁶, na latitude austral de 15° 20' e na longitude de 317° 40'. Também toda ela se alaga com as invernadas que engrossam o rio e formam largos pantanais, sendo as terras baixas e planas. Por essa razão, é algumas vezes preciso, quando se sai ao campo caminhar por dentro de capões de mato, e outras vezes não há mais remédio que passar

⁵³⁸ Ver, sobre esse assunto: JESUS, Nauk, 2001.

⁵³⁹ Na margem esquerda, as seguintes anotações: (...) “não poucas bestas e vacas deixarão o campo e procuraram os arraiais, algumas delas com as fauces prodigiosamente inchadas”, para serem incluídas após “veados”, marcado com *.

⁵⁴⁰ Sinal +.

⁵⁴¹ *. À margem esquerda: *em que a população total da capitania de Mato Grosso constava de 6465 almas.*

⁵⁴² O autor acrescentou: *Abatam-se desta soma 55 mortos que (...) a todos os arraiais do distrito e ver-se-á que (...) tendo a população da capital (...) 27033 pessoas. Também (...) (...) (...) dentro em mês e meio perdeu 144 (...) (...) (...) nascido mais 63 pessoas.*

⁵⁴³ René-Antoine Ferchault de Réaumur (1683-1757), físico e naturalista francês, foi o criador da escala de temperaturas Réaumur, que assinala zero (0) para o ponto de gelo e 80 para o ponto do vapor (0-80). (Fahrenheit: 32-212).

⁵⁴⁴ Na margem esquerda: *23° ½ até 21°.*

⁵⁴⁵ Na margem esquerda: *a 10 pelo rio.*

⁵⁴⁶ Sobre a importância de Casalvasco ver: OLIVEIRA, Edevamilton de Lima. *A povoação regular de Casalvasco e a fronteira oeste do Brasil colonial 1783-1802*. Cuiabá, 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso.

por lagoas e baías, mais e menos fundas, cobertas de ervas aquáticas, e tão tecidas umas com as outras que dificultosamente se rompem.

Com o recolhimento do tenente de cavalaria auxiliar, Manoel Veloso Rebelo de Vasconcelos, que aos 23 de agosto de 1780 se recolheu da diligência a que foi mandado de explorar aquele rio, se soube que a 8 léguas de distância do curral de Custódio José da Silva haviam dilatadas terras salinas que davam grande quantidade de sal, e apresentou amostras deste. Na “Coleção das Observações Astronômicas e Físicas”, praticadas pelos doutores astrônomos e oficiais engenheiros, que de ordem de sua excelência, o senhor Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres reconheceram o território limítrofe desde os suburbanos de Vila Bela, se lê a observação seguinte:

“Na campanha que fica entre poente e sul do curso geral do rio Jaurú, do registro para baixo, e da nascente da serra do Aguapeí, se observaram doze léguas quadradas do país salitroso aonde se encontram repetidas efervescências de sal gema, umas mais e outras menos ricas. Todo o terreno é alagado na estação das chuvas, mas com pequena despesa e benefício se poderia conseguir uma feitoria de sal culinar que provesse todo este continente interior. Há mais de 25 que o velho João de Almeida conhece aquelas salinas, e por meio de decoadas e de lixívias extraiu da terra o sal de que se servia e a sua numerosa família e com ele beneficiava carnes secas. Mais três ou quatro léguas mais para a serra, contando da feitoria do dito velho é que encontramos a maior abundância de salinas, aonde só de uma tomamos mais de 2 alqueires da medida de Portugal, todo puro, em pó branquíssimo, semelhante ao de uma que se fabrica nas marinhas do rio (...), comarca de Santarém.

Deste mesmo sal das salinas do Jauru extraiu no verão de 1790 e purificou muitos alqueires, o escrivão da câmara Luiz Ferreira Diniz. Também eu, quando por ali⁵⁴⁷ passei, em agosto do mesmo ano, dali fiz recolher boas três quartas para as repartir pelos negros que me acompanhavam, e pelas bestas do transporte das cargas, além das amostras dele e de salitre que fiz recolher para o Real Museu de Sua Majestade (a)⁵⁴⁸. Porém, o que tenho dito dela não se deve entender somente dos territórios adjacentes e os referidos rios da Madeira, Mamoré e Guaporé até a capital de Mato Grosso, mas também de todo o seu sertão interior, como em qualquer parte dele estão vendo os que o penetram. Sirva de exemplo essa parte de sertão que se anda desde Vila Bela até a do Cuiabá, que está ao nascente dela.

⁵⁴⁷ *por ali* foi acrescentado por Ferreira.

⁵⁴⁸ Nota do autor: (a) veja-se not. B.

É certo que em semelhante jornada nem por (...) observação o viajante essas grandes matas onde perpetuamente se conserva a umidade dos rios e dos lagos, porque principalmente desde o Jauru até ao Cuiabá tudo são campinas ventiladas, ainda que igualmente interceptadas de amudados ribeirões e lagos. Contudo, logo a quem sai de Vila Bela e anda por aquela campanha $\frac{3}{4}$ de légua ao rumo de leste – sul, este se oferece a entrada do mato do Cravari, que até a sua saída para a outra parte do campo tem uma légua e $\frac{1}{4}$ de caminho. Dista nove léguas e meia da mesma capital a outra grande mata que deu àquela capitania o nome de Mato Grosso, a qual principia (...) (...) Serra de São Vicente e com 13 léguas de extensão acaba na (...)tiva em 15° e 28' ao sul. Todos os rios e ribeiros que se atravessam, continuando a jornada até o Cuiabá são mais ou menos bordados de palmares, tabocais e diversos arvoredos, assim como as lagoas e as várzeas, semeadas de arroz vermelho e outras gramas.

Os rios que atravessei seguindo aquela derrota foram quatro, a saber: na distância de 13 léguas e $\frac{1}{2}$ da vila capital o mesmo Guaporé, que ali tem uma ponte pela qual se atravessa a largura de 15 braças, na de 34 léguas o rio Jauru, que ali tem situado um registro em (...) 25° de latitude e até ali se difundem as sezões de Mato Grosso. Na de 54 léguas o Paraguai, que também ali tem situada, da outra parte do rio, a povoação de Vila Maria⁵⁴⁹, na latitude de 16° e 4'. Ultimamente, na de (...) léguas o rio Cuiabá, que em cuja margem oriental está fundada a vila deste nome em 15° e 30' de latitude e em 321° e 35' de longitude. Dos 71 ribeiros que contei, entre grande e pequenos, abaixo indico pela sua ordem os nomes que se me disseram (b)⁵⁵⁰ e os asteriscos * denota os maiores. Também aí vão indicados os das 11 lagoas de que dei fé (...) seguindo estrada direita sem me desviar para qualquer dos seus lados. Várzeas inundadas pelo inverno são inumeráveis. Alguns as confundem com as lagoas, e por isso contam muitas mais.

⁵⁴⁹ Atual Cáceres. Sobre o papel representado por Vila Maria do Paraguai no Mato Grosso colonial, ver: MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima de. *Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste 1778-1801*. Dissertação (Mestrado em História). Cuiabá, 2003, Universidade Federal de Mato Grosso.

⁵⁵⁰ Nesse ponto do registro Alexandre Rodrigues Ferreira colocou uma longa nota b para discutir questões relacionadas à localização e produção de sal e de salitre, praticamente um estudo paralelo ao das doenças.

(h)		
De Vila Bela até as Lavrinhas	Do Paraguai até o Cuiabá	56. Corgo da Cacunda*
1. Corgo do Pé do Morro	25. Corgo do Facão*	57, 58, 59. sem nome
2. Do Barreiro*	26. Do Barreiro*	60. Corgo de Bento Gomes*
3. Do Buriti*	27. Corgo Seco	61. Do Ibauaçu ou do Palmeiro*
4. Do sítio do Padre Fernando	28. Jacobina*	62. Dos Mutuns* 63. Ribeirão de Santa Ana*
5. Do Barreiro*	29. Ribeirão das Pedras	64. Do Buriti
6. Do Brumado*	30. Taquaral*	65. Da Contagem
Das Lavrinhas até o Jauru	31. e 32. Dois corgos juntos do Curral das Éguas, um tem água doce e outro salobra*	66. Dos Cocais*
7. Corgo das Pitas	33 até 39. Corgos pequenos e sem nome, até a Fazenda das Flechas	67. Do Barreiro
8. Da Estiva*	40. Ribeirão das Flechas*	68. Tarumã
9. Da Tapera*	41. Sem nome	69. Boa Vista
10. Dos Bagres*	42. Corgo da Encruzilhada Velha	70. sem nome
11. Sem nome	43. Do Curral dos Veados	71. Antonio Alves
12. Corgo fundo*	44. Sem nome	(i) Lagoas
13. Da Laje Grande	45. Taquaral	1. Da saída do mato do Cravari
14. Das Areias*	46. Corgo Paratudo	2. Do Chapéu de Sol
15. Das Lajinhas	47 e 48. Dois sangradouros pequenos	3. Do Xavierzinho
16. Ribeirão do Santíssimo*	49. sangradouro grande de Melo*	4. Da Couceira
17. Do Tombadouro	50. Corgo dos Macacos*	5. Defronte da quarta por nome Tapaiunacanga
Do Jauru até o Paraguai	51. Da Figueira*	6. Do Buriti
18. Do Anandi*	52. Do Limoeiro	7. Do Ibauaçu ⁵⁵¹
19. Das Pitas*	53. Dos Lambaris	8. Da Chapada do Cachorro
20. Sem nome	54. Do Anandi	9. Lagoa Seca
21. Do Caité*	55. sem nome	10. Dita do Tenente Gregório
22. Do Pé do Morro do Caité		11. Do Uacorizal
23. Olho de Água		
24. Sangradouro do Padre Inácio*		

Conclui-se, do que tenho dito que, da perigosa alternativa do calor e da umidade que se experimenta nas terras baixas da capitania de Mato Grosso, é que principalmente procedem as enfermidades de seus habitantes. Elas são as mesmas das outras partes do globo onde se verificam as mesmas circunstâncias. Conseqüentemente, serão próprias do país as febres, que ao diante se expõem, a obstrução, a hidropsia, o escorbuto, a cataral, o pleuriz, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção⁵⁵², a sarna, a impingem, o bócio e outras. Destas somente é que se trata como **endêmicas**, que são destes rios e seus territórios.

Para que as entendam todos e todas, à falta de professores, sejam suficientemente capazes de as remediar, expõem-se as suas naturezas, quais são as suas causas, sintomas e prognósticos. Ultimamente se conclui com o curativo médico de cada uma delas, especificando-se ambos os seus métodos, o **européu** e o **americano**.

⁵⁵¹ As lagoas de número 7 ao 11 constavam em nota de rodapé, fora do quadro, na página seguinte.

⁵⁵² “Corrupção do bicho não é outra coisa senão uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos, ou por outro nome se chama o sesso mais ou menos largo, e segundo a maior ou menos largueza, assim será a maior ou menos corrupção”. In: FERREIRA, Luis Gomes. 1735. p. 419.

Nota

Está o referido sítio da Tapera do Almeida em 16° e 19' de latitude A⁵⁵³. Há mais dois lugares de onde se tira sal, que estão uma légua distantes um do outro vindo o primeiro a distar duas, ao sul da dita tapera. E passando-se outra légua adiante, aonde está um pantanal ou a Vereda das Pitas, dali se volta a poente para se encontrar outras minas de sal, ainda mais copiosas que as antecedentes.

Outras muitas salinas, além destas, se encontram nas várzeas mais ou menos remotas da estrada que presentemente freqüentam os que passam à Vila do Cuiabá. Por ela tinha antes de mim passado o doutor Antonio Pires da Silva Pontes, o qual prevenindo-me a respeito da minha viagem filosófica que me propunha fazer à dita vila, em uma memória físico-geográfica, de 29 de maio de 1790, me disse o mesmo que eu ao depois presenciei em agosto do mesmo ano. “Esta grossa serra”, diz ele, falando da serra do Paraguai, “que em distância de légua e ½ da povoação de Vila Maria, ao rumo de L. e L.S.E., se vai cortar por uma bocaina ou aberta favorável em cada vertente sua oferece águas salobras e lapidificas, vendo-se na Ribeira da Jacobina, 4 léguas depois que se entra na serra pela parte de leste, as árvores que estão na vizinhança do rio, e da que faz moer o engenho de Leonardo Soares de Souza, com perfeitas incrustações, e dali até a fazenda de gado do mesmo Leonardo, que são outras 5 léguas. Tudo é serra e tudo calcáreo e salobro, e as várzeas assistidas de sal, a que os indígenas chamam lambedores, e se estende esta faculdade salina até ao Sangrador do Melo. Passado o grande Ribeirão do Sangrador, onde entram os salgados da fazenda do Marques e outros muitos, se vai por alagadiços até ao Coutinho, etc.

De ordem de sua excelência, o senhor Luiz Pinto de Souza Coutinho, quando governava esta capitania, se mandou, em setembro de 1769, fazer experiência para se descobrir sal mineral junto da Fazenda do Cunha, de onde, com efeito, se extraiu, porém, ainda ficou por fazer uma verdadeira análise sobre a utilidade que daria o descobrimento do dito sal. Não deixei de procurar a este respeito mais positivas notícias que as que me dava o sobredito Luiz Ferreira Diniz, que também ali ajudou a trabalhar a um certo Luiz Antonio de Noronha⁵⁵⁴, e folheando as Memórias da Câmara, no Anal de 1770, achei a seguinte:

⁵⁵³ Ferreira acrescentou à margem direita: “e em 13 léguas de distância do registro do Jauru”.

⁵⁵⁴ Ferreira escreveu “de Noronha” acima do nome “Antonio” e, na margem direita acrescentou: “homem de nome mudado, por ser o seu próprio nome, como ao depois se soube, Leonardo Lopes da Cunha”.

Pelo mês de agosto chegou a esta vila a sempre aplaudida notícia certa do novo descobrimento do sal da terra, fabricado nas campanhas dos Cocais da Vila do Cuiabá, perto da fazenda de Manoel da Cunha de Abreu e, com tal certeza, que já naquela vila tinham entrado dez cargas dele tendo cada uma três quartas, e se venderam estas por serem as primeiras, a cinco oitavas. Este sal, pelo que se viu das suas amostras é tão puro que na alvura compete com o das marinhas e, animada, a fábrica pode exceder na grandeza e quantidade as salinas do Pilão Arcado, sita no sertão geral dos currais da Bahia, nas margens do rio São Francisco, que assim como estas dão sal para todo aquele sertão e para todo o distrito das Minas Gerais e Goiás. Também estas outras o podem dar para toda esta capitania, etc.

É certo que examinando pessoalmente esta salina o excelentíssimo senhor Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quando da Vila do Cuiabá passou a tomar posse do governo na capital de Mato Grosso reconheceu bem o encarecimento que dela se havia feito a seu excelentíssimo antecessor. Porém, também é certo que, ao princípio de seu descobrimento se fabricaram bastantes alqueires de sal, e ainda hoje anualmente quando estão enxutas as campanhas o fabricam os donos da fazenda grande de gado que está no caminho de baixo, saindo-se da vila do Cuiabá para o arraial de São Pedro de El Rei⁵⁵⁵, aonde me eu achei a 11 de janeiro de 1791⁵⁵⁶, e eles todos os anos tiravam 40, até 50 alqueires de sal, e que poderiam tirar 100, se não tivessem outros embaraços. É uma formosa e dilatada várzea, pela qual estão espalhadas umas palmeiras, a que os naturais chamam carandaz, e vegetação bem por todas as campanhas baixas e salinas, em cuja várzea se acham dispersas várias reboladas de sal comum e salitre, que pelo tempo do verão se recolhe e purifica para ser aplicável aos usos culinares. Tantas e tão diversas são as causa da umidade do país.

A purificação do sal comum que se tira da terra ou o método de expurgar tanto dela como do salitre e outras substâncias heterogêneas que alteram a sua pureza supõem certos conhecimentos de que depende o acerto e felicidade da mão de obra, pelo que antes de se entrar nela deve-se prenotar:

Prima. Que a natureza ordinariamente se não cansa a formar de cada vez uma só espécie de sal. Os materiais que são próprios para a composição do sal comum

⁵⁵⁵ Atual Poconé.

⁵⁵⁶ Ferreira colocou em nota: “Está a referida fazenda duas léguas acima da mencionada salina e era por esse tempo do alferes Felix Gonçalves Neto, e hoje de filhos seus, os quais me disseram descendo pelo ribeirão de Bento Gomes (...) a dada distância pela mão esquerda do dito ribeirão ficava a salina que eu queria ver, e eles todos o sanos dali, etc.”

igualmente o são para a de outros sais. Estas diferentes combinações todas se fazem ao mesmo tempo. O salitre nas terras salitrosas sempre anda acompanhado de sal comum, de base térrea ou de alcalifixo. Ora, para que as mesmas substâncias e as mesmas circunstâncias possam formar diferentes sais duas coisas são indispensavelmente precisas. Primeira: que os princípios do sal comum, por exemplo, se disponham por diferente modo que os do salitre. Segunda: que as moléculas que compõem ambos estes sais tenham a propriedade de se atraírem mutuamente sem se confundirem, isto é, que as moléculas próprias para a composição do sal comum se unam e formem este sal, as do salitre, o salitre, etc.

Secundo. Que todas as substâncias salinas se formam em veículos que lhe são apropriados. Na água do mar se compõem muitos sais. O salitre, pelo contrário, nem no mar, nem no interior da terra. Porque se o mar produzisse o salitre achar-se-ia nas terras onde se ele tem retirado alguma mina de semelhante sal, assim como se acham muitas de sal comum. Porém mina de salitre ainda até agora se não descobriu nos lugares de onde se retirou o mar. No interior da terra também não, porque por mais abundantes que sejam as salinas de salitre nunca passam de certa profundidade, e da superfície da terra, com mais ou menos polegadas de altura é que se tira o que nos vem do Egito e das Índias Orientais.

Tertio. que o concurso da umidade é absolutamente necessário para a formação do salitre. E a prova disso é porque nas situações baixas e úmidas sempre há mais deste sal que nas elevadas e secas. Por isso os mais favoráveis lugares para a sua produção são as margens dos rios e as várzeas quando não estão inundadas, ou lavadas das chuvas, os entulhos de edifícios velhos e arruinados, os currais, as estrebarias, as adegas, as cozinhas, as latrinas e outros desta espécie que têm as circunstâncias seguintes:

- a) de estarem sempre impregnados de matérias vegetais e animais que apodrecem
- b) de habitualmente possuírem um grau de umidade favorável à putrefação
- c) de estarem abrigados das chuvas, que encontrando este sal o dissolvem e o entranham pela terra ou o levam consigo, juntamente com as matérias que são próprias para o fornecerem.

Quarto. Que o concurso do ar não é menos necessário, ou ele seja renovado ou não. Tanto se forma o salitre nos lugares ventilados como nos que o não são. Ultimamente as matérias vegetais e animais que estão suficientemente úmidas para

poderem experimentar o movimento da putrefação são as que acabam de completar as circunstâncias necessárias para a formação deste sal.

Quinto. que o sal comum é muito abundante na natureza, o salitre pouco, em comparação daquele. Estes dois sais se acham sempre reunidos nas terras salitrosas, como já se disse, porém em diferentes proporções. Umas abundam mais de salitre, outras de sal comum. Além disto, cada um deles de *per si* se acha em diferentes estados de salitre de base térrea; salitre de base de alcalifixo, que é o ordinário, salitre de base de álcali mineral, e salitre amoniacal. Semelhantemente há sal comum de base térrea, de base de álcali vegetal, de base, de álcali mineral, que é o verdadeiro, etc.

Sexto. que o sal comum perfeitamente puro é o que mais invariavelmente conserva a figura regular de seus cristais. Eles⁵⁵⁷ são uns perfeitos cubos, de um sabor agradável e mediocrementemente forte, sendo que os do salitre são uns sólidos alongados em prismas hexaedros, ou de seis faces, com as pirâmides também hexaedras, de um sabor frio e amargo. Isto suposto, purificar o sal comum que se tira da terra, é separa-lo dela e do salitre⁵⁵⁸ com que anda reunido. A terra, de que se ele deve separar ou é uma terra solta, isto é, a que com ele foi recolhida e com ele anda misturada ou uma terra combinada, isto é, a que lhe serve de base.

O método de o separar da terra solta ou purificá-lo dela consiste em o fazer dissolver em suficiente quantidade de água pura ou da fonte ou do rio, e em coar o licor. Para o fazer dissolver se lança a terra salina dentro de uma ou mais caldeiras de cobre ou de ferro, contanto que estejam limpas de zinabre, de caparozza, etc, que aliás comunicarão ao sal a sua cor e veneno. Postas ao fogo, as caldeiras cada uma em sua fornalha, logo ao primeiro movimento da ebulição ou fervura, toda a terra que a água tem em dissolução se separa e sobe à superfície, formando espuma, as quais se devem separar o mais exatamente que for possível. Isto se faz ajuntando-se-lhe sangue de boi, que substitui bem a clara de ovo.

Quando a dissolução está feita, filtra-se toda aquela água por um pano tapado ou outro qualquer filtro que não deixe escapar o menor átomo (*sic*) de terra, de maneira que se veja que a água coada sai clara e cristalina. Ela se recebe dentro de um recipiente que para esse fim se põe debaixo do filtro. Então, o que nele fica é a terra solta que estava

⁵⁵⁷ A palavra foi riscada.

⁵⁵⁸ O salitre era produto importante para a fabricação de materiais explosivos, como a pólvora. Havia pouco salitre em Portugal e, por isso, as orientações dos governantes portugueses a seus representantes nas colônias destacavam a necessidade do levantamento e descrição das salitreiras que pudessem ser exploradas. Com a reforma da Universidade de Coimbra, e a introdução formal do estudo das ciências naturais, essa atitude se intensificou. Cf. FERRAZ, 2000.

misturada com o sal. E quantas vezes mais se repete a operação de o filtrar, até não aparecer no filtro o menor sinal de terra, tanto mais purificado dela sairá o sal.

É certo que a dissolução que ficou dentro do recipiente, depois de ter sido escrupulosamente filtrada o que em si contém, é o sal ou simples ou misturado com o salitre. É, para bem dizer, uma decoada de sal ou de sais, a qual se deve lançar nas caldeiras, onde possa ferver e evaporar até dar lugar à cristalização dos referidos sais.

Se a dissolução é de sal comum misturado com o salitre, assim mesmo se passa para as caldeiras, e ali ferve e evapora, havendo sempre o cuidado de a escumar e de lhe substituir nova água, à proporção que diminui a primeira. Ora, como os dois sais cristalizáveis que contém esta dissolução são o sal comum e o salitre, e o primeiro destes sais não se cristaliza se não pela evaporação, e o segundo somente pelo resfriamento, vem o sal comum a ser o primeiro que se cristaliza durante a evaporação a fogo lento, e assim se vai depondo em pequenos cristais cúbicos, que procuram o fundo da caldeira.

À proporção que se ele vai formando, também se vai recolhendo com uma grande escumadeira e passando-se para algum cesto tapado, que se dependura ao ar do fumo, para escorrer a água do sal e o secar. Assim se continua a tira-lo até mostrar a dissolução que já está em termos de se cristalizar o salitre, se a deixarem esfriar. Conhece-se que está nesses termos tirando-se, de quando em quando da caldeira, uma pouca daquela dissolução e deixando-a esfriar até ver-se que principia a cristalizar-se o salitre.

Eis, para o uso ordinário, suficientemente separado o sal comum, tanto da terra solta como do salitre. Da terra solta se separou pelo filtro, e do salitre pela evaporação. Contudo, para a perfeição que requer ou um jeito ou uma manipulação delicada, ele ainda não está tão perfeitamente purificado que lhe não reste parte de terra combinada, a qual serve de base a uma porção deste sal. Para inteiramente separar o bom sal comum de uma porção do mesmo sal de base térrea, que com ele anda misturado, não basta somente a cristalização. Por outra parte, o verdadeiro sal comum resulta da combinação do ácido marinho com o álcali mineral. Conseqüentemente, a última perfeição do método de o purificar da terra consiste em decompor aquele sal, separando-o da sua base térrea, e recompô-lo, substituindo-lhe outra base de alcalino mineral.

Para a substituir como deve ser, outra vez se dissolve em água pura e se filtra todo quanto sal comum se recolheu do fundo da caldeira. Tem-se já dissolvido à parte, em outra água, uma porção de cristais de soda, cuja dissolução se vai lançando aos poucos

dentro da primeira. Imediatamente, ao primeiro golpe da dissolução da soda, se vê difundir-se pela do sal comum uma névoa branca, que é a base térrea que se separa deles e se precipita. Repete-se a dissolução da soda até não aparecer mais a sobredita névoa. Filtra-se de novo⁵⁵⁹ a dissolução do sal comum antes de a fazer evaporar, e evapora-se docemente, isto é⁵⁶⁰, retirando-se a maior força de lenha ou de carvão, e entretendo-se com poucas brasas, tão somente um moderado calor, que não seja forte e acelerado, porque nesse⁵⁶¹ caso saem os cristais graúdos, aliás, sairão⁵⁶² pequenos, como sal moído, por ter sido feita a cristalização mui confusa e precipitadamente.

De todo o salitre que se purifica, se separa porção de sal comum. Conseqüentemente, a purificação de um supõe a separação de outro. Toda a arte de o purificar consiste em lhe fornecer uma base de alcalino fixo e desembaraça-lo inteiramente da terra e de outras impuridades. Ora, o método de o conseguir é o seguinte:

Recolhida a terra salitrosa, mistura-se com quase outro tanto de boa cinza, cirandando-a primeiramente para não levar nem carvão nem outra impureza térrea. Lança-se esta mistura em barris ou em tonéis, conforme a quantidade de sal que se pretende, os quais estão postos em fileira e verticalmente assentados sobre seus fundos, ficando levantados do chão até coisa de três palmos. Faz-se no fundo de cada barril, um buraco que se guarnece de capim ou de palha, precisamente como praticam os saboeiros para fazerem escorrer uma decoada. Lança-se água sobre a mistura do primeiro barril. Ela sai carregada de todo quanto sal pode dissolver, e assim cair dentro de algum recipiente que para esse fim se acomoda debaixo dele. Derrama-se esta mesma água do primeiro, sucessivamente, por cada um dos outros barris que estão igualmente cheios da sobredita mistura de cinza e de terra salitrosa. E assim se vai aquela água saturando cada vez mais de matérias salinas, até que fica nos termos de uma decoada forte.

Então, vai às caldeiras a ferver e evaporar, que é quando se precipita uma grande quantidade de sal comum, como já se disse, o qual se separa com uma escumadeira. Continua a evaporação do salitre até que a decoada mostre que está nos termos de cristaliza-se. Também já se disse que isto se conhecia, tirando-se de quando em quando uma pouca de decoada, e deixando-a esfriar, até ver-se que se cristaliza o salitre. E de a

⁵⁵⁹ Em seguida há uma palavra riscada.

⁵⁶⁰ Todo o trecho desde “retirando-se” até “acelerado” Ferreira anotou na margem direita.

⁵⁶¹ “Nesse” foi escrito por Ferreira sobrepondo-se a uma palavra riscada, ilegível.

⁵⁶² As palavras “aliás sairão” foram escritas sobre uma palavra riscada, ilegível.

despejar para outra caldeira, aonde se deixa esfriar e cristalizar, pelo espaço de até quatro dias.

Nem toda a porção que se despeja se cristaliza inteiramente. Antes, depois da cristalização, sempre fica um licor grosso, da consistência de xarope, ao qual se dá impropriamente o nome de “água mãe do salitre”. Despejando-se esta água mãe sobre outro barril de cinza, para se lhe aproveitar o que resta de salitre, e assim se abrevia a mão de obra.

O salitre desta primeira cozida ainda é um salitre bruto, e necessita de ser purificado. Chama-se salitre da primeira cozida, e na Europa quase a quarta parte de seu peso consta de sal comum, que pode ser aproveitado. Serve para fazer água forte ordinária, porém, nem para a medicina, nem para a fábrica da pólvora se pode ainda aplicar com acerto. Para haver de entrar na composição da pólvora, deve ainda passar por mais duas purificações, a que se chama “cozidas”. Ambas consistem em dissolver segunda e terceira vez⁵⁶³, em escumá-lo o mais exatamente que for possível, mediante uma boa dissolução de cola de peixe em água, a qual se lança dentro da caldeira, agitando a água que ferve para se incorporar à cola com elas, em separar-lhe todo o sal comum que se precipita durante a evaporação, etc., e isto assim feito duas vezes, produz o salitre a que se dá o nome de “salitre de três cozidas”.

Nec temere, nec timide

Enfermidades internas⁵⁶⁴

I^o

Febres

Sendo por todo o Brasil, e principalmente pelos seus sertões, a maior parte dos enfermos ou **índios**, **mulatos** ou **negros**, os quais não sabem informar nem como nem quando lhes principiam as febres, e muito menos guardar os preceitos da arte, vem este a ser um dos primeiros obstáculos que encontra o seu pronto curativo, se é que da parte

⁵⁶³ Em seguida vêm quatro palavras riscadas, ilegíveis.

⁵⁶⁴ Está riscado no original. De um modo geral, os autores de obras médicas subdividiam as causas das doenças em internas e externas. As “internas”, seriam as alterações humorais, e a “externas”, seriam as agressões do meio físico, através de suas qualidades manifestas ou ocultas. O calor produzido pelo fogo era uma qualidade manifesta; o poder de atração do imã era uma qualidade oculta. A esse respeito ver: DUARTE, 1956, p. 249.

do assistente não supre a experiência e o critério médico. Pelo que importa muito aprender a distinguir umas de outras febres, examinando o que elas são, os sinais que dão de si, os efeitos que produzem, e combinar estas com as outras observações e experiências adquiridas do **lugar** onde se está, o **tempo**, o gênio **endêmico** ou **epidêmico** reinante, etc.⁵⁶⁵ Das febres **sintomáticas** só então me parece que se deverá tratar, quando se tratar das enfermidades a que elas servem de sintomas. Eu, das **essenciais** é que particularmente trato neste artigo. Elas são **contínuas**, **intermitentes**, **remitentes**, etc.

a) **Contínuas**

Supõem-se consistir o seu caráter na duração de um calor igualmente sensível por todo o tempo que duram. Porém desta suposição se não segue que as febres desta classe deixam de ter como as outras **princípio**, **aumento**, **estado** e **declinação**. É que os seus extremos, quero dizer, o **princípio** e a **declinação**, são brevíssimos comparados com o largo tempo que duram o seu **aumento** e **estado**. Outra suposição deixarei passar livremente e vem a ser que não é quimérica a maior parte das febres de que nesta classe tratam os antigos, vendo-se a cada passo determinadas tantas espécies de contínuas quantas há de enfermidades. Quanto a mim que nem expendo a matéria *ex professo* nem a tenho praticado, se não à falta de professor, contento-me de me conformar com o plano de alguns práticos que não reconhecem mais que quatro, a saber: contínua simples, podre, ardente e maligna. Talvez que nem estas mesmas difiram essencialmente entre si, como parece ao ilustre Boerhave⁵⁶⁶, e que todas elas não sejam mais que diferentes graus de uma só, e a mesma enfermidade. Porém, pede a clareza e a ordem do curativo médico, que de cada uma delas se trate praticamente como de uma febre distinta e separada.

Contínua simples

⁵⁶⁵ Ferreira sinalizou esse ponto com um “+” para chamar a atenção para a seguinte anotação à margem esquerda: “Pela velocidade do pulso conferido com a respiração, o calor e as urinas se conhece que o enfermo tem febre. Um infalível meio de a conhecer é o da aplicação do termômetro ao corpo do ser humano detendo-o nele por pouco mais de um quarto de hora, o que é certo e constantemente observado é que o pulso nas febres sempre excede de setenta e cinco pulsações por minuto, segundo o termômetro de Fahrenheit, e o calor sempre passa de oitenta graus necessários para a putrefação”. Como fonte da informação, citou em rodapé, nota “(a)”, “Trat. das calenturas”, mas não foi possível identificar o autor desta obra. Observe-se que João Severiano da Fonseca, em fins do século XIX, considerou esta referência ao termômetro surpreendente (cf. CORREA FILHO, 1935).

⁵⁶⁶ Hermann Boerhaave, (1668-1738), médico holandês famoso no mundo europeu do século XVIII. Foi professor de Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

Também se lhe chama **contínente**, deduzido este nome da idéia em que estavam os antigos, que era febre esta que não tinha remissão, nem exacerbação. Distingue-se essencialmente das outras febres

- a) em não ser precedida de fastio, nem frio ou horror considerável
- b) em se não apresentar acompanhada de sintomas graves
- c) em darem pouco ou nenhum cuidado tanto as suas remissões como as exacerbações.

E isto basta para se não confundir esta com as outras febres. Assim, fora igualmente fácil a um simples curioso o distinguir uma contínua essencial de uma febre sintomática, como por exemplo, a que acompanha a erisipela e outras erupções cutâneas, a disenteria, as defluxões, etc. a que depende da plethora⁵⁶⁷, da caquexia, do calor do sangue, etc.

Suas causas

- a) imoderação no trabalho ou seja **espiritual**, como são a meditação assídua e as paixões, principalmente a saudade, o temor e a tristeza ou **corporal**, como todo o gênero de movimento em que se empenham as forças, os exercícios ginásticos, etc.
- b) exposição ao sol ardente durante os calores do verão, e ao frio excessivo durante os dias de friagem
- c) repleção de estômago ou abstinência prolongada
- d) mudança de alimento, sua qualidade, quantidade, estado, modo e ocasião de o tomar, etc.

Sintomas ordinários

- a) dores de cabeça com inclinação a dormir
- b) lassidão acompanhada de dores lombares ou vagas.
- c) o pulso grande veloz e freqüente
- d) a urina ou natural ou pouco incendida
- e) dura 8, 15, 24, 48 horas e mais, e muitas vezes termina ou por suor ou por hemorragia.

⁵⁶⁷ "Redundância de sangue e carga de humores". BLUTEAU, 1720.

Prognóstico

Se se não faz caso dela ou se a tratam mal, então uma de duas: ou se aumenta o pulso com dureza, e a febre passa a inflamatória ou se abate e contrai, e passa a podre.

Curativo médico

a) Europeu

Para não passar a inflamatória, basta ordinariamente a dieta, que se reduz a caldos de miolo de pão adoçados com açúcar ou mel de abelhas⁵⁶⁸, fazendo-se o devido uso das tisanas⁵⁶⁹, os cremores, o leite e as emulsões. Quando esta não basta, ajuda-se a natureza com os pedilúvios, as sangrias, os cristéis laxantes e as tisanas nitradas, se não há disposição para suar. Semelhantemente, para se prevenir a podridão, faz-se preceder algum ligeiro emético, seguido de algum minorativo⁵⁷⁰ sobre que assentam os antissépticos, os amargos e os balsâmicos, especialmente a quina⁵⁷¹ e o alcanfor⁵⁷².

b) Americano

Reconhecendo-se que há corrupção⁵⁷³, por haver largueza na via ou por outro qualquer sintoma indicado no capítulo desta queixa, logo o primeiro objeto de que se trata, preveni-la mediante um cristal preparado do cozimento ou de erva de bicho⁵⁷⁴ ou de três até quatro limões azedos, dos galegos, a que se ajuntam oito até dez pimentas comaris, uma colher de açúcar mascavado ou de rapadura em pó, e uma pitada de sal moído. Passa-se a algum diaforético, cujo efeito se promove por meio ou de um pedilúvio em água simples, porém quente, ou de algum banho de vapores do cozimento de folhas de laranja ou de lima ou de cidra, para o que também servem o mentrasto, a

⁵⁶⁸ As palavras *de abelhas* foram acrescentadas por Ferreira na margem direita.

⁵⁶⁹ A receita de tisana mais conhecida era preparada com o cozimento de cevada e alcaçuz em partes iguais. A essa base podia-se acrescentar marmelos, ameixas, tâmaras, figos, etc. Cf. ROSA, 1695, p. 350.

⁵⁷⁰ *Que diminui*. Cf. BLUTEAU, 1720.

⁵⁷¹ Originária da “árvore da quina”, planta de cuja casca se extraem diversos alcalóides, sendo o principal deles o quinino. Comprovadamente febrífugas, somente no século XVII passaram a ser observada de modo sistemático pelos médicos. (cf. CARVALHO, Rómulo de. *op. cit.* p.22). A quina foi usada para todos os tipos de febre, mas só funciona contra a febre malárica. (cf. CAMARGO, Erney Plessmann. A malária encenada no grande teatro social. *Estudos Avançados* 24. Volume 9 – número 24 – maio/agosto 1995).

⁵⁷² Cânfora.

⁵⁷³ A “corrupção” ou “corrução” era uma das doenças mais temidas à época, e todo exame médico iniciava pela observação de seus sintomas principais.

⁵⁷⁴ “ou de erva de bicho ou de três...” foi escrito na margem direita por Ferreira.

salva da terra e a artemísia, e sobre ele assenta a bebida de algum chá de violas ou da Índia, substituindo-se, à sua falta, com outra qualquer tintura de folhas de horjevão⁵⁷⁵, por outro nome verbená, e por outro erva - sacra⁵⁷⁶ ou de vassourinha ou de congonha, que é o mate dos espanhóis americanos. Abstêm-se de todo outro alimento que não sejam caldos de tapioca, carimã, água de arroz ou de milho cozido, sem sal, que se chama **canjica**.

Purgam-se com o tártaro emético⁵⁷⁷, que é o mais ordinário nestas minas, na dose de 5 onça⁵⁷⁸ a 8 grãos. Raros são os que usam do xarope ou vinho emético na dose de meia até uma, e ainda da mesma ipecacuanha⁵⁷⁹ a que os naturais chamam boalha⁵⁸⁰ (*sic*) e a tomam na dose de 48 grãos até uma oitava. Ignoram-se, portanto, os inconvenientes do tártaro, e por isso se familiarizam tanto com ele. Segue-se algum purgante de quintílio⁵⁸¹, de jalapa⁵⁸², de ruibarbo⁵⁸³, sal catártico⁵⁸⁴ etc e, sem razão, algumas vezes preferem os mais fortes⁵⁸⁵, preferem aos minorativos⁵⁸⁶, havendo, aliás, nas oficinas, o maná e o sene, e dando-se bem no país o tamarindo. Bebe-se, durante a febre, o cozimento das folhas do cuguaçuaiá, do caapiá, da raiz do fedegoso, que é a

⁵⁷⁵ Desde “horjevão” até “erva sacra” foi escrito por Ferreira na margem esquerda.

⁵⁷⁶ Planta medicinal da família das verbenáceas (*Verbena officinalis*, L.), conhecida como diaforética.

⁵⁷⁷ Possuía propriedades vomitivas.

⁵⁷⁸ “É a duodécima parte de uma libra romana. Nas boticas de Portugal a onça tem oito dramas, a drama três escrúpulos, o escrúpulo vinte e quatro grãos, e assim a onça portuguesa tem quinhentos e setenta e seis grãos. Na casa da moeda é dividida a onça de outro modo. A onça é a oitava parte de um marco, e cada onça tem oito oitavas, e cada oitava tem de grãos grandes quatro e meio, e de pequenos, setenta e dois. Cada onça tem 8 oitavas, e cada oitava tem três escrópolos, e cada escrópolo 24 grãos, e vem a ter cada oitava setenta e dois grãos. É a duodécima parte de uma libra romana. Nas boticas de Portugal a onça tem oito dramas, a drama três escrúpulos, o escrúpulo vinte e quatro grãos, e assim a onça portuguesa tem quinhentos e setenta e seis grãos. Na casa da moeda é dividida a onça de outro modo. A onça é a oitava parte de um marco, e cada onça tem oito oitavas, e cada oitava tem de grãos grandes quatro e meio, e de pequenos, setenta e dois”. (*In*: BLUTEAU, 1720). “Cada onça tem 8 oitavas, e cada oitava tem três escrópolos, e cada escrópolo 24 grãos, e vem a ter cada oitava setenta e dois grãos”. (*In*: BMP - Biblioteca Municipal do Porto – MS 1036).

⁵⁷⁹ Raiz emética, antiespasmódica, expectorante, diaforética e antídoto do ópio. Utilizada no tratamento das disenterias.

⁵⁸⁰ Trata-se, certamente, da “poaia”.

⁵⁸¹ “A Farmacopéia Tubalense chama-lhe *crocus metallorum*, ou seja, *açafração dos metais*, e para sua preparação manda queimar partes iguais do antimônio e salitre puríssimo, ambos sutilmente pulverizados. Trata-se do óxido branco de antimônio, antimoniato ácido de potássio ou antimônio diaforético lavado. Expectorante e contra estimulante”. (LIMA, 1949, p. 11)

⁵⁸² Planta purgativa, também conhecida como “batata de purga”. Cf. Cf. MARQUES, Vera Regina Beltrão. *op. cit.* p. 105.

⁵⁸³ *Rheum officinale*, Baill. Utilizado como tônico, eupéptico, “adstringente (pequenas doses), laxativo (doses médias), purgante (doses fortes). (LIMA, 1949, p. 12)

⁵⁸⁴ Purgativo cujo efeito fica entre os laxantes médios e os drásticos.

⁵⁸⁵ “algumas vezes preferem os mais fortes” foi escrito por Ferreira na margem direita.

⁵⁸⁶ Purgativos mais suaves.

pajamarioba do Pará, e se é tempo de frutos refrigeram-se com os sucos do cacau, do muracujá, do acaju, do acajá, etc.

Febre podre

Tem o seu princípio da depravação dos humores que tendem à alcalescência e se termina por uma depuração, que na frase de Sydenham⁵⁸⁷ lhe dá o nome de **febre depuratória**. Não é, logo, uma verdadeira putrefação, a que se pretende significar pela palavra **podre**, como entendem muitos e, principalmente, o vulgo. É, sim, uma disposição para ela. A mortificação que dão ao olfato as urinas, os suores e o hálito daqueles que a padecem, a alteração que experimenta o seu sangue, logo depois que se tira pela sangria, a gangrena que acompanha esta febre, a infecção⁵⁸⁸ que imediatamente difundem os cadáveres, e outros pretendidos sinais de uma verdadeira corrupção, são comuns a outras muitas enfermidades aonde ela se não supõe. É, contudo, para quem a entende, uma febre sempre perigosa. Também só quem a entende é capaz de a distinguir, algumas vezes, da maligna, com que a equivoca a maior parte de seus sintomas, porém a afecção dos nervos e do cérebro, que é inseparável daquela, é transitória na podre.

Causas

a) certo grau de calor e de umidade

1) No **fogo**, que em certo grau excita, em outro resolve a putrefação

2) No **ar**, quando encarcerado e se não renova, e comunica com toda a atmosfera

3) Na **água**, em não sendo movida, agitada

⁵⁸⁷ Sydenham reavivou e sistematizou a teoria hipocrática das constituições epidêmicas ou pestilenciais no século XVII. Foi um dos primeiros a admitir que as doenças poderiam ser distribuídas em grupos. Dizia que, assim como há espécies zoológicas e botânicas, há também espécies *morbi*. O médico inglês pretendia descrever todas as enfermidades partindo da observação de enfermos concretos, dos quais recolhia dados. Pregava Sydenham, que o médico deveria distinguir os sintomas constantes e peculiares daqueles acidentais e comuns, tentando reduzir cada caso à “espécie morbosa” à qual correspondia. O conceito de “espécie morbosa”, entendido como “modo de enfermar que se repete quase invariavelmente em grande número de indivíduos doentes”, foi uma de suas criações mais importantes. (Cf. ARQUIOLA e MONTIEL, 1993, p. 14-15). Sydenham tentou classificar as doenças considerando as características do doente, as circunstâncias nas quais a doença havia surgido e os sintomas, segundo sua ordem de surgimento e duração. (Ver também: HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998).

⁵⁸⁸ “O estado da coisa ou pessoa infecta, inficionada, atacada de doença – a infecção gálica – maligna, contágio”. In: BLUTEAU, Tomo primeiro A-K, 1789.

- 4) Na **terra**, por suas diferentes qualidades e substâncias heterogêneas que contém, os alcalinos fixos e outros sais
- b) Disposição de temperamento sanguíneo
- c) Vida dissoluta
- d) Digestão perturbada pelo trabalho imediatamente depois que se come
- e) Habitação de lugares impuros
- f) Alimentos corruptos.

Sintomas

- a) abatimento do corpo e do espírito
- b) dor e peso na cabeça, nas entranhas, nos lombos, nas extremidades
- c) Sono inquieto, sobressaltos, ânsias, delírio
- d) extremidades convulsas, principalmente as mãos
- e) vômitos e náuseas ao princípio, que também a língua está úmida, branca e saburra, porém ao depois se faz árida, como toda a pele do corpo, e toma a cor preta
- f) pulso remisso e frouxo, que com o calor acre do corpo se faz forte e veloz
- g) hálito fétido
- h) o ventre e os hipocôndrios intumescidos
- i) as urinas poucas e variadas na cor e na consistência
- j) as dejeções também fétidas e meteorizadas

Prognóstico

Se não tratam como convém, degenera em maligna, e dos 14 até 30 dias se decide a sua sorte. As dejeções serosas durante a febre ameaçam perigo. As boas crises se fazem pelas urinas e suores, que sobrevêm dos 12 dias por diante.

Curativo

a) Europeu

Veja-se como o prescreve o autor do Tratado Completo de Calenturas⁵⁸⁹.
Principiando pela **dieta**, seja, diz ele:

§. 196 líquida vegetal y acescente, pues quando la machina de un febricitante esta com fuertes y repetidos movimientos, procurando expeler y corregir la putrefacción, no debe distraer-se de estos esfuerzos para emplearlos en vencer alimentos solidos o animales, que están dispuestos a pudrirse y aumentar las fuerzas de los enemigos de la vida⁵⁹⁰.

§. 197. Los caldos de carnes son la gelatina y suero de los animales, pero la gelatina es lo putrido encubierto, es la que se inflama y la que se convierte en pus. Luego, su uso es danoso, ni su prescripcion puede tolerar-se.

§. 198. Aun que los caldos sean de carnes cocidas con vegetales, en el puchero español ni por eso quedan inocentes, porque los acidos en poca cantidad aceleran la putrefacción de los animales.

§ 201. Los caldos de pan, agoa y azucar, o miel, los de potages, los de yervas, o frutos maduros y aun los mismos frutos cocidos, o levemente asados, y los mui jugosos, crudos, las tisanas, cremores y emulsiones de farinaceos, tienem todas las qualidades para ser alimento proprio de las calenturas.

§. 193. La agoa de limon, generalmente es la mejor bebida antifebril, por diluente y antiseptica.

§. 192. El vino tambien es acescente y antiseptico, mezclado con el agua, atendiendo al temperamento, a la costumbre y al clima, puede tener uso. La renovacion e purificacion da machina interior y exteriormente es, sobre todo, sumamente necesaria e importante en este caso.

Exteriormente

⁵⁸⁹ Não foi possível identificar o autor desta obra. No entanto, um autor pouco conhecido, o filósofo e médico Gómez Pereira (século XVI), que alguns consideram galego, e outros, português, teve uma obra sua publicada em espanhol em 1749, a “Antoniana Margarita”, na qual discutiu o mecanicismo animal. O capítulo IX da primeira parte de sua obra intitula-se “Sobre la esfera ígnea – generación y corrupción”. Ver sobre o assunto: PEREIRA, Gómez. *Antoniana Margarita*. Reproducción fac-similar de la edición de 1749. Estudio preliminar y versión al español por José Luis Barreiro Barreiro. Universidade de Santiago de Compostela, 2000; VILLARINO, Hernán. La Antoniana Margarita de Gómez Pereira y el origen de la controversia sobre el mecanicismo animal entre realismo, idealismo y materialismo. (Ejercicio de exploración de una via indirecta de retorno a la escolastica). *Revista Chilena de Neuro-psiquiatria*. p. 316-328.

⁵⁹⁰ Todo trecho em espanhol foi transcrito conforme o original.

§. 181. Mude-se o renueve-se muchas veces al dia el aire de la pieza en que asiste el enfermo, por medio de las ventanas, del fuego, de los sahumerios, de masica (*sic*), de los vegetales frescos, de las flores, etc.

§. 182. Huya-se, quanto se pueda de que la atmosfera del febricitante se mexcle con la dos sanos, especialmente de animales, de niños, de mujeres y de muchos hombres.

§. 183. Renueve-se la atmosfera propria del febricitante haciendo lo salir de la cama algunas horas al dia. Como esto no se haga en tiempo de alguna crisis, con el abrigo necesario, no se debe temer el peligro de la constipacion.

§. 184. Renueve-se todos los dias la ropa y la cama del febricitante con otra limpia e seca, siendo colehones y cubiertas, todas de vegetales, no de animales, y limpios los servicios de orines, curso y excretos.

§. 185. Afeyte-se el enfermo, lave-se, peyne-se, para excitar sus musculos, abrir la secrecion cutanea y renovar su atmosfera podrida en otra sana.

§. Exciten-se-le las pasiones de la alegria y de la esperanza, algunas veces la ira, nunca el temor.

Interiormente

§. 187. Renueve-se-le la atmosfera intestinal por medio de las lavativas⁵⁹¹ emolientes.

§. 188. Renueve-se el aire del ventriculo y esofago y el pulmonar por medio del continuo riego y bebidas frescas, y aun acidas, y de sahumerios, aun pipados de yervas aromaticas frescas y acidas.

§. 441. Ultimamente, el methodo de curar esta enfermedad consiste en variar y proporcionar los remedios según prevalezca el estado inflamatorio o el podre. Quando prevalece lo inflamatorio, conviene alguna sangria, las tisanas acescentes con bastante cremor de tartaro, y lavativos. Quando lo inflamatorio no supera, conviene la ipecacuana y el rhabarbaro con el cremor de tartaro, epicriticamente usado interpolando las tisanas, y en estado y declinacion, las emulsiones camphoradas”.

⁵⁹¹ Medicamentos que aliviavam os doentes, por seus efeitos laxativos; abstergente.

Pode-se agora acrescentar, que a quina-quina no fim da febre fortifica os órgãos enfraquecidos. Que os cordiais e os diaforéticos também têm lugar, no caso de ser preciso ajudar a natureza lânguida ao tempo da cocção. Que, em estando tomada a cabeça, são de um grande auxílio para a aliviarem, os sinapismos nas solas dos pés, os cáusticos, as ventosas⁵⁹².

a) Americano

Consiste principalmente em uma vigorosa abstinência de carnes por via de dieta, e em copiosas bebidas de cordiais e xaropes ácidos, e refrigerantes de maracujá, de limão, de laranja e de cidra⁵⁹³. Dão-se (...) (...) diferentes frutas⁵⁹⁴, a romã, a pitanga, a mangaba, o araçá, o jamarú, o mamão, jaracatiá, o genipapo, o marmelo, o araticú, a fruta do conde, a sorva, a banana de São Tomé e a abóbora ou cruas, algumas destas frutas, e pulverizadas de açúcar ou cozidas, as que o podem ser, e até os mesmos melões se dão, e melancias. Colhem-se todas elas depois de bem maduras, e nunca antes de o sol as expurgar da umidade da noite e do sereno da manhã, porém não para se comerem quentes do sol. São úteis comidas em jejum, e excetuadas as que são adstringentes⁵⁹⁵, aproveitam mais antes de comida⁵⁹⁶ do que depois dela por sobremesa. De outras muitas frutas se permitem ao enfermo, as conservas que se fazem de acaju, de limão e de goiaba, a marmelada, a geléia de cacau e outras. Purgam-se com o maná, o tamarindo, a batata da terra e outros minorativos. Há, sobretudo, um especial cuidado em prevenir o acesso da corrupção. Veja-se o artigo da **corrupção**.

Febre Ardente

Distingue-se da podre:

- a) pela maior gravidade dos sintomas;
- b) pela grande parte que nela tem a bilis, de onde vem que também se lhe dá o nome de “podre biliosa”;
- c) pela concentração do calor, que é mais interno do que externo;

⁵⁹² O emprego de ventosas no tratamento médico já era utilizado na antiguidade por hindus, egípcios e gregos.

⁵⁹³ Em seguida à palavra *cidra* Ferreira colocou um sinal de “+”. Na margem lateral esquerda, na mesma posição acrescentou: *bebe-se d’água de coco e os sucos a que chamaminhos de cacau, de acaju, de ananás, e come-se o mesmo coco mole com igual proveito, ao com que se comem diferentes frutas.*

⁵⁹⁴ “Dão-se (...) (...) diferentes frutas” foi riscado.

⁵⁹⁵ Medicamentos que provocavam a suspensão dos fluxos.

⁵⁹⁶ Em seguida à palavra *comida* há um sinal “+”.

- d) pela menor duração, pois que a ardente raras vezes se estende do seteno ao catorzeno, ou mais.

Causas

- a) paixões veementes;
- b) trabalhos excessivos;
- c) abuso de alimentos picantes, como a carne e o peixe adubados com demasiada pimenta, o vinho e os licores espirituosos.
- d) A estação, o lugar, a idade e o temperamento.

Sintomas

- a) exacerbações, precedidas de maiores ou menores calafrios;
- b) violentas dores de cabeça, insônios (*sic*), delírio, e algumas vezes ânsias, cardialgias, convulsões;
- c) o pulso, de duro que é, e frequente, passa a fraco e irregular;
- d) sede implacável e rebelde a todos os refrigerantes, com um extraordinário calor interno e amargura de boca. Os lábios e a língua secos e negros;
- e) vômito de uma bÍlis eruginosa, em alguns enfermos tão acre e urente, que lhes estimula o esôfago e desbota os dentes;
- f) as urinas, incendidas, e tanto elas como as dejeções, algumas vezes biliosas, como as dos ictéricos.

Prognóstico

Tira-se as boas crises do vômito e do curso do ventre, que aparece ao quarto ou sétimo dia, sendo que o mesmo curso é quase sempre mortal quando é prematurado, assim como o são o suor da face, as hemorragias, o soluço, o escarro de sangue, as ânsias do coração, as urinas pretas e sanguinolentas. Assegura-se que morrem desta febre mais velhos do que moços, o que lhes sucede ao terceiro, ao quarto, e ao sétimo dia. Degenera algumas vezes em maligna, outras, em intermitente, lenta, ou em langores, rebeldes aos remédios da arte.

Curativo

- a) Europeu

Quando se sangra felizmente, é ao primeiro dia do acesso, e não mais, senão sobrevém flogose. Os eméticos mais brandos e prudentemente subministrados, como é a ipecacuanha em bastante líquido por veículo, são os que mais aproveitam. O mesmo se pratica com os purgantes, preferindo-se o maná e a polpa de tamarindo em soro de leite. Os absorventes são muito próprios para reprimirem os estragos da bÍlis. Do mesmo leite e de óleo de amêndoas doces se preparam os melhores laxativos. O sobredito soro, as emulsões nitradas, os julepes⁵⁹⁷ ácidos e as limonadas, são as melhores bebidas.

a)Americano

Trata-se da mesma sorte que a podre, acrescentando que os empíricos atribuem uma particular virtude a um cálculo que se tira do ventrículo⁵⁹⁸ do lagarto senembi, e o administram, em pó ou em água de cidra ou em cozimento de caapiá, na dose de meia, até uma oitava.

Maligna⁵⁹⁹

Pelo que tenho alcançado, vejo que não são tão somente os empíricos os que menos a conhecem e a distinguem, mas também os mesmos professores algumas vezes encontram dificuldades a montes para formarem dela uma justa idéia, por ser o seu caráter sempre variado e cheio de obscuridades. Contudo, ela se distingue da antecedente e de outras febres, pelas circunstâncias seguintes:

- a) de ser mais prolongada e nunca se terminar antes de 20 dias e mais;
- b) de ser comumente epidêmica e contagiosa como a peste⁶⁰⁰, de maneira que parecem uma e a mesma enfermidade;

⁵⁹⁷ “Julepe”, “julepo”: xarope sedativo, de consistência fluida.

⁵⁹⁸ O uso, na prática médica, de concreções formadas nos estômagos, intestinos e outras partes dos corpos de animais é milenar. Era considerada antídoto a picadas de animais venenosos. O bezoar legítimo seria aquele que se encontrava no bucho da cabra selvagem da Pérsia, de uma outra semelhante, da Índia, e aquele que se encontrava na cabeça de certos antílopes, próximo aos olhos. O bezoar era ministrado em pó, misturado à água, vinho ou chá, e se esperava que promovesse forte sudação. Com o descobrimento da América novas contribuições foram dadas à bezoarterapia, com as pedras retiradas de caprinos e lhamas dos Andes, de macacos, lagartos, peixe boi, e camaleão. Cf. DUARTE, 1956, p. 103.

⁵⁹⁹ Febre tifóide.

⁶⁰⁰ “Mal epidêmico cuja essência, no meio dos estragos que causa, ainda se ignora. O comum dos médicos diz que a peste é uma febre agudíssima, maligna, contagiosa, venenosa, a qual se manifesta com bubões, nódos, antrazes, e que acomete e mata a muitos. Outros, dizem que a peste é uma podridão animada, inimiga e destruidora de todas as forças e ações da vida. Dizem outros, que a peste é um levedo e fermento contagioso ou (como outros declaram) um corpúsculo venenoso, cujas causas remotas são ou malignos influxos celestes ou indigestas e cruas exalações da terra, que de ordinário acompanham os terremotos, e da terra se comunicam aos mais elementos, infeccionando os ares e as

- c) de essencialmente, desde o seu princípio, e por todo o seu curso e progresso, apresentar-se sempre acompanhada de afecções dos nervos e do cérebro, como manifestam os letargos⁶⁰¹, os delírios, os esquecimentos e as vertigens, as quais, nas outras febres, quando as acompanham, são comumente transitórias, e não permanentes, como na maligna.

NB. Que algumas epidemias há, onde ela se anuncia por algum acesso de terçã, no que importa muito reparar, principalmente em Mato Grosso, observando bem o assistente se os acessos da referida terçã são longos, as repetições irregulares, e as intermissões circunstanciadas de dores de cabeça, ânsias, abatimento de forças, etc.

Causas

- a) adversidades da vida, dissabores, aflições de espírito e sobretudo o **terror**;
- b) impropriedade ou falta de asseio e de outras comodidades. Que a tudo isto experimenta um viajante, um soldado, um preso, e nas viagens pelos rios do Brasil, particularmente o experimentam os índios remeiros e os pretos escravos, sendo funestas para todos;
- c) a indigência extrema em que vivem;
- d) a vida irregular que passam;
- e) a intemperança em todo o sentido;
- f) os alimentos podres que comem;

águas. Os sinais do contágio da terra se vêm nos insetos e animais subterrâneos, como formigas, minhocas, coelhos, toupeiras etc., que desamparam a sua natural habitação e fogem dos lugares em que se criaram. Com a peste do ar se turvam as águas das fontes e se toldam as correntes dos rios, e morrem os peixes. Manifestam a peste do ar as árvores, ervas, searas e todas as criaturas vegetativas, que ante tempo se murcham, caem as aves mortas, corrompe-se a carne fresca, o pão mole se enche de bolor, e saindo os homens de suas casas com boa saúde, caem de repente, mortos. Não só pelo contato corporal se comunica a peste, mas pega-se aos panos, vestidos, roupas, cartas, papéis, e envolta nas mercancias, se leva de um reino para outro, e causa diferentes sintomas segundo o diferente temperamento e disposição dos corpos, que infesta. Os mais ordinários são carbúnculos, ou antrazes, tumores debaixo dos braços, detrás das orelhas, nas virilhas e em partes glandulosas, suores frios, intercadências de pulsos, desmaios, modorras, urinas negras, câmaras colicativas, frenesis, palpitações do coração, etc. Contra esse cruelíssimo mal, inventou a medicina infinitos remédios, o mais certo de todos é, ao primeiro rumor da peste, fugir depressa e voltar devagar, e, podendo ser, escapar primeiro e tornar o último, porque nas paredes, ferros e paus das terras em que houve peste, persevera a qualidade pestilencial anos inteiros, e com muito maior tenacidade na roupa, panos, cordas, etc, tanto assim que Alexandre Bedito, no seu livro de peste, cap. 3, afirma que em Veneza se renovara uma peste de uma almofadinha que havia sete anos servira de encosto a um apestado. [...] As palavras lues, contágio, e contagium, também significam todo o gênero de mal contagioso, que mata homens ou animais”. (In: BLUTEAU, 1720). (Provavelmente peste bubônica).

⁶⁰¹ Indicava sono profundo e patológico.

- g) o ar corrupto que respiram, principalmente o que dos porões das canoas exalam os alimentos já podres;
- h) a água estagnada que bebem, ou recheada de miasmas pestíferos, de animais e de vegetais apodrecidos, o que logo se experimenta ao menor repique dos rios, menos no da enchente que no da vazante.

Sintomas

- a) pusilanimidade de espírito e abatimento de corpo;
- b) mudança de fisionomia, particularmente nos olhos, que os febricitantes abrem, como espantados, quando os despertam da modorra em que jazem;
- c) alternativas⁶⁰² de frio e de calor;
- d) dor e peso na cabeça, e além desta, outra dor, que ou é fixa no ventre, no ventrículo etc, ou vaga, por todo o corpo
- e) extremidades convulsas;
- f) sopitação de alguns ou de todos os sentidos, comumente os de ver, ouvir e gostar, a fala suspensa;
- g) o pulso lânguido, frequente e irregular
- h) a língua, ao princípio úmida e saburra, ao depois árida, como queimada, esgretada e trêmula. Tem-se visto ou natural ou saburra, ora seca e ora úmida.
- i) hálito fétido;
- j) suores também fétidos e viscosos;
- m)⁶⁰³ o ventre, as mais das vezes doloroso, intumescido e meteorizado;
- n) as dejeções fétidas, verminosas, e também muitas vezes, involuntárias.

NB. Que de outros muitos sinais é esta febre caracterizada na Europa, aonde segundo a diversidade de seus efeitos, assim toma diferentes nomes, de **Sudor Anglicus**, **Plica Polonica**⁶⁰⁴, etc. quando é circunstanciada de alguma hemorragia ou transpiração podre.

⁶⁰² A palavra *alternativas*, está sobreposta a *vicissitudes*, que foi riscada.

⁶⁰³ No original; o autor saltou uma letra do alfabeto.

⁶⁰⁴ Estas doenças já haviam sido estudadas por Thomas Sydenham. Sua natureza nunca foi suficientemente esclarecida, mas pode ter sido um tipo de influenza, um tifo atípico ou um infecção viral. A doença dos suores matou milhares de pessoas na Europa do século XVI, e seus sintomas principais eram febre alta com calafrios, câimbras nas extremidades dos membros, dores por todo o corpo, angústia, dificuldade de respirar e pulso irregular. (cf. ROSEN, p. 79). Os sintomas que Ferreira listou para a febre maligna, que ele relacionou ao “sudor anglicus” e à “plica polonica” são muito parecidos com o tifo. Um dicionário de medicina informa que a febre matava em 3 ou 4 horas.

Febre Miliar, Petequia⁶⁰⁵ etc, quando traz consigo diversas manchas pelo corpo ou erupções cutâneas.

Maligna Nervosa, quando ataca principalmente os nervos.

Castrense, Hospitalícia, Carcerária, Náutica⁶⁰⁶, etc, quando imediatamente que ataca, ou seja nos acampamentos ou nos hospitais, os cárceres, as embarcações, logo sobrevém a gangrena. Da náutica se experimentam os efeitos, em sendo extemporâneas e morosas as viagens que se fazem por muitos rios do Brasil.

Peste⁶⁰⁷, quando é contagiosa, precedida de erupções carbunculosas, bubões, antrazes e seguida de uma grande mortandade. Alguns vomitam umas fezes negras ou verdes. O hálito, em quase todos, é insuportável. A maior parte se queixa de uma sede implacável e um fogo interno que os abrasa. O pulso, ou natural ou lânguido, veemente, irregular. Os suores são pestíferos, que na própria câmara do empestado se não pode entrar sem um grande ressentimento do olfato. Ultimamente, o que mostra o exame dos cadáveres, são os mesmos estragos que faz o veneno mais refinado.

Prognóstico

(cf. *Dictionnaire universel de médecine, de chirurgie, de chimie, de botanique, d'anatomie, de pharmacie, d'histoire naturelle, etc.* Paris, Rue de Saint Jacques: Chez Briasson, 1748).

⁶⁰⁵ Tifo exantemático. Conjunto de doenças provocadas pelas bactérias do gênero *Rickettsias*. Conhecido também por *febre dos cárceres, febre dos barcos, febre do campo e febre dos piolhos*. Comum às situações nas quais há aglomeração de pessoas sem as mínimas condições de higiene, aliada à fome e à miséria. O tifo exantemático apresenta dois tipos: o *clássico*, transmitido pelo piolho (epidêmico), e o *murino* (endêmico), propagado pela pulga. A diferença entre eles consiste na intensidade dos sintomas e no índice de mortalidade. No Brasil, o tifo exantemático mais comum é a “febre maculosa”, transmitida por carrapatos. A manifestação mais geral é a febre alta, associada a outros sintomas inespecíficos, como cefaléia, mialgia, dor abdominal, náusea e vômito. A característica principal da doença, o exantema, ocorre geralmente entre o 3º e 5º dias após o início dos sintomas, e acomete punhos e tornozelos, progredindo para outras regiões até formar petéquias. Nos casos graves, as lesões levam a derrames sanguíneos sob a pele, necrose e gangrena, insuficiências renal e respiratória e meningoencefalite, que pode evoluir para coma, hepatite, manifestações hemorrágicas diversas, hipotensão e choque. O primeiro cientista a isolar a bactéria causadora do tifo foi o brasileiro Henrique da Rocha Lima, em 1916, na Alemanha. A bactéria acabou por se chamar *Rickettsia prowasekii* em homenagem a dois pesquisadores (Howard Ricketts e S. von Prowasek) que morreram por causa da doença. O nome “tifo” vem do grego “typhus”, que significa “estupor”, já descrito por Hipócrates. (cf. Centro de Vigilância Epidemiológica Alexandre Vranjac. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. *Revista de Saúde Pública* 2003; 37 (6): 817-20).

⁶⁰⁶ Todas estas denominações referem-se ao tifo.

⁶⁰⁷ Peste bubônica, também conhecida como “peste negra”, cuja causa é a bactéria *Yersinia pestis*. Apesar de ser comum entre roedores, como ratos e esquilos, pode ser transmitida ao homem pelas pulgas destes animais (*Xenopsylla cheopis*). A doença leva de dois a cinco dias para se estabelecer, após o que surgem os primeiros sintomas, caracterizados por inflamação dos gânglios linfáticos e um leve tremor. Segue-se, então, dor de cabeça, sonolência, intolerância à luz, apatia, vertigem, dores nos membros e nas costas, febre de 40º C e delírios. O quadro pode se tornar mais grave com o surgimento da diarreia, e pode matar em 60% dos casos não tratados. (Recife, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz).

Pelo que respeita à maligna, o tremor da língua, a erupção prematurada de malhas lívidas cutâneas, as hemorragias, e sobretudo as dejeções negras ou sanguinolentas, e com um fétido cadavérico, são quase sempre mortais. Morre-se ao 7º, 8º, 12º, 14º dia e, algumas vezes, aos 40 até 50. A enfermidade nem dura menos de 20, nem mais de 60. A salivação, o suor, o moderado curso do ventre, se reputam de bom agouro. A convalescença é longa e (...)sionada, as recaídas fáceis e perigosas. Muda-se algumas vezes em intermitente, terçã simples ou doble, etc.

Curativo

a) Europeu

Ainda que geralmente se escreva que não convém a sangria, parece que não é tão geral esta regra que não tenha sua exceção, como, por exemplo, nos casos de inflamação⁶⁰⁸, alguma dor violenta, opressão, etc. O autor do Tratado das Calenturas⁶⁰⁹ prefere as escarificações: “A principal parte do tratamento desta febre”, diz ele⁶¹⁰, consiste em renovar a roupa do febricitante, os lençóis e o ar do seu aposento. A dieta é a mesma que a da febre podre”. O vomitório da ipecacuanha tem provado bem ao princípio da enfermidade, e tanto ele como o ruibarbo, o tamarindo e o cremor de tártaro, porém, estes, depois do sétimo dia, são indispensáveis, no caso de os não contra indicarem ou a nímia debilidade ou alguma grande evacuação.

O espírito de mendereri⁶¹¹, o vinagre saccharo-camphoratum de Wan-Swieten, a limonada quinada e as emulsões canforadas são ótimos corretivos. Os vesicatórios, no caso de não haver inflamação ou coliquação, servem de aliviar a cabeça, aplicados detrás das orelhas, nas espáduas e nas pernas, assim como a aliviam os pedilúvios, os sinapismos, as escarificações. Para coadjuvarem os remédios acima, a todo tempo convém os cristéis emolientes. Sem embargo do exposto, como estas febres são, ao princípio, muito equívocas de conhecer, principalmente em sendo epidêmicas, ordinariamente sucede que a morte dos primeiros é que ensina o curativo dos últimos.

Quanto à peste, de muito boa vontade me conformo com o parecer de alguns práticos que é mais fácil preservar dela do que corrigí-la. Preservam dela a

⁶⁰⁸ “Tumor preternatural causado pelo sangue com vermelhidão e calor. A inflamação é de diversas espécies, segundo os lugares que ocupa”. (BLUTEAU, 1720).

⁶⁰⁹ Ferreira não citou o nome do autor da obra.

⁶¹⁰ No original : *A principal parte do tratamento desta febre / diz ele / consiste em ...*

⁶¹¹ Acetato de amoníaco. (cf. ROSA, 1695, p. 310).

longanimidade e asseio, a sobriedade, o exercício, a purificação do ar pelos perfumes do enxofre, da pólvora, do tabaco, o alcatrão, os frontiz molhados em vinagre aromático, a arruda⁶¹², o rosmaninho, a salva, e o uso interno da quina⁶¹³, do limão e da laranja. Todos os remédios internos que se aplicam para a corrigirem são os temperantes, antipútridos, absorventes, cordiais e os alexitérios, misturados com os ácidos ou vegetais ou minerais. Os externos se reduzem ao que fica dito da renovação interior e exterior da máquina, às ventosas, aos cáusticos, etc.

Porém, de nenhum destes medicamentos faz o bom assistente uma aplicação vaga e arbitrária. Quando o calor é o que promove a putrefação, convém os ácidos e refrigerantes, a laranja, o limão, a cidra, a romã, a pera, a maçã, a uva, o vinagre, o nitro⁶¹⁴, etc. Quando procede da umidade, convém o alho⁶¹⁵, a cebola, a pimenta, a canela, o cravo, o puxiri, o gengibre, o tabaco e outros estimulantes.

b)⁶¹⁶ Americano

Vejam-se as febres antecedentes.

Intermitentes ou Sezões e Maleitas

Eis aqui um dos tributos que pagam as margens destes rios e principalmente as do Guaporé, quase todas as idades, todas as constituições e todos os temperamentos. O seu carácter consiste na sua intermissão, ficando os febricitantes livres de febre por algumas horas ou dias segundo é o gênero a que ela pertence, porque ou é **cotidiana** ou **terçã** ou **quartã**⁶¹⁷.

⁶¹² *Ruta graveolens*, Lin. Mastigar e manter seu sumo na boca era considerado preservativo da peste. Com folhas de arruda faziam-se defumações nos aposentos dos atingidos pela peste, e também nos quartos das púerperas. Acreditava-se, também, que protegia de mau olhado. “Toda casta de arruda é atenuante incisiva; boa contra venenos e mordeduras de cães danados; abate os vapores e fortifica o cérebro”. (cf. BLUTEAU, 1720).

⁶¹³ Também conhecida como “pó dos jesuítas”.

⁶¹⁴ Nitrato de potássio. Utilizado no tratamento de pedras na bexiga e nos rins, e como antipirético, diurético, hipotensor, antiasmático. (cf. LIMA, 1949).

⁶¹⁵ Galeno chamava o alho (*Allium sativum*, L.) “triaga dos rústicos”. Como prevenção da peste, aqueles que pudessem, logo pela manhã deveriam esfregar os dentes com triaga magna, e os pobres fariam o mesmo utilizando o alho. (cf. ROSA, 1695, p. 270).

⁶¹⁶ O escrevente grafou item d.

⁶¹⁷ Refere-se à malária, cujas características clínicas são inconfundíveis: intensos calafrios precedem a febre intermitente, que pode se repetir todos os dias ou a intervalos de um ou dois dias, e aumento do baço. Essas características permitiram sua identificação há 3000 a.C. na China, há 2000 a.C. na Mesopotâmia e 1800 a.C. na Índia. Hipócrates a descreveu com detalhes, e, em todas as referências sobre sua ocorrência foram feitas associações com regiões pantanosas e alagadas. Também conhecida por *paludismo*, *impaludismo*, *maleita* ou febres *terçã* e *quartã*. Ainda hoje é a maior endemia mundial.

Chamam-se **símplices**, quando têm um único acesso dentro no termo de sua repetição. **Dobles**, quando dois, **benignas**, quando não envolvem perigo, **perniciosas**, quando sim, **erráticas**, quando erram a hora de seu acesso, repetindo nos dias costumados, **vagas**, quando nem dia tem, nem hora certa de repetição.

Cotidiana

É a que todos os dias acomete e todos os dias deixa livre ao enfermo, se bem que não raras vezes engana por alguma remissão larga que faz⁶¹⁸. Parece ter o seu assento nas primeiras vias, ou nas entranhas, de que depende o exercício de suas funções. Todo ponto está em a saber distinguir de alguma cotidiana **sintomática**, como é, por exemplo, a catarral, a febre histérica, a que depende de obstrução, supuração interna e outras muitas, que sendo, aliás, de bem diferente caráter e natureza, imitam as cotidianas essenciais e se apresentam com o mesmo aspecto.

Porém, quando destas febres não hajam todos os conhecimentos práticos, ajuda muito a discerni-las a experiência das coisas do país, a história de suas enfermidades e, particularmente, a febrilogia do Brasil, o exame do sedimento das urinas, o cotidiano acesso por espasmos, a declinação do suor copioso e viscoso, etc. A constância que guardam as horas de seus acessos e a regularidade, e igualdade dos paroxismos a distinguem da *terçã doble*, da *remitente*, etc.

Causas

a) intemperança dos obesos, glútoes e poltrões, que são os mais sujeitos a elas;

(cf. Erney Plessmann. A malária encenada no grande teatro social. *Estudos Avançados* 24. v. 9 - número 24 - maio/agosto 1995). Seu agente é um protozoário do qual existem várias estirpes, o plasmódio. *Plasmodium malariae*, ou *P. Vivax* é mais comum na Europa e América, enquanto o *P. Falciparum* é mais comum na África. O fato de um europeu desenvolver resistência ao tipo de malária provocada pelo *P.vivax* não o torna imune ao tipo provocado pelo *P. Falciparum*. Os parasitas injetados através da picada do mosquito *Anopheles* fêmea passam por várias fases e se alojam nas células do sangue, alimentando-se de hemoglobina e liberando produtos tóxicos ao organismo humano. Os primeiros sintomas após a picada do mosquito demoram cerca de quinze dias para se manifestar, e sua intensidade depende da quantidade de toxina. Os ataques da doença ocorrem em intervalos regulares: na febre *terçã* ocorre a cada quarenta e oito horas (primeiro, terceiro e quinto dia); na *quartã* a cada setenta e duas horas (primeiro, quarto, sétimo dia), e o plasmódio causador dela é semelhante, mas não o mesmo. Já a malária conhecida como *subterçã* ou *cotidiana*, cujos ataques são quase contínuos, é a mais perigosa. A malária não tratada pode matar, mas também pode tornar-se crônica. Por destruir a hemoglobina existente nos glóbulos vermelhos provoca anemia. (Cf. CARTWRIGHT e BIDDISS, 2003, p.171-173).

⁶¹⁸ Ferreira preferia uma inversão na ordem das palavras: sobre “alguma” colocou o número 1; sobre “remissão” o número 3 e sobre a palavra “larga” o número 2.

- b) alimentos crus e indigestos, frutos de má qualidade e ainda os que a tem boa, porém são comidos ou verdes ou quentes do sol;
- c) acesso das neblinas, das friagens, das estações chuvosas;
- d) habitação de lugares úmidos e pantanosos, aonde o ar e a água são impuros;
- e) banhos no rio intempestivos, lavagens em charcos e águas estagnadas.

Sintomas

- a) cabeça pesada e sonolenta;
- b) movimento do corpo, em se aproximando o paroxismo, espreguiçar-se e bocejar a miúdo sem causa manifesta;
- c) resfriamento da ponta do nariz e das extremidades, a face, as mãos e os lábios pálidos, as unhas lívidas, e o frio algumas vezes tão excessivo, que nenhum calor é capaz de o moderar;
- d) dores vagas por todo o corpo, peso no estômago, cansaço.
- e) calor ao princípio brando, e a freqüência do pulso moderada. Porém, logo ardente, e acompanhado de dores de cabeça;
- f) a boca amargosa, a língua saburra e os dentes sórdidos;
- g) propensão a vômito ou os mesmos vômitos ora brancos, ora biliosos;
- h) urinas a princípio brancas, cruas e indigestas.

Dura 8, 10, 16, até 20 horas, e acaba com suor copioso e viscoso.

Prognóstico

Não sendo febre esta (...) se tratar pode⁶¹⁹ contudo degenerar em contínua ou em febre lenta, principalmente se se precipita o seu tratamento. De o precipitar, antecipando logo os eméticos, os purgantes e os febrífugos, tem-se visto alguns inconvenientes que se devem reechar. Porque não estando ainda feita a depuração, o princípio da enfermidade, o que vão aqueles remédios fazer é perturbar e irritar a natureza, ocasionando a mudança da febre, que não tarda em mostrar o seu ressentimento. As menores faltas de regimento, o sereno, o ar frio da manhã, o uso das saladas e de frutos crus e flatulentos, o trabalho excessivo, o coito, a repleção, as vigílias, a cólera e outras paixões, as reproduzem, e ocasionam as recaídas. Se os enfermos, depois de suspendida a sezão,

⁶¹⁹ As palavras *se tratar pode* estão riscadas.

não recuperam as cores, antes conservam a palidez, o fastio e as dores de cabeça, podem seguramente esperar pela sua volta.

Curativo

a) Europeu

Bem poucas vezes há necessidade de recorrer à sangria, pelo menos quando se não está no caso de alguma pletora ou flogose. Sendo necessário sangrar, não se abre a veia durante o acesso, só sim quando a febre é extremamente violenta, as dores de cabeça insuportáveis e todos os sintomas graves e urgentes. Ainda neste caso, geralmente, no clima do Brasil deve haver cuidado em não multiplicar as sangrias, que, aliás, esgotam aos enfermos e os lançam nas queixas de langor. De os alimentos serem débeis, a transpiração assídua, e as dissipações com as mulheres excessivas, o que se segue é ser o sangue pouco balsâmico, e prodigalizado ele, abaterem-se as forças da vida. Observem-se as cores dos colonos da maior parte das capitâneas, que todas são de opilados, e ver-se-á a diferença que têm dos europeus.

Quanto à cotidiana, mais prudência é retardar aos primeiros dias a aplicação dos específicos do que antecipá-la precipitadamente, antes talvez de se ter reconhecido o caráter e a natureza da febre. Por outra parte, ela é o instrumento de que a natureza se serve para a depuração, e, por isso, se não deve perturbar antes de tempo. Ajudam-se as forças que nela emprega em volatizar e dissipar a putrefação primeiramente com a dieta, os pedilúvios e os diaforéticos, e ao depois com os específicos, se, aliás, se não faz urgente a sua aplicação. A dieta se conta a alguns caldos de aves, de fácil digestão, evitando tudo quanto possa enfraquecer e viciar o estômago. Dá-se pouco de comer, e 4 até 5 horas antes da sezão.

Não se deve negar água aos enfermos, contanto que seja tépida durante o frio, e fria durante a febre. Quando ao princípio do paroxismo são os frios grandes e perigosos, trata-se de os moderar, antecipando-se, duas e tres horas antes, uma copiosa bebida tépida de alguma tisana ou de salsa⁶²⁰ ou de sassafras ou de outro qualquer sudorífico, fomentando-se a região do estômago com óleo de canela ou de alfazema, e até mesmo usando dela quente, dentro em almofadinhas que se lhes chegam às mãos e aos pés. A

⁶²⁰ Originária da África do Norte, a salsa, *Petroselinum sativum*, Hoff. foi trazida para o Brasil com os primeiros colonos. Era empregada como remédio e como tempero. Fazia parte de um medicamento árabe, "atrifal", mistura farmacêutica composta por três elementos, juntamente com o aipo e a erva doce. (cf. DUARTE, 1956, p. 101.)

ipecacuanha, dada à propósito, depois da quarta sessão, algumas vezes triunfa ela só da enfermidade, porém, é preciso esperar pela intermissão da febre, e não tomar durante o seu acesso senão os diluentes, temperantes e nitrados. Os lavatórios laxantes jamais se perdem de vista. A quina, depois do emético e dos purgantes, quando aparece o sedimento laterício, é o melhor febrífugo. As evacuações tem purificado o estômago, a linfa gástrica se tem feito capaz de tinturar-se da quina, e, por conseguinte, nenhum receio deve haver de usar dela. Quanto à dieta que requer o seu uso, a mais severa é a melhor. Se a quina não basta, depois de tomada nas doses prescritas para todos os casos, o obstinar-se em usar dela é precipitar-se na obstrução, a hidropsia, a hemoptise e outras enfermidades. Recorre-se a outros febrífugos, aos amargos, aperitivos, estomáquicos marciais, etc, as dissoluções de sal amoníaco, sal de losna e dito de centáurea em vinho branco, a infusão da serpentária virginiana, da genciana, da pequena centáurea, também em vinho branco, e muitos outros específicos que se aplicavam antes do descobrimento da quina.

a) Americano

As pessoas de mais conhecimentos, e que têm sido ensinadas pela experiência do país a terem grande cautela com os aproches da corrupção, como de nenhuma outra coisa se receiam tanto quanto desta. Logo ao primeiro acesso de toda e qualquer febre, o de que primeiramente tratam é de a reconhecer, mediante algum cristel estimulante de pimentas cumaris ou malaguetas. Os índios, para estes casos, jamais embarcam sem provimento de malagueta em pó e gengibre. E o caso é, que as mais das vezes não se enganam, porque com toda e qualquer febre se introduz a dita corrupção.

Feito aquele exame, que é o primeiro na ordem de suas precauções, segue-se a segunda, de reconhecer o **resfriamento**, mediante os pedilúvios, seguidos de fricções quentes e algum banho de vapores de plantas aromáticas, com uma copiosa bebida tépida de alguma tisana sudorífica. Tais são os primeiros remédios de que lançam mão os acautelados. Passam imediatamente ao vomitório de tártaro ou de quintílio, que são os mais usuais. Poucos usam da ipecacuanha, e a gente popular comumente recorre aos eméticos e purgantes indígenas, que alguns tomam ao mesmo tempo, bebendo tépida a emulsão de três pinhões descascados e pisados. Outros a bebem de nove sementes de mamona branca⁶²¹, ou se querem evitar o trabalho da manipulação, lançam em uma

⁶²¹ Após *mamona branca* há m sinal "+", e na margem esquerda, à mesma altura, uma palavra ilegível.

chávena de água tépida uma colher daquele azeite, e com ele se purgam. A batatinha do Paraguai é outro purgante que por aqui se toma na dose de uma até uma e meia oitava. A batata de purgar é uma raiz que trivialmente se encontra por estes matos, e também se toma na dose de oitava e meia, e mais quando seca.

O emético em que alguns empíricos do país tenho visto porem grande confiança, afetando os costumados segredos é, sem tirar nem por, o mesmo que inventou o autor do celebrado **Erário Mineral**⁶²², e vem a ser: de tártaro emético⁶²³, quatro até seis grãos, conforme a constituição do enfermo⁶²⁴, em seis onças de vinho generoso, onde tenha estado de infusão, sobre cinzas quentes, por tempo de um quarto de hora, uma mão cheia de folhas de arruda machucada.

Depois de feitas as evacuações universais, se com ela se não despede a sezão, bebe-se o cozimento febrífugo das raízes de abútua, quina da terra e fedegoso, com as do (...) bravo e caapiá, que é, na verdade, uma (...) amargosíssima bebida. Até mesmo (...) (...) dieta se alimentam os enfermos com vegetais amargosos. Tal é o palmito de uma uma espécie de palmeira chamada **guariroba**, que amarga como fel, e o do campo ainda mais que o do mato. Comem-se ou assado ou cozido, juntamente com o frangão, a galinha, a carne de vaca moqueada, etc. Nem se esquecem dos cristéis laxantes e refrescantes, os quais⁶²⁵ se preparam, como já disse, do cozimento de (...) até quatro limões azedos, substituindo-lhes, quando os não há ou quando assim lhes parece, as folhas de mamona branca, o malvaíscio, a caamembeca, os olhos de fedegoso e a tanchagem, com uma colher de rapadura em pó, outra de azeite.

Outro cozimento se pratica por estas minas, que é verdadeiramente dos bons, que receitam os práticos, porém não é seu, porque é⁶²⁶ a Água Febrífuga de Cardoso de Miranda, a saber: de cevada limpa, onça e meia; raiz de genciana machucada, onça uma; centáurea menor cortada miudamente, onça meia; sene⁶²⁷ limpo, onça uma e meia; cremor de tártaro, oitavas duas; sementes frias maiores, onça uma; quina em pó, onça uma; sal de losna e cristal mineral, de cada um, oitavas duas. Ferve-se a cevada em 6 libras de água até se evaporar uma. Ajunta-se-lhe a genciana até se evaporar mais meia, e acrescentando-se a centáurea, que também ferve, até se evaporar 3 libras, então se lhe

⁶²² FERREIRA, 1735.

⁶²³ Aplicava-se tártaro emético tanto na pneumonia como na leishmaniose. (cf. FREITAS, 1935, p. 64).

⁶²⁴ No original: *de tártaro emético, quatro até seis grãos / conforme a constituição do enfermo / em seis onças...*

⁶²⁵ A palavra *quais* foi acrescentado por Ferreira sobre a palavra *que*.

⁶²⁶ *é* foi acrescentada por Ferreira.

⁶²⁷ Purgativo.

ajunta o sene, as sementes frias, o cremor de tártaro, e tudo se deixa de infusão em cinzas quentes por tempo de 6 horas. Coa-se com forte expressão (*sic*), junta-se-lhe a quina, o sal de losna⁶²⁸ e cristal mineral e tudo se lança em um frasco, agitando-o bem até levantar espuma, para se beber na dose de 6 onças por cada vez. Pode-se tomar de manhã e de tarde, não havendo fraqueza. É um cozimento solutivo e febrífugo, que a muitos tem aproveitado.

Os remédios da gente popular são os mais extravagantes que tenho visto. Tais são os eméticos que tomam do sumo de dois até três limões azedos, em uma chávena de aguardente da terra, a que se chama **cachaça**. Em outra pequena quantidade dela, batem dois ovos, é tomada aquela beberagem, vomitam um dia inteiro. Os índios, para moderar os frios ao princípio dos paroxismos, gritam que se lhes dê pimenta da Índia em aguardente de uva. O que digo do curativo da cotidiana, entendam-se também das outras intermitentes.

Terçã

Dá-se-lhe este nome porque repete em dias alternados, isto é, um dia sim e outro não. Faz-se consistir o seu caráter específico na pronta aparição do sedimento laterício ao declinar do primeiro acesso. “As dejeções biliosas”, diz o Dr. Pereira⁶²⁹, “o sedimento laterício, as cores e urinas ictéricas dos tercenários, e os abscessos e gangrenas hepáticas que têm mostrado a dissecação dos cadáveres, provam que a afecção do fígado é a origem dela”. Quanto às suas causas, são as mesmas que as das outras intermitentes.

Sintomas da benigna

Vejam-se os que acompanham a cotidiana, e acrescentem-se os que acima transcrevi de terem os tercenários

- a) cores ictéricas
- b) urinas ao princípio brancas, incendidas, no estado, e latericias na declinação;
- c) pulso durante o calor duro, contraído, cheio e frequente;
- d) língua áspera e sequiosa;
- e) dejeções biliosas

⁶²⁸ A palavra está ilegível, mas colocamos *losna* seguindo uma lista de ingredientes já fornecidos pelo autor.

⁶²⁹ No original: *As dejeções biliosas / diz o Dr. Pereira / o sedimento...* Não foi possível identificar o nome completo do doutor Pereira.

Ainda que a sua duração costuma (*sic*) ser de catorze dias, com sete paroxismos, não sei quando ela neste país tenha invariavelmente tempo determinado. Eu a padei pelo espaço de três meses, depois de ter padecido, pelo de vinte cinco dias, uma rigorosa cotidiana. O desenhador José Joaquim Freire também padeceu a mesma cotidiana pelo tempo de dois meses, e a terça, pelo de seis, com poucos dias de falha. Dura, esta sezão, 6, 12 e 20 horas e mais, quando o enfermo é pletórico.

Ditos da perniciosa

- a) espasmos e dores excessivas
- b) delírios, afecção soporosa (*sic*) e síncope
- c) hemorragias, coliquações.

Prognóstico

A terça legítima não é febre perigosa, antes, regularmente é saudável, e muitas vezes tem servido de livrar de algumas enfermidades habituais. Contudo, não se deve deixar sem remédio, para se não inveterar e aumentarem-se as forças, ou da inflamação ou da putrefação. Os acessos demasiadamente longos, as repetições irregulares e as intermissões, acompanhadas de dores de cabeça dão muito que recear. A perniciosa é de grande perigo se se não atalha logo, suspendendo, pela administração da quina, a rapidez da putrefação.

Curativo

Europeu

Não está todo o ponto, como cuidam os empíricos, em purgar logo aos enfermos e enchê-los de quina. Pelo contrário, se se suprime a terça antes de tempo, ela se reproduz segunda vez ainda mais forte do que da primeira. Mais: que a supressão intempestiva tem causado hipocondrias, escorbuto⁶³⁰ e outras enfermidades. Recomenda-se, em boa medicina, que de nenhuma forma se precipite o seu tratamento, deixando antes passar os primeiros acessos sem que se lance mão dos específicos, não somente para se assegurar

⁶³⁰ Doença conhecida como “mal de Luanda” e “mal das gengivas”, era provocada basicamente pela carência de vitamina C e pela salinidade dos ares marinhos. Além de inchar as gengivas, os “escorbutados” apresentavam inflamação nos joelhos e pernas, e forte dor no peito. (cf. VAINFAS, 200, p. 204).

o assistente do caráter e da natureza da febre, mas também para observar se é à sangria ou ao emético que se deve recorrer.

Já em outra parte se disse, que epidemias há, onde o acesso da terçã é o princípio da maligna. Reconhecendo-se que a inflamação predomina, fazem-se duas sangrias antes de se recorrer aos eméticos e purgantes brandos, e segue-se com os diluentes e os refrigerantes. Prescreve-se-lhes fora do acesso o uso das limonadas e do ponche. Observa-se que para este gênero de febre o melhor veículo da quina é o sumo de limão ou de laranja agra, usando-se de limonadas quinadas. A quina só tem lugar depois das evacuações. A mudança de ar e o exercício tem curado a muitos. Há quem, sobre todos os específicos da terçã, dê preferência à água pura, bebendo-se copiosamente por 3 até 4 dias, sem outro algum alimento. Eu o não tenho experimentado. Pelo que respeita à dieta, veja-se o que se disse da que pertence à cotidiana. Ainda que se suspenda a terçã, nem por isso se suspende logo ou o regimento de boca ou o uso da quina. Antes, importa muito repeti-la em todas as conjunções da lua pelo tempo de um mês, para evitar a recaída.

A perniciosa não espera pelas evacuações, como a benigna, para receber a quina. Tanto erro é antecipá-la nesta como deferí-la naquela. Antecipa-se na dose de uma onça entre uma e outra sezão, tomando-se a dose ordinária de 1/8 de duas em duas horas. Outros a tomam toda junta, e ainda mesmo na sezão, depois de passado o frio. Ajunta-se-lhe o ópio e o nitro, quando é convulsiva, os vesicatórios devem ter lugar nas afecções soporosas (*sic*). As que produzem hemorragias e coliquações requerem a quina misturada com a terra lemnia, a pedra ume, o vitriolo, etc. Terminada a perniciosa, então se devem de fazer as evacuações que, pela urgência dos sintomas, se deixaram de fazer a tempo.

a) Americano

O mesmo que o da cotidiana.

Quartã

É a que se repete de quatro em quatro dias, sendo os dois intercalares de descanso. Pretende-se que toda a sua inflamação e putrefação resida no sangue, em ele sendo melancólico e atrabilar. E, com efeito, se observa que os melancólicos velhos e os

obstruídos são os mais sujeitos a ela. Fala-se da quartã essencial, e não da sintomática, procedida da afecção venérea, do escorbuto, da caquexia, etc.

Sintomas

- a) frio extenso e molesto
- b) a cor da face achumbada
- c) apetite extremo
- d) pulso duro, na progressão do paroxismo, grande, veloz e desigual.
- e) calor e sede
- f) o sangue que se tira pela sangria, coberto de uma crosta amarelada ou esbranquiçada
- g) urinas tênues
- h) terminação por suores, que ora são mais, ora menos copiosos, por dejeções denegridas ou por algum fluxo hemorroidal, quando na sua duração.

NB.

Que, ainda que diga Sydenham⁶³¹, que ela se não cura em menos de seis meses, que é o mesmo que diz o Dr. Pereira, assegurando ter observado algumas de vinte anos, assim como nas Obras de Blow⁶³² se lê a história de uma quartã que durou outros vinte, não é regra esta tão geral⁶³³ que lhe não saiam a encontro muitas exceções. É verdade que o que algumas (...) parece uma suspensão do seu curso, não é mais que uma longa intermissão, como provam as recaídas. Porém, também é verdade que na maior parte delas é culpada a transgressão do regimento, por se impacientarem os enfermos com a severidade da dieta.

⁶³¹ Os principais estudos de Sydenham sobre as febres foram: "Da febre depurativa que reina na Inglaterra em 1661, 62, 63 e 64", "Da febre pestilencial dos anos 1665 e 1666", "Das febres intermitentes", "Das febres estacionárias dos anos 1684 e 1685", "Da febre vermelha". (cf. SYDENHAM, 1784).

⁶³² Não foi possível identificar as "Obras de Blow". De todo modo, as várias indicações de leituras demonstram que Ferreira estava afinado com as teorias médicas mais recentes que vigoravam na Europa. No caso do autor citado, talvez o escrevente tenha grafado o nome errado. Há um autor médico, o escocês John Brown (1735-1788), que pode ser o citado "doutor Blow", para quem a vida seria resultado da ação de estímulos externos, ou excitação, e que dividia as doenças em dois grupos: as *estênicas*, surgidas do excesso de estimulação sistêmica, e as *astênicas*, resultantes da ausência destes estímulos. Brown defendia a quantificação dessa excitação, que acreditava poder calibrar matematicamente, utilizando-se de uma escala como a de um termômetro. Seu esquema permitia que a medicação fosse bastante reduzida, pois as drogas deveriam estimular, em caso de doença "astênica" ou acalmar, em caso de doença "estênica". Utilizava principalmente opiácios e álcool. Seu sistema, o "braunianismo", não foi muito bem recebido na França e na Inglaterra, mas teve muitos adeptos na Itália, Alemanha e Estados Unidos. (Cf. LINDEMANN, 2000).

⁶³³ "regra esta tão geral": acima de cada uma das palavras Ferreira assinalou números, talvez com a intenção de mudar sua ordem. Acima da palavra *regra* há o número 5, de *esta* o número 4, *tão* o número 2 e *geral* o número. A frase ficaria: "Não é tão geral esta regra".

Prognóstico

A quartã legítima, sendo tratada sem impaciência, por mais longa que seja a sua duração, não oferece perigo que recear. Algumas queixas se têm desvanecido com ela, como são a obstrução, a epilepsia, a hipocondria, a gota e outras. Diz-se que os que a padecem vivem muito. Tudo ao contrário do que sucede em a suprimindo intempestivamente ou cometendo-se excessos e irregularidades enquanto ela dura. Então, ela mesma produz a hipocondria, a icterícia, a hidropsia, as obstruções cirrosas, etc.

Curativo

a) Europeu

Consiste em ter o olho atento sobre o efeito que sucede nos dias de descanso. Porque, se o enfermo se sente vigoroso e restabelecido, de nenhuma forma se deve logo proceder a uma supressão intempestiva; antes deixá-la depurar o sangue enquanto ele mostrar que necessita daquela depuração. Não assim, se os efeitos que mostra a observação são opostos aos indicados, então é que têm lugar a repetição dos eméticos e purgantes dados no dia da quartã, seis horas antes do acesso, precedendo aos febrifugos, os diluentes e os temperantes, e subministrando-se a quina ou como **curativo**, nunca antes da aparição do sedimento laterício, no que convém com a cotidiana, ou como **preservativo** até seis onças ao todo, tomadas na dose de uma oitava por cada vez, nos dias dos aspectos lunares.

NB.

A cotidiana, a terçã, e a quartã descritas são as que se dizem **símplices**, porque não têm mais que um período dentro nos termos de suas repetições (...) (...) elas o duplicam, então se dizem **dobles**. A cotidiana se dobra quando, no mesmo dia, e sem ainda ter terminado o primeiro acesso, sobrevém o segundo, com segundo frio. Pela mesma forma, a terçã é doble, quando no segundo dia que devia ser livre, sobrevém nova febre, com os sintomas e horas correspondentes à do quarto, ficando a do primeiro dia correspondendo à do terceiro. Ultimamente a quartã se duplica todas as vezes que ao segundo dia sobrevém uma sezão, que corresponde à do quarto. Elas não somente se duplicam, mas também triplicam e seguem outras variações, que tanto mais instantemente pedem um pronto socorro, quanto mais perigo anunciam, em cujos

termos as assentam os práticos que “nem se mudem as indicações, nem os remédios, mas que se acelere o seu uso” e se aumentem as suas doses.

Remitentes

São umas febres estas que desde que principiam até que acabam, jamais se despedem e deixam livres aos enfermos. Parecem-se com as intermitentes porque principiam, como elas, por frios, aberturas de boca, espreguiçamentos etc. Porém, como não têm verdadeiras intermissões, nisso diferem delas. Semelhantemente, como em umas horas se aumentam e em outras se diminuem, nisso diferem das continentes. Participam, portanto, da natureza de umas e de outras e, conseqüentemente, são umas febres complicadas, que se devem regular por uma sábia escolha de remédios sobre a variedade das circunstâncias emergentes. Pela ordem de seus crescimentos e declinações, distinguem-se nelas a cotidiana, a terçã, e a quartã. Ultimamente, as intermitentes muitas vezes degeneram em remitentes e, estas, naquelas.

Sintomas

Vejam-se os que se têm notado nas intermitentes, juntamente com o que acima fica dito, advertindo-se porém que:

- a) o frio que precede esta febre é ligeiro
- b) o suor que a termina é copioso
- c) na remitente irregular costumam aparecer alguns vômitos, diarréias, convulsões e dores semelhantes às pleuríticas e reumáticas

Prognóstico

Da remitente regular prognostica-se o mesmo que da intermitente. As suas crises são por urinas, cursos e suores. A irregular corre perigo de se fazer inflamatória, e degenerar em maligna. Quando corresponde à quartã, nenhum cuidado pareça demasiado, porque pode degenerar em febre lenta, marasmo e hidropsia.

Curativo

A sangria e o emético convém muito ao princípio da enfermidade. Prossegue-se felizmente com os ligeiros diaforéticos, os diluentes, os temperantes e os amargos. Sobre a quina, já repetidas vezes tenho dito que, para não fazer mal, em vez de bem,

supõe, em via de regra, que estão feitas as evacuações universais. Por este método, se convencerá a gente preocupada que o que se imputa ao seu uso deve imputar-se ao seu abuso. O que dela disse o Dr. Pereira é o que lhe mostrou uma experiência consumada, e como não é obra aquela que por aqui se tenha visto, leia quem quiser aos parágrafos que julguei necessário transcrever do seu “Método de usar da quina”.

Obstrução

Eis aqui uma das enfermidades em que degeneram as intermitentes, quando ou se não faz caso delas ou se tratam mal, pelo abuso dos febrífugos e outras muitas desordens, excessos que se cometem durante o seu curso. Viu-se, pelo que fica dito, o que eram aquelas febres; agora se verá o que é a **obstrução**. Sempre, diz Heister⁶³⁴, que o líquido sanguíneo e linfático, destinado a circular permanentemente por todos os vasos e condutos do corpo humano ou se encalhe nas extremidades arteriosas ou não possa, em razão de sua viscosidade ou por falta do devido movimento, separar as partes úteis ou expelir as inúteis, pelas glândulas destinadas a um ou outro ofício, em conformidade das leis naturais mecânicas, então deve resultar a obstrução, da qual depois dependem muitos e diferentes males...⁶³⁵ Para que não haja embaraço algum na saúde, é preciso que a força **impelente** e **expelente** seja bastante vigorosa, e que as partes que devem franquear o passo aos fluidos, como também estes, que devem transitar por aquelas se achem em uma boa disposição, porque se a liberdade de ir e voltar se estorva aos líquidos, que devem continuamente mover-se, necessariamente deverá seguir-se obstrução. De maneira que a causa de tudo isto ou consistirá no **movente** ou nos **canais** ou nos **humores**, que devem circular ou em todas estas diferentemente combinadas. De onde se segue que sendo os embaraços e encalhes que constituem a obstrução ou **sanguíneos** ou **linfáticos**, de cada um deles se deve aqui produzir uma idéia distinta e separada.

Sanguíneos

Ocupam principalmente o pulmão, o fígado, os seus ataques são rápidos e comumente acompanhados de dor e de um calor particular a esta espécie de encalhe.

⁶³⁴ Referia-se a Lorenz Heister, médico e cirurgião alemão (1683-1758). No original: *Sempre / diz Heister/ que o ...*

⁶³⁵ Reticências no original

Atacam a gente moça e os pletóricos, nos quais se verificam mais ou menos as suas causas próximas e remotas.

Causas:

- a) plenitude de vasos dependente de muitas causas, que podem ser,
- b) supressão de fluxos de sangue habituais
- c) vida ociosa e poltrona
- d) excandescência do sangue
- e) abuso do vinho e dos licores espirituosos

Sintomas

NB. Que os dos encalhes sanguíneos, quaisquer que eles sejam ou do peito ou do ventre, todos se equivocam com os da inflamação. Pelo que não são tão fáceis de conhecer, como se pensa. Quanto ao assento do encalhe, alguns sinais há que ajudam a conhecê-lo. A opressão, por exemplo, indica o encalhe do pulmão. A dificuldade de engolir, indica o da faringe e do esôfago, etc.

Prognóstico

O simples encalhe sanguíneo muitas vezes chega a dissipar-se em 24 horas, no que difere da inflamação, que tem de terminar-se ou pela resolução ou pela supuração, no que se passam até 7 dias e mais. Contudo, de se não fazer caso dele, ou de o tratarem mal, o que resulta é degenerar em inflamação, obstrução cirrosa, etc.

Curativo

Se eles dependem da linfa e não de outro qualquer humor, é questão à parte, com que se não envolverá este artigo. Sabe-se que ordinariamente ocupam as glândulas e as vísceras, e em todas elas se formam obstruções, porém mais frequentemente no fígado e no baço. Estas abundam de vasos, onde entram muitos que são pequenos e estreitos, e por qualquer leve causa se obstruem e ficam entupidos. São sujeitos a elas os melancólicos, os fleumáticos, os caquéticos, etc.

Causas

degeneração de

1. caquexia
 2. encalhes sanguíneos
 3. inflamação
 4. febres intermitentes
 5. estancamento de fluxos e outras quaisquer perdas de sangue habituais
 6. erupções recolhidas
- (b) falta de exercício, como a que se nota nas (*sic*) gente literata, nos encarcerados, nos que andam longo tempo embarcados, nos obesos.
- (c) meditações assíduas e todo gênero de trabalho e de inquietação de espírito.
- (d) digestões viciadas
- (e) alimentos grosseiros, e em tudo semelhantes aos que constituem o cotidiano passado dos habitantes de Mato Grosso. Quero dizer, a farinha, ou o biscoito de milho, socado depois de amolecido e entrado em fermentação dentro em água, onde adquire um cheiro e sabor azedo. O mesmo milho cozido em grão e sem sal, que é o que já disse, que se chamava canjica. O feijão cozido com demasiado toucinho, comumente mais salgado, por ser excessivo o preço deste gênero. Pela mesma forma, a carne de porco, que é a que chega a todos, porque todos tratam daquela criação para com ela suprirem a falta da carne de vaca, ou fresca ou muito mal salgada e seca ao sol. A batata, o cará, o inhame, o aipim e outras raízes flatulentas que se cozem para se comerem, ou simples ou misturadas com mel de engenho.
- (f) abuso de bebidas nutrientes, como são o chocolate ou geléia de mãos de vaca, o mesmo leite bebido assiduamente em copiosas porções ou ainda tépido, assim como o mungem das vacas, ou frios e quase sempre engrossado com um punhado de farinha de milho.
- (g) águas empoçadas e lodosas, principalmente as argiláceas, que se bebem impuras como se tiram das margens dos rios, dos ribeiros, dos lagos, onde se despejam muitas imundícies, e nem sequer praticam a cautela de as coarem antes de as beberem.
- (h) cotidiana umidade, como a que experimentam os habitantes de lugares baixos e úmidos, os oleiros, os escravos das lavras de ouro e todos quantos trabalham com os corpos nus, expostos ao tempo e com as mãos e os pés dentro dentro de água. Pisam na terra fria com os pés descalços, não estando acostumado.

Enxugar a roupa no corpo, ou deitar-se molhado. Dormir descoberto em macas, exposto ao sereno da noite, etc.

Sintomas

- a) face desfeita em a maior parte dos obstruídos, descorada, pálida ou de uma cor amarela e esverdeada, como a da cidra, se a obstrução estendendo a algum ducto biliar. Outrossim, mostram o rosto desfeito, porém as maçãs encarnadas. Muitos o apresentam inchados, como os pés.
- b) olhos pálidos por dentro e inchados por fora.
- c) boca seca, língua saburra
- d) sentimento de peso e de gravagem nos hipocôndrios e na região do estômago e do fígado, logo depois que se come.
- e) uma dor surda na parte obstruída, que se aviva mais pelo tato
- f) elevação e dureza das vísceras obstruídas, porém:

NB.

1º. que elas nem sempre aumentam de volume; antes, algumas vezes, diminuem e se dessecam, como sucede ao fígado

2º. que da mesma elevação e dureza, qualquer que ela seja, ou do **fígado** ou do **baço** ou do **mesentério**, também nem sempre se pode ajuizar pelo tato, como v.g. em sendo o sujeito obeso, em se aprofundando mais a obstrução, em ela achando muito no princípio.

3º. que fora destes casos, em toda a gente magra mais facilmente se apalpa a referida dureza, ou como diz o vulgo, a **tábua** que a oprime. Porque então a dor ou a dureza que aparece, quando da parte direita se apalpa brandamente o vão que medeia entre as costelas mansas e o estômago, junto da arca do peito, estando o enfermo em jejum e deitado de costas com as pernas encolhidas, manifesta a obstrução do **fígado**; a da parte esquerda indica a do umbigo, e sua circunferência, a do **mesentério**.

g) ânsias e palpitações do coração ou da região do umbigo, a que no Pará se chama **purua-titica**.

h) fastio e digestão laboriosa

i) opressão e cansaço ao menor exercício no andar e muito mais no subir, donde resulta inclinação à preguiça e complacência em estar deitado e sentado. etc

- l) respiração contraída e acompanhada de tosse, quando padece o fígado ou o baço⁶³⁶
- m) pulso quase sempre febril, porém mais depois de comer
- n) pés inchados
- o) urinas descoradas ou biliosas, por afecção icterica
- p) fluxos do ventre da mesma cor que as urinas

Prognóstico

A obstrução que se reconhece logo ao princípio é fácil de remediar-se. A inveterada e cirrosa é das mais rebeldes enfermidades que se oferecem a tratar. Oprime as partes vizinhas e excita nelas inflamações, supurações, gangrenas, etc. Contudo, vê-se por todo o Brasil viver longo tempo com esta enfermidade, em se lhe fazendo seu tal ou qual tratamento. Os cirros⁶³⁷ do baço são menos perigosos que os do fígado e do mesentério. Os que aumentam o volume da parte, e os dolorosos, são mais fáceis de curar que os seus contrários. Os que manifestam uma dureza grande sem alguma dor, são incuráveis. De sua incurabilidade se segue a atrofia, a hidropsia, etc.

Curativo

a) Europeu

Pede esta queixa um tratamento sábio e moderado. Examina-se logo ao princípio se o enfermo estava habituado a alguma evacuação de sangue, como por exemplo, o fluxo hemorroidal, a pensão lunar nas mulheres e que esta se lhes suprimisse, de onde seja factível que proceda a sua enfermidade. Porque, nesse caso, aproveitam poucas e pequenas sangrias (...) sim se já ela se tem feito cirrosa, tenha ou não procedido da referida supressão. Adietam-se os obstruídos com alimentos simples e de fácil digestão, fazendo as devidas reservas, tanto sobre a qualidade como sobre a quantidade de alimento.

Tem-se um particular cuidado na pureza da água que se bebe, ou seja da chuva ou da fonte ou do rio. Sendo do rio, manda-se encher o pote ao fio da correnteza, e não nas suas margens, que sempre são impuras e lodosas, e ainda isto não basta, porque em não

⁶³⁶ O escrevente saltou a letra “j”.

⁶³⁷ Plínio chamava “cirros” aos tumores duros, que considerava serem formações de humor melancólico, grosso e pastoso, que havia se acumulado em determinada parte do organismo. Alguns deles eram tumores cancerígenos. (cf. DUARTE, 1956, p. 349).

havendo outro meio, ou seja, para a **destilação** ou para a **transcolação**, coa-se qualquer que ela seja por um retalho de baeta que se põe sobre um guardanapo de linho ou de algodão fino, atado na boca de um pote onde ou por si ou por algum precipitante, se deixa assentar de um para outro dia algum pó sutil que possa ter escapado. Também se ferra a que se bebe durante o uso dos tónicos. Empregam-se os eméticos e purgantes brandos, e não os irritantes. Tomam-se muitos diluentes, temperantes, hepáticos e aperitivos, a tisana de cevada com raiz de chicória e de almeirão, o soro de leite com sumo de grama, o aipo, o eringio, a escolopendra e o mastruço, o ruibarbo e o aloés⁶³⁸, o sal bórax e dito amoníaco, o tártaro vitriolado, o sal de duobus, etc.

Um cozimento que aproveita muito o bebê-lo tépido, por 6 até 8 dias depois de tomados os purgantes, bebendo-o o enfermo duas vezes ao dia, de manhã em jejum e de tarde, ao por do sol, é o que se faz pela maneira seguinte: de raízes de salsa das hortas, funcho⁶³⁹, artemísia, grama, borragens e aipo, de cada uma duas onças. Folhas de agrimônia, douradinha, borragens e hissopo, de cada uma onça e meia. Fervem-se em duas canadas de água até ficarem em uma, e coado tudo, se lhe ajunta meia libra de açúcar, com que continua a ferver até diminuir meio quartilho, e segunda vez coada se lhe ajuntam duas onças de oximel, para se ir bebendo na dose de seis onças por cada vez. Prossegue-se quando é preciso com os incisivos, a goma amoníaca e o sabão, o mercúrio doce, e sobretudo as águas minerais, aonde as há, ou sejam (...) (...) quentes⁶⁴⁰.

Ultimamente, o ferro só tem lugar depois dos remédios acima, e de estar bem adiantada a cura, para se não verificarem as funestas consequências que resultam de se precipitar o seu uso. Algumas obstruções tenho eu curado durante as minhas viagens aplicando aos já purgados e diluídos os remédios da seguinte fórmula: diagrídio e açafraão⁶⁴¹, de cada um, grãos doze, calamulanos, oitava meia, olhos de carangueijo, quina, canela em pó e sal de losna, de cada uma oitava uma, *crocus martis aperientis*⁶⁴², oitavas três, xarope comum quanto baste para fazer massa, que se reparte para nove vezes em doses iguais, entremeando, se assim é preciso, dia de descanso. Recomenda-se como muito necessário o moderado exercício de pé, e ainda melhor, o de à cavalo. Pelo

⁶³⁸ Babosa, conhecida dos portugueses por “azebre”.

⁶³⁹ Erva doce, *Foeniculum vulgare*, Hill. Fazia parte de um “atrifal”, juntamente com a salsa e o aipo. “As folhas do funcho fortificam e aclaram a vista; a raiz é aperitiva e purifica o sangue; a semente é carminativa, ajuda a digestão e expulsa os flatos”. (BLUTEAU, 1720).

⁶⁴⁰ Há duas palavras muito riscadas, ilegíveis, e à margem direita, e na mesma altura, Ferreira anotou: *a que chamam caldas ou frias*.

⁶⁴¹ Já utilizado desde os faraós como medicamento.

⁶⁴² “Açafraão de marte aperiente, sesquióxido de ferro hidratado. Internamente, como antianêmico; externamente, no tratamento das úlceras átonas”. (LIMA, 1949, p. 12)

que respeita aos medicamentos externos, algum proveito se pode tirar dos banhos e das fomentações emolientes⁶⁴³ e ainda que pouco se deva esperar dos tópicos resolutivos, também não há coisa que encontre o seu uso.

b) Americano

Que nem os índios nem os negros façam caso algum desta queixa quando ela está no seu princípio ou ainda nos termos de dissipar-se, passe que assim suceda porque, enfim, não entendem mais. Porém, que os mesmo brancos não olhem para ela como enfermidade de consequência, podendo ela tê-la bem funesta, em se não atalhando a tempo, descuido é este que bem merecidamente o pagam com a própria morte. Quando a maior parte deles se lembra de tratar dela é quando já está cirrosa e reduzida à notória incurabilidade. Assim se está vendo que principalmente os índios remeiros que voltam desta para a capitania do Pará depois de aqui terem estado algum tempo, ali vão morrer nas suas povoações de obstruções cirrosas, que terminam por marasmos, hidropsias, etc. O que lhes não sucederia se se curassem à tempo de poder aproveitar-lhes o curativo do país. Também nele algumas vezes se sangra, quando tem precedido supressão de evacuações habituais e não estando a obstrução adiantada.

Abstêm-se os obstruídos de alimentos grossos e flatulentos, o **angu** de milho, o feijão, a canjica, a carne de porco, o toucinho, etc, e a fazem se enquanto enfermos a uma dieta líquida. Aos bebedores de cachaça, ou de outra qualquer aguardente seriamente se lhes adverte que se abstenham dela, porque de semelhante bebida se formam muitas obstruções, e depois de formadas passam a hidropsias que se terminam com a morte. Uma vez que se abstenham dela e de Vênus, purgam-se primeiramente com um até dois vomitórios ou de cinco até seis grãos de tártaro emético, se é pessoa robusta e de menos porte, ou de 40 até 60 grãos de ipecacuanha conforme a constituição do sujeito e o estado das primeiras vias.

Quero dizer que em se não removendo com o primeiro vomitório, o fastio e os amargores da boca e o enchimento e a dureza do estômago, então se repete segundo. Porém, tendo-se obrado bem com o primeiro, de maneira que fique evacuada a primeira região, segue-se algum purgante de ruibarbo e ainda mesmo de jalapa em pó, desfazendo-se em meia tigela de água morna ou de caldo de galinha, a mistura de duas oitavas de qualquer dos sobreditos purgantes, com duas colheres de melado fino para se

⁶⁴³ Substâncias com a propriedade de amolecer crostas, aplicadas principalmente na forma de clistéis.

tomar por duas ou três vezes em dias alternados. De então por diante, principia a bebida de algum cozimento desobstruente que se proporciona às circunstâncias do enfermo. Tais são os que andam receitados em alguns tratados médico-cirúrgicos que sobre o curativo das enfermidades do Brasil têm escrito alguns cirurgiões mais e menos iluminados. O cozimento que mais comumente se pratica é o que se faz de uma pequena raiz de **capeba**, que é a mesma planta a que os índios do Pará dão o nome de **yaguira-caá**, e os daqui **pariparoba**⁶⁴⁴, duas ou tres raízes de salsa da horta que ainda não esteja espigada, uma de funcho, e as de um pé de artemísia. Põem-se a ferver em coisa de tres frascos de água que se deixa evaporar até ficar em um, e se coa, para se ir bebendo dela.

Bebe-se este cozimento tépido e adoçado com duas até três colheres de mel de pau, na dose de seis onças por cada vez, uma de manhã em jejum, e outra de tarde ao por dos sol, por espaço de 6 até 8 dias⁶⁴⁵, etc. A mesma água que se bebe por via de dieta é a em que se coze um molho de raízes de **sapé**, grama bem conhecida em todo o Brasil ou a raíz de⁶⁴⁶ **abútua**⁶⁴⁷, juntamente com a da capeba, lançando-se na porção que se bebe, de cada vez, cinco ou seis gotas de tintura de Martis, quando a há, ou de espírito de cochleária. Faz-se exercício, no entretanto, que se bebe o frasco do primeiro cozimento e, lindo ele, repete-se outro purgante para evacuar os humores diluídos. De maneira que, tomado o primeiro frasco, repete-se o segundo depois do evacuante, procedendo-se por esta forma até se desvanecer a obstrução, com a diferença somente de se mudar de purgante quando sobrevém excandescência, porque então se lança mão do sal catártico em soro de leite, etc. Ao mesmo passo que se vão dando os purgantes e os diluentes, ajuda-se a natureza com algum cristel laxante, e quem quer, fomenta a parte obstruída com algum dos diversos linimentos que para esse fim têm receitado os autores de algumas obras vulgares. Sabe-se que as pilulas que receita o autor do **Governo de Mineiros**⁶⁴⁸. Miserável da gente pobre e, principalmente, dos índios e

⁶⁴⁴ No original: *...raiz de capeba /, que é a mesma planta a que os índios do Pará dão o nome de yaguira-caá, e os daqui pariparoba / duus...*

⁶⁴⁵ Após a palavra *dias* há um asterisco. Na mesma altura, na margem esquerda, Ferreira escreveu: (...) (...) *mandaguari*, etc. *O de mombuca é muito (...) é a se (...). A imirim dá bom mel, porém pouco.* As palavras seguintes, cerca de 10, estão ilegíveis. As anotações feitas na margem direita também estão ilegíveis, por borradas.

⁶⁴⁶ A linha seguinte a esta, no documento corresponde ao final da página, e nesse espaço Ferreira escreveu: *sempre que nesta obra se tratar de mel de pau entenda-se do que por aqui se chama de jataí ou manda-saia +. Sabendo que em todo o Brasil há muitas castas (...) (...) as mais delas ainda são (...) são venenosas por causa disso (...). A parte final do papel foi corroída.*

⁶⁴⁷ Em seguida à palavra *abútua* Ferreira adicionou um sinal +, e na margem esquerda, à mesma altura escreveu: *por outro nome parreira brava.*

⁶⁴⁸ As quatro linhas seguintes foram riscadas, e Ferreira acrescentou, na margem direita: *são as seguintes: de azebre (...) e goma amoniaca, de cada um uma oitava, diagridio (...) e crocus martis aperientis, de cada um meia oitava, re, almácea e açufrão de cada um doze vinténs de peso que (...) (...) mercúrio doce bem dulcificado meia*

negros escravos, que em toda a parte por onde tenho andado, passam por mil extravagâncias. De alguns, tenho sabido que, pelo espaço de dois (...) (...) (...) (...) ⁶⁴⁹ a beber outro remédio mais que o de duas partes de sua própria urina fresca com uma de mel de pau, para cada vez que o deviam tomar, uma de manhã, e outra à tarde. Quando muito, com ele se adoça o cozimento da raiz de capeba para o beberem, e se lhes subministram alguns clistéis purgativos ⁶⁵⁰. Receita-se-lhes a **garapa**, que prescreve o sobredito autor, e sem mais custo se dá por concluída a sua cura ⁶⁵¹.

Hidropsia

Consiste esta enfermidade ⁶⁵² na estagnação que faz a serosidade do sangue em alguma parte ou cavidade do corpo. Conforme é a parte ou cavidade do corpo, conforme é a parte em que ela se faz, assim toma diferentes nomes. Chama-se **anasarca** a que ocupa a membrana adiposa e se difunde por todo o hábito do corpo. **Ascites** é a do ventre, a qual ou é solta ou **enquistada**. Estas, e não outras espécies de hidropsias são as que fazem a matéria deste título.

Causas da anasarca

Degeneram nela outras muitas enfermidades de diferente caráter e natureza, ou sejam **agudas** ou **crônicas**. Vê-se que assim também se terminam.

- a) as febres malignas, ardente e quartã
- b) as hexigas e o sarampo
- c) as obstruções inveteradas
- d) a caquexia
- e) a icterícia

oitava (...) que tudo se (...) em pó e (...) quanto (...) (...) (...) (...) (...) (...) pilulas que se tomam por 4 vezes. O restante do texto, cerca de 15 palavras, está ilegível.

⁶⁴⁹ As palavras estão ilegíveis, manchadas pela tinta da página anterior.

⁶⁵⁰ Em seguida à palavra purgativo Ferreira acrescentou um asterisco e, à mesma altura, na margem esquerda, anotou: *os que mais alguns tratos lhes dão são os que fazem preceder de um até dois (...) (...) desfazendo-o com (...) (...) em meia tigela de água morna a mistura de duas oitavas de jalapa com duas colheres de melado fino para a tomarem por duas ou tres vezes entremeando dia de descanso. (...) (...) + Toma-se uma (...) da (...) (...) (...) (...) (...) (...) (...) (...) (...) água No mesmo barril se despeja e (...) (...) para em algum tacho de uma mão cheia de raiz de (...) de raiz de salsa das hortas e despejado ele (...) libra e meia de escumalha de (...) ou (...) (...) (...) depois da (...).*

⁶⁵¹ Após a palavra cura há o sinal +, seguido do seguinte, acrescentado por Ferreira: *Outros nem isso lhes fazem.* Em seguida há uma linha onde as palavras foram riscadas. e o texto continuou, ocupando também a margem direita: *chamam-nos para suas cozinhas aonde lhes dão a comer o mesmo que comem seus senhores. E o caso é que assim se curam alguns, como tenho visto, principalmente os que por causa da alimentação padecem semelhantes queixas.* Há ainda na margem direita um outro pequeno acréscimo: *(...) (...) deitar dentro do barril (...) duas (...) cada (...) esta (...).* As últimas palavras estão ilegíveis.

⁶⁵² As palavras esta enfermidade estão riscadas.

- f) o escorbuto
- h) a gota⁶⁵³
- i) a asma
- l) imoderadas evacuações de sangue⁶⁵⁴
- m) antigos fluxos do ventre
- n) supressão intempestiva de evacuações habituais
- o) erupções cutâneas recolhidas
- p) fontes tapadas ou algumas chagas e fistulas.

Ultimamente nela vem a parar os cirros e tumores internos, os abscessos, chagas etc. Porém, além destas, outras muitas causas a produzem como são:

- q) fazer vida sedentária
- r) habitar em lugares úmidos⁶⁵⁵
- s) demasiar-se em bebida, como fazem os bebedores de profissão, ou seja, ou de vinho, ou de aguardente de uva ou de cachaça
- t) enxarcar-se de água a miúdo, etc.

Sintomas

- a) palidez nos olhos, na face e em todo o corpo
- NB.

Que também algumas donzelas a tem, os caquéticos, os valetudinários etc e nem por isso estão hidróticos.

- b) lentidão no pulso, que ordinariamente é pequeno, e para as tardes febril.
- c) Inchação, primeiramente nos pés, que ao princípio se dissipa todas as manhãs, e ao depois vai subindo pelas pernas até aos joelhos, e dali por todas as mais partes do corpo, sem algumas vezes escaparem o escroto e o pênis.

NB.

1º. Que a muitas pessoas incham as pernas, como são as que estão muito tempo de pé, as que fazem longes viagens à cavalo, os convalescentes, as donzelas que padecem cores pálidas, as mulheres pejadas e os velhos, sem que padeçam hidropsia.

2º. Que quando da ascites procede a anasarca, podem inchar a face, os braços e o ventre, primeiro do que as pernas.

⁶⁵³ Não há o item "g"

⁶⁵⁴ Não há o item "j".

⁶⁵⁵ Após a palavra *úmidos*, Ferreira acrescentou: *e impuros, como são as casas subterrânea, enxovias, etc.*

- d) respiração mais ou menos difícil e em alguns casos acompanhada de tosse e de sede.
- e) supressão de suor ou se o há é muito raro
- f) urinas poucas e brancas; outras vezes são turvas e tintas, de cor açafroada.

Prognóstico

A anasarca que procede de alguma grande evacuação de sangue, acidental ou de outro algum sucesso, não é difícil de dissipar-se. Ainda a que procede de evacuação habitual suspendida ou erupção recolhida, em ser mais difícil que a primeira, nem por isso dá o último cuidado. Também o não dá a em que degenera a enfermidade aguda, a febre intermitente etc, contanto que o enfermo não seja velho, nem falto de forças e de boa constituição. A que sobrevem à enfermidade crônica, e tem seu assento nas entranhas viciadas, é quase sempre incurável. Também o é a dos velhos, que se alguma vez restabelecem, com facilidade recaem. Para as que são curáveis, servem de bom prognóstico o ptialismo, isto é, a salivação natural e abundante e a diarréia (...) princípio da hidropsia, não na (...) é inveterada.

Curativo

a) Europeu

Aos que são moços e bem constituídos, pode ser útil a sangria ao princípio da enfermidade. Quando tem havido supressão de mênstruo ou de fluxo hemorroidal, ela não somente é útil, mas também necessária. Fora destes casos, sempre traz funestas consequências, e se ela as traz de si própria, que se dirá das que são numerosas e excessivas! Dir-se-á que essas, muitas vezes têm causado as mesmas hidropsias. Os eméticos a todo tempo são úteis, contanto que primeiramente se consultem as forças do enfermo. Da mesma sorte, os purgantes, ainda na hidropsia inveterada, alguma utilidade causam, e quando se vê que não causam, excusado é repetí-los e debilitar, por esta forma, a natureza. Depois de longas intermitentes, é desnecessário o purgar.

Aos que precisam disso, receita-se-lhes a jalapa, o ruibarbo, a raiz do íris, o rom, o diagridio, o mercúrio doce etc. Dos aperitivos já fica dito no título da obstrução, que são os que desobstruem os vasos. Dos diuréticos, é preciso dizer que são os que merecem a preferência, por depurarem o sangue da serosidade supérflua. Para esse fim, se receitam

as raízes de chicória, de cerfolho⁶⁵⁶, de rabão⁶⁵⁷ de briônia e a de scilla⁶⁵⁸ ou cebola albarrã⁶⁵⁹, os frutos de alkekenge⁶⁶⁰, o nitro, a terra folhada de tártaro, a lixívia das cinzas, de tamarisco, de losna, de zimbro e de vides, o vinho e o oximel scillítico⁶⁶¹, a dose de um escrópulo⁶⁶² de pós de sapo em vinho branco, etc.

Os estomáquicos, os amargos e as preparações do ferro, aonde entram as raízes de álamo e de angélica, as bagas de louro e de zimbro, a cássia lígnea, a escabiora, os jacintos, a noz moscada, a canela, a quina, o crocus martis aperientis e outros fortificantes, aproveitam mais que os purgantes, e muito mais que as tinturas sudoríficas. Uma das ordinárias fórmulas que se encontram por esses manuais de medicina é a seguinte: sumidade de losna vulgar onças duas, raiz de cálamo aromático de genciana e imperatoriana onça uma e meia, de zimbro, onças três, semente de bisnaga, onça uma. Corta-se tudo, pisa-se e infunde-se por 24 horas em oito libras de hidromel ou bom vinho quente, e tem-se bem guardado em uma vasilha tapada para se beber na dose de seis onças por dia, duas pela manhã, em jejum, outras duas uma hora antes de jantar, e as últimas, outra hora antes da ceia. Por outra fórmula se manda infundir em duas libras de vinho generoso três onças de cebola albarrã recente.

Quanto aos diaforéticos externos, eles não têm deixado de provar bem, sendo o suor excitado pelo calor das estufas, pelos banhos de vapores e de areia quente, ou ao sol ou ao forno, pelas esfregações quentes e outros meios. Boerhave aplicava com tópico o sal comum quente. Em alguns autores tenho lido que muitos enfermos seus se deram bem usando muito do alho em todo o seu alimento⁶⁶³. Outros abstem-se por muitos meses de beber água, que foi o modo por que em Vila Bela se restabeleceu de todo o defunto Félix Martins Claro, que era homem de acima de 60 anos, e ao depois faleceu de muito diferente enfermidade. As águas minerais, onde as há, constituem um dos primeiros medicamentos.

Sendo certo que a salivação natural algumas hidropsias tem curado, nenhuma certeza há que possa fazer o mesmo a artificial. Os que se deliberarem a experimentá-la

⁶⁵⁶ Mantido como no original; cerefólio.

⁶⁵⁷ Mantido como no original. Rábano (*Roripa armoracia*, Linn). Raiz crucifera de largo uso na medicina popular.

⁶⁵⁸ Mantido como no original.

⁶⁵⁹ No original *scilla* / ou *cebolla albarrã*; / os...

⁶⁶⁰ Como no original.

⁶⁶¹ Como no original.

⁶⁶² Vigésima quarta parte de uma onça; cada escrópulo continha 24 grãos.

⁶⁶³ Após a palavra *alimento* há um sinal +, e à margem esquerda, na mesma altura, Ferreira acrescentou: *o que sem dúvida (...) aproveita muito (...) de alimentos secos*. As cercas de 10 palavras seguintes são ilegíveis.

saibam que são sialagogas, isto é, que provocam a salivação as (...) do pisetiro⁶⁶⁴, da angélica, do jambu do Pará ou **jaborandi** de Mato Grosso, as sementes de mostarda, o tabaco ou fumado ou mascado, o gengibre, o cravo da Índia, etc. Das escarificações nas pernas, dos cáusticos e dos cautéricos, recomendam os práticos que só no último caso se lance mão, pelo temor da gangrena. A impaciência na dieta logo depois do curativo, e a precipitada suspensão dos remédios, principalmente os aperitivos e os diuréticos, e de quando em quando os purgantes, ocasionam as recaídas, que são quase sempre mortais. Por conclusão do que tenho dito, sem se tirar a causa, não pode cessar o efeito. Quero dizer que, para o curativo desta e de todas as outras queixas, sem se examinar a causa de onde procedem, não se podem radicalmente remediar. Suponha-se que da afecção escorbútica procede uma hidropsia dada. Será, então, preciso aplicar os anti-escorbúticos, e sem eles sairão sempre frustradas, tanto as receitas do assistente, como as despesas do enfermo.

Ascites

Dá-se-lhe, entre o vulgo, o nome de **barriga d' água**. Manifesta-se pela elevação do ventre e flutuação do líquido interior, que inunda as entranhas destinadas à quilificação, no que difere da hidropsia **enquistada** do ventre, porque, então, está o líquido fechado em um saco, como uma hexiga de água, o que se vê na hidropsia da madre, dos oveiros, etc.

Causas

As mesmas que as da **anasarca**.

Sintomas

São principalmente a elevação do ventre, a flutuação do líquido interior e o peso.

NB. Que a **elevação** do ventre e a inchação das pernas, por si somente, são sinais equívocos, porque a ascites pode complicar-se ou confundir-se com a anasarca, com a timpanitis ou hidropsia de vento, com a prenhez nas mulheres e com a mola. Porém, os sintomas de **flutuação** e do **peso** vêm, finalmente, a desenganar do que é. Por mais que se queira dissimular uma prenhez ilegítima, lá se há de vir a descobrir a supressão do mênstruo e movimento do feto, e a elevação, nesse caso, faz-se mais notável na parte

⁶⁶⁴ Como no original.

inferior do ventre do que na superior. Na timpanites se observa que o ventre jamais perde a sua figura e volume, e qualquer que seja a posição que se tome, não se sente flutuação nem peso.

Ditos da hidropsia enquistada do ventre

Também se lhe sente flutuação e peso, sempre que é grande o saco ou a bexiga em que está o líquido. E ainda que nem sempre se sinta a flutuação quando ou a bexiga é pequena ou o líquido espesso, outros sinais há que, juntamente com o peso e com o volume, ajudam a discerni-la. O hidrópico, neste caso, conserva a sua (...) a gordura e o apetite. A inchação do ventre é desigual, e tanto esta como a dos pés, é mais tardia.

Prognóstico

A ascites, no sexo feminino cura-se mais facilmente que no masculino. Comparada com a hidropsia **enquistada**, é menos, e com a **anasarca**, é mais rebelde de se curar. Pelo menos a inveterada reputa-se incurável. Esgotar-se-lhe a água é o menos, porém o deixar ela de se ajuntar de novo, é o mais. A água que depois de feita a punção, sai da cor de urina, anima o curativo, não a que sai limpa e fétida, ou sanguinolenta purulenta, etc Porém, esta é tão rara na ascites, que é solta como ordinária na **enquistada**. Se, depois de esgotado o ventre, ele, ao cabo de 12 ou de 15 dias torna a encher-se, bem pouca ou nenhuma esperança deixa de poder remediar-se. Contudo, alguns hidróticos têm havido, aos quais se fizeram acima de cinquenta operações.

Curativo

a) Europeu

Depois do que fica dito no título da anasarca, não resta mais por dizer senão que a repetição dos eméticos tem lugar ao princípio da enfermidade, quando se não têm feito evacuações e dado purgantes a todo tempo. Os aperitivos e (...) são os principais remédios de semelhante queixa. Os melhores que têm mostrado a experiência são os fortificantes, os amargos e os marciais, acima aplicados para a referida anasarca. Quando nem estes aproveitam, nem os mais ali indicados, nenhum outro recurso há

senão o da operação da **paracentese**⁶⁶⁵. Mas, para que ela produza o devido efeito, é primeiramente preciso que a (...) já a esse tempo se não achem descidas, e, em segundo lugar, que o assistente a faça nos devidos termos.

Primo, comprimindo o ventre à proporção que se lhe esgota a água; *secundo*, conservando-lhe depois de estar esgotada a compressão precisa, o que se executa mediante umas ataduras largas e de muitas voltas, as quais devem passar por entre as coxas de maneira que fiquem as entranhas quase tão comprimidas como estavam antes; *tertio*, reservando antes alguma porção do líquido para a vasar de outra vez, do que esgotando-o todo da primeira, pelo perigo a que, aliás, se expõe o enfermo, quando tem sido o ventre demasiadamente cheio. As utilidades que se seguem de **dilatar** e **conservar** a abertura que se faz para a hidropsia enquistada são duas: primeira, a de mais facilmente se despejar por ela todo e qualquer humor que haja, por mais espesso que seja; segunda, a de se introduzirem como é preciso, as injeções detersivas e dessecativas.

b) Americano

Nada difere do **européu** no que essencialmente respeita ao curativo de uma e outra hidropsia. Tomado um até dois eméticos, ou de tártaro ou de ipecacuanha, muda-se para algum purgante de rôm, de jalapa ou de ruibarbo com mel de cana, pela mesma forma que o tomam os obstruídos. Bebe-se, no entretanto, o cozimento das raízes de sapé, de picão e de capeba, que são as mais usuais. Porém, também se cozem a salsaparrilha, o sassafráz, o jaborandi, as cascas de romã, de limão, de laranja e outros específicos. Para a gente vulgar é que se receita a garapa, de que manda usar o citado autor do Governo de Mineiros. A todos os mais se dão as suas pílulas de azêbre, goma amoníaca, crocus martis aperientis, etc., segundo já as mencionei para o curativo da obstrução. As coloquintidas⁶⁶⁶ na dose de até 35 grãos, em qualquer veículo que seja, ou no mesmo cozimento acima, tem curado hidróticos de 60 até 70 anos. Não se

⁶⁶⁵ Consistia em perfurar o ventre para retirar o excesso de água que continha. O cirurgião Antonio José de Araújo Braga registrou que essa era prática comum, principalmente entre os que viajavam muito pelos rios, como o caso de um cabo de esquadra que citou: “andam já tão exercitados os referidos cabos, que cada um deles é um hábil enfermeiro em semelhante viagem, do que me não admiro tanto, como me admirei da facilidade com que a si mesmo fazia a operação de paracentese um curioso de cirurgia, por nome José Soares, que para o Mato Grosso tinha subido na qualidade de cirurgião, e a esta vila chegou pelas oitavas da Páscoa de 1782, o qual tinha sido furado três vezes, e a si mesmo fazia a operação durante a viagem, sem outro instrumento mais do que um prego de meia caverna, suficientemente aguçado”. (cf. FERREIRA, 1983, p. 757).

⁶⁶⁶ *Momordica bucha*.

descuidam de suadouros, em banhos de vapores, e para eles preferem o cozimento das folhas de pimenta longa, camará, vassourinha, poejos, salva da terra etc. Os índios e os negros escravos, por terem a pele mais densa, tomam os vapores de aguardente da terra.

Museu Bocage

Fragmentos

ARF 20

Causas das doenças dos índios apresentadas
em 7 artigos e conclusão

ARF 21

Escorbuto ou Mal de Luanda

Causas das doenças dos índios apresentadas em 7 artigos e conclusão

...seja simples e de nenhuma forma precipitada deixando antes passar algum tempo, primeiro que se lance mão dos específicos, não somente para se assegurar o assistente do caráter da febre, mas também para observar se é à sangria ou ao emético a que se deve recorrer, porque epidemias há com que o acesso da terçã é o princípio da maligna.

Por indeterminada que seja a febre, e observando se a putrefação que a constitui é inflamatória, primeiramente se (...) deva negar água aos enfermos, contanto que seja tibia, durante o frio, e fria, durante as febres. Em segundo lugar, sair da cama e renovar o ar, em terceiro adietar-se, como receita o citado Tratado das Calenturas, usando da (...) o ponche, o gaspacho, fora dos acessos em que (...) chegar reparar bem naquele dia para que os remédios devem dirigir-se primeiro à inflamação e ao depois à putrefação. Assim, depois (...) (...) uma sangria se recorrerá aos eméticos e purgantes, usando seguindo ao (...). Aconselha-se que para esse gênero de febre o melhor veículo da quina seja o sumo do limão, de laranja azeda ou alguma tisana nitrada. Faz as evacuações universais e que se (...) (...) que se não esteja no caso de terçã perniciosa porque (...) (...).

(h) quartãs – que são as que repetem de 4 em 4 dias, sendo os dois intercalares de descanso, e delas têm provado as observações que toda a sua inflamação e putrefação depende de um sangue melancólico e (...) (...) depois de comer, anunciando-se por (...) externas e (...) de 3 - 4 horas um grande calor, um pulso duro (...) (...) e desigual. Para o seu tratamento importam muito observar que efeito produzem elas no enfermo durante os dias intercalares, porque, se neles se sentem as forças vigorosas e as funções restabelecidas, de nenhuma forma se devem logo atalhar intempestivamente. Antes (...) depurar o sangue com que ela (...) (...) desta depuração. Pelo que também os efeitos que mostra a observação (...) aos indicados porque nesse caso é que tem lugar a repetição dos eméticos e purgantes, dados no dia da quartã, 6 horas antes do acesso. Os incidentes diluentes (...) afinal a quina (...) curativo no dia da quartã, porém nunca antes de ter

aparecido o sedimento laterício, no que convém com o que (...) ou como preservativo de umas em outras duas.

Tanto as terças como as quartãs, ou são simples ou doubles, segundo elas dobram, pela maneira seguinte, a saber: na terça, quando no segundo dia de (...) sobrevém nova terça, com os sintomas se corresponde ao dia 4, do mesmo modo que a do 4 corresponde a do 3º, e na quartã, quando no 2º dias sobrevém outra, corresponde a do 4, no 3º outra corresponde a do 5º, em cujos termos se assenta que nem se mudem as indicações nem os remédios, mas tão somente basta acelerar seu (...) e aumentar as suas doses.

Mas, quanto às febres em geral (...) elas sejam endêmicas, epidêmicas, malignas, pestilentas, contínuas, intermitentes, a todo o ponto esta (...) curá-las pelo método que se curam a inflamação e a putrefação (...), na combinação das duas, variando tão somente as evacuações e remédios gerais.

Quanto à quina, ela deve variar de veículo acomodando-se aos sintomas e temperamentos. Combinando-se com o ópio, via caso de dores violentas e convulsões com o (...) nas obstruções (...) (...) (...) (...) com os mesmos purgantes, azedos, doces, amargos.

Que os seus impedimentos (...) são quando se apresentam o abcesso, a inflamação, vísceras corruptas, obstruções, cirros, tubérculos.

IIª

Obstruções - para as quais não são os índios, mas os mesmos brancos olham ao princípio como enfermidades de conseqüência, podendo elas tê-la bem funesta em se não atalhando a tempo. Por além dos funestos acidentes da morte súbita, a apoplexia, hidropsia, a asma e outros que ela ameaça, trazem consigo muitos incômodos habituais, como são a opressão ao menor exercício, o langor, a dificuldade de se mover, o fastio, o que se vê nos que escapam da morte durante a viagem e pelo despertar destes sintomas (...) pelo tempo adiantado a morrer nas povoações, caquéticos das obstruções cirrosas, caquéticos ou hidróticos, sendo que tudo isto se evita pela administração de alguns remédios internos e externos. Assim, na classe dos (...) (...) sem dúvida o adietar-se, fazendo-se devidas reservas, tanto da qualidade como da quantidade dos alimentos, que devem ser aromatizados e obrigar o sono (...) exercitar-se por obras e por passeios, e não se poupar aos purgantes, diuréticos (...) mudar o seu (...) pelo que pertence aos

aperitivos externos promover a transpiração pelos banhos de vapores (...) (...) usar e (...) o pialismo pelo uso dos (...) como o do tabaco, ou fumado ou mascado o (...), piretivas.

IIIª

Câmera de sangue ainda falsão

[Corrupção] que por outro nome bicho⁶⁶⁷ que é (...) chamam os empíricos do país. (...) (...) (...) que se lança sobre o reto (...) do ânus (...) da sua elasticidade que relaxa a termos de se lhe poder introduzir a mão fechada⁶⁶⁸.

Anuncia-se por uma profunda modorra, dores ativíssimas de cabeça até perderem os sentidos, um grande abatimento do corpo e do espírito, fastio aos alimentos e aborrecimento à sociedade, em cujos termos é preciso não perder tempo em se lhe aplicarem, na classe dos internos os antipútridos, a quina, e se o enfermo tem chegado ao ponto de não sentir os clistéis que se lhe administram, aonde entram o sal, a pólvora, a pimenta, a gengibre e outros corretivos da gangrena (...), se recorre à massa que se compõe destes simplices e reduzida em forma de (...) a introduzem no ânus, repetindo-se-lhe as as fricções ou com um pano molhado nas caldas e enrolado no dedo do assistente ou com um escopeiro, que se lhe introduz, em não chegando o dedo até a parte afetada, de maneira que elas não dão sinal (...) e fica feito o prognóstico em tal nível de sua mortalidade.

Dão motivo a (...) a corrupção dos alimentos, as vicissitudes do calor e da umidade, a falta de propriedade, do asseio, de maneira que, como preservativo contra ela, é excelente o costume que praticam os naturais mais precavidos de, feitas que sejam as dejeções, lavar (...) sempre o ânus com água fria em que se tenha espremido suco de limão, e de uns por certos dias introduzirem o mesmo limão, em talhadas, cujo costume é o que logo há o cuidado de repetir ao primeiro acesso das dores de cabeça e sonolência, não menos que o de examinar, pela vista e pelo tato, o mesmo ânus.

⁶⁶⁷ “Da noticia mais antiga que há de sua incidencia no Brasil, e que e a de Gabriel Soares de Sousa, consta, inclusive, que o aborigene, de começo aturdido com esse horrendo acidente no curso das disenterias importadas, aqui, como as bexigas, bem depressa aprendeu a debelar e mesmo a prevenir a corrução do sesso. (...) Esse achaque do bicho, doença do bicho, corrompimento do sesso, com mais uma duzia de apelidos que se poderão relacionar, e entidade morbida que hoje figura, com marcante interesse, na patologia historica. Sua etiologia permaneceu ate agora extremamente incerta, controvertida mesmo, com tendência, afinal, a reduzir-se a uma miíase”. (ANDRADE, 1956, p.379).

⁶⁶⁸ Nesse ponto, escreveu, na lateral esquerda, ao lado do item “corrupção”: *Faltam igualmente os infectos cujo capitulo se vê principiar aqui:*

Dos que aqui viajam é que, com verdade, se pode dizer que o pão que comem lhes custa pingos de sangue. Com as picaduras do carapanã de dia e de noite, todos parecem bexigosos: a pele empolada e avermelhada com as do mosquito borrachudo, ficam como pintados de sarampo, conforme se está bem ou mal humorado⁶⁶⁹ e conforme a paciência em deixar de coçar. Assim, ficam mãos e pés cobertos de pústulas e inchados.

Sobre as enfermidades acima não me tenho demorado com o fim de dizer coisa nova ou que minha seja, em uns dias tão iluminados como os nossos, mas sim com o de familiarizar, aonde não há médicos, alguns conhecimentos mais que os que têm os empíricos à respeito do caráter das queixas, suas causas, sintomas, curativo, preservativo. De todas elas, me parece que são as causas gerais as seguintes:

I^a

As viagens fora de monção

II^a

A inquietação e constrangimento do espírito

III^a

A assiduidade, a violência do trabalho corporal

IV^a

A nudez dos corpos sempre expostos às vicissitudes do tempo

V^a

A corrupção dos alimentos que comem e a impureza da água que bebem⁶⁷⁰

VI^a

A falta de medicamentos (e se os há)

VII^a

A sua aplicação vaga e arbitrária

I^a

Viagens fora de monção

Sabendo-se qual ela é sabe-se quando se deve viajar. Ora, sabe-se, com efeito, que o melhor tempo de a fazer é o (...) vai da vila de Borba para cima se parta pelos princípios de julho, ou a quando mais tardar, até 2º do mesmo. (...) é a monção do rio da Madeira, evidentemente o mostram as razões seguintes: primeiro porque principiando a

⁶⁶⁹ Com os humores equilibrados ou não.

⁶⁷⁰ Na margem direita, junto a este ítem escreveu: *mudança dos mesmos alimentos desde a cachoeira de Santo Antonio são caças que são mais fortes do que o peixe, a do Guaporé para cima, o toucinho, a farinha de milho.*

vazar pelo mês de maio visto ser ele um dos que enchem e vazam primeiro que os outros quando por ela se sobe pelo meado julho⁶⁷¹, já tem passado o rigor das carneiradas que sempre ocasionam os repiquetes das vazantes. E não é esta uma tão pequena vantagem que não deva ser (...) na ordem das razões.

Segunda (...) então justamente estão as cachoeiras como (...) os práticos (...) meio barranco, isto é, nem estão os canais tão cheios, que a violência e o peso das correntezas dificultem a subida, (...) como sucede no rio cheio (...) há para sirgá-las (...) estado tão (...) (...) (...) da água que lhes falta (...) que invadem.

Terceira: dos (...) das (...) praias e (...) das margens do rio aonde desovam infinitas tartarugas⁶⁷² e para onde desce a beber muita caça (...) não somente se não faz preciso consumir (...) os diversos da reserva mas antes constando estes dela (...) para as provisões secas e salgadas, que sempre são as mais danificadas pelas vicissitudes da atmosfera e do lugar em que vão acondicionadas. Sem exceção, se faz a passageiros e índios usarem dos alimentos salgados tal (...) já meio podres, havendo sempre caça e pesca fresca de sobra para se entreter a (...). Do que, com efeito, se padece então falta sensível e de abundância de frutos, aliás, tão necessários à saúde ou como preservativos ou como corretivos da podridão. Falta, então, contra as febres podres e as excandescências internas, a murucujá do (...), o taparauá, a sorva, o cacau, que, além de ter por ambas as margens do rio, pelos meses de março e abril e outras frutas medicamentosas, se bem que nunca (...) aromáticas (...) como o cravo, a casca preciosa (...) (...).

Quarta, por (...) então as gerais (...) (...) (...) (...) de remo se aliviam aos índios.

Quinta, evita-se o perigo das terras e paus caídos pelo principio da enchente, assim como o das árvores debruçadas sobre as margens do rio. Do que, com efeito se padece então falta (...) (...) abundância de frutos (...) necessários à saúde ou como preservativos ou como corretivos da podridão. Donde se segue que toda que (...) viagem fora deste tempo encontra as razões acima.

⁶⁷¹ Acrescentou na margem: *tendo estas e meados de.*

⁶⁷² A carne e os ovos das tartarugas eram muito utilizados durante as viagens. José Celestino Mutis, quando de sua expedição botânica pelo território do vice-reino de Nova Granada, fez referências à crença de que o uso constante da carne de tartaruga poderia produzir o “mal de São Lázaro”, mas que se acreditava também que esta carne fosse afrodisíaca, o que a tornava bastante desejada. Cf. CABRERA-AFONSO, Juan-Rafael. “José Celestino Mutis (1732-1808) y la medicina popular en Nueva Granada”. (In: RIERA, Juan (coord.). *Ciencia, medicina y sociedad en la España ilustrada*. Valadolí: Instituto de Ciencias de la Educación, 1990. p.73. Ver também: INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA HISPÁNICA. *Pasado y porvenir de la Expedición Botánica*. Bogotá: Litografía Arco, 1985).

IIª

A inquietação e constrangimento do espírito

Faça (...) mostrado a umas quanto estas duas causas concorrem para as mais perigosas enfermidades (...) principalmente o terror, a um índio para uma viagem a Mato Grosso é notificá-lo para morrer, ele o não entende de outra sorte o meio mais eficaz que se lhe (...). Desde logo, o meio eficaz que se lhe (...) escapar da morte, é o de poder fugir, se puder. Eis aqui a primeira inquietação de (...) espírito: estar sempre alerta, espreitando o lugar e a ocasião de o fazer sem ser pressentido, cuja inquietação tanto mais o agita e o mortifica quanto mais (...) vai ela (...) que são (...) agitado da viagem as precauções que se empregam para que ele o não consiga se salvar.

Todos sabem que eles, melhor que todos (...) (...) contra a sua vontade carregam (...) (...) com o mais passadio e com a (...) da viagem que raros são os rios a que (...) (...) em que se não o esperdice o preço de muitas vidas. Sabem que tendo constado de 307 índios a expedição que no ano de 1766 subiu o rio da Madeira comandada pelo sargento JBN, apenas voltaram às suas povoações 50, tendo falecido uns à violência da enfermidade e outros às mãos dos (...). Sabem que a que subiu o rio Japurá no ano de 1782, comandada pelo tenente coronel T.C. Dr. Comissário da 4ª Partida da Delegação da Demarcação de Limites, tendo constado ...⁶⁷³ índios apenas deixou livres da morte os ...⁶⁷⁴ que escaparam, tendo falecido 52 entre os que morreram no hospital da vila de Egas, e nas suas povoações. Sabem que a que subiu o rio da Madeira, no ano de 1787, em que foram transportados capitão engenheiro e doutores (...) para a delegação da demarcação, tendo constado de 100 índios, deixou recolher tão somente 70, porém morreram 33 entre os que (...) do capitão do Pará, e os 24 são do Rio Negro.

Ultimamente sabem que, a que no ano próximo passado de 1787 subiu ao mesmo rio, sendo comandada pelo alferes Carlos (...), Seixas que transportou os víveres para a delegação tendo constado de ...⁶⁷⁵ índios na descida que fez até Borba, perdeu 62 e, daí para baixo ...⁶⁷⁶ entra no (...) na vila de Serpa e ...⁶⁷⁷ na de Óbidos. E, a falar a verdade, sem serem os índios que passam por (...) quem há de ser dos mesmos (...) que em vista de tanto estrago se resolva empreender (...) viagem sem se obriguem umas grandes

⁶⁷³ Reticências no original.

⁶⁷⁴ Reticências no original.

⁶⁷⁵ Reticências no original.

⁶⁷⁶ Reticências no original

⁶⁷⁷ Reticências no original

vistas ou da honra ou do interesse. O (...) honra (...) não obriga aos índios e por (...) persuadidos estão por maior que seja seu serviço, se remeiros sobem remeiros descem (...) também não porque além de que ela não (...) (...) viajam por estes rios (...) algum ordenado (...) os mais avultados seja só que os (...) que vencem nas (...) (...) mesmo (...) são certos, pois (...) serão no ano de 1787 ainda agora se não mandou pagar.

Na (...) pagou (...) (...) (...) índios do Pará, se lhes pagou no Pará para (...) em serviço do Mato Grosso. (...) agora quem for (...) (...) (...) (...) de índios que (...) (...) (...) (...) viagem nenhuma honra, o perigo certo, a paga incerta.

III*

Assiduidade e violência do trabalho corporal

(...) noites são de luar, e nem o rio pelas suas correntezas, pelas suas pedras e troncos de árvores, nem as margens ameaçam perigo, são largos os (...) de remo (...) ordena caminhar pelas madrugadas e logo depois de jantar se parte. Tal é a prática das viagens, e cada cabo o de que trata-se de as abreviar o mais que pode, para os seus diferentes fins. Se é negociante, para se poupar a maior despesa dos víveres e dos jornais, e se militar, para se acreditar de a (...) e caprichoso de fazer possível o impossível. Porém, com efeito, nem tão grande como o (...) pequena (...) como a minha porque (...) há de estudar as (...) não por dias nem por meses nem por anos sem estar em pé, nem deitado, nem (...).

Por outra parte, bem pouca ou nenhuma consideração merecem duas tão importantes circunstâncias (...) (...) da dita viagem, como o são as canoas e as cargas. Sabe-se, pelo que respeita (...) (...) os índios em (...) que elas mortificam os índios em (...) pesadas, principalmente a vará-las pelas cachoeiras, sendo, aliás, bem (...) que os melhores são hotes de meia coberta, e todas de palha, que tenham até 8 remos por banda e carreguem de 700 até 750 arrobas, e não mais construídos com (...) da caverna, e correspondendo em (...) e de pouco pontal.

Porém, o método ordinário de encher de palha as toldas, fixas ou corrediças, (...) (...) (...) (...) que tenho observado, que cuida (...) de se fazerem grandes enchimentos, resulta mais duração e abrigo do tempo, o que é engano. Primeiramente, com a muita palha que se emprega, aumenta-se mais que o que deve ser o peso das toldas, e custa muito aos índios saca-las todas, se são movediças (...) colhê-las. Em segundo lugar, quanto mais palha se acama, mais tempo conserva a tolda a água da

chuva e a umidade, por não ficarem as folhas interiores tão expostas ao sol e com as interiores, e cedo apodrecem. Em terceiro, cada folha de (...) como (...) de todas as outras (...) (...) (...) quebrando-se as (...) (...) (...) (...) se seque que não estão (...) depois de secas.

Quanto às cargas, há também que notar o seu peso e o seu volume, porque tudo isto concorre para aliviar o trabalho dos índios (...) carregá-las e descarregá-las nas passagens das cachoeiras, sendo para o (...) que excede de (...) arroba para um índio a transportar à cabeça é violento, e que a figura do volume é o ponto em empregar muitas (...) para se (...) deve ser a mais fácil de se mover e transportar.

IV

Nudez de seus corpos

No estado em que se acha o índio, quando é nomeado, assim embarca: que é o mesmo que dizer que a maior parte não leva mais que a sua maca para dormir, uma camisa curta, a um calção de pano de algodão. Eis aqui todo o seu vestuário, para o sol e para a chuva, para o calor e para o frio, durante 5, 6, e às vezes mais meses de viagem. Já hoje se lhe não dão, pela Fazenda Real, como dantes praticava, nem por via de ajuda de custo, nem à conta de seus jornais, os côvados de baeta precisa para se cobrirem de noite e durante os dias de friagem. O fogo, que cada um deles acende a par da sua maca, é o seu cobertor, e se um homem de trabalho pode assim viver longo tempo, mas em um estado de tão extrema pobreza e abjeção, e não sem uma grande sezão, e deixar nosso bem à sua custa, nos está mostrando a experiência. Já não aplicam a tão extremos males os extremos remédios.

IV

Corrupção dos alimentos

Se os que estão sendo arejados e acondicionados em casas, que têm as comodidades precisas, se alteram e corrompem, pelas vicissitudes do calor e da umidade, que será daqueles que, primeiramente, são mal beneficiados, como as carnes e o peixe salgado, a que se dá o sal com mão escassa. Em segundo lugar, não podem ser arejados no fundo dos porões das canoas, e, em terceiro e último, vão uns em cima de outros, por não haver maior capacidade nas canoas, o que faz com que ardam,

apodreçam, e quando outra coisa não haja, esta baste e sobeje para as enfermidades ponderadas.

Da farinha de (...) preferem por mais baratas, as (...) (...) e menos providas de tapioca (...) o sal, o vinagre e o azeite, que deviam entrar no uso cotidiano, alguma vez se distribui como remédio. São gêneros esses que se reputam bem em Mato Grosso, e como tais há todo o cuidado de dispensar deles a dieta dos índios.

VIª

Falta de medicamentos

Constam as boticas de embarque de bastante tártaro emético, que chegam a dar na dose de 11 e mais gramas, de quina em pó, de jalapa, ruibarbo⁶⁷⁸ e sobretudo o quintílio, gengibre e pimenta malagueta em pó e conservada em sal, e da triaga⁶⁷⁹, porque com estes medicamentos vai bem provida. Em tudo o mais se respeita o melindre da medicina especulativa, sendo certo que, destes mesmos, não raras vezes influi. Grande parte dos remédios se destina para o curativo de feridas e chagas, algumas onças de pós de (...) de pedra ume⁶⁸⁰, (...) algum unguento, basilicão (...).

VII

A sua aplicação vaga e arbitrária

Quero dizer que, os mais inocentes medicamentos, entre as mãos dos empíricos se voltam nos mais refinados venenos. Não é a natureza a que distingue uns dos outros, é a ocasião, a dose, a manipulação.

Conclusão

⁶⁷⁸ *Rheum palmatum*, L. Empregado como eupéptico e laxativo.

⁶⁷⁹ Teriaga, triaca. Composição da qual faziam parte diversos medicamentos, com a esperança de que, ao menos um, fizesse efeito. Sua criação é atribuída a Andrômaco, médico de Nero. A “teriaga magna”, de Galeno, era composta por mais de sessenta ingredientes. “Os principais componentes da grande mistura eram cozimentos de humores, pós ou partes dissecadas de víboras, os pós de bezoar e as raspas de unicórnio, tidos como poderosos contravenenos. Dentre as muitas substâncias vegetais associadas, o ópio e a mirra eram as mais ativas. Cada médico famoso possuía ao tempo a sua triaga, fórmula própria a que sempre era adicionada uma substância nova e secreta”. (cf. DUARTE, 1956, p. 101).

⁶⁸⁰ Alumen, alume (sulfato duplo de alumínio e potássio), empregado como cicatrizante. Fazia parte também de uma composição conhecida como “água luminosa”. Cf. DUARTE, 1956, p. 95.

Que de todas estas causas, e, principalmente, da 3^a, 4^a e 5^a, procede a devastação dos índios que remam em semelhante viagem, prova-se pela observação que está feita, a saber, que os brancos que fazem por ter o preciso, e não passam pelos incômodos e faltas, ainda que sejam acometidos das sezões, não morrem tanto, pelo contrário, os mesmos soldados que em toda a parte é pobre, só porque andam mais bem cobertos, comidos e folgados, raras vezes falecem.

Ao que se não satisfaz, como tenho visto, com deplorar tão somente a sorte dos índios, dormindo-se a sono solto no regaço de uma prudência (...) (...) que para tudo quanto requer atividade faz olhar com frieza. (...) se a homens de lei e incapazes de conciliar e de obrar e (...) (...) (...) com aparências de virtudes políticas. Não tendo ela outra (...) que uma (...) em deliberar com atenção ao futuro. Porque as providências de que eles necessitam para o futuro são de obras, e não de palavras, sob pena de virem ficando despovoados os nossos estabelecimentos.

É preciso interromper-se estas (...) e formalidades da administração a que estamos acostumados. Há muito a que (...) tem sua majestade comandado aos ministros de sua fazenda que haja na sua (...) (...) não miséria, mas sim economia, mas à custa dos mesmos índios. Porém, isto não é mandar que das matérias públicas se lhe façam os seus tesouros, nem os senhores reis de Portugal, em tempo algum, beberam as lágrimas dos índios em copos de ouro. Nada do que se (...) (...) outros homens (...) toda (...) ocupados em formalidades minuciosas, procuradores, apontadores de índios (...) (...) parece pouco 3 varas de baeta (...) índio a custa de sua jornada parecem muito. Enfim, o (...) dos (...) custado (...) (...) (...) a nós mesmos podemos (...) em todo (...) espanholas assentida (...) (...) ordenações, instruções, cartas régias, corregedores e se multiplica. (...) (...) os abusos talvez terá sido invectivas contra um mal imaginário (...) (...) (...).

Aonde bastam 16 cônegos para outros (...) beneficiado para que são 24 cônegos (...) beneficiados. Aonde basta um meirinho, um escrivão (...) um estadista (...) (...) século passado para que são (...). Pensou-se no que era necessário para se despender (...) Primeiro, se aumentaram as despesas do que separarão os lucros e ainda sua majestade não percebia o que deixava gastar em cõngruas (...) quando os mandava dar avultado (...) de baeta 16 cônegos.

Para escorbuto, água de coco e o coco mole, maracujá⁶⁸¹, vinho de cacau, ananás, laranja, limão, tamarindos⁶⁸² e vinagre dele.

⁶⁸¹ Maracujá mirim (*Passiflora edulis*, L.). A infusão da planta podia ser usada na forma de clister, misturada à água rosada e ao leite de peito. Cf. ROSA, João Ferreira da. *op.cit.* p. 287.

Mulas

Cavalos

Esquentamento

Mordedura de cobra

Dita de raia

Em 1786 faleceu na vila de Barcelos Constantino de ...⁶⁸³ de idade de 140 anos, que a falta de lista (...) (...) que ele ainda durava.

Ainda é vivo Xavier Mendes, que é centenário.

No mapa do ano de (...) havia em todo o Rio Negro de acima de 90 anos.

Bastardos.

⁶⁸² Purgativo.

⁶⁸³ Reticências no original.

Escorbuto ou Mal de Luanda⁶⁸⁴

Pela experiência, se mostrou que o que constitui esta queixa é uma depravação de humores, exaltada a tal grau, que ulcera e gangrena as partes afetadas, e até corrói os mesmos ossos. Duvidar que ela é contagiosa é fechar obstinadamente os olhos ao maior número de observações exatas e escrupulosas, sendo elas, ao dia de hoje, tantas e tão circunstanciadas, que até se nos tem mostrado que o escorbuto contraído por contágio é comumente mais enfadonho e difícil. Todo o que não é hereditário, ou que não procede de disposição de temperamento melancólico e hipocondríaco, ou se adquire no mar ou em terra, em uma e outra parte são grandes os estragos que faz. Porém, o que reina no mar decide da vida dos navegantes de um tom mais violento e despótico, porque a uns com breves dias lhes conclui a vida, e a outros o faz subitamente. Veja-se como o pinta o nosso Camões,⁶⁸⁵ descrevendo o que sucedia e sucede [nas] viagens da Índia, pela maneira que ele mesmo o viu, e talvez experimentou:

E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia !
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que cresciam
A carne e juntamente apodrecia.
Apodrecia com um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho infeccionava:
E não tínhamos ali médico astuto,
A cirurgião sutil menos se achava:

⁶⁸⁴ Manuscrito autógrafo de Ferreira.

⁶⁸⁵ Ver também, sobre o assunto: NAVA, Pedro. *A medicina de 'Os Lusíadas' e outros textos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Mas qualquer, neste officio pouco instructo,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha. (a)⁶⁸⁶

Cuida-se, vulgarmente, que é queixa esta privativa dos marinheiros, dos soldados e dos escravos que se transportam da costa de África, e de outras pessoas desta classe que se sustentam de alimentos grosseiros, salgados ou podres, bebem águas corruptas, respiram um ar impuro e, ainda que queiram, não podem ter os refrescos, o exercício, o asseio e outras comodidades. É certo que ali, como disse, reina mais violentamente o escorbuto.

São agudos os seus sintomas e, em chegando à terra, os escorbutados com facilidade melhoram. Porém, é igualmente aceito que também em terra o padecem, com efeitos mais e menos crônicos, os meninos de todas as condições, os homens de letras, os que têm mesa delicada, e outros a quem nada falta, nem para o sustento nem para o regalo. Além disto, as suas causas são muitas e mui diversas.

Causas:

- a) Disposição (...) ⁶⁸⁷ melancólica e hipocondríaca;
- b) Degeneração da quartã, da caquexia, da obstrução e outras enfermidades;
- c) O longo uso do mercúrio;
- d) Abuso da quina - quina durante as intermitentes;
- e) Alimentos grosseiros, ⁶⁸⁸ (...) ⁶⁸⁹ mais carnes demasiadamente salgadas ou podres; ⁶⁹⁰
- f) Águas corruptas;
- g) Ar impuro;
- h) Falta de exercício corporal;
- i) Excesso de calor ou de umidade;
- j) Infecção contagiosa;

NB. Que principalmente da qualidade dos alimentos procede, em toda a capitania de Mato Grosso, o escorbuto dos escravos. O licenciado José Antonio

⁶⁸⁶ Nota ao pé da página: (a) Lusiad. Cant.5. Estanc. 81 e 82.

⁶⁸⁷ Neste espaço há duas palavras riscadas

⁶⁸⁸ Sobreposto à vírgula há um sinal +

⁶⁸⁹ Palavra riscada, com sobreposição de 'carnes'.

⁶⁹⁰ À margem deste ítem: '+ como; acima fica dito,'

Mendes, que por muitos anos observou o (...) se eles alimentavam na Capitania de Minas Gerais, a descreveu pelo teor seguinte:

“São os alimentos com que se sustentam em Minas os negros os seguintes. Fazem à no(...) uma massa, a que chamam angu, que (...) é feita de fubá, isto é, de farinha (...) acho muito mal feita no moinho, (...) dita massa em água sem sal, (...) (...) mais tempero algum, e às vezes com (...)ozida. Esta fica feita à noite, com (...)s resto de feijão que sobejou da (...)e assim tudo foi que é almoço, de que (...)almente usam. O jantar é sempre (...) pouco de milho cozido em um tacho de cobre, a que não falta zinabre, e quase sempre mal cozido e sem sal. Este é o jantar, sem mais nada. Quanto à ceia, é um pouco de feijão preto com li(...)tada porção de sal, e sem mais algum tempero, e este costuma ir acompanhar com o celebrado angu⁶⁹¹. Em cima a qualquer dos expressados alimentos bebem a sua água, as mais das vezes cheia de terra, por se andar minerando nos mesmos rios, e são de tão pouca cerimônia consigo mesmos que, muitas vezes, por não irem à distância de um tiro de espingarda bebê-la⁶⁹² clara e boa, a bebem da sobredita.

Usam mais estes indivíduos de uma tão depravada bebida, a que chamam cachaça, que é destilada de melaço e borra de açúcar, que se faz nos engenhos, que só o cheiro faz vômitos a qualquer pessoa que não costuma usar dela. Notem agora, os senhores professores, que humores produzirão semelhantes alimentos, e que quilo se separará de tais cocções. É, sem dúvidas, que estas devem ser péssimas... Além disto, andam metidos continuamente na água, bebendo muitas vezes das mesmas águas cheias de lodo e outras imundícies. Deitam-se ao sol, quando o há forte que os frege; outras vezes deitam-se molhados, havendo frios intoleráveis”. Acrescento que dos mesmos brancos a maior parte se não trata com muita diferença⁶⁹³. O peixe, em um e outro tempo é raro em Vila Bela; porém, mais raro de inverno que de verão. Não por que o rio absolutamente o não tenha, mas porque também se lhe não faz maior diligência, praticando todos aqueles meios que em outras partes empreg(...) (...)ndústria dos (...). De manei(...) por não haver peixe, se não guar(...) o tempo Quaresmal o preceito da

⁶⁹¹ A palavra “angu” está riscada mas legível.

⁶⁹² Após a palavra “bebê-la” há uma vírgula riscada.

⁶⁹³ Na página seguinte, há uma observação à margem direita, repetindo a mesma informação: *Acrescento, que dos mesmos brancos, a maior parte se não trata com m(...) diferença dele. O peixe, em um e outro tempo é raro. e tão raro de rio (...), que por essa causa se não guarda, no tempo da Quaresma, o preceito da abstinência da carne. Esta para bem pouca gente a há fresca, por que não há abundância de gado. Conseqüentemente, o arroz, o feijão, o milho cozido, a (riscado) carne seca e o toucinho constituem o alimento cotidiano, servindo de pão a farinha de milho ou de mandioca. Salga-se um boi, com 4 pratos de sal. e não mais, porque é gênero este que (...). (...) boi custa tão caro, que eu esse ano paguei a 34000 o alqueire.*

abstinência da carne. Esta, para bem pouca gente a há fresca, porque de dois em dois dias se não mata mais de duas reses (...) (...) mata (...) que não há abundância de gado con(...)qüentemente o arroz e feijão, carne (...) cozido, a carne seca quando a(...) infalivelmente o toucinho, cons(...) o alimento cotidiano. Pedindo (...) para salgar a um (...), quatro p(...) de sal, porque é (...) aquele ordinariamente (...) caro, e (...) caro, (...) 34000 r para pag(...) cada alqueire. No anno de 1790 o (...) resulta é comer-se a carne seca meio podre, porque tão sem e velha mostra o sal, e nada mais. Discorra-se, à vista disto, se de semelhante qualidade de alimento⁶⁹⁴ deve ou não proce(...) a observação, o escorbuto, a disente(...). O escorbuto, porém, se conhecerá (...) sinais seguintes⁶⁹⁵:

(...) indivíduos de (...) tão (...) da bebida que chamam cachaça, que é destilada de melação e (...), que se faz nos engenhos, que só o cheiro faz vômitos a qualquer pessoa que não costuma usar dela. Notem agora, os senhores professores, que humores produzirão semelhantes alimentos, e que quilo se separará de tais cocções. (...) sem dúvida, que estas devem ser pes(...)mas (...) (...) ⁶⁹⁶(...), que andão metidos (...) continuamente na água, bebendo (...) das mesmas águas cheias de lo(...) e outras imundícies; deitão-se ao (...) quando o há forte, que os frege ou (...) às vezes deitam-se molhados, havendo (...)jios intoleráveis⁶⁹⁷.

(...) discorra-se, à vista disto, se de semelhante qualidade (...) e alimento pode ou não proceder as obstrucções, o escorbuto, as câmaras de sangue, o escorbuto. Porém, se conhecerá pelos sinais seguintes:

(...)tomas:

Cabeça em alguns (...) de dores mui vivas (...) letargias ou (...)

a) Face comumente pálida e opilada, e triste⁶⁹⁸;

b) Boca fétida, em vezes salivante;

c) Dentes abalados pelo progresso da enfermidade;

⁶⁹⁴ Em seguida à palavra “alimentos” há outra riscada, ilegível.

⁶⁹⁵ A redação termina no meio da página, que continua em branco.

⁶⁹⁶ À margem direita está escrito “Além disto”

⁶⁹⁷ À margem, Ferreira escreveu: “*Acrescento que dos mesmos brancos a maior parte se não trata diferente dele. O peixe, em um e outro tempo é raro, e tão raro de rio (...), que por essa causa se não guarda, no tempo da Quaresma, o preceito da abstinência de carne. Este para bem pouca gente o há fresca, por que não há abundância de gado. Conseqüentemente, o arroz, o feijão, o milho cozido, a carne seca e o toucinho constituem o alimento cotidiano, servindo de pão a farinha de milho ou de mandioca. Salga-se um boi com 4 pratos de sal e não mais, porque é gênero este que (...) (...) boi coisa tão caro, que eu este ano paguei a 34000 o alqueire.*”

⁶⁹⁸ Acrescentou um sinal + e escreveu na margem esquerda: “+ olhos por pálidos e grés confe(...) bem por (...)chadas. Língua e (...) (...) são (...)melhas, c(...) (...)nter cor das (...).

d) Gengivas inchadas e crescidas sobre os dentes; lívidas, ulceradas, sanguinolentas ou purulentas, fétidas.

NB. Que os sinais (b) (c) (d) algumas vezes concorrem nos defluxionais sem que os produza o escorbuto, mas sim um defluxo acre e corrosivo, que se precipita nas fauces, nos dentes e nas gengivas. Facilmente se conhece, por não concorrerem os mais sintomas escorbúticos⁶⁹⁹.

g)⁷⁰⁰ corpo nodoso de manchas de diferentes cores e tamanhos, porque umas vezes são vermelhas e, outras, purpúras, amarelas, verdes, lívidas ou negras, e as maiores chegam ao tamanho de uma palma da mão.

NB. É certo que nos pretos se não distinguem estas cores⁷⁰¹; porém, distingue-se bem que diferem na cor da (...) pele do corpo.

h) A região do estômago e o ventre elevado depois que se come.

⁶⁹⁹ Há um sinal + e, à margem esquerda “+ pulso lento (...)sigual, m(...) vezes (...)

⁷⁰⁰ O autor saltou o item e e f.

⁷⁰¹ Há uma palavra riscada em seguida a “cores”

**“Farmacopéia Brasiliense, uma pequena lista de remédios caseiros
do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira”.**⁷⁰²

Tudo se coza, a ficar em 4 libras de peso a que se ajunta uma libra de açúcar. Coe-se para se beber por 8 vezes, à razão de meia libra de manhã e outra meia de tarde. Por conseguinte um frasco é para 4 dias e destes frascos tomará 3 até 4.

IVº

Passará depois ao uso da receita seguinte:

Sal catártico	3 [escrópulos]
Salsa rachada	3. IV
Cevada ou arroz com casca	3 ½
Açúcar mascavado ou rapadura	libra ½

Em quanto baste de soro de leite para fazer secund. art. Duas libras de soro salsado que se há de tomar por 4 vezes, à razão de meia libra de manhã e meia de tarde. Tomará 4 libras.

Vº.

Fique ultimamente bebendo água de salsa por 30 dias, a saber os primeiros 10 dias serão de salsa inteira, lançada na dose de 3 maços para cada chocolateira, os segundos de salsa rachada, os últimos da salsa em pó, guardado em um saquinho de linho para se meter dentro da chocolateira. Seja a dieta de carneiro ou carne (...) e pão, ou farinha torrada, e nada mais haja durante o uso das aposesmas (?), resguardo da umidade.

Mercúrio gumoso

Mercúrio vivo 3 [escrópulos]

Goma arábica 3 [escrópulos] em pó

Ponha-se o mercúrio e a goma em pó dentro de um almofariz de pedra com água suficiente para reduzir a goma em mucilagem. Bata-se tudo muito e muito que (...) no que está o ponto(...) (...) (...) (...) (...) o mercúrio. Ajunte-se-lhe então 2 mãos de (...) de

⁷⁰² MB, maço 5, n.10. Destruído no incêndio do Museu Bocage em 1978. Cf. SIMON, 1983. p. 29.

malvaíscos e um quartilho da água (...) (...) (...) (...). Toma o enfermo primeiramente um ou dois purgantes mercuriais e passa a usar do (...) (...) tomando de manhã uma colher que tenha meia onça do remédio, e à tarde outra. Quando suceda ir o mercúrio ofendendo a boca, purgue-se com maná⁷⁰³, sene, e torne ao uso do remédio. O que se recomenda (...) (...) (...) regular e nada de umidade. Cura em 2, 3, 4 semanas.

⁷⁰³ *Fraxinum ornus*. Lin. Purgante suave.

Considerações finais

Em fins do século XVIII, quando a Coroa portuguesa enviou naturalistas às suas possessões de ultramar, esperava obter conhecimentos sobre possíveis modos de exploração que pudessem ser viáveis economicamente. Esperava de sua colônia americana, em tempos de crise do sistema colonial e decadência da mineração, que seus produtos agrícolas e as drogas do sertão pudessem substituir as riquezas geradas pelos metais preciosos em um passado recente. Para a colônia da América foi enviado Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista que comandou a “Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão - Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá”, entre os anos de 1783 a 1792.

Esse interesse da Coroa lusa pelas terras dos sertões de sua capitania mais meridional da América, se no início esteve ligado ao ouro, aos poucos foi se tornando necessidade de protegê-la dos interesses castelhanos. Isso passou a exigir a presença de um aparato burocrático que firmasse na região o poder lusitano e, desse modo, pelas terras da capitania circularam militares, comerciantes, estudiosos e administradores, que a percorreram em busca de lucros comerciais, conhecimentos científicos e posse de terras. À Coroa interessava muito conhecer a situação nosológica de sua capitania fronteiriça, tanto para prevenir e cuidar da saúde das tropas que enviava com o objetivo de proteger seus limites territoriais, como para descobrir novos produtos medicinais.

Dos praticamente dez anos que Ferreira permaneceu na Amazônia, quase três foram dedicados a percorrer a capitania de Mato Grosso e Cuiabá. Entre 1789 e 1792, o naturalista produziu narrativas que abrangem um leque diferenciado de saberes. Construções culturais complexas, como o são, em geral, as narrativas de viagens, esses registros nos oferecem inúmeras possibilidades de análise, e, dentre estas, centramos nosso interesse no olhar que Alexandre Rodrigues lançou às doenças e aos doentes que encontrou na capitania, e aos modos de cura praticados pela “gente popular”.

Tomando como base *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*, analisamos este manuscrito estabelecendo relações entre os seus diversos contextos, tanto do cenário europeu como colonial de fins do setecentos. Discutimos a trajetória profissional do naturalista, desde seu deslocamento para a Amazônia até seu retorno a

Portugal, enfatizando os diálogos que estabeleceu com autores contemporâneos, como Antonio Nunes Ribeiro Sanches e Domingos Vandelli, com o intuito de desvendar as influências que esses cientistas exerceram sobre a produção do naturalista, particularmente sobre *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso*. Trabalhamos também este texto do modo mais exaustivo que nos foi possível, analisando as intenções do autor ao escrevê-lo, as formas como o construiu, as relações dele com outras obras de Ferreira e com os modos discursivos da época, em especial com os manuais médicos, onde se insere.

Dessa interação com as fontes emergiram imagens sobre a capitania de Mato Grosso e Cuiabá que a apresentavam como um lugar doentio, “impuro”. Desse modo a interpretaram capitães gerais, como o governador de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, Rolim de Moura e João Pedro da Câmara. Dos textos de todos eles emerge uma avaliação negativa sobre o viver na capitania, devido às diferenças de todos os tipos entre Mato Grosso e a metrópole, o pólo da comparação, o filtro através do qual a capitania era examinada por aqueles governantes; nesse quadro negativo destacavam-se as doenças que atingiam os habitantes de Mato Grosso e Cuiabá.

Mas os governadores mantinham uma relação efêmera com a capitania, pois, terminado seu período de governo, retornavam a Lisboa ou seguiam para outras partes do império colonial. Desse modo, tudo o que pudessem acrescentar às cores com as quais pintavam a dureza da vida nos sertões seria considerado pelas autoridades para valorizar o trabalho deles, funcionários reais. Não que não fossem verdadeiros os sofrimentos que narravam – especialmente quando comparados à vida na metrópole –, apenas não havia nenhuma intenção em diminuí-los, mas, sim, em realçá-los. Esses relatos, portanto, são representativos de uma certa imagem produzida no período sobre a capitania.

Em Ferreira, ao contrário, há o peso da avaliação de um homem de ciência, e no manuscrito *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso* o naturalista resumiu sua opinião sobre a situação sanitária da capitania. Ferreira deixou claro também que a maior parte das doenças que atingiam os moradores da capitania originava-se da má alimentação e da extrema exploração à qual estavam sujeitos, principalmente negros escravos e índios remeiros, conferindo a gravidade da situação nosológica da capitania a fenômenos sociais. Em relação aos índios, elaborou sugestões que acreditava pudessem sanar a questão, mas sobre os escravos apenas descreveu sua situação de miséria e doença, e nada mais.

Para ele, através da simples observação de características físicas dos moradores de um determinado local seria possível avaliar “os efeitos da influência do clima” e também “as qualidades do céu e do terreno em que vivem”. Essa avaliação, segundo o naturalista, seria válida para quaisquer das colônias portuguesas “que estando situadas entre os trópicos são cortadas por caudalosos rios cobertos de altíssimos arvoredos”. Não havia dúvida, para o naturalista, de que as doenças eram provocadas pela alternância de calor e umidade “que se experimenta nas terras baixas da capitania de Mato Grosso”, origem das doenças que a atingiam, como a obstrução, a hidropsia, o escorbuto, a catarral, o pleuriz, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção, a sarna, a impingem, o bócio “e outras”. Com o objetivo de tornar viável a compreensão, tanto dos sintomas como das práticas de cura, o naturalista apresentou para cada doença os sintomas, prognósticos e modos de cura “europeu” e “americano”.

Conforme discutimos no capítulo III, a base do pensamento médico de Ferreira era Ribeiro Sanches, por sua vez seguidor de Boerhaave, o médico holandês divulgador das idéias de Thomas Sydenham, médico inglês de fins do seiscentos. Sydenham reinterpretou a teoria hipocrática da doença, baseada na compreensão da natureza como harmonia e equilíbrio. Ao estabelecer um princípio de causa entre a natureza e a doença, Sydenham formulou a noção de “constituição pestilencial”, a partir da qual a origem das doenças passou a ser interpretada como resultado de alterações ocorridas na “constituição do ar”, um estado de desequilíbrio da atmosfera capaz de se espalhar e produzir doenças enquanto persistisse uma “constituição” particular. Essa “constituição” nociva seria formada por miasmas corrompidos que, através da respiração, se misturariam ao sangue⁷⁰⁴.

Mas não apenas os miasmas corruptos poderiam afetar a qualidade do ar. Outros fenômenos também participariam dessa dinâmica, e um exemplo disso seriam as mudanças bruscas de temperatura. Para Sydenham, também alterações vindas do interior da terra ou a influência dos corpos celestes poderiam contaminar o ar⁷⁰⁵. A essas emanações, fossem da terra ou dos astros, se juntariam aquelas originadas da decomposição dos corpos de diferentes espécies de animais. Outros elementos considerados contaminantes, como enfatizou Ribeiro Sanches, seriam a grande quantidade de plantas aquáticas que ocupavam as águas e margens dos rios. Dentre estas, havia as venenosas, cujos efeitos deveriam ser neutralizados com outras,

⁷⁰⁴ Cf. ROSEN, 1980, p. 90.

⁷⁰⁵ Cf. SYDENHAM, 1734, p. 516.

aromáticas e medicinais. Tudo seria uma questão de equilíbrio. Todas essas emanções livres na atmosfera poderiam – caso concentrassem mais miasmas que arômatas – desequilibrar os humores humanos e provocar doenças. Por sua vez, o doente, através da respiração, voltaria a corromper o ar, estabelecendo um círculo vicioso. Desse modo, a doença seria o resultado do desequilíbrio na relação dinâmica entre corpo e meio ambiente, não se localizando em uma determinada parte do corpo humano, mas no organismo como um todo.

Sydenham diferia da proposição de Hipócrates ao considerar – ao contrário do médico grego – que as manifestações malignas em um local seriam produto de um núcleo de circunstâncias específicas, o qual poderia ser rompido: a malignidade perduraria enquanto perdurasse sua causa. A partir dessas reflexões, o médico inglês desenvolveu a noção de “constituição pestilencial”.

Ribeiro Sanches incorporou essas formulações de Sydenham e as apresentou em sua obra *Tratado da conservação da saúde dos povos*⁷⁰⁶. Por sua vez, Alexandre Rodrigues Ferreira, leitor de Ribeiro Sanches, incluiu essas formulações em seu manuscrito sobre doenças. Para o naturalista, as más condições de salubridade da capitania poderiam ser passageiras, desde que resolvidos os problemas que as provocavam. As altas temperaturas, alternadas com friagens inesperadas, as matas fechadas, que impediam a luz do sol, ou os campos abertos batidos pelos ventos prometiam perigos à saúde. Pior era a existência dos grandes rios, que, inundando terras e povoações às suas margens, liberavam miasmas pestíferos, originados do apodrecimento dos restos vegetais e animais presos nos lamaçais. Nas vilas e arraiais, a situação não seria melhor. Imperavam a sujeira e a indolência.

Foi esse o quadro que Ferreira pintou sobre a situação nosológica da capitania de Mato Grosso. Como o local onde o naturalista mais se demorou foi Vila Bela, as descrições que fez tomaram como exemplo a vila capital, mas é evidente, em seu manuscrito, a noção de “constituição do ar” e seu caráter geral. Não apenas as áreas situadas nos trópicos apresentariam características climáticas cujos efeitos seriam nocivos à constituição do ar e à saúde. As mesmas condições seriam encontradas em qualquer parte do mundo onde as temperaturas fossem ou muito altas ou muito baixas, pois o frio excessivo também era considerado prejudicial.

⁷⁰⁶ SANCHES, 1757.

Fica evidente que a qualidade ideal estaria reservada aos climas temperados, com estações bem marcadas, como o europeu. Mas, segundo o naturalista, os habitantes das regiões “menos favorecidas” poderiam alterar sua situação, desde que praticassem ações capazes de equilibrar a constituição do ar. No caso de Mato Grosso, o que nos interessa, se não fosse possível fundar povoações longe das margens baixas dos rios, restava tomar algumas providências efetivas. Desse modo – como ocorria em Vila Bela –, se as águas inundavam a vila, era preciso construir canais de escoamento e casas assobradadas com janelas amplas – que permitissem a livre passagem do ar purificador –, limpar as ruas e impedir que se jogassem imundícies nas águas dos rios, como era costume fazer. Drenar pântanos, abrir vias no interior das matas fechadas para permitir a livre circulação dos ventos e a incidência dos raios solares, e fugir da umidade, dormindo em redes, como os índios, com fogueiras embaixo para aquecer o ambiente e ficar distante o mais possível das emanções do solo.

Doenças aconteceriam caso não fossem tomados tais cuidados, não só em Vila Bela mas em todos os locais da capitania de Mato Grosso ou de outras partes do mundo nas quais se encontrassem condições climáticas extremas e cujo equilíbrio fosse necessário instaurar. Que se “emendasse com a arte os equívocos da natureza”, era a proposta do naturalista para um viver mais saudável na capitania.

Acreditamos que o rótulo de lugar irremediavelmente “impuro”, colado ao território da capitania de Mato Grosso e Cuiabá por leitores de Ferreira, principalmente de inícios do século passado, deveu-se à não compreensão das teorias científicas que o naturalista seguia. Isso levou a que descrições pontuais e descontextualizadas fossem interpretadas como dados objetivos e intransponíveis. Para Ferreira, a capitania estava doente por duas ordens de fatores: reunir condições naturais adversas e não ter até então sabido romper com a insalubridade; se o primeiro fator – as condições naturais – era considerado inexorável e imutável, o segundo – a adequada ação dos homens, segundo as regras da ciência –, ao contrário, era não só possível, como recomendável. Para Alexandre Rodrigues, seria possível romper o círculo vicioso das doenças provocadas pela má constituição do ar, desde que se interpretasse a terra, o ar e as águas como interligados, a explicação dos fenômenos de um elemento sendo fundamental para a compreensão do outro, e, partindo dessa compreensão, se tomassem as devidas providências, como as aqui apontadas. O naturalista tomou o caso de Vila Bela para exemplificar, mas registrou que o mesmo acontecia às margens de outros grandes rios, como o Jauru, o Paraguai e o Cuiabá, locais onde se difundiam perigosas sezões.

Finalizando, as doenças da capitania de Mato Grosso, segundo o olhar do naturalista luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, seriam consequência de uma conjugação de fatores climáticos negativos, os quais, contudo, por meio de ações adequadas, poderiam vir a ser reequilibrados. Portanto, do ponto de vista da salubridade, o viver no Mato Grosso estava longe de ser um paraíso. Mas também não poderia ser comparado a um inferno, que se caracteriza pela eternidade de suas penas e males. O viver no Mato Grosso e Cuiabá da época, na concepção do naturalista, aproximava-se mais da noção de um purgatório: repleta de males, porém males transitórios, até que a sua natureza fosse medicada com os “remédios da arte”.



Imagem do século XVIII representando Esculápio, o deus grego da medicina, que pondera sobre os aspectos globais das doenças.

Anexo

Pesos e medidas

Libras líquidas	12 onças
Uma onça	<i>Medida de metal que levará pouco mais ou menos tanto como um ovo de galinha ordinário, onde tem também pregada da outra banda a medida de meia onça, que é pmr onde se medem as águas, os xaropes e as coisas líquidas, e não são onças nem libra de peso, como muitos imaginaram. (Ferreira, 1735)</i>
Libras de coisas sólidas	<i>As coisas sólidas ou grossas e secas se pesam por libras, onças, oitavas e meias oitavas dos marcos comuns. (Ferreira, 1735)</i>
1 libra	dezesseis onças. (Ferreira, 1735)
1 onça	dezesseis oitavas. (Ferreira, 1735)
1 oitava	setenta e dois grãos. (Ferreira, 1735)
1 escrúpulo	vinte e quatro grãos. (Ferreira, 1735)
½ escrúpulo	<i>Doze grãos. (Estes pesos de escrúpulos são uns pesos de folha de metal que costumam vir nas balanças estrangeiras e os ourives têm, os quais têm seus números cada um deles, que todos ordinariamente são seis, cada um deles com letra de conta imprimidas de um, dois, tres, seis, doze e vinte e quatro, e não são grãos de trigo, nem as onças, onças de peso, como muitos imaginam). (Ferreira, 1735)</i>
As mãos cheias	<i>é regularmente quanto pode abranger uma mão com os dedos. E a palavra dose ou doses, é o mesmo que uma porção, tudo mais é o comum. (BMP)</i>
Pugilo	<i>É quanto se pode tomar com 3 dedos. (BMP)</i>
Alqueire	medida de capacidade variável, para cereais, que corresponde, mais ou menos, a 13 litros, à 6ª parte de um saco e à 60ª do moio
Arrátel	dezesseis onças ou 459 gramas
Arroba	quarta parte do quintal, ou seja, 32 arrátéis
Cabaça	medida de liquido equivalente a 24 quartilhos
Canada	medida de capacidade que levava quatro quartlhos
Côvado	medida de comprimento equivalente a 66 cm
Grão	correspondia aproximadamente à vigésima parte de um grama
Moio	medida de capacidade correspondente a 60 alqueires
Palmo	distância da ponta do dedo polegar à do mínimo, estando a mão bem aberta e estendida, medida de comprimento equivalente a 0,22 metros
Quartilho	quarta parte da canada;
Quintal	quatro arrobas

Fonte: FERREIRA, Luis Gomes, 1735, p. 20; BMP – Ms 1036 – *Modo de compor vários medicamentos tirado de diversos autores.*

Fontes e bibliografia

Fontes Manuscritas

No Brasil:

Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - BNRJ

códice 21, 2, 5 – *Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso.*

códice 21, 2, 6 – nº 2 – *Extrato das Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso pelo doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. Cuiabá, 1831. Augusto Leverger.*

Cuiabá

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso - APEMT

- Livro C-12 - *Relação das boticas da capital do Mato Grosso* – 1760

- Livro C - 8 - *Instruções de como agir para a limpeza das prisões para evitar doenças* – 1761

Casa Barão de Melgaço - CBM

Pasta 23 – nº. 1409 – *problemas com jesuítas espanhóis, violência dos paiaguá, defesa da fronteira.*

Pasta 80 – nº. 2272 – *relato de viagem* – 7 / 7 / 1769

Pasta 24 – nº. 595 – *estado de saúde do capitão-general* – janeiro de 1770

Pasta 101 – nº. 2306 – *sobre as dificuldades do sertão* - 19 de julho de 1773

Pasta 82 – nº. 1388 – *carta de José Pinheiro de Lacerda para Luiz de Albuquerque tratando da chegada e partida de esquadra* – 11 / 8 / 1788

Em Portugal:

Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - ANTT

Papéis do Brasil: Miscelânea.

Avulsos 3 – 3 - *Farmacopéia. Remédios que vão na botica do senhor doutor ouvidor geral*

- *Virtudes e modo de usar dos remédios antecedentes. Bento Vieira Gomes. s.d [séc.XVIII].*

Avulsos 3 – 15 - *Carta escrita ao reitor da Universidade de Coimbra pelo Marquês de Pombal. sd.*

Avulsos 3 – 27 - *Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João Pereira Caldas. Barcelos, 1785.*

Avulsos 4 - *Receitas de tisanas [séc.XVIII].*

Real Mesa Censórea

Livros 4766 – 4863 – caixa 509 – doc. 4793 – 4 de junho de 1783.

Edital de criação da Junta do Protomedicato – junho 1782.

Livros 4719 – 4727 – caixa 372 – doc. 4729. LEGOVAS, F.M.V. *Novos princípios de cirurgia resumidos das obras dos autores modernos conforme o plano do livro de (...) que contem 1º uma introdução ao estudo da zoonomia, 2º a higiene, 3º a patologia geral, 4º a terapêutica, a matéria médica as pequenas operações da cirurgia, 5º enfim a patologia externa ou cirúrgica.* Traduzido do francês em vulgar com (...) notas por F.A.Z., cirurgião-mor do regimento de infantaria n.9. Tomo II. Sd [séc.XVIII].

Caixa 371 – n.º. 4713 - Livros sobre partos. sd [sec.XVIII].

Biblioteca Nacional de Lisboa - BNL

Seção de manuscritos. *Itinerário filosófico que contém a relação das ilhas de Cabo Verde disposto pelo método epistolar, dirigidas ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor Martinho de Melo e Castro pelo naturalista régio das mesmas João as Silva Feijó, 1783.*

PBA. 170. *Diário de uma viagem feita ao Rio de Janeiro até Vila Bela, capital de Mato Grosso. 1775.*

PBA. 711 (fl.17, 20). *Cartas internas do Conde de Oeiras.*

PBA. 710 (f. 197-198). *Carta familiar de 18 de novembro de 1797.*

PBA. 629 (fl. 29-59). *Anais de Vila Bela desde o descobrimento deste sertão de Mato Grosso no ano de 1734 até 1754.*

PBA. 642 (fl.393 a 400). *Instrução que se deu a D.Pedro Ceballos para saquear Cuiabá e Mato Grosso – 1779.*

PBA. 706 (fl.46, 70, 90); 715 (fl.1 a 13, 20 a 23, 26 a 46). *Sobre as virtudes do caldo de viboras.*

PBA. 635. Londres, 31 de julho de 1770. *Carta de D. Luiz da Cunha ao Conde de Oeiras.*

Iconografia

E.1468 – P – Iconografia. *Estufa do Jardim Botânico de Coimbra – sua representação no meio do arvoredo.* INS – Estufa do Jardim Botânico da Universidade. S-J. Mariz – Pedrozo. D-155X130 mm. P. madeira.

D. 202 A – Iconografia. Sturm, Filipe. *Planta de um palácio destinado a D.Antonio Rolim de Moura, plenipotenciário das 'Demarcações da parte do norte' e das "Casas novas para o governo desta capitania".* Trata-se do primeiro Conde de Azambuja (1709-1782) que em 1749 foi nomeado governador de Mato Grosso, no Brasil, tomando posse da capitania em 1751. Papel branco – 334X577 mm. Tinta da China e aguadas.

Academia das Ciências de Lisboa - ACL

Série Vermelha - n.º 143. Documentos vários. Coleção Mayne. *Memórias sobre a utilidade dos jardins botânicos e museus de história natural.* Século XVIII.

Série vermelha - n.º. 405. VANDELLI, Domingos. *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar.*

Série Vermelha - n.º 516. *Tratados de várias enfermidades pertencentes à cirurgia e suas curas* (século XVIII)

Série Vermelha – n.º 786. *Medicina. Contém memórias de vários simplices. Virtudes do Espírito do Conde da Palestina, assim simples como dulcificado.*

Série Azul - n.º 107. *Pecúlio das várias receitas para diversas queixas pelo doutor Antonio Ribeiro Sanches mandadas de Paris a algumas pessoas desta corte de Lisboa.* 1771.

Série Azul - n.º 374, mem. 25 – t. II . *O feliz clima do Brasil*

Série Azul - n.º 998. *Diário de Lacerda e Almeida de Vila Bela a Santos.*

Códice 511. *Medicina e Zoologia. Apontamentos vários.* Antonio Nunes Ribeiro Sanches (século XVIII)

Biblioteca da Ajuda - BA

Cota 54 - XI - 27 (15). *Roteiro das viagens que fez pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanharam os desenhadores José Joaquim Freire, Joaquim José Codina e o jardineiro botânico Agostinho Joaquim do Cabo.*

Cota 54 - X - II, 5. *Carta crítica de um anônimo para o licenciado João Cardosos de Miranda.*

Cota 54 - X - 11- 6. *Apologia contra o diálogo crítico que imprimiu o médico Antonio Nunes, do Rio de Janeiro, debaixo do nome de José de Aragão Espanha contra o remédio que para o escorbuto feito em cozimento traz o livro intitulado "Relação cirúrgica e médica que saiu à luz em 1748, seu autor o licenciado João Cardoso de Miranda.*

Cota 49 - II - 76. *Coleção de receitas medicinais.*

Cota 212 - VII - 27, p.63-124. *Carta e termo sobre a expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, por Emanuel Macedo Tavares.*

Museu Bocage - MB

ARF nº 1. 1783 / 91 - *Roteiro das viagens que fez pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá.* 13 f. (52p.)

ARF nº6. 1789. Fevereiro, 14. *Cachoeira do Caldeirão do rio da Madeira - Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira para João Pereira Caldas* (p.1-5).

ARF nº 13. 1790 - *Relação dos produtos naturais que remete Alexandre Rodrigues Ferreira para o Real Gabinete de História Natural que constituem a primeira remessa da capitania de Mato Grosso* (54p).

ARF nº 20. sd - *Causas das doenças dos índios apresentadas em 7 artigos e conclusões* (7 f.).

ARF nº 21. *Escorbuto ou mal de Luanda* (2 ½ f.)

ARF nº23. 1815 - *Catálogo dos manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira entregues por ordem superior pela viúva D. Germana em 5 de julho de 1815.*

RES. 17. *Método de recolher, preparar, remeter e conservar os produtos naturais segundo o plano que tem concebido e publicado alguns naturalistas para o uso dos curiosos que visitam os sertões e costas do mar. Lisboa, ano de 1781.* 64 p.

Iconografia

ARF nº 32/33. *2 volumes encadernados dos desenhos originais dos desenhadores Codina e Freire.*

RES. 1. Vol. 1 - *Riscos de alguns mameas, tipos de peixes e vermes de Angola com prospecto da embocadura do rio Dande. Ditos de vários animais raros de Moçambique com alguns prospectos e retratos.* (123 f).

ARF nº 34. 1986 - *Diapositivos dos desenhos originais.* 34 a - vol. 1:

014 - Índio anão Marcelino

015 - Casal de índios espanhóis desertados de Santa Ana

Diapositivos dos desenhos originais. 34 a - vol. 2

019 - Vista da sirga que tem a mesma cachoeira de Pederneira - 19/03/1789

40 - Prospecto da cachoeira de Santa Rosa

41 - Prospecto da frente do Forte Príncipe da Beira

42 - Prospecto da povoação e Forte Príncipe da Beira

46 - Prospecto da serra de Santo Antonio dos Guarajus

48 - Figura de um soldado pedestre de Mato Grosso

49 - Figura de um arreador de tropas

56 - Prospecto de Vila Maria

59 - Prospecto do desmonte de terra da lavra de ouro do Cuiabá

60 - Roda de esgotar os poços da lavra

61 - Lavagem de ouro

62 - Planta da canoa de lavagem de ouro da lavra

70 - Vista das canoas ubás

- 71 – Espacato das mesmas ubás
72 – Vista da popa de uma ubá
73 – Prospecto das canoas em que navegaram os empregados.

Arquivo Histórico Militar - AMM

2ª divisão – 1ª secção – nº3 – sala A – caixa 1C – livro 1º - século XVIII - 2/1/4/3. 166 – 5 f.,
1765- fevereiro 15, Vila Bela. *Carta de João Pedro da Câmara a D. Luís da Cunha sobre o estado da capitania do Mato Grosso e dos inimigos depois da paz com a Espanha.*

3ª divisão / 26ª secção / nº35 / livro 17935. *Regimento de infantaria do Pará.*

3ª divisão / 26ª secção / livro 1799 – Álbum A – folha 53. *Regimento de infantaria de Albuquerque.*

Arquivo Histórico Ultramarino - AHU

Maço Reino 26.

ACL – CU - 013 - cx.90 - D. 7325. [Post. 1783, agosto, 14]. Cidade do Pará. *Requerimento do naturalista empregado na Expedição Real Filosófica do Estado do Pará, Alexandre Rodrigues Ferreira, para a rainha D. Maria I, solicitando a mercê do hábito de uma das três ordens militares.*

ACL – CU – 008, caixa 26 D.1654 [anterior 1771, julho, 10, Lisboa]. *Requerimento do governador nomeado para a capitania de Goiás José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho ao rei D. José solicitando soldo desde a data de embarque para a capitania de Goiás e ajuda de custo.*

ACL – CU – 008, caixa 26 D. 1670. 1771, dezembro, 28, Vila Boa. *Ofício do governador interino da capitania de Goiás. Antonio Carlos Furtado de Mendonça a Martinho de Melo e Castro, sobre o conhecimento do valor da ajuda de custo e soldos que deverá receber como governador, informando que deverá permanecer na capitania até a chegada de seu sucessor e que já comunicou ao governador de Mato Grosso que irá sucedê-lo no governo daquela capitania.*

ACL – C – 008, caixa 26 D.1683. 1772, agosto, 2, Vila Boa. *Ofício do governador e capitão general de Goiás Barão de Mossâmedes, José de Almeida Vasconcelos de Soveral e Carvalho, ao secretário de Estado da AMrinha e Ultramar sobre sua chegada a Vila Boa e tomada de posse do governo.*

ACL – C – 008, caixa 26 D.1686. 1772, agosto, 15, Vila Boa. *Chegada a Vila Boa e posse do novo governador José de Almeida Vasconcelos de Soveral e Carvalho.*

ACL – CU – 013, caixa 90, D.7340. 1783, agosto 29, Mafra. *Ofício do Secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro ao capitão general do Pará e Rio Negro Martinho de Sousa Albuquerque sobre o embarque para o Pará de Alexandre Rodrigues Ferreira.*

ACL – CU – 013, caixa 90, D.7358. 1783, outubro 27, Belém do Pará. *Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira para Martinho de Melo e Castro discorrendo sobre variedades de peixes do Pará.*

ACL – CU – 013, caixa 90, D.7362. 1783, outubro 28, Pará. *Ofício do tenente do mar Antonio José Monteiro para Martinho de Melo e Castro relatando alguns acontecimentos ocorridos durante a sua viagem para o Estado do Pará levando a bordo de seu navio o novo governador do mesmo Estado, Martinho de Sousa Albuquerque, assim como os materiais necessários para as demarcações territoriais do Rio Negro e Mato Grosso, os fardamentos e materiais encomendados pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.*

ACL – CU – 013, caixa 90, D.7363. 1783, outubro 28, Belém. *Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira remetendo ao Gabinete Real alguns objetos.*

ACL – CU – 013, caixa 93, D.7431. 1784, agosto 7, Lisboa. *Ofício do juiz dos armazéns do Arsenal Real do Exército para Martinho de Melo e Castro sobre a chegada da encomenda feita por Alexandre Rodrigues Ferreira.*

ACL – CU – 013, caixa 93, D.7436. 1784, setembro 1, Pará. *Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira remetendo pela terceira vez algumas produções naturais a Lisboa.*

ACL – CU – 013, caixa 93, D.7450. 1784, outubro 10, Santo Antonio do Curupá. *Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira remetendo uma miscelânea histórica a Lisboa.*

ACL – CU – 013, caixa 93, D.7476. 1785, janeiro 9, Santarém. *Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro remetendo a segunda parte da minuta da história filosófica e civil da cidade do Pará.*

ACL – CU – Livros do Brasil. Códice 1622. [século XVIII]. *Relação de sementes e plantas do Brasil com fins alimentares e medicinais.*

ACL – CU – Ordens e avisos para Mato Grosso. Códice 613, 614, 615. Códice 2110. 1791. *Relação nº 2 das varas de lajedo precisas para o cais onde trabalha o guindaste. Diz que na charrua se recolhia a este reino o governador e capitão general Luiz de Albuquerque com a sua família. Acusa que se entregaram ao mestre dela os produtos naturais remetidos do Mato Grosso pelo doutor Alexandre Rodrigues Ferreira.*

Índice dos documentos das sub-divisões do reino – séculos XVII – XVIII – XIX

Maço 2 (atual maço 14) nº 2664. *Botânica* – 1608 a 1833

Maço 6 (atual maço 18) nº 2674. *Cronistas*

Maço 9 (atual 21) nº 2690 e 2691. *Hospitais*

Maço 11 (atual 23) nº 2675 e 2676. *Medicina*

Maço 14 (atual 26) nº 2722. *Naturalistas*

Cartografia e iconografia relativa ao Brasil

nº. 852 - Mato Grosso, 1767 – *Projeto do novo aposento para os índios da Aldeia de São Miguel, na margem do rio Guaporé. Sargento mor engenheiro José Matias de Oliveira Rego.*

nº 853 - Mato Grosso, 1769 – *Planta e frontispício da igreja matriz de Vila Bela*

Goiás, 1774 – *Carta geográfica de todo o terreno conhecido que medeia entre Vila Boa de Goiás e Vila Bela de Mato Grosso.*

Biblioteca Municipal do Porto - BMP

Biblioteca Portuensis

MS 235 – colocação D/5 - *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais escritos por José Barbosa de Sá nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Parte primeira. Ano de 1769.*

MS 1:126 – (século XVIII) - *Tratado anatômico dos ossos vasos linfáticos e glândulas por José Pinto de Azevedo, doutor pela Universidade de Leide, físico-mor e professor régio de medicina no reino de Angola, sócio das mais célebres academias da Europa.*

MS 1:036 - *Coleção de receitas medicinais, de doces. Modo de compor vários medicamentos tirado de diversos autores.*

MS 1: 177 - *Remédios vários.*

Códice 1200 - *Desenhos de História Natural: zoologia e botânica do Brasil. Descrizione di varie piante i frutti. animali, passerii, pesci... Antonio Landi dedica sua excelencia il signore Luiggi Pinto de Souza, cavaglieri di Malta i governatore del Mato Grosso.*

Fontes Impressas

ABREU, Brás Luis de. *Portugal médico ou monarquia médico-lusitana, histórica, prática, simbólica, ética e política, fundada e compreendida no dilatado âmbito dos dois mundos criados, macrocosmo e microcosmo.* Repartida e demarcada em três amplísimos reinos, animal, vegetal e mineral, em que se descreve a natureza, diferenças, usos e propriedades dos mais célebres animais, peixes, aves, plantas, frutos, ervas, pedras preciosas e muitas outras substâncias mercuriais, salinas e sulfúreas, tudo

- disposto por várias fisiologias históricas, zoologias físicas e paronímias morais de que se extraem doutrina, hieroglíficos, onde se fundam utilíssimas reflexões simbólicas, escornadas com copiosa erudição e abundante silva de muitos autores, assim sagrados como profanos, em ordem a constituir o verdadeiro homem médico. Ampliada e subdividida em outras três famosas regiões, animal, vital, e natural, em que se expõem curiosíssimos sistemas éticos-políticos e neles vários hieroglíficos, histórias, emblemas, moralidades, provérbios, ritos, observações, fisiognomias e outras muitas ações e afetos das partes do corpo humano, como também doutrinais sintagmas médico-práticos em que se compreendem anatomias, achaques com suas essências, diferenças, causas, sinais, prognósticos, curas e observações dos mais famigerados médicos do nosso Portugal, tudo pertencente às mesmas partes enquanto enfermos e medicáveis. Obra para todos igualmente útil, que suave. Parte I, que dedica, consagra e oferece ao sereníssimo e sempre augusto príncipe do Brasil, o senhor D. José Francisco Antonio Inácio Norberto Agostinho. Brás Luis de Abreu, cis-tagano, médico portuense, familiar do Santo Ofício. Coimbra: Oficina João Antunes, mercador de livros, MDCCXXVI.
- ADONIAS, Isa. Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores e descritos por Isa Adonias para as comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique. *I. Texto*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Serviço de Documentação, 1960.
- BARROS, J.C. Freitas. *Um quadro e uma figura* (o Mato Grosso de Luis de Albuquerque). Lisboa: Pap. Fernandes, 1952.
- BLUTEAU, Rafael. *Dicionário da língua portuguesa*. Composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Tomo primeiro A-K. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789.
- BLUTEAU, Rafael. *Dicionário da língua portuguesa*. Composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789.
- BLUTEAU, Rafael. *Suplemento ao vocabulário português e latino* que acabou de sair à luz, ano de 1721, dividido em oito volumes dedicados ao magnífico rei de Portugal D. João V pelo padre D. Rafael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada teologia, pregador da rainha da Grã-Bretanha Henriqueta Maria de França, qualificador do Santo Ofício no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa e acadêmico da Academia Real. Lisboa Ocidental: Na Oficina de José Antonio da Silva, impressor da Academia Real, 1727.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português & latino*, áulico, anatômico, arquitetônico, bélico, botânico, brasileiro, cômico, crítico, químico, dogmático, dialético, dendrológico, eclesiástico, etmológico, econômico, florífero, forense, frutífero, geográfico, geométrico, gnomônico, hidrográfico, homônimo, hierológico, ictiológico, índico, ifagógico, lacônico, litúrgico, litológico, médico, músico, meteorológico, náutico, numérico, neotérico, ortográfico, ótico, ornitológico, poético, filológico, farmacêutico, quiditativo, qualitativo, quantitativo, retórico, rústico, romano, simbólico, sinônimo, silábico, teológico, terapêutico, tecnológico, uranológico, xenofônico, zoológico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos, e oferecido a el rei de Portugal D. João V. Lisboa: Na Oficina de Pascoal da Silva, impressor de sua majestade, 1720.
- COELHO, Manuel Rodrigues. *Farmacopéia tubalense, químico-galênica. Parte primeira em que se faz não só uma reflexão física sobre os princípios dos mistos, expondo depois a definição de ambas as farmacopéias e as operações em que se dividem com os objetos dela inteiramente explicados, mas também se mostra um dicionário com muitas vozes e termos de ambas as farmácias e a explicação dos mais versados sinônimos com que em diversos idiotismos se pedem os simples medicinais e finaliza com a indagação dos três reinos, animal vegetal e mineral, com algumas objeções propostas e decididas acerca dos medicamentos deste tão dilatado império*. Roma: Na Oficina de Balio Geredini, 1740.
- CORREA FILHO, Virgílio. *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- DICTIONNAIRE UNIVERSEL de médecine, de chirurgie, de chymie, de botanique, d'anatomie, de pharmacie, d'histoire naturelle. Traduit de l'anglois de M. James, par Mrs. Diderot, Eidous & Toussaint. Revu, corrigé & augmenté par M. Julien Busson, docteur regent de la Faculté de Médecine de Paris. Paris: Chez Briasson, à la science & à l'ange gardian, David l'aîné, à la Plume d'Or. Durand à Saint Landry & au Griffon, 1748.

- DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica. In: O tratado único das bexigas e sarampo. *Apud Morão, Rosa & Pimenta*: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi / CNPq / Fundação Roberto Marinho, 1983.
- FERREIRA, J. Bettencourt. Acerca da “Viagem Filosófica” do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e da colonização portuguesa no Brasil (1783-1793). In: Separata do volume *Actes, conférences et communications do III Congresso Internacional de História das Ciências, celebrado em Portugal em 1934*. Lisboa: Tipografia da Empresa de Publicidade Seara Nova, 1936.
- FERREIRA, J.H. *Discurso crítico em que se mostra o dano que têm feito aos doentes e ao progresso da medicina em todos os tempos a introdução dos remédios de segredo e composições ocultas, não só pelos charlatães e vagamundos, mas também pelos médicos que os têm imitado*. Lisboa: Oficina de Filipe da Silva Azevedo, 1785.
- FERREIRA, Luis Gomes. *Erário mineral dividido em doze tratados*. Dedicado e oferecido à puríssima e sereníssima virgem Nossa Senhora da Conceição. Lisboa Ocidental: Na Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.
- FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro & C., 1880.
- FONSECA, José Gonçalves. *Notícia da situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001.
- FONTES, Glória Marly. *Alexandre Rodrigues Ferreira (aspectos de sua vida e obra)*. Manaus: INPA, 1966.
- FRANÇA, Carlos. Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma missão científica no Brasil no século XVIII. In: *Boletim da Sociedade Broteriana*. Vo. I, 2ª série, 1922.
- FREITAS, Octavio de. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- HENRIQUES, F. da F. *Âncora medicinal para conservar a vida com saúde*. Lisboa: Oficina Bernardo Antonio de Oliveira, 1754.
- LEMONS, Maximiano. *Ribeiro Sanches: a sua vida e a sua obra*. Obra escrita sobre novos documentos, no desempenho de uma comissão do governo português. Porto: Eduardo Tavares Martins, 1911.
- LIMA, Américo Pires de. Ainda o doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *Separata do Anuário da Sociedade Broteriana*. Ano XX. Alcobaça, 1954.
- LIMA, Américo Pires de. As boticas do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do séc. XVIII). Separata dos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, Porto, v. X. 1949.
- LIMA, Américo Pires de. As matrículas do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. Separata do *Boletim da Sociedade Broteriana*, Alcobaça, v. XXVIII (2ª série), 1954.
- LIMA, Américo Pires de. Aspectos médicos da carreira das Índias no fim do século XVI e princípio do século XVII. Separata da revista *Clinica Contemporânea*, tomo I, n. 2, p. 106-116, fev. 1946.
- LIMA, Américo Pires de. Brotero e a sua lição. In: *Separata do Boletim da Sociedade Broteriana*. Vol. XIX – 2ª série. Alcobaça: Tipografia Alcobacence Ltda, 1944.
- LIMA, Américo Pires de. Nota sobre algumas epidemias na cidade da Bahia. Separata de *Brasília*, Coimbra, v. V, 1950.
- LIMA, Américo Pires de. *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira: documentos coligidos e prefaciados*. Lisboa: Agência Geral de Ultramar/ Divisão de Publicações e Biblioteca, 1953.
- LIMA, Américo Pires de; SANTOS JR, J.R. dos. Cartas inéditas de e para Brotero. In: *Anuário da Sociedade Broteriana*, 1944.
- MELLO-LEITÃO, C. de. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1985.
- MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa lagoa descoberta nas congonghas das minas do Sabará que tem curado a vários pessoas dos achaques que nesta relação se expõe*. Lisboa: Oficina de Miguel da Costa, 1749.
- MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirúrgica e médica na qual se trata e declara especialmente um novo método para curar a infecção escorbútica, ou mal de Luanda, e todos os seus produtos, fazendo para isso manifestos dois específicos e mui particulares remédios*. Lisboa: Oficina de Manuel Soares, 1741.
- MORÃO, Simão Pinheiro. *Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitânias se observam tanto em dano das vidas de seus habitantes*. 1677. Leitura, explicação e nótulas do dr. Jaime Walter, do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar, 1965.
- PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América (1732)*. 2 v. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1939.
- PORTUGAL - *Dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. v. VI. Lisboa: João Romano Torres – Editor, 1904-1915.
- ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*. Oferecido a el rei nosso senhor por ser servido ordenar por seu governador aos médicos da América que assistem aonde há este contágio que o compusessem para se conferirem pelos corifeus da medicina aos ditames com que é tratada esta pestilencial febre. Lisboa: Na Oficina de Miguel Manescal, 1694.
- SÁ, José Antonio de. *Compêndio de observações que formam o plano da viagem política e filosófica que se deve fazer dentro da pátria*. Lisboa: Na Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1783.
- SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. (1775) Cuiabá: UFMT / SEC-MT, 1975.
- SÁ, Manoel José Maria da Costa e. Elogio do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História e memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Tomo V. Parte I. Lisboa: Na Tipografia da mesma Academia, 1817.
- SÁ, Victor. Seleção, apresentação e notas. In: SANCHES, Ribeiro. *Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. *Tratado da conservação da saúde dos povos: obra útil e igualmente necessária aos magistrados, capitães generais, capitães de mar e guerra, prelados, abadesas, médicos e pais de famílias*. Com um apêndice: “Considerações sobre os terremotos com a notícia dos mais consideráveis de que faz menção a história e deste último que se sentiu na Europa no 1º de novembro de 1755. Em Paris vende-se em casa de Irmãos Ginioux Ao Poço Novo; em Coimbra na dos mesmos, e no Porto na de Bellon e Companhia, 1758.
- SANCHES, Ribeiro. *Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- SARMENTO, Jacó de Castro. *Sobre uso e abuso das minhas Águas de Inglaterra ou diretório e instrução para se saber seguramente quando se deve ou não usar delas, assim nas enfermidades agudas como em algumas crônicas, e em casos propriamente de cirurgia*. Londres: Guilherme Strahan, 1756.
- SEMEDO, João Curvo. *Atalaia da vida contra as hostilidades da morte: fortificada e guarnecida com tantos defensores quantos são os remédios que no discurso de cinquenta e oito anos experimentou João Curvo Semedo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício e médico da casa real*. Oferecida a Cristo Jesus crucificado. Lisboa Ocidental: Na Oficina Ferreirenciana, 1720.
- SEMEDO, João Curvo. *Poliantéia medicinal*. Notícias galênicas e químicas repartidas em três tratados dedicadas às saudosas memórias e veneradas cinzas do eminentíssimo senhor cardeal de Sousa, arcebispo de Lisboa, capelão mor do sereníssimo senhor rei D. Pedro II, e seu conselheiro de Estado. Por mãos do excelentíssimo senhor D. Pedro Antonio de Noronha, marquês e senhor de Angeja, Bemposta, Pinheiro e suas dependências, comendador das comendas de Aljezur da Ordem de Santiago, d.ão Salvador de Moicoz, Nossa Senhora da Ribeira de Pena e São Pedro de Cabide, Santa Maria de Alvarenga da Ordem de Cristo e cavaleiro da militar de Santiago, dos conselhos de Estado e Guerra de sua majestade, vedor de sua Fazenda, vice-rei que foi no Estado da Índia, mestre de campo

- general, a cujo cargo esteve o governo da cavalaria da província do Alentejo, e governador das armas e exército da mesma província e agora vice-rei do Estado do Brasil, e c. por João Curvo Semedo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, médico da Casa Real. Terceira vez impresso e aumentado. Lisboa: Oficina de Antonio Pedroso Galram, 1716.
- SYDENHAM, Thomas. *Médecine pratique de Sydenham*, avec des notes; ouvrage traduit en Français sur la dernière édition angloise, par seu M. A.F. Jault, docteur en médecine & professeur au Collège Royal. Paris: Chez Théophile Barrois le Jeune, Librairie quai des Augustins, n. 18. 17 84.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole. *A cidade do ouro e das ruínas*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnole. *História das bandeiras paulistas*. tomo III. Relatos monçoeiros. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Iconografia, v. 1 – Geografia, Antropologia. Rio de Janeiro, 1971.

Observação:

Américo Pires de Lima, ao publicar os documentos que compilou sobre a “Viagem filosófica” de Alexandre Rodrigues Ferreira, não informou os arquivos nos quais se encontravam, e nem elaborou ementa para cada um deles. Alguns dos documentos pudemos identificar como pertencendo ao Arquivo Ultramarino, outros ao Museu Bocage. Os documentos abaixo relacionados são aqueles que efetivamente utilizamos na escrita da tese. Quanto às ementas a eles anexadas, foram elaboradas por nós.

doc. L - Pará, 30 de janeiro de 1788. Ofício de Pereira Caldas a Alexandre Rodrigues Ferreira encaminhando ordens reais de seguir para o Mato Grosso com a expedição filosófica.

doc. LXVII – Barcelos, 23 de agosto de 1788. Ofício de João Pereira Caldas a Alexandre Rodrigues Ferreira com instruções para a viagem ao Mato Grosso.

doc. LI - Barcelos, 1º de fevereiro de 1788. Ofício de João Pereira Caldas ao diretor da vila de Silves sobre providências a serem tomadas a respeito da expedição filosófica.

doc. LIII – Barcelos, 5 de fevereiro de 1788. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a João Pereira Caldas enviando relação do que se deve aprontar de homens, mantimentos e embarcações e outros fornecimentos precisos para o transporte do doutor naturalista e para os mais empregados na expedição filosófica, pela repartição do governo do Mato Grosso.

doc. LIV - Barcelos, 6 de fevereiro de 1788. Ofício de João Pereira Caldas ao capitão general do Grão Pará com providências sobre a expedição filosófica.

doc. LV - Barcelos, 6 de fevereiro de 1788. Relação do que pede o doutor naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e o que se pode aprontar na vila de Barcelos de homens, mantimentos e embarcações e outros fornecimentos precisos para o transporte do doutor naturalista e para os mais empregados na expedição filosófica, pela repartição do governo do Mato Grosso.

doc. LXVI – Barcelos, 22 de agosto de 1788. Ofício do provedor interino da real fazenda colocando à disposição de Alexandre Rodrigues Ferreira o sargento Elías José Liz.

doc. LXIII – Barcelos, 1º de agosto de 1788. Assento da nomeação do frei Antonio de Santa Catarina para servir como capelão na expedição filosófica.

doc. LVII – Barcelos, 10 de maio de 1788. Ofício de João Pereira Caldas ao diretor da vila de Silves e para o comandante do registro da vila de Borba ordenando providência para contribuir com a expedição filosófica.

doc. LIX – Barcelos, 16 de maio de 1788. Ofício de João Pereira Caldas ao capitão general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres avisando sobre a viagem da expedição filosófica ao Mato Grosso e sobre cuidados com os índios.

doc. LX – Pará, 31 de maio de 1788. Ofício de Martinho de Souza Albuquerque a João Pereira Caldas sobre providências tomadas para o encaminhamento da expedição filosófica ao Mato Grosso.

doc. LX – Pará, 31 de maio de 1788. Ofício de Martinho de Souza e Albuquerque a João Pereira Caldas Relações das embarcações, mantimentos, gêneros, munições e medicamentos que se aprontarão para a expedição filosófica para a viagem ao Mato Grosso.

doc. LXI – Santarém, 13 de julho de 1788. Ofício do capitão comandante da fortaleza de Santarém a João Pereira Caldas encaminhando os gêneros necessários para a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Mato Grosso.

doc. LXII – Barcelos, 21 de julho de 1788. Ofício enviado por João Pereira Caldas ao comandante do registro da vila de Borba sobre providências a serem tomadas para contribuir com a expedição filosófica.

doc. LXV – m viagem, em 15 de agosto de 1788. Ofício do cabo de esquadra Sebastião da Rocha a João Pereira Caldas dando conta de providências tomadas para auxiliar a expedição filosófica.

doc. LXIX – Barcelos, 25 de agosto de 1788. Ofício de João Pereira Caldas a Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres encaminhando instruções sobre a expedição filosófica.

doc. LXXII – Barcelos, 9 de outubro de 1788. Ofício de João Pereira Caldas a Martinho de Melo e Castro com relação de material coletado por Ferreira e encaminhado a Lisboa.

doc. LXX – Na foz do rio Madeira, 11 de setembro de 1788. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a João Pereira Caldas participando sobre a viagem da expedição.

doc. LXXIV – Vila Bela, 5 de fevereiro de 1788. Ordem de João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres para que fossem prestados a Alexandre Rodrigues Ferreira toda a ajuda que pudesse facilitar ao naturalista quaisquer exames e indagações ou experimentos que quisesse fazer na capitania de Mato Grosso.

doc. LXXIII – Vila Bela, 5 de março de 1789. Ofício de Luiz de Albuquerque a Tristão da Cunha Meneses cobrando o pagamento do ouro devido a Mato Grosso pela capitania de Goiás.

doc. LXXXVI – Vila Bela, 16 de abril de 1790. Ofício de Alexandre Rodrigues a Martinho de Melo e Castro dando conta de suas atividades na capitania de Mato Grosso e comunicando que enviaria a Lisboa produtos recolhidos através de Luiz de Albuquerque, que seguia para o reino.

doc. LXXXV – Vila Bela, 12 de abril de 1790. Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando a chegada a Vila Bela dos membros da expedição filosófica e narrando suas atividades na capitania.

doc. LXXXVII – 16 de abril de 1790. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro comunicando envio de remessas a Lisboa.

doc. LXXXVIII – Vila Bela, 16 de abril de 1790. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro dando conta do andamento de seus trabalhos na capitania de Mato Grosso.

doc. LXXXIX – Vila Bela, 15 de maio de 1790. Carta de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira solicitando relação do necessário para a viagem a Cuiabá.

doc. LXXXI – Vila Bela, 17 de maio de 1790. Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro solicitando auxílio financeiro para a expedição filosófica.

doc. LXXXIV – Vila Bela, 18 de maio de 1790. João de Albuquerque. Memória dos lugares que parecem mais oportunos a fazer alguns exames de história natural.

doc. LXXXVI – Vila Bela, 21 de maio de 1790. Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque sobre a visita às terras diamantinas.

doc. LXXXVIII – Vila Bela, 21 de maio de 1790. Carta de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a visita às terras diamantinas.

doc. XCI – Registro do Jauru, 21 de agosto de 1790. Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque agradecendo o auxílio quando de sua doença, e comunicando suas viagens seguintes.

doc. XCIV – Vila Bela, 30 de outubro de 1790. Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando a viagem da expedição filosófica pelo Cuiabá.

doc. XCV – Cuiabá, 20 de fevereiro de 1791. Relação enviada por Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque do que se faz preciso aprontar de homens, canoas, armas, mantimentos e outros preparativos necessários para o transporte do doutor naturalista e mais empregados na expedição filosófica em viagem pelos rios Cuiabá abaixo, Paraguai acima e o porto do registro do Jauru.

doc. XCVI – Cuiabá, 15 de março de 1791. Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque avisando de sua partida próxima de Cuiabá rumo ao registro do Jauru.

doc. XCVIII – Vila Bela, 17 de setembro de 1791. Ofício de João de Albuquerque a Alexandre Rodrigues Ferreira com ordens para retornar ao Pará.

doc. XCIX – Vila Bela, 17 de setembro de 1791. Agradecimento de Alexandre Rodrigues Ferreira a João de Albuquerque.

doc. C – Vila Bela, 1º de outubro de 1791. Ofício de João de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro comunicando o retorno da expedição filosófica ao Pará.

doc. CI – Pará, 6 de fevereiro de 1792. Ofício de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro comunicando a conclusão dos trabalhos no Mato Grosso e as mudanças que encontrou no Estado do Grão Pará.

doc. CII – Pará, 14 de outubro de 1792. Ofício de Luís Pereira da Cunha a Martinho de Melo e Castro encaminhando material ao Real Gabinete e comunicando o casamento de Alexandre Rodrigues Ferreira com sua filha Germana.

Livros e artigos

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império: questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*. Porto: Afrontamento, 1992.

ALMAÇA, Carlos. Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico-natural do Brasil. *In: Oceanos* nº 9 – janeiro 1992 – trimestral – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

ALMAÇA, Carlos. *Ciriaco, um negro pigarço do século XVIII*. Lisboa: Museu Bocage/Museu Nacional de História Natural, 1996.

ALMAÇA, Carlos. *Répteis e alimentação no Brasil colonial*. Pub. Cam. Comerc. Ind. Cáceres, 71: 305-313 (1999)

ALMEIDA, André Ferrand de. Os jesuitas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720-1748). *In: Oceanos* nº. 40 – outubro/dezembro 1999. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

AMADO, Janaina, FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *Brasil 1500: quarenta documentos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

AMADO, Janaina. Construindo mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos EUA. *In: PIMENTEL, Sidney Valadares (Org.). Passando dos limites*. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

- ARAÚJO, Adauto, FERREIRA, Luiz Fernando. Infecções parasitárias na pré-história da América do Sul. In: VERAS, R.; BARRETO, M.; ALMEIDA FILHO, N.; BARATA, R. *Epidemiologia: contextos e pluralidade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ / ABRASCO, 1998.
- ARAÚJO, Ana Cristina. *A cultura das Luzes em Portugal: Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- ARAÚJO, Ana Cristina. Ilustração, pedagogia e ciência em Antonio Nunes Ribeiro Sanches. In: *Revista de História das Idéias*, vol. 6, 1984.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Brasília: INL Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- AREIA, M. L. Rodrigues de, MIRANDA, Maria Arminda, HARTMANN, Tekla. *Memória da Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1991.
- ARQUIOLA, Elvira, MONTIEL, Luis. *La corona de las ciencias naturales: la medicina el el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993.
- BAKTHIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARRADAS, Joaquim. *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BARRETO, Cristiana, NEVES, Eduardo. *Unknown Amazonas: culture and nature*. British Press, 2002.
- BARRETT, Frank A. *Disease & geography: the history of an idea. Geographical monographs*. Atkinson College. Dept. Geography, n.23. Toronto: Becker Associates.
- BARROS, J. C. Freitas. *Um português no Brasil: Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres – governador e capitão general do Mato Grosso e Cuiabá*. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1948.
- BELLUZZO, Ana M. de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Rio de Janeiro: Objetiva / São Paulo: Metalivros, 1999.
- BOSCHI, Caio C. A Universidade de Coimbra e a formação intelectual das elites mineiras coloniais. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991.
- BOSI, Alfredo. "A fenomenologia do olhar". In: *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURGUET, Marie-Noëlle; LICOPPE, Christian. Voyages, mesures et instruments: une nouvelle expérience du monde au siècle des lumières. *Annales histoire, science sociales*. Extrait du numéro 5, septembre-octobre, 1997.
- CABRERA-AFONSO, Juan-Rafael. "José Celestino Mutis (1732-1808) y la medicina popular en Nueva Granada". In: RIERA, Juan (coord.). *Ciencia, medicina y sociedad en la España ilustrada*. Valadoli: Instituto de Ciencias de la Educación, 1990.
- CAMARGO, Erney Plessmann. A malária encenada no grande teatro social. *Estudos Avançados* 24. Volume 9 – número 24 – maio/agosto 1995.
- CARNEIRO, Henrique. *A igreja, a medicina e o amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000.
- CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994.
- CARTWRIGHT, Frederick F.; BIDDISS, Michael. *As doenças e a história*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- CARVALHO, Rómulo de. *A história natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

- CAVALCANTE, Else Dias de Araújo. *Imagens de uma epidemia: saber médico, urbanização e varíola na província de Mato Grosso*. Cuiabá: Gráfica Print, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.
- COELHO, Mauro Cezar. A civilização da Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira e o Diretório dos Índios: a educação de indígenas e luso-brasileiros pela ótica do trabalho. *Revista de História Regional*, v. 5, n. 2, inverno 2000.
- COIMBRA JR., Ricardo (org.) *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- COMTE, Cláudio Quos. A Santa Ceia de Vila Bela da Santíssima Trindade. *Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso*, vol. 3, n.1 jan./jun/2002.
- CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Iconografia, v. I – Geografia e Antropologia; vol. II – Zoologia e Botânica. São Paulo: Editora Monumento, Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza, 1971.
- CORBÍN, Alain. *Saberes e odores: o olfato no imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *As raias de Mato Grosso*. v. II. São Paulo: sn., 1925.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994.
- COSTA, Maria de Fátima, DIENER, Pablo. Viaje filosófico al interior de la América Portuguesa: la expedición de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). In: *Anales Museo de America*. Madrid: Museo de America, 2000. (tomo 8: 123-146)
- COSTA, Maria de Fátima. “Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 993-1014, 2001.
- COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
- COSTA, Maria de Fátima G. (org.). *Percorrendo manuscritos: entre Langsdorff e D’Alincourt*. Cuiabá: UFMT Editora Universitária, 1993.
- CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso, com a de outros naturalistas posteriores*. Belém: PR / STC / CNPq / Museu Paraense Emilio Goeldi, 1991.
- D’ALEMBERT. *Éléments de philosophie I. Mélanges de littérature, d’histoire et de philosophie*. Amsterdã, 1758. *Apud* CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 77.
- DARNTON, Robert, ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.
- DEL PRIORE, Mary. *O mal sobre a terra: uma história sobre o terremoto de Lisboa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

- DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DOMINGOS, Manuela (coord.). *Estudos sobre a história do livro e da leitura em Portugal 1995-2000*.
- DOMINGOS, Manuela. *Livreiros de setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.
- DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. In: *História. Ciências, Saúde* vol. III (suplemento) p. 832.
- DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassalos: colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, 2000.
- DOMINGUES, Ângela. Um novo conceito de ciência ao serviço da razão de Estado: a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao norte brasileiro. In: *Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Lisboa: Academia da Marinha, 1992.
- DOMINGUES, Ângela. *Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*. Lisboa: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.
- DRUMMOND, J.A. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.
- ENTRALGO, Pedro Lain. 'Prólogo'. In: ARQUIOLA, Elvira; MONTIEL, Luis. *La corona de las ciencias naturales: la medicina en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993.
- ESTRELA, R. A propósito deste livro e de suas traduções. In: RAMAZZINI, Bernardino. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: FUNDACENTRO, 1999.
- FALCON, Francisco Calazans. *A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1993.
- FARIA, Miguel Figueira de. *A imagem útil. José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador topográfico e de história natural: arte, ciência e razão de Estado no final do antigo regime*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.
- FARIA, Miguel. Mato Grosso: estado fronteira. In: *A formação territorial do Brasil. Oceanos* n.º 40 – outubro/dezembro 1999. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- FARIA, Miguel. O desenho em viagem. *Oceanos* n.º 9 – janeiro 1992 – trimestral – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- FERRAZ, Márcia Helena Mendes. A produção do salitre no Brasil colonial. *Química Nova*, 23(6) (2000).
- FIGUEIREDO, Israel de Faria. Rolim de Moura e a escravidão em Mato Grosso: premissa e violência – 1751-1765. *Territórios e Fronteiras* – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, 2001, vol. 2, n.º.2 – jul./dez.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira (org.). *Saúde e doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.
- FREYRE, Gilberto. Dom Luiz de Albuquerque e Cáceres, como governador português no Brasil do fim do século XVIII. In: *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n.º. 2, Lisboa, 1966.

- GALERA, Adrés. Filosofia de um viaje. Alexandre Rodrigues Ferreira explora la Amazonia. In: *Atalaia-Intermundos. Revista Internacional de Exegese Contemporânea*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, sd.
- GAUER, Ruth Maria Chittó. *A modernidade portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOMES, Ordival Cassiano. *História da medicina no Brasil no século XVI*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de História da Medicina, 1974.
- GRMEK, Mirko D. *Les maladies a l' aube de la Civilization Occidentale*. Paris: Payot, 1983.
- GUEDES, Maria Estela; ARRUDA, Luís M. *João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde*. In: *As Ilhas e o Brasil*. Região Autônoma da Madeira, 2000.
- GUERREIRO, Inácio. As demarcações segundo o Tratado de Santo Ildefonso de 1777. In: *Cartografia e diplomacia no Brasil do século XVIII*. Lisboa: CNCDP – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- GUERREIRO, Inácio. Fronteiras do Brasil colonial: a cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII. In: *Oceanos* nº. 40 – outubro/dezembro 1999. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA HISPÁNICA. *Pasado y porvenir de la Expedición Botánica*. Bogotá: Litografía Arco, 1985.
- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LACAPRA, Dominick. *History, politics and the novel*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.
- LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts contexts language*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *Livro da visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará 1763-1769*. Petrópolis: Vozes, sd.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1981
- LE GOFF, Jacques (org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1990.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *História Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, v. I, n.2, nov. 1994 – fev. 1995.
- LIMA, Américo Pires de. “As matrículas do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira”. Separata do *Boletim da Sociedade Broteriana*, Alcobça, v. XXVIII (2ª série), 1954.
- LIMA, Américo Pires de. As boticas do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do séc. XVIII). Separata dos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*. Vol. X. Porto: s.n, 1949.
- LIMA, Américo Pires de. Aspectos médicos da carreira das Índias no fim do século XVI e princípio do século XVII. Separata da revista *Clinica Contemporânea*. Tomo I – nº 2, fevereiro de 1946.
- LIMA, Américo Pires de. Nota sobre algumas epidemias na cidade da Bahia. Separata de *Brasília*, vol. V. Coimbra: Coimbra Editora Ltda, 1950.

- LIMA, Américo Pires de. *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira: documentos coligidos e prefaciados*. Lisboa: Agência Geral de Ultramar/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1953.
- LIMA, Américo Pires; SANTOS JR, J. R. dos. Cartas inéditas de e para Brotero. In: *Anuário da Sociedade Broteriana*, 1944.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- LINDEMANN, Mary. *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: novas abordagens da história europeia*. Lisboa: Repliação, 2002. p. 91.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória Unicamp, 1999.
- MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MAZZOLINI, Renato G. "Les lumières de la raison: des systèmes médicaux à l'organologie naturaliste". In GRMEK, Mirko (org.) *Histoire de la pensée médicale en Occident*. 2 De la Renaissance aux Lumières. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 306-307.
- MILLEPIERRRES, François. *A vida cotidiana dos médicos no tempo de Molière*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- MOREIRA LEITE, Miriam L. "Naturalistas viajantes". In: *História Ciências, Saúde - Manguinhos*. Vol. I, nº. 2. Nov.1994 - fev. 1995. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- NAVA, Pedro. *A medicina de Os Lusitadas*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- NOVAES, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo del tabaco y del azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.
- PEREIRA, Gómez. *Antoniana Margarita*. Reproducción fac-similar de la edición de 1749. Estudio preliminar y versión al español por José Luis Barreiro Barreiro. Universidade de Santiago de Compostela, 2000.
- PIOTR DASZKIEWICZ. *A few portuguese letters and manuscripts brought to Paris by Etienne Geoffroy Saii-Hilaire, now in the manuscript collection of the Library of Muséum National d'Histoire Naturelle*. Publicações avulsas, 2ª série, nº 8. Lisboa: Museu Bocage/Museu de História Natural, 2002.
- PRATT, Mary Louise. "Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante?". In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum. *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999a.
- RAMINELLI, Ronald. Viagens e inventários: tipologia para o período colonial. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan./jun., 2000. Editora da UFPR.
- REIS, Artur César Ferreira. "A Amazônia vista pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira". *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, julho-setembro, 1957.
- REVEL, Jacques, PETER, Jean-Pierre. "O Corpo: o homem doente e sua história". In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- REVEL, Jacques. Micro-análise e construção do social. In: *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- RONCAYOLO, Marcel. Les paysage du savant. In: NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire: la république, la nation, les France*. 7 v. Paris: Gallimard, 1984. p. 487-528.
- ROSA, Carlos Alberto, JESUS, Nauk Maria de. (orgs.) O urbano colonial na terra da conquista. In: *A terra da conquista: história de Mato Grosso colonial*. Cuiabá: Editora Adriana, 2003.
- ROSA, Carlos; BINI, Neuza M. *Do indivíduo ao grupo: para uma história do livro em Cuiabá*. Cuiabá: Correio da Imprensa, 1975.
- ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- SÁ, Isabel dos Guimarães. Práticas de caridade e salvação da alma nas Misericórdias metropolitanas e ultramarinas (séculos XVI-XVIII): algumas metáforas. In: *Oceanos* nº 35 – julho/setembro 1998. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. I. São Paulo: Hucitec, 1977.
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Estúdio Nobel / FAPESP, 1996.
- SENA, Ernesto Cerveira de. A cidade amiga do progresso. *Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso*, vol.2, n. 2, jul./dez. 2001.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Nos 5 séculos da Misericórdia de Lisboa: um percurso na história. In: *Oceanos* nº 35 – julho/setembro 1998. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVA, Jovam Vilela. *Mistura de cores: política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso, século XVIII*. Cuiabá: Ed. UFMT, 1995.
- SIMON, William J. *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical / Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1983.
- SÚSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THE ACADEMY of Sciences of Lisbon. Braga: Barbosa e Xavier, 1994.
- VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VILLARINO, Hernán. La Antoniana Margarita de Gómez Pereira y el origen de la controversia sobre el mecanicismo animal entre realismo, idealismo y materialismo. (Ejercicio de exploración de una via indirecta de retorno a la escolastica). *Revista Chilena de Neuro-psiquiatria*. p. 316-328.
- VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil 1719-1819*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: Marco Zero / Cuiabá: Ed. UFMT, 1993.
- WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense 1889-1928*. Santa Maria: EDUSC, 1999.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

Teses e dissertações

- BRIGOLA, João Carlos. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Évora, 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Évora.
- CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.
- CRIVELENT, Maria Amélia Assis Alves. *Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso: um estudo sobre Chapada dos Guimarães 1798-1830*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso.
- FERNANDES, Suelme Evangelista. *O Forte do Príncipe da Beira e a fronteira noroeste da América portuguesa (1776-1796)*. Cuiabá, 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso.
- FERREIRA, Isabella Fagundes Braga. *Territorialidades de um império: a Amazônia colonial (1751-1759)*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.
- GALETTI, Lylia da S. Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.
- JESUS, Nauk Maria de. *As artes de curar no centro da América do Sul: a Capitania de Mato Grosso 1727-1808*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso.
- MORAIS, Rosa Helena de Santana Girão de. *Medicina e sociedade no Brasil: a teoria microbiana em questão (1860-1890)*. Brasília, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.
- OLIVEIRA, Edevamilton de Lima. *A povoação regular de Casalvasco e a fronteira oeste do Brasil colonial*. Cuiabá, 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso.
- PRESOTTI, Thereza Martha. *O novo descobrimento das minas e sertões de Cuiabá: a mentalidade da conquista*. Brasília, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.
- ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.
- ROSAS, Roberta Jenner. *Do paraíso ao grande hospital: dois olhares da ciência sobre o sertão (Goiás 1892-1912)*. Brasília, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.
- SENA, Ernesto Cerveira de. *Confrontos do progresso: idéias e ações dos presidentes de província em Mato Grosso (1870-1889)*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília.
- SILVEIRA, Sirlei A. *Em busca do país do ouro: sonhos e itinerários*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- VILELA, Marlene. *Quando o dedo de Deus apontou a nossa província ao anjo da morte: a ocasião da varíola em Cuiabá (1867)*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso.
- ZAMPARONI, Cleusa Aparecida Gonçalves Pereira. *Desmatamento, urbanização do campo e variabilidade climática na Amazônia mato-grossense*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo.

Internet:

21 fev. 2004 - The Wellcome Institute: <http://www.thewellcomeinstitute>

21 fev. 2004 – BIUM - Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine: <http://www.bium.fr>

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa: <http://www.bn.pt>